

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

ANNA CAROLINA ALVES VIANA

**O LEGADO DO PASSADO, O COLAPSO DO PRESENTE E A  
TAREFA DO FUTURO:  
USOS DA HISTÓRIA EM *O MITO DO SÉCULO XX*, DE ALFRED  
ROSENBERG**

Belo Horizonte  
2022

ANNA CAROLINA ALVES VIANA

**O LEGADO DO PASSADO, O COLAPSO DO PRESENTE E A  
TAREFA DO FUTURO:**  
USOS DA HISTÓRIA EM *O MITO DO SÉCULO XX*, DE ALFRED  
ROSENBERG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mariana de Moraes  
Silveira

Belo Horizonte  
2022

907.2 Viana, Anna Carolina Alves.  
V6141 O legado do passado, o colapso do presente e a tarefa do  
2022 futuro [manuscrito] : usos da história em "O mito do século  
XX", de Alfred Rosenberg / Anna Carolina Alves Viana. -  
2022.  
241 f.  
Orientadora: Mariana de Moraes Silveira.  
  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
Inclui bibliografia.  
  
1. História – Teses. 2. Nazismo - Teses. 3. Rosenberg,  
.Alfred, 1893-1946. Mito do século XX. I. Silveira, Mariana  
de Moraes. II. Universidade Federal de Minas Gerais.  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



## FOLHA DE APROVAÇÃO

"O legado do passado, o colapso do presente e a tarefa do futuro: usos da história em 'O Mito do Século XX', de Alfred Rosenberg"

Anna Carolina Alves Viana

Dissertação aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Profa. Dra. Mariana de Moraes Silveira - Orientadora  
UFMG

Prof. Dr. Vinícius Aurélio Liebel  
UFRJ

Profa. Dra. Eliana Regina de Freitas Dutra  
UFMG

Belo Horizonte, 25 de novembro de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Eliana Regina de Freitas Dutra, Professora do Magistério Superior**, em 30/11/2022, às 19:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vinícius Aurelio Liebel, Usuário Externo**, em 30/11/2022, às 19:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariana de Moraes Silveira, Professora do Magistério Superior**, em 05/12/2022, às 14:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1922269** e o código CRC **26417907**.



*Para Débora, que me mostrou caminhos  
alternativos para viajar.*

## AGRADECIMENTOS

Falar em solidão é um clichê acadêmico. O trabalho do historiador, de certo, é moroso, demanda paciência, silêncio e reflexão. Entretanto, apesar de estar, muitas vezes, sozinha, nunca me senti só – mesmo nas extremas circunstâncias de pandemia nas quais esta dissertação foi parcialmente redigida. Talvez, justamente por tais circunstâncias, os diálogos, companhias e ambientes de apoio tenham se feito ainda mais importantes. Se a escrita e o trabalho do historiador certamente demandam momentos de solidão, a construção do conhecimento é, intrinsecamente, coletiva e a redação deste trabalho apenas me fez ter mais certeza disso. Certa de que minhas palavras não serão suficientes em expressar minha gratidão, tentarei fazê-lo da melhor forma nas linhas que se seguem.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer imensamente à minha orientadora Mariana de Moraes Silveira que me deixou livre em meus descaminhos de jovem pesquisadora<sup>1</sup>, mas percorreu todos ao meu lado, me apoiando e indicando possíveis passos. Esta dissertação certamente saiu muito diferente do que imaginei a princípio e isso se deve, em grande medida, às nossas reuniões de longuíssima duração – longas a ponto de causar inveja a Fernand Braudel. E ainda bem que isso aconteceu, pois hoje sei que este trabalho representa muito melhor a trajetória que desejo seguir do que qualquer outra proposta anterior. Os possíveis méritos deste trabalho, é claro, lhe devem muito e são todos partilhados com você. Para além do valioso diálogo intelectual que construímos nos últimos anos, agradeço, acima de tudo, pela orientação humana, cuidadosa e paciente, especialmente diante de todos os percalços, pandêmicos ou não, e de todos os momentos delicados que enfrentamos nos últimos anos. Agradeço o suporte e incentivo, agradeço pelas risadas e conversas. A admiração que já nutria por você desde os idos de 2017 apenas cresceu e, tenho certeza, continuará crescendo.

Agradeço à professora Eliana Dutra e ao professor Vinícius Liebel pela leitura cuidadosa da minha qualificação e pelos apontamentos certos e fundamentais para a redação desta dissertação. Todas as observações e sugestões foram essenciais e espero tê-las contemplado da melhor forma. Agradeço também ao professor Newton Bignotto, cujo diálogo ainda no início desta pesquisa foi fundamental para o seu desenvolvimento.

---

<sup>1</sup> Em alusão ao agradecimento que Christian Ingrao faz ao seu orientador Stéphane Audoin-Rouzeau (INGRAO, Christian. *Crer e destruir: os intelectuais na máquina de guerra da SS nazista*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 10).

Obrigada pela conversa gentil, pelas indicações de leitura e sugestões de caminhos de análise.

Agradeço às minhas queridas amigas Maria Visconti e Bárbara Deoti que estiveram ao meu lado nesse processo longo e árduo, compartilhando comigo as dificuldades e, também, as ideias para melhor construir essa pesquisa. Maria, você está no começo de tudo, não é mesmo? Agradeço por ter me apoiado desde que decidi estudar nazismo quando frequentei a sua disciplina em 2019 e por ter me ajudado a formular o projeto que originou essa pesquisa. Obrigada por ter me inspirado a batalhar por um diálogo maior sobre essa temática e por ter decidido construir, comigo, meios para isso. Tenho certeza de que ainda aprenderei muito com você, como tenha aprendido nos últimos anos. Bárbara, você está ao meu lado desde que entramos na FAFICH pela primeira vez e sou muito grata por termos seguido uma ao lado da outra. Obrigada pelo apoio ao longo de todos esses anos, nos mais diversos contextos e desafios. Você foi e é um diálogo fundamental para mim e estou certa de que nosso caminho juntas ainda será longo. Por fim, agradeço a vocês duas por terem criado, comigo, o Núcleo Brasileiro de Estudos de Nazismo e Holocausto, o NEPAT, que me deu oportunidades que jamais imaginei. Todos os diálogos nas iniciativas do NEPAT foram fundamentais para a construção desse trabalho. Que sigamos, juntas, nessa empreitada de debater com público e com outros colegas de profissão temas tão relevantes para a sociedade atual.

Agradeço às minhas queridas e aos meus queridos colegas do Grupo de Estudos de História Intelectual e História da Historiografia que compartilharam, comigo, inúmeras ideias, novas perspectivas e temáticas. Aprendi muito com vocês nos últimos anos e, não apenas academicamente, a companhia de vocês foi fundamental para mim ao longo da pandemia. O grupo foi um lugar de acolhimento e diálogo, o que reforçou ainda mais a minha crença na importância dos ambientes de troca e construção coletiva do conhecimento. Agradeço especialmente ao Rafael de Azevedo e à Elisa Sales que me acompanharam desde os meus primeiros passos como pesquisadora, em outro momento e outro tema completamente diferentes. É uma grande alegria que vocês ainda estejam ao meu lado.

Agradeço à minha amiga Fabiana Léo por ter me apoiado nas minhas escolhas e ter sido companhia fundamental em todos os momentos. Obrigada pela troca de ideias e pelo incentivo em toda a minha trajetória. Agradeço ao meu amigo Luiz Guerra que me incentivou desde que decidir seguir o caminho da pesquisa e me ensinou muito do que,



hoje, aplico nesta dissertação. Obrigada, a vocês dois, pelo apoio de sempre e por terem me ajudado a escolher como traçar o meu novo caminho. Nessa mudança de objeto, foi essencial partilhar, com vocês, minhas ideias e expectativas. Agradeço à Anna Luísa Carvalho e à Débora Aladim, companhias de toda a graduação, que não apenas apoiaram, como comemoraram o novo objeto de pesquisa. Obrigada pela parceria nesses anos.

Agradeço à Renata Andrade, que me inspirou na minha escolha profissional e seguiu me ajudando a trilhar meus caminhos. Obrigada por todo o suporte que você deu ao NEPAT e a mim e pela oportunidade de conversar com seus alunos sobre o tema desta pesquisa. Esse diálogo foi essencial para formular novas ideias e perceber a atualidade desta proposta de estudo. Agradeço, também, à Camila Reis, que me apoiou na minha escolha pela História e me mostrou que chega um momento no qual temos que aceitar quem somos – e isto foi, para mim, profissional e pessoalmente muito importante.

Agradeço à minha amiga Rafaela Picinin, companheira de todos os momentos, que trilhou comigo este e tantos outros caminhos. Seu apoio e sua amizade são muito especiais para mim. Obrigada por acreditar na minha escolha pela história e, em suma, por acreditar em mim. Agradeço à Victoria Nigro e à Júlia Greinert pela parceria de longa data e por terem estado ao meu lado nos momentos tranquilos e difíceis. Obrigada, amigas, por estarem comigo mesmo do outro lado do mundo. Agradeço às minhas amigas Natália Abreu e à Larissa Valentini que sempre me perguntam como anda a dissertação e que celebraram, comigo, o cumprimento dessa etapa. Obrigada pela companhia, apoio e pelas perguntas históricas que me mostram o quanto é importante falar sobre nazismo.

Agradeço às minhas amigas Ana Clara Santana, Mariana Prates e Letícia Miranda, cujos anos de amizade são tantos que nem consigo contar. Vocês são meu porto seguro, obrigada por sempre terem acreditado em mim e sempre me incentivarem a perseguir os meus sonhos. É uma alegria que, mesmo trilhando caminhos, à primeira vista, tão diferentes, continuemos unidas no essencial. Agradeço à Nádia Samarino e à Natália Samarino, também, por sempre terem acreditado no meu potencial. Obrigada pela troca de ideias, pelo compartilhamento de indignações e por terem me mostrado que este trabalho veio, em bom tempo, para lutar por uma sociedade mais democrática.

Agradeço ao meu pai, Marcos, por sempre ter me incentivado e apoiado na decisão de fazer História, por ter compartilhado comigo pensamentos, ideias e sugestões para esta dissertação. Por ter sido diálogo aberto e por sempre ter acreditado em mim. É uma grande

alegria compartilhar, com você, este trabalho pronto que, mesmo com as suas possíveis falhas, preza por aquilo que sempre conversamos: uma perspectiva crítica e ética sobre um tema socialmente relevante. Agradeço à minha mãe, Carla, também pelo incentivo e apoio, pelas revisões cuidadosas desta e tantas outras redações que fiz ao longo da vida. Pelas conversas sobre o tema, pelos afagos nos momentos difíceis, por ter me ajudado a ser paciente, especialmente nessa reta final. Fico feliz que, agora, eu possa compartilhar com você o resultado desse esforço. Agradeço à minha avó Dilene, refúgio nos momentos difíceis e risada nos momentos tranquilos. Obrigada pelo cuidado e amor de sempre, pelo suporte e incentivo, por compartilhar comigo o gosto pela História. A escolha profissional que fiz é e sempre foi compartilhada com você.

Por fim, agradeço à Débora Samarino, minha companheira de todos os momentos, primeira leitora e primeira escuta. Obrigada pelo enorme apoio dos últimos, e de todos, os anos. Obrigada por ouvir as minhas ideias mais malucas e por me ajudar a resolver as questões difíceis encontradas pelo caminho. Obrigada por me inspirar, a cada dia, a buscar uma história que seja, na escrita e na prática, ética, diversa e plural. Uma história que contemple a multiplicidade de seus sujeitos e que possa ser, assim, ferramenta de compreensão de mundo e, também, de resistência. Obrigada por me ajudar a buscar, no passado e no presente, a ação humana que move o mundo e que cria caminhos plurais. Obrigada por me ajudar a fazer, também do meu ofício, motivo de esperança. Ter você ao meu lado e trilhar o nosso caminho é um presente todos os dias.

Que sigamos juntas e juntos, afinal, ainda há muita história pela frente.

*“Não se compreende que um botocudo fure o  
beijo para enfeitá-lo com um pedaço de pau.  
Esta reflexão é de um joalheiro”*

*(Machado de Assis, 1881).*

## RESUMO

Esta dissertação se propõe a analisar a escrita da história e as relações temporais estabelecidas na obra *Der Mythos des 20. Jahrhunderts. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit* [*O Mito do Século XX. Uma avaliação das lutas simbólicas espirituais-intelectuais de nosso tempo*], de Alfred Rosenberg. O regime nazista empreendeu um grande esforço para reescrever a história de modo que ela pudesse legitimar sua ideologia e suas ações. Lançada em 1930, a obra de Rosenberg foi, nesse sentido, um embasamento teórico relevante para a visão de mundo que o nazismo buscou promover. O seu objetivo central foi fundamentar uma narrativa histórica que, tomando a existência de diferentes raças e a superioridade da germânica como realidades palpáveis, respondesse aos anseios contemporâneos por uma nova perspectiva sobre o passado e indicasse encaminhamentos futuros que reservassem à Alemanha uma situação melhor do que a crise enfrentada no presente. Buscamos, assim, analisar a proposta de escrita da história no *Mythos* tendo no horizonte tanto seus diálogos historiográficos, quanto sua natureza intrinsecamente mitológica. Mais especificamente, debatemos as mobilizações do passado efetuadas pelo autor para conformar a sua argumentação, o conceito de história utilizado na narrativa e as relações temporais que são construídas por Rosenberg no interior da sua obra. Além disso, analisamos a trajetória intelectual do autor, que é comumente identificado como “ideólogo” do nacional-socialismo. Rosenberg, de fato, ocupou essa posição, mas, como procuramos demonstrar, sua trajetória foi mais complexa e ampla do que a denominação indica. Ela pode, assim, ser reveladora de novas perspectivas sobre o contexto de criação do *Mythos des 20. Jahrhunderts*.

Palavras-chave: nazismo, escrita da história, temporalidades, Alfred Rosenberg, *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*.

## ABSTRACT

This dissertation intends to analyze the writing of history and the temporal relations established in the work *Der Mythos des 20. Jahrhunderts. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit* [*The Myth of the 20th Century. An Evaluation of the Spiritual-Intellectual Symbolic Struggles of Our Time*], by Alfred Rosenberg. The Nazi regime went to great lengths to rewrite history to legitimize its ideology and actions. Launched in 1930, Rosenberg's work was, in this sense, a relevant theoretical foundation for the worldview that Nazism sought to promote. Its main objective was to base a historical narrative that took the existence of different races and the superiority of the Germanic as palpable realities. This narrative would respond to contemporary yearnings for a new perspective on the past and indicate future directions that would reserve Germany a better situation than the crisis facing the present. Therefore, we seek to analyze the proposal of writing history in *Mythus*, having both its historiographical dialogues and its intrinsically mythological nature on the horizon. More specifically, we discuss the mobilizations of the past carried out by the author to shape his argument, the concept of history used in the narrative, and the temporal relations that Rosenberg builds within his work. In addition, we analyze the intellectual trajectory of the author, who is commonly identified as an “ideologist” of National Socialism. Rosenberg occupied this position, but, as we have tried to demonstrate, his trajectory was more complex and broader than the name implies. It can thus reveal new perspectives on the context of the creation of *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*.

Keywords: Nazism, history writing, temporalities, Alfred Rosenberg, *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*.

## GLOSSÁRIO

### **Códigos legislativos:**

Allgemeines bürgerliches Gesetzbuch – Código Civil Geral da Áustria

Bürgerliches Gesetzbuch – Código Civil da Alemanha

### **Jornais:**

Der Stürmer – O atacante

Der Weltkampf – A luta mundial

NS Monatshefte – Cadernos Mensais Nacional Socialistas

Völkischer Beobachter – Observador Nacionalista

### **Livros:**

Also sprach Zarathustra: Ein Buch für Alle und Keinen – Assim falou Zarathustra: um livro para todos e para ninguém

An die Dunkelmänner unserer Zeit. Eine Antwort auf die Angriffe gegen den “Mythus des 20. Jahrhunderts” – Para os obscurantistas de nosso tempo. Uma resposta aos ataques contra o “Mito do Século XX”

De origine et situ germanorum – Sobre a origem e situação dos germânicos

Der staatsfeindliche Zionismus – Sionismo, o Inimigo do Estado

Die Grundlagen des neunzehnten Jahrhunderts – Fundações do Século XIX

Die Spur des Juden im Wandel der Zeiten – O Rastro dos Judeus ao longo do Tempo

Essai sur l'inégalité des races humaines – Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas

Greeks, Romans, Germans: How the Nazis Usurped Europe's Classical Past – Gregos, Romanos, Germânicos: Como os Nazistas Usurparam o Passado Clássico da Europa

Griechische Kulturgeschichte – História da Cultura Grega

Großdeutschland Traum und Tragödie - Alfred Rosenbergs Kritik am Hitlerismus – Sonho e tragédia da Grande Alemanha: a crítica de Rosenberg ao Hitlerismo

Kampf um die Macht – Luta pelo poder

Letzte Aufzeichnungen – Notas finais

Mein Kampf – Minha Luta

Pest in Russland. Der Bolschewismus, seine Häupter, Handlanger und Opfer – Peste na Rússia: bolchevismo, seus líderes, capangas e vítimas

Protestantische Rompilger. Der Verrat an Luther und der “Mythus des 20. Jahrhunderts”  
– Os peregrinos protestantes de Roma: A Traição de Lutero e o “Mito do Século XX”

The Great Replacement – A grande substituição

The Jews and Moral subversion – O judaísmo e a subversão moral

The Philosophy of Alfred Rosenberg – A Filosofia de Alfred Rosenberg

The War Against Whites: The Racial Psychology Behind the Anti-White Hatred  
Sweeping the West – A Guerra Contra os Brancos: A Psicologia Racial Por Trás do Ódio  
Anti-Branco que Varre o Ocidente

Unmoral im Talmud – Imoralidade no Talmude

### **Organizações:**

Ahnenerbe – Sociedade para a Investigação e Ensino da Herança Ancestral Alemã

Amt Rosenberg – Escritório de Rosenberg

Außenpolitisches Amt der NSDAP – Gabinete de Política Externa do NSDAP

Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg, ERR – Força Tarefa Rosenberg

Hohe Schule – Escola Superior

Kumpfbund für deutsche Kultur – Liga de combate pela cultura germânica

Oberkommando der Wehrmacht – Alto Comando das Forças Armadas

Reichskulturkammer – Câmara de Cultura do Reich

### **Movimentos:**

Black Lives Matter – Vidas Negras Importam

British Movement – Movimento Britânico

British National Socialist Movement – Movimento Britânico Nacional Socialista

### **Partidos políticos:**

Alternative für Deutschland, AfD – Alternativa para a Alemanha

Deutsche Arbeiterpartei, DAP – Partido dos Trabalhadores Alemães

Deutschsoziale Partei – Partido Social Germânico

Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei, NSDAP – Partido Nacional Socialista dos  
Trabalhadores Alemães

Sozialdemokratische Partei Deutschlands, SPD – Partido Social-Democrata

Spartakusbund – Liga Espartaquista

**Termos e expressões:**

arisch-atlantischen – arianos-atlânticos

atlantisch-nordische – atlânticos-nórdicos

Gegenwart – presente

Geschlecht – sexo (no contexto do presente trabalho)

Gestalt – forma

Grundtypus – tipo base

heute – hoje

Historikerstreit – Querela dos historiadores

Jedem das Seine – a cada um o que lhe é devido

jetzt – agora

nordischen Rassetypus – tipo racial nórdico

negroid-ostischen Rassetypus – tipo racial negróide-oriental

Offizierstypus – tipo-oficial

Priestertypus – tipo-sacerdote

Rassetypus – tipo racial

sangue e do solo – Blut und Boden

Typus – tipo

Verrat im Rücken – traição pelas costas

Weltanschauung – visão de mundo

**Tribunais:**

Sondergerichte – Tribunais Especiais

Volksgerichtshof – Tribunal Popular ou do Povo



## **ESTRUTURA DE *DER MYTHUS DES 20. JAHRHUNDERTS***

### **Título:**

Der Mythus des 20. Jahrhunderts. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit – O Mito do Século XX. Uma avaliação das lutas simbólicas espirituais-intelectuais de nosso tempo

### **Livro um:**

Das Ringen der Werte – O conflito de valores

### **Capítulos:**

Rasse und Rassenseele – Raça e raça da alma

Liebe und Ehre – Amor e honra

Mystik und Tat – Misticismo e ação

### **Livro dois:**

Wesen der germanischen Kunst – Natureza da Arte Germânica

### **Capítulos:**

Das rassistische Schönheitsideal – O ideal racial de beleza

Wille und Trieb – Vontade e instinto

Persönlichkeits- und Sachlichkeitssil – Estilo de personalidade e estilo de objetividade

Der aesthetische Wille – A vontade estética

### **Livro três:**

Das kommende Reich – O Reich vindouro

### **Capítulos:**

Mythus und Typus – Mito e tipo

Der Staat und die Geschlechter – O Estado e os sexos

Volk und Staat – Povo e Estado

Das nordisch-deutsche Recht – O direito nórdico-germânico

Deutsche Volkskirche und Schule – Igreja Nacional Germânica e Escola Nacional Germânica

Ein neues Staatensystem – Um novo sistema de Estados

Die Einheit des Wesens – A unidade do ser

## SUMÁRIO

<b>Prólogo</b> .....	<b>17</b>
<b>Introdução</b> .....	<b>24</b>
A voz da história? .....	25
O homem e o <i>Mythus</i> , o mito do homem.....	28
A escrita da história como objeto.....	35
Escrever a história, honrar o passado: desafios e proposta de estudo.....	43
<b>Capítulo 1: O ideólogo</b> .....	<b>49</b>
1.1 De Nuremberg ao início: Alfred Rosenberg em perspectiva .....	50
O jornalista.....	52
O escritor .....	54
O crítico de arte .....	57
O educador.....	60
O ministro .....	65
1.2 Entre a militância e a ciência: caminhos até <i>Der Mythus des 20. Jahrhunderts</i> ..	68
No rastro do <i>Mythus</i> .....	69
Intercâmbios intelectuais: do racialismo à historiografia .....	77
<b>Capítulo 2: A compreensão</b> .....	<b>89</b>
2.1 História racial: o devir histórico sob uma nova luz .....	91
Raça: construção de uma nova realidade .....	92
Mito e mitologia: potência, evidência e método.....	96
Circularidade temporal: guerra e alternância.....	108
O devir em três atos: teleologia mitológica .....	113
2.2 As ruínas vivas da epopeia da raça .....	115
O mito e o tipo: a imagem da alma se torna visível.....	116
Do passado, os exemplos: germânicos ao longo do tempo .....	120
Luz da verdade, testemunha dos tempos: a mestra e o <i>Mythus</i> .....	128
<b>Capítulo 3: A degeneração</b> .....	<b>133</b>
3.1 Revoluções e igualdade: propostas impossíveis .....	135
“Que um sangue impuro banhe o nosso solo: a Revolução e a suposta inversão de valores .....	136
Marxismo, o filho da Revolução .....	145
Da revolução à conspiração .....	151
3.2 A Grande Guerra e o despertar: momento da ação .....	154
“Hoje, um mundo inteiro está desmoronando: os abalos da Grande Guerra.....	157

Do velho <i>Reich</i> , surge o novo homem.....	162
A missão: um novo <i>Reich</i> .....	166
<b>Capítulo 4: A intervenção .....</b>	<b>174</b>
4.1 Reconstruções: o princípio racial posto à prova .....	177
“Direito é o que os homens arianos tomam como direito”: novas concepções jurídicas para o novo <i>Reich</i> .....	178
Uma Igreja alemã em nome do mito do povo: a crença no sangue como nova fé .....	187
“Um sistema de Estados organicamente estruturado”: a cada um o que lhe é devido .....	193
4.2 Outros: negros e mulheres, papéis estabelecidos.....	200
“Uma expulsão planejada para a África Central”: o lugar do negro .....	202
A preservação do sangue e a procriação: o lugar da mulher .....	209
<b>Conclusão .....</b>	<b>223</b>
<b>Fontes e referências bibliográficas.....</b>	<b>231</b>

# *Prólogo*

*“Precisamos ter a coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado. Com essa conclusão, aproximamo-nos de Sartre: “O judeu é um homem que os outros homens consideram judeu: eis a verdade simples de onde se deve partir... É o antissemita que faz o judeu”*

*(Frantz Fanon, 1952).*

Em 3 de junho de 2022, recebi a notícia<sup>2</sup> de que poderia encomendar, em breve, a primeira tradução para o português da obra *Der Mythos des 20. Jahrhunderts. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit*, de Alfred Rosenberg. O título escolhido na edição brasileira, publicada pela Episch Verlag, foi *O Mito do Século XX: uma valoração das lutas anímicoespirituais das formas em nosso tempo*. A recente tradução da obra, que já havia recebido versões em inglês, espanhol, francês e russo, por exemplo, é não apenas sintomática, como preocupante. O contexto, afinal, é tenebroso: testemunhamos a escalada da extrema direita no Brasil e a recorrente banalização do discurso nazista, que tem parecido cada vez mais cotidiano. São inúmeras as ameaças e alusões que aparecem nos noticiários, nas escolas<sup>3</sup>, nas eleições, nos shoppings<sup>4</sup>. Tal situação foi agravada pelos posicionamentos do presidente Jair Bolsonaro que, apenas para citar dois acontecimentos, utilizou, por diversas vezes, o lema da Ação Integralista Brasileira (AIB) e do Estado Novo português, “Deus, pátria e família”, e se reuniu com a vice-líder do partido alemão de extrema direita *Alternative für Deutschland* [Alternativa para a Alemanha, AfD]<sup>5</sup>, afirmando que gostaria de “fortalecer suas conexões e defender nossos valores cristãos e conservadores em nível internacional”<sup>6</sup>. O encorajamento a esse tipo de posição e o atual ambiente político do Brasil, infelizmente, são propícios para o sucesso de obras como o *Mythus*.

Nesse sentido, não é um “espanto filosófico”<sup>7</sup> que o prefácio à edição brasileira apresente comentários extremamente elogiosos à figura e à obra de Rosenberg. Os editores esclarecem que se preocuparam em corrigir “Todos os erros ortográficos, especialmente históricos menos conhecidos, quanto gramaticais que lamentavelmente se

---

<sup>2</sup> Agradeço ao meu querido colega Victor Yamasaki, que me informou sobre a tradução, além de ter compartilhado comigo inúmeras reflexões sobre o *Mythus* e seu autor, que foram fundamentais na construção deste trabalho.

<sup>3</sup> G1. Ameaça de massacre em escola no litoral de SP provoca pânico entre pais e professores: 'Estejam preparados'. G1. Santos. 16 de agosto de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2022/08/16/ameaca-de-massacre-em-escola-no-litoral-de-sp-provoca-panico-entre-pais-e-professores-estejam-preparados.ghtml>. Acesso em: 30 de setembro de 2022.

<sup>4</sup> NEPAT. Brasileiro pode ser nazista? 2022. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CQRpz\\_tNP-D/](https://www.instagram.com/p/CQRpz_tNP-D/). Acesso em: 30 de setembro de 2022.

<sup>5</sup> Ao longo da dissertação, utilizarei os nomes originais de partidos políticos e dos livros citados quando não houver tradução, e indicarei uma tradução livre entre parênteses na primeira ocorrência. A mesma convenção será utilizada para a referência a termos em alemão que possuem um significado específico e de difícil tradução para o português. Citações diretas à obra original de Rosenberg serão indicadas nos rodapés.

<sup>6</sup> NEPAT. “Deus, pátria e família”: Jair Bolsonaro utiliza (mais uma vez) um lema fascista no debate da Band. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ch2Yk8LMlpH/>. Acesso em: 30 de setembro de 2022.

<sup>7</sup> BENJAMIN, Walter *apud*. LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 83.

repetem em todas as citações e demais versões disponíveis na Internet”, visando dar “um passo rumo à justiça moral e intelectual que um pensador íntegro e genial como Rosenberg merece”<sup>8</sup>. Afirmar que os editores estão em sincronia com o conteúdo do livro não é nenhum exagero, ainda mais quando nos atentamos a outros títulos disponíveis para encomenda no site da editora, como *Minha Luta*, tradução da obra *Mein Kampf*, de Adolf Hitler, *O judaísmo e a subversão moral*, tradução de *The Jews and Moral subversion*, de E. Michael Jones, no qual o autor afirma a necessidade de defender o antissemitismo como um sentimento cristão, e *A grande substituição*, tradução de *The Great Replacement*, de Brenton Tarrant, que apresenta uma das teorias mais apropriadas pela extrema direita europeia atual, qual seja, a de que as populações brancas estão sendo gradualmente substituídas por imigrantes. É importante lembrar que Tarrant, militante da extrema direita, foi condenado à prisão perpétua em 27 de agosto de 2020, sem direito de liberdade condicional, por ter realizado um atentado em uma mesquita na Nova Zelândia e assassinado 51 pessoas a tiros<sup>9</sup>. O manifesto *The Great Replacement* foi publicado pelo autor no 8chan, ou Infinitetechan<sup>10</sup>, antes da realização do atentado.

Segundo o site da própria editora, na “visão” dos organizadores das traduções, tais livros apresentariam um “conteúdo alternativo” e seriam uma literatura “marginalizada pelo mercado editorial do Brasil”. A “missão” da editora seria, portanto, a de fornecer “em língua portuguesa para o público leitor em geral”, visando “diversificar e ampliar o conhecimento e acesso a literatura que não é aproveitada pelo mercado editorial comum (seja motivos comerciais ou ideológicos)”, leituras “de caráter interessante em formato original e sem censura dilatando o conhecimento e possibilidade de pesquisa para todos, combatendo assim, a restrição de conteúdo apenas para poucos, proporcionando com que as pessoas em geral possam formar suas próprias opiniões, visões e posições através do

---

<sup>8</sup> ENCINA, Adalberto, DEL PRADO, Walter. Prefácio. In.: ROSENBERG, Alfred. *O Mito do Século XX: uma valoração das lutas anímicoespirituais das formas em nosso tempo*. São Paulo: Episch Verlag, 2021, s.p.

<sup>9</sup> VEJA. Nova Zelândia: atirador que matou 51 pessoas é condenado a prisão perpétua. 27 de agosto de 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/nova-zelandia-terrorista-que-matou-51-pessoas-condenado-a-prisao-perpetua/>. Acesso em: 17 de outubro de 2020.

<sup>10</sup> O 8chan é um *imageboard*, ou fórum de discussões, estadunidense composto por subfóruns criados pelos usuários. As postagens geralmente ocorrem de forma anônima. O fórum foi criado pelo programador Fredrick Brennan sob a alegação de que os conteúdos postados na Internet estariam sendo censurados e que, portanto, no 8chan os usuários teriam uma maior liberdade de expressão (BBC. O que é o 8chan, fórum de extrema-direita que saiu do ar após ser vinculado a massacres nos EUA. 5 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49243535>. Acesso em: 17 de outubro de 2022).

conhecimento e acesso”<sup>11</sup>. A retórica utilizada no site, propondo um suposto combate à censura das ideias presentes nesses livros, é extremamente perigoso, pois distorce a realidade: a ameaça representada pelo conteúdo das obras é apagada e a questão passa a ser uma suposta ameaça à liberdade de expressão daqueles que produziram e concordam com o conteúdo. Ressaltamos que essa liberdade não é irrestrita e defender um discurso que prega o ódio e a aniquilação do outro certamente *não* é algo aceitável em uma sociedade democrática. Assim, fornecer ao público traduções sem qualquer análise crítica e, inclusive, que defendem o conteúdo desses livros, é algo absolutamente condenável.

Além da circulação dessas obras, a recente tradução do *Mythus* vem acompanhada de um crescente destaque a outras obras relacionadas ao autor. Nas livrarias<sup>12</sup>, é possível ver, por exemplo, os diários de Rosenberg que, também recentemente, receberam uma tradução<sup>13</sup>. Esta, felizmente, uma edição crítica, mas cujo destaque, de todo modo, reitera o crescente interesse pelo tema e pelo autor.

E a edição brasileira do livro não é a única a padecer dessas questões. Ao longo da pesquisa, tivemos contato com uma edição em inglês da obra, publicada em 2018 pela Ostara Publications, nos Estados Unidos. A tradução é mais antiga: foi realizada por Vivien Bird e data de 1982. Assim como a editora responsável pela tradução brasileira, a Ostara não deixa a desejar na publicação de livros de nazistas – *Mein Kampf* é um dos que consta do catálogo – ou que fazem apologia ao nazismo e obras com temáticas afins, como o racismo, a supremacia branca e o antissemitismo. No site da editora, encontramos afirmações acerca da defesa do eurocentrismo e da crença de que “o povo europeu, assim como todas as outras raças na terra, tem um direito intrínseco à existência, um passado do qual se orgulhar, e um futuro pela frente”, passado este que se refere às ideias que foram defendidas “de Hitler a Marx”. A proposta de publicação, como explicitado, estaria

---

<sup>11</sup> EPISCH VERLAG. Quem é a Episch? Onde e quando ela surgiu? Disponível em: <https://epischverlag.com.br/quem-e-a-episch-onde-e-quando-ela-surgiu/>. Acesso em: 26 de outubro de 2022.

<sup>12</sup> Durante a realização de uma pesquisa de campo nas livrarias de Belo Horizonte, foi possível perceber a presença massiva de livros sobre nazismo. Muitas vezes em destaque, a tradução dos diários de Alfred Rosenberg foi encontrada em todas as livrarias visitadas. A pesquisa realizada por meio do Núcleo Brasileiro de Estudos de Nazismo e Holocausto contribuirá para a publicação de um capítulo de livro cuja temática será a cultura de memória sobre Auschwitz e sobre o Holocausto em diferentes lugares do mundo. A pesquisa do NEPAT, especificamente, investigará a cultura de memória do Holocausto no Brasil.

<sup>13</sup> BAJOHR, Frank; MATTHÄUS, Jürgen (orgs). *Os diários de Alfred Rosenberg, 1934-1944*. Trad. Cláudia Abeling. São Paulo: Planeta, 2017.



supostamente comprometida com certa diversidade, “pois não há o que temer em um livre intercâmbio de ideias”<sup>14</sup>.

Um bom exemplo disso é o livro *The War Against Whites: The Racial Psychology Behind the Anti-White Hatred Sweeping the West* [A Guerra Contra os Brancos: A Psicologia Racial Por Trás do Ódio Anti-Branco que Varre o Ocidente] divulgado com uma chamativa descrição, na qual somos informados de que se trata de “um estudo dramático e penetrante que revela que os ideólogos do movimento *Black Lives Matter* [Vidas Negras Importam] não buscam ‘igualdade racial’, mas sim a destruição total dos brancos e de sua civilização”. Além disso, os “ideólogos” seriam “movidos por uma profunda psicose de massa subjacente que falsamente culpa os brancos por todos os problemas encontrados por não brancos tentando se encaixar em uma sociedade de Primeiro Mundo”<sup>15</sup>. Essa retórica da realidade invertida, extremamente comum em grupos de extrema direita e neonazistas, reitera as nossas preocupações já citadas.

Trabalhar com o nazismo utilizando edições publicadas posteriormente ao período é um desafio para pesquisadoras e pesquisadores, especialmente quando estamos diante da impossibilidade de acesso aos arquivos originais ou da necessidade do manuseio de traduções. A partir da experiência desta pesquisa e do diálogo com outras e outros colegas da área, detectamos que a ausência de edições e traduções críticas das obras é uma lacuna gritante para a efetuação das pesquisas. O que percebemos é que existem inúmeros arquivos digitais de obras escritas por nazistas circulando na Internet, com traduções sem cuidados metodológicos aparentes e, muitas vezes, mensagens que endossam os seus conteúdos. Mesmo quando recorremos a edições físicas, elas são, por vezes, publicadas por editoras que igualmente endossam ou se abstêm com relação ao conteúdo, não disponibilizando uma edição que apresente comentários críticos, notas editoriais ou sobre a tradução e, tampouco, quaisquer informações adicionais que possam auxiliar na compreensão do leitor acerca do conteúdo. Além disso, no caso da edição para o português, a tradução foi feita, não a partir do original em alemão, mas sim de outras

---

<sup>14</sup> ABOUT. Ostara Publications. Disponível em: <https://ostarapublications.com/about/>. Acesso em 23 de setembro de 2021.

<sup>15</sup> THE WAR Against Whites: The Racial Psychology Behind the Anti-White Hatred Sweeping the West. Ostara Publications. Disponível em: <https://ostarapublications.com/product/the-war-against-whites-the-racial-psychology-behind-the-anti-white-hatred-sweeping-the-west-today/>. Acesso em 23 de setembro de 2021.

traduções, a saber, para o inglês e para o espanhol, o que afasta ainda mais a versão brasileira daquela original<sup>16</sup>.

Sendo assim, gostaríamos de pontuar que, em primeiro lugar, ao manusear a edição supracitada, tivemos no horizonte a necessidade de conferir a tradução, bem como de recorrer a edições na língua original para averiguar alguns termos ou passagens consideradas centrais na obra. O mesmo método foi utilizado ao lidarmos com a primeira obra de Rosenberg, *Die Spur des Juden im Wandel der Zeiten* [*O Rastro dos Judeus ao longo do Tempo*], ainda que tenha sido realizada por um historiador e possua notas críticas e prefácio do tradutor. Além disso, parece-nos pertinente enfatizar que o desinteresse ou o receio na publicação dessas obras não impede que elas sejam intensamente buscadas ou estejam maciçamente presentes tanto em plataformas on-line, como em editoras. A presença de livros com propostas sobre a chamada “Questão Judaica”, a “Questão Islâmica” e a “ciência racial” são apenas mais um sinal de alerta para o descompromisso com a crítica a tais conteúdos, bem como a anuência para com eles.

Nesse sentido, é importante constatar que diversidade nem sempre significa democracia e que a suposta neutralidade da editora, que afirma, com orgulho, publicar livros “de Hitler a Marx”, não é tão neutra assim. Apesar de a afirmação defender um suposto livre intercâmbio de ideias, faz-se necessário pontuar que o que está sendo feito não é um simples livre intercâmbio. O intercâmbio de ideias deve ser feito com compromisso e jamais endossar discursos de ódio, como seria precisamente o caso da Ostara Publications e da Episch Verlag. Se a circulação desses livros foi e é contínua e se as ideias nefastas defendidas neles persistem, acreditamos que trazer essa discussão para um ambiente responsável e democrático é uma tarefa urgente. Realizar uma análise crítica acerca dessas ideias e publicar edições ou traduções que contenham essas análises nos parece ser um caminho alternativo ao silêncio que o passado reservou aos conteúdos de livros escritos por nazistas. Tendo em vista que as suas ideias continuam sendo defendidas no espaço público, é possível dizer que se calar não é uma estratégia efetiva. A adição da crítica ao suposto livre intercâmbio de ideias talvez possa, nesse sentido, fazer a diferença.

O *Mythus* é a principal fonte da presente dissertação de mestrado e, quando pude ter contato com a edição brasileira da obra, o trabalho já estava em fase final de redação,

---

<sup>16</sup> ENCINA, Adalberto, DEL PRADO, Walter. Prefácio. In.: ROSENBERG, Alfred. *O Mito do Século XX: uma valoração das lutas anímicoespirituais das formas em nosso tempo*. São Paulo: Episch Verlag, 2021, s.p.

de modo que uma análise sobre a tradução acabou fora do escopo do texto, em virtude dos objetivos já traçados para a dissertação. Entretanto, não poderia, ao fazer uma análise do livro, deixar de pontuar o quão alarmante é, não só a circulação da versão brasileira, mas, principalmente, o teor elogioso conferido à obra pelos editores, que autorizam o discurso genocida construído por Rosenberg. Em um momento breve, espero ter a oportunidade de me dedicar à análise da edição, mas, por ora, espero que, diante da sua existência, o presente trabalho possa ser um meio de resistência à defesa do discurso do *Mythus* no espaço público. Afinal, como assinalado na epígrafe deste pequeno prólogo, se é o racista que cria o inferiorizado, então é preciso apontar quem é o racista e quais artifícios ele usa para construir os discursos de ódio, a fim de desconstruí-lo e combatê-los. No caso de Rosenberg, o seu artifício principal foi a história e é para ela que nos voltaremos primordialmente ao longo de nossa análise.

# *Introdução*

*“Compreender não significa negar nos fatos o chocante, eliminar deles o inaudito, ou, ao explicar fenômenos, utilizar-se de analogias e generalidades que diminuam o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa, antes de mais nada, examinar e suportar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós – sem negar sua existência, nem vergar humildemente ao seu peso. Compreender significa, em suma, encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela – qualquer que seja”*

*(Hannah Arendt, 1951).*

### *A voz da história?*

*Chamo a atenção para o último período de meu discurso, por ocasião do grande processo da primavera de 1924: “Embora os Juízes deste Estado se sintam satisfeitos com a condenação de nossos atos, a História, essa deusa de uma verdade mais elevada e de uma lei melhor, com um sorriso rasgará essa sentença e declarará todos nós inocentes, isto é, não passíveis de culpa e expiação”. A História, porém, exigirá que compareçam perante o seu Tribunal aqueles que hoje, donos do poder, pisam o direito e a lei, e que conduziram o nosso povo à miséria e à desgraça e que, em um período de infelicidade para a Pátria, estimam mais o seu eu do que a vida da coletividade<sup>17</sup>.*

Em meados da década de 1920, Adolf Hitler escolheu esta reflexão sobre a história para finalizar a sua principal obra, *Mein Kampf* [*Minha Luta*], que logo se tornou a referência central para a ideologia defendida pelo Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães [*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*, NSDAP] e, posteriormente, pelo Terceiro *Reich*. Nesse momento do livro, o *Führer* escolheu relembrar um discurso feito por ele durante o seu próprio julgamento, iniciado em fevereiro de 1924. Na ocasião, Hitler foi julgado após o fracassado *Putsch* de Munique, no qual ele e outros membros do então jovem NSDAP tentaram repetir em sua terra natal o golpe de Estado dado por Benito Mussolini, na Itália. Ocupando o banco dos réus, o líder nazista apela para a história como se ela própria fosse uma força autônoma e detentora de uma inquestionável verdade moral<sup>18</sup>. Hitler está, claro, falando em nome dessa história, cujo julgamento final o inocentaria e culparia aqueles que o condenaram. As suas ações e ideias aparecem, desse modo, como o caminho correto do curso da história, que estaria sendo desviado pelos juízes presidindo o seu julgamento. Mas não só: se a história é a juíza da ação dos homens, ela chamará, ao seu próprio banco de réus, aqueles que se colocarem em seu caminho. Há, então, um *telos*, um percurso definido que

---

<sup>17</sup> HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo: Editora Centauro, 2016, p. 289.

<sup>18</sup> SCOTT, Joan Wallach. *On the Judgement of History*. Nova York: Columbia University Press, 2020, p. XIV.

atravessa o tempo e direciona a ação dos homens, como se a história tivesse, em si, uma finalidade – tanto um propósito, quanto um fim pré-definido.

A construção argumentativa de Hitler deixa transparecer e nos indica a importância da história para a ideologia nazista. Parece-nos que Clio ronda tal ideologia como um fantasma ronda uma casa mal-assombrada. Por vezes parcialmente oculta, ou em outras, plenamente evidente, a história foi incessantemente buscada como ponto de legitimação central para a ideologia. Entretanto, ao falar em nome da história e evocá-la como juíza acima dos homens, Hitler mobiliza a sua própria perspectiva sobre ela: ele evoca *uma* história, conceitualizada a partir de sua própria compreensão sobre a ação dos homens e a sua relação com o tempo. Para que Clio fale em prol de seu *Führer*, ela precisou ser interpretada de uma forma específica e balizada por parâmetros particulares, como o próprio Hitler menciona em outras passagens de *Mein Kampf*. De acordo com ele, “A questão das raças fornece não só a chave para compreensão da história universal, mas também para a da cultura humana em geral”<sup>19</sup>. E ainda: “Todo acontecimento na História Universal não passa de uma manifestação externa do instinto de conservação das raças, no bom ou no mau sentido”<sup>20</sup>.

Temos, então, uma mobilização da ideia de raça como principal fator para a determinação das ações dos homens no tempo. Ela é quem baliza o discurso e fornece a compreensão correta sobre o passado, pois tudo o que acontece é condicionado pela raça. É para essa formulação básica que devemos olhar quando buscamos entender a certeza de Hitler acerca da sua própria inocência diante de Clio – inocência esta que poderia ser estendida ao movimento que liderou e aos homens que dele fizeram parte. Eles estavam, afinal, apenas pondo em marcha o desejo da própria história. Mas Hitler não foi o único a se preocupar em construir uma compreensão para a história pautando-se pela raça. Ele foi, na verdade, muito auxiliado por outros membros do movimento a construir essa compreensão. Entre eles, podemos destacar Alfred Rosenberg que, em seu livro *Der Mythos des 20. Jahrhunderts. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit* [O Mito do Século XX. Uma avaliação das lutas simbólicas espirituais-intelectuais de nosso tempo]<sup>21</sup>, escreveu longamente sobre o tema. Considerado como

<sup>19</sup> HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo: Editora Centauro, 2016, p. 148.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 130.

<sup>21</sup> Ainda que a tradução brasileira do título da obra não seja equivocada, acreditamos que essa outra sugestão de tradução traria o sentido do subtítulo de forma mais direta e acessível, expressando o significado originalmente proposto.

“principal aporte metodológico” para a ideologia nazista, o *Mythus* foi o segundo documento mais importante da Alemanha Nazista, tanto por sua densa formulação ideológica, quanto pela ampla difusão das ideias nele defendidas, e ficou atrás apenas de *Mein Kampf* em número de exemplares vendidos<sup>22</sup>.

Apesar de essa obra ter sido “inquestionavelmente o texto padrão da ideologia nacional-socialista”<sup>23</sup>, ela permanece pouco estudada, especialmente quando olhamos para a compreensão da história que ela promoveu. Em razão do descompasso percebido entre a relevância da proposta de escrita da história feita no livro de Rosenberg e o pouco estudo construído em torno dele, pareceu-nos pertinente tomar a obra como fonte e fazer da história, tal qual elaborada no *Mythus*, nosso objeto de pesquisa. Por meio da compreensão de tal proposta, acreditamos que será possível iluminar de novas formas a visão de mundo nazista que é, antes de tudo, uma visão da história. O livro de Rosenberg torna-se, assim, uma nova janela através da qual poderemos encontrar diferentes paisagens e percepções acerca do amplo projeto de reescrita da história empreendido pelo Terceiro *Reich* - janela essa por si só relevante em virtude da importância adquirida pela obra ao longo do regime nazista. Mais especificamente, nos debruçaremos sobre as mobilizações do passado efetuadas pelo autor para conformar a sua argumentação, sobre o conceito de história utilizado na narrativa e sobre as relações temporais que são construídas por Rosenberg no interior da sua obra.

Buscaremos igualmente compreender melhor o papel do autor no Terceiro *Reich*. Comumente conhecido como “ideólogo”, acreditamos que uma investigação mais cuidadosa sobre a atuação de Rosenberg pode mostrar-se frutífera, afinal, o “título” foi construído ao longo do tempo e de modo mais tortuoso e complexo do que permite entrever. Acreditamos que por meio de uma análise cuidadosa e atenta do livro, que foi apropriado de diversas formas durante o regime nazista e cujas ideias foram amplamente divulgadas em múltiplos suportes, e de seu autor, cujo pensamento reverberou de diversas formas na cena pública, poderemos contribuir para uma melhor compreensão da ideologia nazista e do uso da narrativa histórica como discurso de legitimação de projetos autoritários e genocidas. Nossa investigação será complementada pelas informações dos

---

<sup>22</sup> LACOUÉ-LABARTHE, Phillipe; NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista*. Trad. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002, p. 47.

<sup>23</sup> NOVA, Fritz. *Alfred Rosenberg: Nazi Theorist of the Holocaust*. Nova York: Hippocrene Books, 1986, p.8.

diários de Alfred Rosenberg<sup>24</sup> e do seu primeiro livro, *Die Spur des Juden im Wandel der Zeiten*, no qual o autor aborda especificamente a história dos judeus.

A busca pela compreensão tanto da escrita da história, quanto do papel de Rosenberg, guiou inteiramente a presente pesquisa, que foi construída e redesenhada inúmeras vezes para cercar melhor os objetos complexos e desafiadores que são a escrita da história e os seus sujeitos. Mas, uma vez que compreender é, como nos ensina Hannah Arendt, “suportar conscientemente o fardo que nosso século colocou sobre nós”<sup>25</sup>, é imprescindível tentar. Assim, mergulharemos na narrativa construída por Rosenberg e em sua experiência com determinação, para fazer ressoarem as vozes que ele e o movimento político do qual participou tentaram calar. Buscaremos, assim, compreender a lógica cruel por trás da evocação de Clio nesse contexto. Afinal, o caminho feito até o passado e de volta ao presente é, invariavelmente, um exercício de poder e, portanto, é urgente que estejamos atentas e atentos aos efeitos que as enunciações históricas tiveram e ainda podem ter. O mergulho começa com um olhar atento ao estoniano que, ao trazer à cena pública sua proposta mitológica, terminou, por si só, sendo uma figura embebida em mitologia.

### ***O homem e o Mythus, o mito do homem***

Nascido em 1893, em Reval, atual Talín, capital da Estônia, no então Império Russo, Rosenberg se formou em arquitetura em 1917, no Instituto Politécnico de Riga. Pouco se sabe sobre a sua vida pessoal e sobre os caminhos percorridos antes da sua chegada a Munique, em 1918. A biografia escrita por Nova constitui-se, nesse sentido, mais como um grande mapeamento das ideias e da atuação pública de Rosenberg, do que um relato de sua vida pessoal em detalhes. Isso representa um desafio para o entendimento do percurso do estoniano, uma vez que é impossível estabelecer ligações entre o jovem Rosenberg que viu, em sua terra natal, a ascensão do bolchevismo, com a Revolução Russa em 1917, e o posterior intelectual e ideólogo nazista. Em virtude dessa ausência de informações anteriores a 1918 e visando compreender o ambiente intelectual no qual o autor se inseriu na redação do *Mythus*, nos preocuparemos em analisar, ao longo da dissertação, o período que se estende de 1918, quando ele chega à Alemanha, até 1937, quando o autor efetua a sua última alteração no *Mythus*. Teremos em nosso horizonte,

---

<sup>24</sup> BAJOHR, Frank; MATTHÄUS, Jürgen (orgs). *Os diários de Alfred Rosenberg, 1934-1944*. Trad. Cláudia Abeling. São Paulo: Planeta, 2017.

<sup>25</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 12.



entretanto, o momento em que Rosenberg foi levado a julgamento e condenado em Nuremberg, em 1945, quando a sua imagem de ideólogo estava concretizada. O contraste entre o início de sua trajetória e sua postura nos julgamentos permite vislumbrar eixos de compreensão de seu pensamento e da sua (auto)construção como ideólogo do partido.

Nova indica que Rosenberg, após sua chegada à Alemanha, juntou-se ao então Partido dos Trabalhadores Alemães [*Deutsche Arbeiterpartei*, DAP]. Na década de 1920, publicou uma série de obras, cujas temáticas centrais eram o antissemitismo e o antibolchevismo<sup>26</sup>, a exemplo dos livros *Die Spur des Juden im Wandel der Zeiten*, e *Unmoral im Talmud* [*Imoralidade no Talmude*], ambos de 1920, *Der staatsfeindliche Zionismus* [*Sionismo, o Inimigo do Estado*] e *Pest in Russland. Der Bolschewismus, seine Häupter, Handlanger und Opfer* [*Peste na Rússia: bolchevismo, seus líderes, capangas e vítimas*], de 1922. Além de livros, Rosenberg foi autor de uma série de artigos hostis aos judeus nos periódicos *Völkischer Beobachter* [*Observador Nacionalista*], do qual também foi editor a partir de 1923, *Der Weltkampf* [*A luta mundial*], editando-o também a partir de 1924<sup>27</sup> e *NS Monatshefte* [*Cadernos Mensais Nacional Socialistas*], da qual foi editor a partir de 1930<sup>28</sup>.

Após o fracassado *Putsch* de Munique, que ocorreu na noite de 09 de novembro de 1923 diversas lideranças, incluindo Adolf Hitler, como já mencionamos, foram presas e o jovem NSDAP foi colocado na ilegalidade. Nesse momento, Rosenberg tentou, autorizado por Hitler, manter os demais partidários unidos, ainda que estes discordassem em diversos aspectos sobre o futuro do movimento nacional-socialista. Entretanto, o estoniano não era uma figura forte e carismática o bastante para despontar como liderança, ainda que as atividades do partido não tenham cessado. Assim que Hitler foi solto, Rosenberg tornou-se mais recluso e passou a se dedicar exclusivamente às atividades literárias<sup>29</sup>. Tal postura endossa a posição almejada pelo autor dentro do partido: a de ideólogo. Ele mantinha um diálogo, não apenas pessoal, mas também intelectual com Hitler. Como apontam Jürgen Matthäus e Frank Bajohr, editores da última edição dos diários do autor, o primeiro livro de Rosenberg marcou, ainda que indiretamente, as passagens antissemitas de *Mein Kampf*, cujo primeiro volume foi

---

<sup>26</sup> BAJOHR, Frank; MATTHÄUS, Jürgen (orgs). *Os Diários de Alfred Rosenberg (1934-1944)*. São Paulo: Planeta, 2017, p. 13.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 13-14.

<sup>28</sup> *Nuremberg Trials*, Blue Series, vol. 2, p. 74.

<sup>29</sup> BAJOHR; MATTHÄUS. *op. cit.*, p. 14.

lançado em 1925. O fato de Rosenberg ter comentado o Programa do Partido Nazista de maneira autorizada, em 1922, aponta para a importância do diálogo intelectual entre ele e o *Führer*<sup>30</sup>.

A partir de então, o estoniano passou a acumular vários cargos de relevância no partido e tornou-se, também, seu representante. Em 1930, Rosenberg tornou-se membro do Parlamento pelo NSDAP e publicou *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Esse livro foi o responsável pela criação de sua fama como ideólogo do nazismo, constituindo-se como a principal obra da sua produção, na qual é desenvolvida uma releitura da história. A proposta do autor pode ser mais bem compreendida à luz da concepção de *Weltanschauung* [visão de mundo] construída por Sartre, isto é, como um par de lentes filtrantes através das quais se poderia ver o mundo e a sua história.<sup>31</sup> Essas lentes, no caso de Rosenberg, são a raça, como já sugerimos. Por meio delas, o passado é desvendado sob uma nova luz, na qual os arianos e os seus descendentes, os germânicos, são os protagonistas, os sujeitos históricos por excelência racial, ao passo que os demais povos do mundo seriam, na melhor das hipóteses, meros coadjuvantes das criações do primeiro grupo, ou, na pior, sequer mereceriam um lugar no mundo.

Em termos formais, o livro possui três prefácios, escritos, respectivamente, em 1930, 1931 e 1937. Ele é dividido em três partes ou “livros”, para utilizar a nomenclatura do autor: o primeiro é *Das Ringen der Werte* [O conflito de valores], cujos capítulos são *Rasse und Rassenseele* [Raça e raça da alma], *Liebe und Ehre* [Amor e honra] e *Mystik und Tat* [Misticismo e ação]. De modo geral, o objetivo do autor é introduzir a sua proposta de um método racial para a escrita da história, bem como apresentar uma narrativa sobre diferentes povos, da Antiguidade até a Era Moderna, pautada pelo embate entre múltiplos valores racialmente determinados. No segundo livro, *Wesen der germanischen Kunst* [Natureza da Arte Germânica], encontramos os capítulos *Das rassische Schönheitsideal* [O ideal racial de beleza], *Wille und Trieb* [Vontade e instinto], *Persönlichkeits- und Sachlichkeitssil* [Estilo de personalidade e estilo de objetividade] e *Der aesthetische Wille* [A vontade estética]. Nesse momento, o autor se preocupa em abordar ideais estéticos, de mesmo modo, racialmente determinados, e em explicitar as variadas formas que a expressão da vontade racial adquiriu ao longo do tempo. Por fim,

---

<sup>30</sup> BAJOHR, Frank; MATTHÄUS, Jürgen (orgs). *Os Diários de Alfred Rosenberg (1934-1944)*. São Paulo: Planeta, 2017, p. 14.

<sup>31</sup> SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994, p. 41.

o terceiro livro é *Das kommende Reich* [O Reich vindouro] e conta com os capítulos *Mythus und Typus* [Mito e tipo], *Der Staat und die Geschlechter* [O Estado e os sexos], *Volk und Staat* [Povo e Estado], *Das nordisch-deutsche Recht* [O direito nórdico-germânico], *Deutsche Volkskirche und Schule* [Igreja Nacional Germânica e Escola Nacional Germânica], *Ein neues Staatensystem* [Um novo sistema de Estados] e *Die Einheit des Wesens* [A unidade do ser]. O principal objetivo do autor é dar diretrizes e fazer advertências com relação à criação de um *Reich* germânico no futuro.

O *Mythus* certamente foi o ponto crucial para a consagração de Rosenberg como ideólogo, de modo que essa denominação passou a ser repetida pelos próprios nazistas, pelos juízes em Nuremberg e, posteriormente, pelos estudiosos do nazismo. Assim, a partir da publicação do *Mythus* e da sua repercussão, criou-se, com ele, um *mito do homem*: aquele no qual Rosenberg é o ideólogo do nazismo. Não desejamos aqui minimizar a importância ou as inúmeras reverberações que a obra teve durante o Terceiro *Reich*, tampouco descreditar o papel de seu autor – muito pelo contrário, acreditamos na importância dessa obra para a construção ideológica do regime e das suas reverberações no espaço público. Entretanto, esse “título” tornou-se um dado não problematizado nas narrativas e, portanto, nós pretendemos *desmistificá-lo* por meio da análise da atuação de Rosenberg, demonstrando como o autor o construiu e foi, concomitantemente, construído por ele.

De volta à sua trajetória, em 1933, ano da ascensão de Hitler à chancelaria alemã, Rosenberg recebeu o cargo de líder do departamento de política externa do NSDAP. No ano seguinte, foi nomeado como “Encarregado do *Führer* para toda formação e educação ideológica do NSDAP”<sup>32</sup>, aspecto extremamente relevante, uma vez que, no *Mythus*, o autor se preocupa enormemente em delimitar o papel das escolas. Os assuntos que diziam respeito às “questões judaico-bolcheviques” eram frequentemente levados até ele – e ele próprio requeria que pudesse participar dos debates. Em janeiro de 1940, ele fundou a *Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg* [Força Tarefa Rosenberg, ERR], que foi responsável pelo confisco de obras de arte que eram reconhecidas por ele como legitimamente pertencentes à Alemanha<sup>33</sup>.

<sup>32</sup> BAJOHR, Frank; MATTHÄUS, Jürgen (orgs). *Os Diários de Alfred Rosenberg (1934-1944)*. São Paulo: Planeta, 2017, p. 15

<sup>33</sup> BÄRSCH, Claus-Ekkehard. Alfred Rosenberg’s *Mythus* des 20. Jahrhunderts as political religion: The ‘kingdom of heaven within us’ as a foundation of German national racial identity. In.: MAIER, Hans,

Em 1941, acumulou o cargo de Ministro dos Territórios Ocupados do Leste<sup>34</sup>, fato que o integrou mais ao círculo de lideranças com decisões pragmáticas sobre o futuro do governo e da guerra. Jürgen Matthäus e Frank Bajohr apontam que a elevação tardia de Rosenberg ao cargo de ministro se deve, em grande medida, ao fato que ele assumia uma posição de fidelidade total aos princípios ideológicos que ele mesmo havia postulado no *Mythus*, o que não facilitava as decisões. Ele foi descrito pelos colegas de partido como uma pessoa cuja “beligerância mesquinha” e “limitada disponibilidade à cooperação” tornava a convivência diária difícil<sup>35</sup>. De todo modo, como é perceptível pela leitura dos diários, ele não estava menos atento do que seus colegas de partido às disputas de poder.

Ao final da guerra, em 1945, Rosenberg foi encontrado e capturado por tropas Aliadas e julgado em Nuremberg, onde foi acusado de conspiração, crimes contra a paz, crimes de guerra e crimes contra a humanidade<sup>36</sup>. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts* é citado nos volumes 1 e 11 dos Julgamentos, nos quais é possível encontrar a acusação e o seu testemunho. A autoria da obra aparece como uma das razões para a acusação de Rosenberg, ainda que ela esteja centrada na sua atuação como ministro. Também é citada, ao longo dos julgamentos, a sua atividade como autor de artigos e editor de jornais que propagavam ideias antissemitas, antibolcheviques, entre outros assuntos relacionados à ideologia nazista. Tendo isso em vista, é possível dizer que ele foi também condenado devido à sua atividade intelectual, por meio da qual agiu igualmente em prol do regime nazista. Ele foi considerado culpado pelas quatro acusações e condenado à morte, sendo enforcado em 16 de outubro de 1946<sup>37</sup>.

Apesar de sua ampla, intensa e importante atuação durante o Terceiro *Reich*, a produção sobre Alfred Rosenberg e sobre a sua obra não é extensa. No mapeamento realizado, foi possível perceber uma grande preocupação por parte dos autores em analisar a proposta do estoniano tomando como foco a questão da religião política e o seu antissemitismo. Ambos os aspectos são, de fato, relevantes para a compreensão da

---

SCHÄFER, Michael. *Totalitarianism and political religions*, volume II. Taylor & Francis e-Library, 2007, p. 208.

<sup>34</sup> BÄRSCH, Claus-Ekkehard. Alfred Rosenberg’s *Mythus des 20. Jahrhunderts* as political religion: The ‘kingdom of heaven within us’ as a foundation of German national racial identity. In.: MAIER, Hans, SCHÄFER, Michael. *Totalitarianism and political religions*, volume II. Taylor & Francis e-Library, 2007, p. 208.

<sup>35</sup> BAJOHR, Frank; MATTHÄUS, Jürgen (orgs). *Os Diários de Alfred Rosenberg (1934-1944)*. São Paulo: Planeta, 2017, p. 16.

<sup>36</sup> *Nuremberg Trials*, Blue Series, vol. 1, p. 293-296.

<sup>37</sup> *Nuremberg Trials*, Blue Series, vol. 1, p. 296.

proposta geral de Rosenberg. Porém, raramente existe uma abordagem em relação ao trabalho com a história. Há três obras sobre o autor que são relevantes e devemos mencionar. Primeiro, a já citada biografia política de Rosenberg escrita em língua inglesa pelo já citado cientista político Fritz Nova, que se constitui como um ponto de diálogo importante para esta pesquisa<sup>38</sup>. Ainda que o autor aborde diversos aspectos do conjunto da obra de Rosenberg, a análise sobre a história é breve e apresentada apenas tangencialmente em um de seus 13 capítulos, uma vez que o foco do autor é o racismo. Portanto, não existe um maior desenvolvimento acerca da proposta de escrita da história empreendida por Rosenberg. Um ponto importante, entretanto, que a biografia de Nova torna evidente é a centralidade do *Mythus* na produção intelectual do autor. Durante a leitura do livro, fica claro que o livro de fato condensou os principais elementos do pensamento de Rosenberg, pois, mesmo partindo de outros trabalhos, os tópicos analisados por Nova estão integralmente presentes no *Mythus*. É igualmente importante pontuar o contato com o livro *The Philosophy of Alfred Rosenberg [A Filosofia de Alfred Rosenberg]*, escrito por James B. Whisker, que aborda questões similares a Nova com uma ênfase nos dois eixos previamente apontados – a religião e o antissemitismo<sup>39</sup>, mas não na história.

Por fim, o único autor que parece explorar a proposta ideológica dos nazistas com um foco particular nos usos e nas mobilizações do passado e que cita o livro de Rosenberg é o historiador francês Johann Chapoutot<sup>40</sup>. Mas, mesmo considerando a abordagem feita por Chapoutot, Rosenberg não é o centro de sua análise e segue sendo um autor pouco estudado na historiografia, ainda menos se levamos em conta a sua proposta de escrita da história. Sobre essa lacuna, Nova tem uma consideração: de acordo com ele, o *Mythus* tem sido evitado por aqueles que buscam estudar o nacional-socialismo em virtude do seu estilo de escrita “atroz, quase ininteligível”, caracterizado por imprecisão, abstração, “pseudo-erudição e obscuridade”<sup>41</sup>. Certamente, o apontamento de Nova não é gratuito: ainda em 1938, foi escrito um livro cujo objetivo era definir muitos neologismos empregados na escrita de Rosenberg<sup>42</sup>. A dificuldade de compreensão da obra chegou até

<sup>38</sup> NOVA, Fritz. *Alfred Rosenberg: Nazi Theorist of the Holocaust*. Nova York: Hippocrene Books, 1986.

<sup>39</sup> WHISKER, James B. *The Philosophy of Alfred Rosenberg: Origins of the National Socialist Myth*. Costa Mesa: The Noontide Press, 1990.

<sup>40</sup> CHAPOUTOT, Johann. *Greeks, Romans, Germans: How the Nazis Usurped Europe's Classical Past*. Trad. Richard R. Nybakken. Oakland: University of California Press, 2016.

<sup>41</sup> NOVA, op. cit., p. XIII.

<sup>42</sup> GROS, Otto. *850 Worte Mythus des 20. Jahrhunderts*. Munique: Hoheneichen Verlag, 1938.

o Brasil, uma evidência da amplitude da sua difusão, e foi explicitada em uma nota no *Jornal do Comércio*, em 1942, na qual Rosenberg foi descrito como “o autor de um livro confuso e incongruente sobre o século XX”<sup>43</sup>.

Apesar das dificuldades na leitura do *Mythus*, entretanto, fazemos coro à posição de Nova: contra o argumento de que não seria possível compreender uma pessoa confusa como Rosenberg, faz-se necessário um esforço para buscar entender a sua visão de mundo, afinal, “ele é o filósofo oficial do Partido Nazista, que expressa em sua forma literária os inócuos pensamentos de milhões”<sup>44</sup>. Além disso, a “confusão” do autor não nos parece despropositada: o seu estilo rebuscado e os diálogos com autores renomados como Johann Wolfgang von Goethe e Friedrich Schiller, e filósofos como Immanuel Kant e Arthur Schopenhauer podem ser indícios relevantes da preocupação de Rosenberg em sustentar e legitimar o lugar de ideólogo e intelectual.

Sendo assim, analisar a proposta de escrita da história empreendida por ele é buscar contribuir com um caminho ainda não percorrido de maneira ostensiva pela historiografia sobre nazismo e que, portanto, pode apontar para novas percepções sobre a visão de mundo criada pelos adeptos desse movimento. Refletir sobre as múltiplas propostas de escrita da história é reconhecer a inerente historicidade do conhecimento sobre o passado, bem como nos defrontar com os usos que foram atribuídos ao passado ao longo do tempo. A preocupação com os usos políticos do passado, da qual compartilhamos, está no horizonte dos historiadores de modo mais consistente desde, pelo menos, a década de 1980, quando Jürgen Habermas cunhou a expressão na *Historikerstreit* [Querela dos historiadores]<sup>45</sup>. Colocada sob análise por François Hartog e Jacques Revel, a noção dos usos do passado foi interpretada como frutífera caso compreendida de modo amplo, “referindo-se às múltiplas apropriações de eventos do passado e interpretações históricas para legitimar ações públicas, e especialmente políticas”<sup>46</sup>. Tal aspecto pareceu-nos urgente ao olharmos para Rosenberg, afinal, o autor tentou utilizar o passado justamente

---

<sup>43</sup> JORNAL DO COMÉRCIO. Planos para a primavera, Rio de Janeiro, ed.139, 1942, p. 2.

<sup>44</sup> NOVA, Fritz. *Alfred Rosenberg: Nazi Theorist of the Holocaust*. Nova York: Hippocrene Books, 1986, p. XIV.

<sup>45</sup> A controvérsia conhecida como *Historikerstreit*, ou Querela dos historiadores, debateu quais seriam as maneiras adequadas de lembrar o nazismo e o Holocausto. Ela se desenvolveu na imprensa da Alemanha Ocidental no final dos anos 1980 (HARTOG, François; REVEL, Jacques. *Les usages politiques du passé*. Paris: Éditions de l'École des hautes études en sciences sociales, 2020, p. 17).

<sup>46</sup> *Ibid.*, p. 17.

para dar sentido ao seu presente e construir, nele, uma nova visão sobre a história – extremamente nefasta.

Ademais, para o nosso ofício, a atenção a tais usos mostra-se essencial ao ensejar reflexões sobre as disputas públicas na construção de sentidos sobre o passado e o presente. Não é só possível, como essencial e urgente, que reflitamos sobre as nossas próprias práticas que estão igualmente condicionadas pelo nosso contexto e possamos buscar alternativas para que o uso dado ao discurso histórico não seja destrutivo. Em um momento no qual convivemos diariamente com exaltações às ditaduras e o negacionismo da ciência, é gritante a necessidade de encarar os usos e abusos do passado, bem como pensar sobre o nosso papel no combate a essas afirmações. Afinal, a história é invariavelmente mobilizada – como fonte de legitimação para uns, ou visando deslegitimar outros.

Uma vez que o *Mythus* contribuiu enormemente para a conformação do pensamento que norteou as ações e os posicionamentos defendidos no Terceiro *Reich*, é essencial compreender de que maneiras o passado foi usado para servir aos nocivos objetivos do regime. Como aponta Nova, é buscar entender “os pensamentos que levaram a Dachau, Buchenwald e Auschwitz e, na verdade, à Segunda Guerra Mundial”<sup>47</sup>. Desse modo, se o uso que Rosenberg faz da história corrobora a narrativa que pavimentou o caminho até os campos de concentração, legitimando a visão de mundo nazista, é urgente buscar compreender as complexidades envolvidas na sua proposta de escrita da história.

### ***A escrita da história como objeto***

Como já sugerimos, a proposta central do *Mythus des 20. Jahrhunderts*, tal qual apontada por Rosenberg, é reescrever a história a partir do pressuposto da existência de diferentes raças. E ele não estava sozinho em sua tentativa ambiciosa de uma reescrita holística do passado a partir de uma história racial. Em seu livro *Greeks, Romans, Germans: How the Nazis Usurped Europe's Classical Past* [Gregos, Romanos, Germânicos: Como os Nazistas Usurparam o Passado Clássico da Europa], o historiador Johann Chapoutot aponta para como existiam diversos homens – historiadores, inclusive – interessados em escrever uma nova história para a Alemanha por meio do pressuposto de uma eterna luta racial. Como já mencionado, Hitler, em *Mein Kampf*, já havia acusado

---

<sup>47</sup> NOVA, Fritz. *Alfred Rosenberg: Nazi Theorist of the Holocaust*. Nova York: Hippocrene Books, 1986, p. XIV.

a importância da compreensão desse pressuposto como a única realidade possível sobre o passado. Ele afirmava que “a disciplina da história e seu ensino deveriam seguir uma ‘linha ampla e clara’ em meio ao som e à fúria das ações e atividades humanas”<sup>48</sup>. Era preciso, portanto, que o conhecimento acerca das “linhas gerais de evolução dos povos” fosse compreendido<sup>49</sup>. Não bastava, assim, estudar datas ou apenas “saber o aconteceu”, a história deveria “orientar o futuro da nação” por meio de uma “história do mundo em que a questão racial seja o problema dominante”<sup>50</sup>. Nesse sentido, a “lição básica e mais fundamental da história” estava enraizada em uma lei inabalável, qual seja, a de que a história da humanidade era a história do conflito racial<sup>51</sup> e, portanto, essa era a concepção correta que deveria nortear a escrita sobre o passado. Rosenberg seguiu a linha de seu *Führer* e afirmou, no *Mythus*, que a história fornece lições valiosas que deveriam ser transmitidas por meio do ensino.

Para embasar tal proposta de escrita da história, Rosenberg, Hitler, entre outros sujeitos, lançaram mão de duas principais epistemologias: de um lado, temos a historiografia e, do outro, a mitologia. Ainda que, a princípio, os pressupostos dos quais esses dois tipos de conhecimento partam pareçam um tanto distintos, os intelectuais do Terceiro *Reich* as fizeram convergir e, por vezes, se misturar. A história foi, desse modo, reescrita, mutilada e fantasiada, como nos indica Johann Chapoutot: feita serve da ideologia, os nazistas adicionaram um suposto aparato crítico aos mitos que afirmavam ser verdade<sup>52</sup>. Assim, para compreender tal mobilização, olhemos primeiro para a historiografia.

Como nos aponta Stefan Berger, existia, desde o século XIX, uma tradição historiográfica na Alemanha que, mesmo não sendo, inicialmente, abertamente racista, se mostrou imperialista, antidemocrática, antiparlamentarista e antipluralista<sup>53</sup>. Em um primeiro momento padecendo de força, essa corrente de pensamento somou adeptos no transcorrer no início do século XX. A sua preocupação central era fornecer à nação alemã uma identidade nacional forte e, considerando a ausência dos marcadores usuais dessa

---

<sup>48</sup> CHAPOUTOT, Johann. *Greeks, Romans, Germans: How the Nazis Usurped Europe's Classical Past*. Trad. Richard R. Nybakken. Oakland: University of California Press, 2016, p. 287.

<sup>49</sup> HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo: Editora Centauro, 2016, p. 178.

<sup>50</sup> *Ibid.*, p. 178-179.

<sup>51</sup> CHAPOUTOT, 2016, p. 287.

<sup>52</sup> *Ibid.*, p. 46.

<sup>53</sup> BERGER, Stefan. *The Search for Normality: National Identity and Historical Consciousness in Germany Since 1800*. Nova York: Berghan Books, 2007, p. 35.



identidade, como uma unidade territorial, política, linguística e religiosa consolidadas, os historiadores acabaram lançando mão da unidade racial<sup>54</sup>. Esta aparece, inicialmente, como etnicidade e a sua delimitação é dada, justamente, pelo sangue e pelo solo – retórica da qual os nazistas beberam abundantemente. Rosenberg mobiliza, claro, essa mesma retórica, ainda que reserve um papel mais importante ao sangue do que ao solo.

Segundo Berger, a historiografia produzida no período foi por vezes plenamente alinhada ao nacional-socialismo e, em outras, apenas manteve os já citados parâmetros que eram compatíveis com a ideologia<sup>55</sup>. Johann Chapoutot apresenta uma leitura mais incisiva do momento, sinalizando que “As universidades abdicaram de sua obrigação ética com a busca da verdade e tornaram-se dóceis servas” da ideologia nazista<sup>56</sup>. De fato, ainda que apenas pela manutenção dos parâmetros nacionalistas, a historiografia alemã da época definitivamente alargou o número de trabalhos que legitimaram o regime nazista e permitiram que seu *Führer* e outros membros importantes, como é o caso de Rosenberg, tomassem para si a voz da história e agissem em seu nome. Existia, portanto, um discurso histórico e historiográfico que dava ferramentas de sustentação ao discurso nazista. Os princípios básicos de superioridade, valorização da nação e construção da comunidade do povo por meio do sangue e do solo eram evidentes, de modo que parecia que a história foi, paulatinamente, reescrita ao contrário: “o presente ideologizado redesenharia o passado da nação [...] e então forjaria um novo passado racial, a fim de demonstrar certos conceitos básicos e responder às suas próprias necessidades políticas contemporâneas imediatas”<sup>57</sup>.

Se a historiografia foi fundamental para embasar e auxiliar a construção da ideologia, as concepções nela presentes foram complementadas pela narrativa mitológica

---

<sup>54</sup> Segundo o historiador Johann Chapoutot, ao longo do século XIX, a Alemanha se via como uma nação atrasada em comparação às outras nações europeias. O contraste com a França era particularmente incômodo, uma vez que ela era “uma nação unida, primeiro por seus grandes monarcas, depois por seu Estado recém-centralizado, com suas leis codificadas e sua linguagem estabelecida pela vontade geral da Revolução após 1789”. Desse modo, ainda que a identidade linguística alemã fosse forte desde o Renascimento, quando Lutero publica a sua Bíblia em 1522, “a língua não era dotada de uniformidade e autoridade reguladora equivalente à da *Académie Française*”. Além disso, após a Reforma Protestante, os alemães foram divididos novamente, entre um norte predominantemente fiel ao novo movimento, e um sul católico. Assim, sem ter alternativas políticas, linguísticas ou religiosas, os alemães voltaram-se para a antropologia, sob a chave interpretativa da raça, que vivia sobre o solo germânico há milênios (CHAPOUTOT, Johann. *Greeks, Romans, Germans: How the Nazis Usurped Europe’s Classical Past*. Trad. Richard R. Nybakken. Oakland: University of California Press, 2016, p. 19).

<sup>55</sup> BERGER, Stefan. *The Search for Normality: National Identity and Historical Consciousness in Germany Since 1800*. Nova York: Berghen Books, 2007, p. 38.

<sup>56</sup> *Ibid.*, p. 45.

<sup>57</sup> *Ibid.*, p. 46.

sobre o devir histórico e embasadas, por vezes, pelo mito de superioridade racial ariana, amplamente mobilizado pelos nazistas e por Rosenberg. Dado o título da obra em análise, *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*, não é nenhuma surpresa que a ideia de mito seja plenamente presente. Mas é importante compreender qual é a concepção de mito que está em jogo. Não se trata apenas de uma narrativa legendária sobre o passado, ou de uma mera mistificação, ilusão ou camuflagem. Trata-se de uma narrativa mais complexa e específica, que pôde ser encontrada em diversos movimentos políticos do século XX, entre os quais o nazismo. Raoul Girardet nos sinaliza essa “efervescência mitológica” e se propõe a pensar o seu conteúdo: ela foi composta por diversos *mitos políticos*. Segundo o autor,

O mito político é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real. Mas, narrativa legendária, é verdade que ele exerce também uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves para a compreensão do presente, constituindo uma criptografia através da qual pode parecer ordenar-se o caos desconcertante dos fatos e dos acontecimentos. É verdade ainda que esse papel de explicação se desdobra em um papel de mobilização: por tudo o que veicula de dinamismo profético, o mito ocupa um lugar muito importante nas origens das cruzadas e também das revoluções. De fato, é em cada um desses planos que se desenvolve toda mitologia política, é em função dessas três dimensões que ela se estrutura e se afirma...<sup>58</sup>.

Os três planos narrativos do mito político – a deformação do real ancorada em uma narrativa do passado, a explicação do presente e a mobilização para o futuro – parecem se encaixar muito bem na construção histórica que Rosenberg faz em seu *Mythus*. Em seu retorno ao passado, Rosenberg o molda de acordo com a visão de mundo que deseja promover e, ao fazer isso, deforma a realidade para que a ideologia nazista, racista por definição, ganhe contornos mais claros. Uma vez que a base do pensamento da superioridade alemã estava posta na raça, era necessário explicar a sua origem. Negando a gênese judaico-cristã, Rosenberg recorre a outro mito fundacional: aquele da origem nórdica da humanidade. Segundo este, o primeiro povo do planeta teriam sido os arianos, raça superior com incrível capacidade criadora. Eles se espalharam pelos vários territórios e levaram as suas habilidades para outros povos. Entretanto, ao se misturarem com as raças inferiores, teriam perdido sua pureza e, conseqüentemente, suas capacidades. Tal teoria foi defendida arduamente por Hans Günther, um antropólogo cujas ideias foram apropriadas por Rosenberg e pelo Partido Nazista<sup>59</sup>. A partir dessa deformação inicial, a

<sup>58</sup> GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 13.

<sup>59</sup> CHAPOUTOT, Johann. *Greeks, Romans, Germans: How the Nazis Usurped Europe's Classical Past*. Trad. Richard R. Nybakken. Oakland: University of California Press, 2016, p. 24-30.

leitura que se segue transforma o mito do passado em uma potencialidade para o futuro: se os arianos foram, uma vez, um grande povo, eles podem tornar a ser. As dificuldades postas no presente alemão eram apenas a consequência dessa ausência de compreensão: uma vez entendida corretamente, a verdade sobre o processo histórico saltaria aos olhos. O devir histórico estava, assim, amarrado em uma narrativa teleológica que previa o ressurgimento germânico como uma raça dominadora e construtora de uma nova realidade.

Complementando a historiografia, a mitologia aparece como o elemento que faltava para dar sentido à sua escrita da história: autônoma, a narrativa mitológica constitui-se como um sistema de crenças coerente e completo que “não evoca nenhuma outra legitimidade que não a de sua simples afirmação”<sup>60</sup>. A combinação entre a narrativa histórica utilizada para moldar a realidade e a autonomia da narrativa mitológica resultou em uma situação na qual a primeira não mais precisava de justificar as suas afirmações ou atrelar-se à realidade, tornando-se igualmente autônoma e forte por meio da sua própria elocução. Como assinala Chapoutot, “a mensagem transmitida pela reescrita da história nazista foi esta: ‘o que afirmamos ser a verdade é verdade porque dizemos que é e, além disso, a história mostra que sempre foi’”<sup>61</sup>. Desse modo, Rosenberg construiu, conscientemente, uma narrativa que ocupa um lugar ambíguo: com ares de obra científica, o autor se vale de um discurso anterior construído pela historiografia alemã para validar uma narrativa mitológica autoexplicativa que, por sua vez, é incorporada como método de análise.

A essa tortuosa narrativa histórico-mitológica foi atribuído um papel fundamental: ela de nada vale se não for repassada aos demais germânicos. Ela deve instruí-los: é necessário que o passado possa fornecer exemplos aos alemães do presente para que estes possam apreender verdadeiramente o seu lugar no mundo. Como já mencionamos: a grandeza do passado é a certeza da grandeza do futuro. Desse modo, por meio da função instrutiva atribuída à história, a narrativa de Rosenberg parece se encaixar no *topos* da história como mestra da vida: “testemunha dos tempos”, ela aponta para “uma possibilidade ininterrupta de compreensão prévia das possibilidades humanas em um *continuum* histórico de validade geral”. Ela pode “conduzir ao relativo aperfeiçoamento

---

<sup>60</sup> GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 11-12.

<sup>61</sup> CHAPOUTOT, Johann. *Greeks, Romans, Germans: How the Nazis Usurped Europe's Classical Past*. Trad. Richard R. Nybakken. Oakland: University of California Press, 2016, p. 46.

moral ou intelectual de seus contemporâneos e de seus pósteros, mas somente se e enquanto os pressupostos para tal forem basicamente os mesmos”<sup>62</sup>. Nesse contexto, o estoniano aparece como um verdadeiro Prometeu, pois, tendo primeiro compreendido as potencialidades dos germânicos, sente-se no dever de passar suas descobertas adiante – algo que ele fez por meio de seu *Mythus*, mas não só. Assim, em sua narrativa, Rosenberg cria pressupostos temporais estáveis que permitem ao passado instruir os germânicos do presente. Entretanto, o hoje guardava também a chance de romper tais pressupostos, inaugurando uma nova era na qual a raça germânica reinaria e, livre de ameaças, a história, como existia até então, se tornaria mera lembrança. De toda forma, para chegar até lá, era preciso compreendê-la e aprender com ela, sendo ela própria uma condição para o seu fim.

Ressaltamos, como afirma Chapoutot, que essa narrativa “não permaneceu marginalizada nas páginas não lidas de algumas obras visionárias, mas foi, em vez disso, objeto de uma campanha publicitária em grande escala que foi comunicada de várias maneiras”<sup>63</sup>. Ela pode ser encontrada em livros, panfletos e jornais, por exemplo<sup>64</sup>. Reescrever a história era algo central para o regime nazista, pois oferecia embasamento para o que Hannah Arendt chama de ficção totalitária<sup>65</sup>, uma realidade na qual a ideologia do regime é aceita como verdade e passa a guiar a conduta de seus súditos. No caso do nazismo, isso se dava por meio da construção narrativa acerca da guerra entre raças<sup>66</sup> e tal compreensão precisava extrapolar a literatura acadêmica e ser repassada para os súditos por outros meios, como apontou o historiador francês. A história continha lições valiosas e era apenas por meio da leitura promovida pelos nazistas que elas iriam transparecer e ensinar aos alemães o seu verdadeiro lugar no mundo. Essa era, então, a centralidade da reescrita da história. Afinal, o “tempo e o espaço atuais não eram suficientes. O passado também teria que contribuir para a ressurreição do orgulho alemão gravemente ferido em 1918-1919”<sup>67</sup>. O passado precisava, portanto, ser colonizado,

---

<sup>62</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira e César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 43.

<sup>63</sup> CHAPOUTOT, Johann. *Greeks, Romans, Germans: How the Nazis Usurped Europe’s Classical Past*. Trad. Richard R. Nybakken. Oakland: University of California Press, 2016, p. 9.

<sup>64</sup> *Ibid.*, p. 11.

<sup>65</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 442.

<sup>66</sup> CHAPOUTOT, 2016, p. 5.

<sup>67</sup> *Ibid.*, p. 5.

reapropriado e, enfim, reescrito. Essa lógica de ação discursiva foi, obviamente, levada a cabo em sua plena literalidade pelos perpetradores do regime com relação ao seu presente.

Desse modo, acreditamos que é possível afirmar a existência de um projeto historiográfico no Terceiro *Reich*. Tal projeto se deu em frentes diversas, como já citado, e o seu objetivo central era reescrever a história por meio da concepção da luta de raças, de modo que tal concepção pudesse fornecer, aos germânicos, lições para guiar a sua conduta. Nesse sentido, analisaremos a proposta de escrita da história de Rosenberg que foi, posteriormente, apropriada pelos nazistas, em duas direções fundamentais: primeiro, a sua proposta metodológica que visava à escrita de uma história racial; e, depois, a sua função instrutiva como história mestra da vida. Desse modo, analisaremos *Der Mythos des 20. Jahrhunderts* como parte integrante desse projeto historiográfico que, por meio de um discurso alinhado às ideias racialistas que se vinham construindo desde, ao menos, o século XIX, buscou determinar o papel de cada raça, bem como selar o seu destino no devir histórico. Por meio do estudo da mobilização da história, é possível mapear as relações temporais que estão sendo estabelecidas, algo que será um eixo transversal de análise no trabalho, uma vez que o tempo aparece como um ator central para que a reescrita seja realizada, como aponta Rosenberg no início de seu primeiro capítulo.

Assim, buscar compreender a proposta de escrita da história empreendida por Rosenberg é reconhecer, como apontam Caroline Bauer e Fernando Nicolazzi, que o “saber histórico não é um objeto estanque, estável, a-histórico, evidente por ele mesmo”<sup>68</sup>. A história não é uma “ciência objetiva”, estando, ela própria, imbuída de historicidade. Toda construção histórica, portanto, não está “preservada dos impasses sociais e das disputas políticas que definem determinado contexto”<sup>69</sup>. Realizar essa tarefa significa reconhecer igualmente que a investigação realizada por historiadores não é necessariamente uma garantia para a escrita de uma história que seja emancipatória e ética. Desse modo, olhar para a proposta de escrita em questão é não apenas reconhecer a sua historicidade, como também refletir criticamente sobre as práticas de escrita da história, compreendendo-as como construções sociais sujeitas às intempéries de seu contexto. A tentativa não é, obviamente, a de igualar a produção de Rosenberg ou de qualquer outro sujeito que tenha utilizado os mesmos pressupostos com outras propostas

---

<sup>68</sup> BAUER, Caroline; NICOLAZZI, Fernando. O historiador e o falsário. Usos públicos do passado e alguns marcos da cultura histórica contemporânea. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 32, n. 60, p. 807-835, set/dez 2016, p. 818.

<sup>69</sup> *Ibid.*, p. 831-832.

para a escrita da história, tampouco negar o seu caráter ideológico, mas sim defrontar-se com a questão fundamental sobre os usos e discursos da história e sobre o quão nefastos eles podem ser.

Afinal, como Bauer e Nicolazzi nos provocam a refletir, se “cada historiador deve assumir e sustentar em sua prática o marco teórico que considera mais relevante e legítimo, cada sociedade, na escrita da sua história, entre historiadores e falsários, tem o Marco que merece”<sup>70</sup>. Desse modo, parece-nos essencial, ao buscar compreender o discurso e a prática dos nazistas, olhar tanto para os marcos teóricos, quanto para os sujeitos que se propuseram a reescrever a história em prol do regime. Entre eles Rosenberg foi, certamente, uma voz importante. Vale ressaltar, enfim, como acusa Chapoutot, que “Raramente na história palavra e ação foram tão intimamente associadas como no Terceiro *Reich*.”<sup>71</sup>. Ainda que com seus desvios pragmáticos e distanciamentos estratégicos, a palavra pareceu guiar, de modo especial, a ação dos homens no regime nazista. Como a trajetória do estoniano deixa entrever, por vezes não foi possível aplicar diretamente suas ideias na realidade, entretanto, isso não as faz menos importantes: foram elas que embasaram, em última instância, as ações que foram tomadas. Tal percepção nos leva, novamente, a perceber a importância de estarmos atentos à produção intelectual dos nazistas. Obras como *Der Mythos des 20. Jahrhunderts* nos possibilitam compreender a visão de pessoas que estavam participando plenamente da realidade de seu tempo, expressando medos e planos e trabalhando para o futuro<sup>72</sup>. Citando Marcel Gauchet, Chapoutot afirma que “chegamos o mais perto que podemos da história à medida que seus atores a pensaram - não digo que a vivemos; obviamente, esse é um nível que não se

---

<sup>70</sup> No artigo “O historiador e o falsário: usos públicos do passado e alguns *marcos* da cultura histórica contemporânea”, Caroline Bauer e Fernando Nicolazzi refletem sobre a cultura histórica contemporânea e, mais especificamente, sobre o estudo de passados traumáticos. Os autores debatem questões sobre o testemunho, a verdade e a veracidade dos relatos históricos e os usos e abusos do passado. Na sua argumentação, eles citam os casos de Enric Marco Battle, que fingiu ser um sobrevivente do campo de concentração de Flossenbug, da Alemanha Nazista, além de ter frequentado o curso de história na Universitat Autònoma de Barcelona; e Marco Antonio Villa, historiador brasileiro que apresentou uma análise duvidosa sobre a ditadura militar brasileira no texto “Golpe à brasileira”, publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, em fevereiro de 2014, como exemplos significativos da importância de se dar atenção às “variadas formas de usos públicos do passado” e sobre como elas “podem ajudar a lançar luz sobre os fatos e incitar a reflexão crítica” (BAUER, Caroline; NICOLAZZI, Fernando. O historiador e o falsário. Usos públicos do passado e alguns marcos da cultura histórica contemporânea. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 32, n. 60, p. 807-835, set/dez 2016, p. 832).

<sup>71</sup> CHAPOUTOT, Johann. *The Law of the Blood: Thinking and acting like a Nazi*. Trad. Miranda Richmond Mouillot. Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018, p. 408-409.

<sup>72</sup> *Ibid.*, p. 410.

alcança”, mas esses textos são uma fonte privilegiada para o historiador, porque “a história tem um nível reflexivo no qual se ilumina de novo por completo”<sup>73</sup>.

Ao nos debruçarmos sobre a obra de Rosenberg e sobre a sua proposta de escrita da história, portanto, estamos diante de um ator que buscou conscientemente uma alternativa para narrar o passado, equilibrar de modo final o real e o discurso<sup>74</sup>, e legitimar um modo de estar no mundo. Tendo isso em mente, é importante relembrar a questão proposta por Bauer e Nicolazzi: de que forma a história está sendo mobilizada? Essa é uma questão essencial que norteia a presente pesquisa. Assim, buscamos compreender de que modos Rosenberg usa o discurso histórico para dar forma à ficção totalitária e, para tal, definimos três momentos narrativos distintos: primeiro, a fundação de uma nova compreensão sobre a história; depois, a explicação da razão do declínio da raça e as dificuldades do momento presente para, enfim, ir ao encontro da redenção: uma intervenção no presente possibilite a construção do futuro desejado.

### ***Escrever a história, honrar o passado: desafios e proposta de estudo***

Compreender a escrita da história no *Mythus*, bem como compreender a atuação de seu autor, foram tarefas que apresentaram alguns desafios. Em primeiro lugar, como já pontuamos, não há registros sobre a vida pessoal de Rosenberg, o que dificulta enormemente o mapeamento de suas ações pregressas e dos diálogos das suas obras com outras. No intuito de minimizar os impactos dessa dificuldade, buscamos, ao consultar os diários e o livro *Die Spur des Juden im Wandel der Zeiten*, compreender melhor os intercâmbios de ideias, a visão de mundo e os posicionamentos do autor. Um outro desafio que se interpôs em nossa caminhada diz respeito à linguagem utilizada no *Mythus*, que é um tanto rebuscada e complexa, como já foi também sugerido. Se as redundâncias de Rosenberg são um dificultador para os nativos, que dirá para aqueles que não possuem domínio pleno da língua alemã. Para auxiliar nosso entendimento, utilizamos uma edição em inglês da obra como um ponto de apoio. A tradução da obra nos trouxe, infelizmente e como indicado no prólogo, uma série de preocupações: grande parte das edições atuais de livros de nazistas são feitas por editoras que se alinham ideologicamente com o regime, como é do caso da edição traduzida do *Mythus*. Ainda que só exista uma tradução para o

---

<sup>73</sup> CHAPOUTOT, Johann. *The Law of the Blood: Thinking and acting like a Nazi*. Trad. Miranda Richmond Mouillot. Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018, p. 411.

<sup>74</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 10.

inglês disponível, feita em 1982 pelo tradutor e jornalista britânico Vivian Bird, não é possível confiar plenamente na idoneidade da edição consultada, devido à sua origem. Apesar das poucas informações disponíveis sobre o tradutor, foram encontrados indícios de possíveis vinculações de Bird a grupos neonazistas britânicos ou, ao menos, de apropriações de suas obras por esses grupos<sup>75</sup>. Ele teria sido mentor intelectual e amigo próximo do ativista neonazista Michael McLaughlin, líder do *British Movement* [Movimento Britânico], que mais tarde passou a ser denominado como *British National Socialist Movement* [Movimento Britânico Nacional Socialista]<sup>76</sup>, por exemplo. Sendo assim, nos remontaremos sempre às edições da obra que estão disponíveis para consulta em alemão e datam dos anos de 1934 e 1939. Infelizmente, não conseguimos acesso à primeira edição da obra.

Visando construir uma leitura ampla, mas que abarque as complexidades tanto do autor, quanto da obra, decidimos estruturar a presente dissertação em quatro capítulos. O primeiro deles se ocupará da problematização da trajetória política de Alfred Rosenberg que, como já pontuamos, ficou conhecido como ideólogo do Partido Nazista. Tal denominação passou a ser tomada como um dado, e não uma construção. Dessa forma, buscaremos, no capítulo um, analisar quais foram os caminhos do estoniano até esse título buscando, também, compreender melhor a importância e os impactos de sua grande obra, o *Mythus*, na sua atuação pública. Para tal, começaremos do fim e olharemos para a trajetória de Rosenberg a partir dos Julgamentos de Nuremberg, onde ele foi condenado pelas atividades que realizou ao longo do Terceiro *Reich*. Além disso, também tentaremos analisar, à luz da primeira obra do estoniano, *Die Spur des Juden im Wandel der Zeiten*, e dos possíveis diálogos intelectuais estabelecidos por Rosenberg ao longo dos anos, a importância e o conteúdo do *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*, situando-o na própria produção do autor e em seu contexto intelectual. Assim, esse capítulo estará dividido em dois momentos: em um primeiro, analisaremos, retrospectivamente, a atividade de Rosenberg no regime nazista; e, em um segundo, refletiremos sobre o *Mythus* e seus possíveis diálogos com o *Die Spur des Juden im Wandel der Zeiten* e com outros pensadores que embasaram a narrativa criada por Rosenberg.

---

<sup>75</sup> BURLIKOVA, Nadiya (eds); MCLAUGHLIN, Mike Walsh. *The Rise of the Sun Wheel*. Kindle Edition, 2017, s. p.

<sup>76</sup> BELL, Andrew; HILL, Ray. *The Other Face of Terror*. Londres: Grafton, 1988, p. 120.



No segundo capítulo da dissertação, buscaremos compreender a proposta de escrita da história promovida por Rosenberg por meio das duas chaves de leitura já indicadas: a da mobilização da história como mestra da vida e a da sua construção como uma história racial. Ao longo desse capítulo, estaremos atentos às duas epistemologias que construíram a narrativa, a historiografia e a mitologia. Em uma leitura racial, a história pôde, aos olhos do estoniano, ser construída visando a instrução dos germânicos, de modo que ela se tornou a epopeia da raça que, entre altos e baixos, lutou contra os inimigos da degeneração. O método adequado fornece aos protagonistas da narrativa os ensinamentos dos quais precisam para, enfim, vencer a luta (quase) eterna contra as raças inferiores. Para abarcar tais temáticas, esse capítulo também estará dividido em duas seções: uma dedicada a pensar o uso do topos da *historia magistra* e outro dedicado especialmente à construção da história racial.

O centro da análise no terceiro capítulo será a mobilização da história para indicar e comprovar a suposta degeneração racial. Uma vez disseminada a compreensão correta sobre o passado, fazia-se necessário esclarecer quais eram os inimigos do povo germânico e como eles agiam em prol da destruição. As raças inferiores, especialmente os semitas, estavam sempre à espreita, aguardando o momento para atacar. Felizmente, aos olhos de Rosenberg, os perigos poderiam ser finalmente compreendidos por meio do método racial empregado no *Mythus*, que traria à luz não só a superioridade de uns, mas também a inferioridade de outros. A medida que o autor caminha em direção ao presente, o cenário torna-se sucessivamente mais tenebroso, até que a possibilidade para findar os sofrimentos do povo germânico apareça. Para abordar esse percurso, o presente capítulo será dividido em duas partes: primeiramente, analisaremos as interpretações dadas às Revoluções Francesa e Russa, consideradas como pontos importantes para a degeneração racial e para o acirramento da guerra entre as raças no período moderno. Depois nos ocuparemos da leitura de Rosenberg sobre a Primeira Guerra Mundial como momento emblemático para o despertar da raça germânica e a possibilidade de romper o ciclo da guerra de raças.

No quarto e último capítulo, analisaremos a mobilização da história para embasar a intervenção no presente. Rosenberg afirma, em diversas passagens, que não sabe qual será a forma exata do *Reich* vindouro, mas realiza apontamentos sobre os possíveis caminhos de construção e sobre os aspectos que devem ser evitados, ou até mesmo destruídos, para que o projeto seja bem-sucedido. Abordando temáticas como o papel de

cada sexo no novo *Reich*, a relação do povo com o Estado e a construção de um novo direito e uma nova igreja, o autor cria um amplo panorama de normas e lições que devem guiar o futuro germânico. Desse modo, o objetivo central desse capítulo será, na primeira seção, analisar o discurso de Rosenberg sobre o que será criado ou preservado no futuro *Reich* e, na segunda, o que deve ser destruído para que o novo mundo ariano possa prosperar.

Uma vez que o estoniano sinaliza, no início do *Mythus*, a sua preocupação em fundar um estudo racial da história, podemos interpretar que a raça se torna não apenas o determinante, mas também o método a partir do qual a história é escrita. Se é ela quem dita os processos do passado e do presente, a sua identificação e a sua interpretação fornecem ao autor as ferramentas de que precisa para escrever, de modo conclusivo, a história dos germânicos. Assim, se reconhecemos a intrínseca historicidade da própria historiografia, isto é, que as maneiras como buscamos equilibrar o real e o discurso são produções sociais e, portanto, situadas e datadas<sup>77</sup>, é possível dizer que Rosenberg buscou se inserir ou criar, em diálogo com outros sujeitos, uma historiografia baseada em um método racial. Pensamos, aqui, na historiografia de modo amplo, compreendendo, como um possível objeto de análise, uma forma de acesso ao passado diferente do que, hoje, seria considerado como historiografia. A escrita da história promovida por Rosenberg é, assim, reveladora de uma experiência histórica específica e de um conhecimento próprio de seu tempo<sup>78</sup>. Por essa razão, interpretaremos a sua obra como parte de um projeto historiográfico mais amplo empreendido na e pela Alemanha nazista. Acreditamos que interpretar a narrativa do autor como historiográfica pode ser produtivo para nos atentarmos às mobilizações do passado presentes na conformação do discurso que legitimou e moldou o regime nazista.

Paralelamente a uma análise historiográfica da sua escrita da história, buscaremos interpretar o livro em uma interface com a história intelectual, tentando compreender, não apenas as ideias, mas também as condições sociais contemporâneas à produção do *Mythus* e das demais obras do autor. Nesse sentido, estarão em nosso horizonte os possíveis diálogos com discurso historiográfico e mitológico, ainda que a análise do texto seja

---

<sup>77</sup> DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. *As correntes históricas na França: séculos XIX e XX*. Trad. Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2021, p. 15.

<sup>78</sup> ARAUJO, Valdeí Lopes de. História da historiografia como analítica da historicidade. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 6, n. 12, p. 41-43, 2013. DOI: 10.15848/hh.v0i12.620. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/620>. Acesso em: 29 set. 2022.

majoritariamente interna. Essa escolha se dá especialmente devido às dificuldades na identificação de citações de outros autores, uma vez que o estoniano nunca cita diretamente nenhum outro autor e, muitas vezes, não sinaliza de modo explícito as alusões que faz. A sua escrita truncada e carregada de “ecletismo esotérico, quase incompreensível por longos trechos”<sup>79</sup> não nos parece, como já sugerimos, uma escolha gratuita por parte de Rosenberg. Ao se colocar no debate público, o autor buscou legitimar a sua própria posição como intelectual e ideólogo do partido, lugar que foi igualmente atribuído a ele, já que o *Mythus* foi frequentemente mobilizado como “aporte teórico” para as ideias defendidas pelo partido<sup>80</sup>. Desse modo, a sua escrita rebuscada e densa e os diálogos sempre oblíquos podem ser interpretados como mecanismos de validação intelectual, até porque as temáticas trabalhadas na obra estavam sendo debatidas por outros intelectuais contemporâneos, inclusive historiadores.

Ao recorrermos à proposta da história intelectual, buscamos alargar o objeto da história da historiografia, buscando novas temáticas e incluindo novos sujeitos em nossa análise. Como tornou-se perceptível a partir do giro linguístico, todo enunciado ocorre dentro de contextos e determinantes específicos, ou seja, não há enunciado que ocorra fora das estruturas de temporalidade históricas próprias de seu momento de enunciação<sup>81</sup>. Desse modo, ao nos atentarmos ao seu contexto de produção, percebemos que a narrativa do *Mythus* é, não apenas historiográfica dentro dos condicionantes de seu tempo, como também se mostrou relevante e crível em seu contexto de produção. É claro que Rosenberg não era um historiador e, tampouco, produziu historiografia com o aval de qualquer instituição. Entretanto, em sua atuação pública, o autor se prestou ao papel de historiador, buscando realizar um estudo comprometido com a verdade histórica. Rosenberg tornou-se, assim, um intelectual a serviço do *Reich* e desempenhou o seu papel de modo exemplar. Por essas razões, acreditamos que analisar com seriedade o seu discurso sobre a história e a sua proposta de escrita é essencial para que possamos,

---

<sup>79</sup> BAJOHR, Frank; MATTHÄUS, Jürgen (orgs). *Os diários de Alfred Rosenberg, 1934-1944*. Trad. Cláudia Abeling. São Paulo: Planeta, 2017, p. 15.

<sup>80</sup> LACOUÉ-LABARTHE, Philippe; NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista*. São Paulo: Iluminuras, 2002, p. 47.

<sup>81</sup> RANGEL, Marcelo de Mello; DE ARAÚJO, Valdeci Lopes. Apresentação - Teoria e história da historiografia: do giro linguístico ao giro ético-político. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 8, n. 17, 2015, p. 322. DOI: 10.15848/hh.v0i17.917. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/917>. Acesso em: 30 set. 2022.

igualmente, combatê-los. Uma história intelectual preocupada com a historicidade dos discursos e sujeitos parece oferecer-nos, assim, um caminho frutífero.

Traçado o percurso, passemos, então, à nossa análise e busquemos compreender de que modos e a partir de quais delimitações teóricas Rosenberg tornou-se o sujeito que julgou as raças e falou em nome da história. Se a compreensão é resistência, tentaremos escovar a história construída por Rosenberg a contrapelo<sup>82</sup>, interceptando a transmissão da narrativa dos vencedores, e desconstruindo o discurso que colabora com a barbárie. Tal tarefa não é fácil, e certamente nós não a esgotaremos, uma vez que o trabalho do historiador é por definição incompleto, debruçando-se sobre os escombros do passado que furtivamente lampejam, e logo se vão. Entretanto, é necessário tentar, afinal, se a “violência do corpo não alcança a página escrita senão através da ausência”<sup>83</sup>, parece-nos pertinente e imprescindível fazer reverberar os murmúrios e os silêncios que nos alcançam a partir da escrita da história no *Mythus des 20. Jahrhunderts*, honrando os sujeitos do passado, como na obra não foi feito, e fornecendo-lhes, enfim, túmulos escriturários.

---

<sup>82</sup> BENJAMIN, Walter *apud*. LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 70.

<sup>83</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 14-15.

*Capítulo 1*

*O ideólogo*

*“O nacional-socialismo foi a satisfação da  
minha vida. Eu o servi com fé, embora com  
algum desequilíbrio e insuficiência humana. Eu  
devo permanecer fiel a ele enquanto ainda  
viver”*

*(Alfred Rosenberg, 1946).*

### 1.1 De Nuremberg ao início: Alfred Rosenberg em perspectiva

*“Ele desenvolveu, disseminou e explorou as técnicas doutrinárias dos conspiradores nazistas apresentadas na acusação um; ele promoveu a ascensão ao poder dos conspiradores nazistas e a consolidação de seu controle sobre a Alemanha estabelecida na acusação um; ele promoveu os preparativos psicológicos para a guerra estabelecidos na acusação um; participou do planejamento político e da preparação para guerras de agressão e guerras em violação de tratados, acordos e garantias internacionais estabelecidos nas acusações um e dois; e autorizou, dirigiu e participou dos Crimes de Guerra estabelecidos na acusação três e nos Crimes contra a Humanidade estabelecidos na acusação quatro, incluindo uma ampla variedade de crimes contra pessoas e bens”<sup>84</sup>.*

Essas foram as palavras finais da acusação feita contra Alfred Rosenberg nos Julgamentos de Nuremberg. O réu respondeu, portanto, pelos quatro crimes em questão: crimes de conspiração, crimes contra a paz, crimes de guerra e crimes contra a humanidade. Desde o início do tribunal, estava claro que a atuação intelectual de Rosenberg – por exemplo, como jornalista e escritor – fazia parte das atividades incriminatórias e ele foi reconhecido, como apontam seus acusadores, como o ideólogo do Partido<sup>85</sup>. O “título” não foi atribuído, claro, pelo próprio tribunal: Rosenberg respondeu por ele ao longo do regime nazista. A denominação foi, desse modo, repetida mais de uma vez: do Terceiro *Reich* para o tribunal e, posteriormente, como pudemos perceber ao longo da nossa pesquisa, do tribunal para a historiografia. Na mais recente edição dos seus diários, ele é chamado de “pai do nazismo” e, logo no início do primeiro capítulo, os autores o descrevem como o “*spiritus rector* da ideologia nazista”<sup>86</sup>, ideia em consonância com a sua posição de ideólogo. Na biografia de Nova, o subtítulo é “teórico nazista do Holocausto”, denominação também repetida por Johann Chapoutot<sup>87</sup>.

<sup>84</sup> *Nuremberg Trials*, Blue Series, vol. 2, p. 74-75.

<sup>85</sup> *Nuremberg Trials*, Blue Series, vol. 2, p. 74.

<sup>86</sup> BAJOHR, Frank; MATTHÄUS, Jürgen (orgs). *Os diários de Alfred Rosenberg, 1934-1944*. Trad. Cláudia Abeling. São Paulo: Planeta, 2017, p. 14.

<sup>87</sup> CHAPOUTOT, Johann. *The Law of the Blood: Thinking and acting like a Nazi*. Trad. Miranda Richmond Mouillot. Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018, p. 14.

É um fato curioso: na maior parte das menções a Rosenberg e nas poucas obras que se ocupam da sua atuação e vida, o nome vem acompanhado do “título” de ideólogo – mas, não há autor que explique o porquê dessa denominação. O *Mythus* aparece como a principal razão de seu autor ter alçado essa posição no partido e no regime, mas a consagração de Rosenberg como ideólogo não veio imediatamente após a publicação da obra, mas cerca de, pelo menos, sete anos depois, quando foi condecorado com o primeiro Prêmio Nacional Germânico<sup>88</sup>. De acordo com o biógrafo, Fritz Nova, esse momento teria sido o reconhecimento e, de certo modo, a oficialização da posição de Rosenberg como ideólogo do partido. A premiação foi entregue por Joseph Goebbels em nome de Adolf Hitler e, no seu discurso, o Ministro da Propaganda, Goebbels, afirmou que:

Alfred Rosenberg, com suas obras, ajudou com excelência a fundar e fortalecer intuitivamente a ideologia científica do nacional-socialismo. Por sua batalha incansável pela pureza da ideologia nacional-socialista, ele conquistou méritos notáveis e especiais. Somente uma era posterior apreciará completamente quão profunda foi a influência desse homem na formação espiritual e ideológica do Estado nacional-socialista<sup>89</sup>.

Ainda que as argumentações de Rosenberg não fossem consenso no partido, seus membros certamente reconheciam as suas contribuições para a ideologia e, também, o seu papel como ideólogo. Entretanto, a distância temporal entre o lançamento do *Mythus* e a consagração do homem nos parece um convite à reflexão: seria esse o único fato responsável pela atribuição do “título” a Rosenberg? Sua atuação foi, afinal, mais diversa do que apenas a redação da obra. Uma vez que a denominação de ideólogo aparece como um fato dado nas narrativas sobre ou que envolvem o estoniano, acreditamos que seria importante, buscando a complexificação do entendimento acerca do papel de Rosenberg no Terceiro *Reich*, desvendar as faces que lhe renderam o título, para além do *Mythus*, *desmistificando*, também, o seu autor. Nos deteremos, assim, a cinco dessas possíveis faces: analisaremos Rosenberg como jornalista, escritor, crítico de arte, educador e ministro.

---

<sup>88</sup> Foram encontradas incongruências com relação à data da condecoração de Rosenberg. Segundo Fritz Nova, o estoniano teria recebido o prêmio em 1943, entretanto, de acordo com o livro *Deutsche Orden und Ehrenzeichen bis 1945*. Band 4: *Württemberg II – Deutsches Reich*, de Jörg Nimmergut, a premiação teria sido entregue apenas entre 1937 e 1939, sendo que Rosenberg teria recebido a condecoração em 1937, o primeiro ano no qual foi entregue. De todo modo, em 1937 ou 1943, a distância temporal entre a entrega do prêmio e o lançamento do livro nos sugerem que não foi apenas ele o responsável pela denominação de ideólogo atribuída a Rosenberg.

<sup>89</sup> GOEBBELS, Joseph. *apud*. NOVA, Fritz. *Alfred Rosenberg: Nazi Theorist of the Holocaust*. Nova York: Hippocrene Books, 1986, p. 2.

### *O jornalista*

Uma das principais e mais duradouras frentes de atuação de Rosenberg foram os jornais. Como já mencionamos, ele assinou artigos nos periódicos *Völkischer Beobachter*, do qual também foi editor a partir de 1923, *Der Weltkampf*, editando-o também a partir de 1924, e na *NS Monatshefte*, a qual editou a partir de 1930. Ainda que as entradas de Rosenberg nos grupos editoriais estejam registradas, não há uma data precisa para o início das suas atividades como redator. Entretanto, a partir do mapeamento de uma coletânea dos seus artigos lançada posteriormente<sup>90</sup>, é possível afirmar que, pelo menos desde 1921, o estoniano estava escrevendo nos jornais alemães.

A intensa participação de Rosenberg nos jornais é um dado extremamente significativo, uma vez que eles eram um meio de propagação fundamental da visão de mundo nazista. Alguns números disponibilizados na Enciclopédia do Holocausto do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos nos ajudam a compreender tal relevância: segundo a Enciclopédia, existiam mais de 4700 jornais diários e semanais publicados anualmente na Alemanha, o mais alto número em comparação com outras nações industrializadas da época. Circulavam, no total, mais de 25 milhões de exemplares no país, sendo que Berlim sediava mais de 81% dessas publicações. Quando da subida de Hitler ao poder, em 1933, menos de 3% desses 4700 jornais eram controlados pelos nazistas. Entretanto, com a eliminação do multipartidarismo na Alemanha ainda naquele ano, diversos jornais desapareceram, pois eram produzidos por outros partidos políticos que estavam, agora, na ilegalidade. Esse fato também permitiu a apreensão, pelo Estado, dos equipamentos de alguns partidos, como foi o caso dos Partidos Comunista e Social-Democrata, cujos maquinários foram diretamente entregues ao Partido Nazista, aumentando a sua capacidade de produção de periódicos<sup>91</sup>.

Nesse contexto, o *Völkischer Beobachter* tornou-se o principal jornal diário da Alemanha, posto que manteve durante todo o regime nazista. Ele foi adquirido por Hitler para servir como meio de comunicação interna no partido, anunciando encontros e outras notícias políticas consideradas relevantes para a atividade do NSDAP. Após o *Putsch* da Cervejaria, sua circulação foi ampliada, alcançando a marca de mais de 120 mil

---

<sup>90</sup> ROSENBERG, Alfred. *Kampf um die Macht*. Munique: Zentralverlag der NSDAP, Franz Eher Nachf., 1937.

<sup>91</sup> UNITED STATES HOLOCAUST MUSEUM. *Writing the News*. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/writing-the-news>. Acesso em: 27/04/2022.



exemplares em 1931 e 1 milhão e 700 mil em 1944. Editor chefe a partir de 1923, é seguro dizer que Rosenberg estava plenamente ciente do conteúdo transmitido no jornal, que contava com a sua anuência antes de seguir para a publicação. Ainda de acordo com a Enciclopédia do Holocausto, eram narrados, no *Völkischer Beobachter*, não só os sucessos do partido, como também “hipérboles curtas” de temas de predileção dos nazistas: “a humilhação do Tratado de Versalhes, a fraqueza do parlamentarismo de Weimar e o mal do mundo judeu e do bolchevismo, todos contrastados com slogans patrióticos nazistas”<sup>92</sup>. Além do próprio Rosenberg, o jornal contou com a contribuição do ministro Goebbels, que publicou artigos em 1939 e 1941 criticando os Estados Unidos<sup>93</sup> e a União Soviética<sup>94</sup>, respectivamente.

Infelizmente, não foram encontrados dados acerca da *NS Monatshefte* e do jornal *Der Weltkampf*, talvez devido à sua menor projeção dentro da Alemanha. O conteúdo de alguns artigos publicados no *Völkischer Beobachter* e no *Der Weltkampf* puderam, entretanto, ser mapeados a partir do contato com a já citada coletânea lançada em 1937 que congregava escritos do estoniano. Intitulada *Kampf um die Macht [Luta pelo poder]*, a obra reuniu artigos que abordavam o antissemitismo, o antibolchevismo, o nacionalismo, a história da Alemanha, a trajetória do partido, entre outros assuntos. Cabe ressaltar, igualmente, as menções feitas por Rosenberg a autores como Paul de Lagarde, proeminente teórico antissemita do século XIX que teve um grande impacto no pensamento nacionalista alemão. Desse modo, a coletânea não apenas nos fornece pistas sobre os diálogos intelectuais de Rosenberg, aspecto relevante uma vez que o próprio estoniano apenas raramente menciona tais diálogos diretamente em seu *Mythus*, como também nos sugere um fato de extrema importância: para além da circulação de suas ideias nos jornais na época da sua publicação, tais concepções ainda voltaram à cena pública, por vezes, mais de uma década depois, sendo, novamente, propagadas na Alemanha.

Desse modo, somando-se à grande difusão do *Mythus*, sua grande obra, a atuação nos jornais contribuiu para a construção do papel de Rosenberg como ideólogo do nacional-socialismo: editando os periódicos, o estoniano possuía um lugar privilegiado

---

<sup>92</sup> UNITED STATES HOLOCAUST MUSEUM. *Writing the News*. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/writing-the-news>. Acesso em: 27/04/2022.

<sup>93</sup> GOEBBELS, Joseph. Was will eigentlich Amerika? *Völkischer Beobachter*, Munique, 1939. Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/goeb28.htm>. Acesso em: 27/04/2022.

<sup>94</sup> GOEBBELS, Joseph. The Veil Falls. *Völkischer Beobachter*, Munique, 1941. Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/goeb15.htm>. Acesso em: 27/04/2022.

para fazer as suas ideias e aquelas coincidentes circularem. Devido ao formato dos jornais e da indicação dada na Enciclopédia do Holocausto, é possível deduzir que os textos presentes nos periódicos eram mais sucintos e diretos, divergindo do pesado e rebuscado estilo do *Mythus*, aspecto que endossa a afirmação de que os jornais representavam um importante meio de propagação da ideologia e, por trás das edições, estava, então, o ideólogo.

### ***O escritor***

A face, talvez menos oculta, mas não menos *mística* de Rosenberg é, certamente, a de escritor. O *Mythus* foi a principal razão para que lhe fosse concedido o “título” de ideólogo e a centralidade dessa obra pode ser compreendida em três níveis: primeiro, é possível analisar a sua relevância na construção da ideologia nazista de modo amplo. Em segundo, podemos pensar na sua relevância dentro da produção do próprio autor. Por fim, em termos numéricos, a difusão do livro foi grande, o que indica um grande alcance de seu conteúdo dentro da sociedade alemã da época. Abordando, primeiramente, a importância do *Mythus* para o regime, é possível compreender a sua centralidade pois ele ajudou a embasar a ficção totalitária, isto é, colaborou com a construção da narrativa histórica que moldou a realidade da Alemanha naquele momento. Esta narrativa irreal pregava a existência de uma suposta guerra entre raças e foi essa concepção que norteou as ações do regime. O livro foi a mais extensa e profunda teorização sobre as ideias mobilizadas ou criadas na ideologia nazista.

Além disso, pensando na produção de Rosenberg, o *Mythus* ocupa um lugar especial, uma vez que congregou as principais ideias que compõem a tortuosa “filosofia-mítica” do estoniano. As frentes de atuação do autor no espaço público também estiveram em sintonia com o conteúdo da sua obra: a educação, a arte e a política externa são recorrentes na obra e foram, também, áreas nas quais Rosenberg buscou atuar e, de fato, atuou. Desse modo, não é uma surpresa que, na área da educação, ele tenha sido nomeado como Encarregado do *Führer* para toda formação e educação ideológica do NSDAP, em 1934<sup>95</sup>, e tenha sido o responsável por planejar a *Hohe Schule* [Escola Superior] do NSDAP<sup>96</sup>, desenhada para criar uma elite universitária nazista. Já nas artes, Rosenberg

---

<sup>95</sup> BAJOHR, Frank; MATTHÄUS, Jürgen (orgs). *Os Diários de Alfred Rosenberg (1934-1944)*. São Paulo: Planeta, 2017, p. 15.

<sup>96</sup> *Ibid.*, p. 16.

atuou por meio da sua *Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg*, estabelecida ainda em 1940<sup>97</sup>. A ERR foi responsável, durante o período da guerra, pelo confisco de obras de arte que eram reconhecidas por ele como legitimamente pertencentes à Alemanha e tornou-se a mais bem-sucedida organização de confisco do regime<sup>98</sup>. Os inúmeros atritos entre o estoniano e Joseph Goebbels quando o assunto era a arte tampouco são surpreendentes. Ademais, Rosenberg também buscou a área da política externa, tornando-se chefe do *Außenpolitisches Amt der NSDAP* [Gabinete de Política Externa do NSDAP], em 1933<sup>99</sup> e, posteriormente, Ministro dos Territórios Ocupados do Leste, em 1941<sup>100</sup>. Adiante, abordaremos algumas dessas ocupações como fundamentais para a construção da imagem do ideólogo Rosenberg.

Com relação à difusão do *Mythus*, esta foi bastante significativa: a edição do *Mythus* datada de 1934 corresponde a 203 mil exemplares vendidos<sup>101</sup>. Em 1936, mais de meio milhão de cópias do livro já haviam sido publicadas<sup>102</sup>, sendo que o livro foi suplantado, em números, apenas pelo *Mein Kampf*<sup>103</sup>. No total, ele teve uma circulação de mais de um milhão de cópias. Com relação às edições, em um levantamento realizado por meio da plataforma on-line HeBis, que congrega diversas bibliotecas públicas na Alemanha, foi possível identificar edições ininterruptas da obra entre o seu ano de lançamento, 1930, e 1943. Todas as bibliotecas, escolas secundárias e instituições de ensino universitário possuíam cópias do *Mythus* e, apesar da tentativa de alguns nazistas de se esquivarem da associação com a obra, ela era, de acordo com o já citado Fritz Nova, o texto padrão da ideologia e tanto Hitler quanto os outros membros do partido estavam cientes do seu conteúdo. Desse modo, ainda que não um “manual oficial” da ideologia, o *Mythus* foi, minimamente, um manual autorizado.

Cabe ressaltar, entretanto, que, mesmo antes da publicação do *Mythus*, o estoniano já havia lançado outras múltiplas obras, como as já citadas *Die Spur des Juden im Wandel der Zeiten* e *Unmoral im Talmud*. Essas, entre outras, apresentavam temas como “a

---

<sup>97</sup> BAJOHR, Frank; MATTHÄUS, Jürgen (orgs). *Os Diários de Alfred Rosenberg (1934-1944)*. São Paulo: Planeta, 2017, p. 16.

<sup>98</sup> *Ibid.*, p. 16.

<sup>99</sup> NOVA, Fritz. *Alfred Rosenberg: Nazi Theorist of the Holocaust*. Nova York: Hippocrene Books, 1986, p. 246.

<sup>100</sup> BAJOHR; MATTHÄUS, op. cit., p. 16.

<sup>101</sup> LACQUE-LABARTHE, Phillipe; NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista*. Trad. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002, p. 47.

<sup>102</sup> NOVA, op. cit., p.8.

<sup>103</sup> *Ibid.*, p.6.

depravação judaica e o plano de conquistar o mundo”<sup>104</sup>. Seus primeiros escritos, desse modo, não eram muito diferentes dos de Julius Streicher, seu colega de profissão e editor do jornal *Der Stürmer* [*O atacante*]: ambos eram implacavelmente antissemitas, ainda que o estoniano fosse mais erudito do que Streicher<sup>105</sup>. Tal posicionamento é endossado por Fritz Nova, que aponta para como os primeiros escritos do estoniano possuíam um caráter militante inegável<sup>106</sup>.

A militância patente de Rosenberg nas suas primeiras obras não foi repetida no mesmo tom em seu *Mythus*, ainda que o discurso propagado neste seja igualmente antissemita e antibolchevique, por exemplo. Mas essa diferença nos dá uma boa pista sobre a vontade do próprio Rosenberg em ocupar um lugar intelectual, e não apenas panfletário, como o de Streicher. Como afirma o historiador britânico Richard Evans, o maior desejo de Rosenberg “era ser levado a sério como intelectual e teórico da cultura”<sup>107</sup>, fato que muito provavelmente impactou nessa mudança no estilo discursivo de suas obras. A narrativa densa e propositalmente rebuscada do *Mythus* colabora com a imagem de si que o estoniano desejava construir para o mundo. Como ele próprio declarou, nos Julgamentos de Nuremberg, quando questionado sobre a sua formação e sobre o embasamento das suas obras, não faltavam nomes ilustres para dar corpo à sua produção:

Além de meus interesses artísticos imediatos em arquitetura e pintura, desde a infância eu persegui estudos históricos e filosóficos e assim, é claro, instintivamente eu tendia a ler Goethe, Herder e Fichte para me desenvolver intelectualmente nessa linha. Ao mesmo tempo, fui influenciado pelas ideias sociais de Charles Dickens, Carlyle e, no que diz respeito à América, por Emerson. Continuei esses estudos em Riga e, naturalmente, tive contato com Kant e Schopenhauer e, acima de

<sup>104</sup> DAVIDSON, Eugene. *The Trial of the Germans: An account of the twenty-two defendants before the International Military Tribunal at Nuremberg*. Nova York: The Macmillan Company, 1966, p. 133.

<sup>105</sup> *Ibid.*, p. 125.

<sup>106</sup> Ao sinalizar a diferença entre a primeira fase da produção do autor e as suas demais obras, Fritz Nova alude ao livro *Großdeutschland Traum und Tragödie - Alfred Rosenbergs Kritik am Hitlerismus* [*Sonho e tragédia da Grande Alemanha: a crítica de Rosenberg ao Hitlerismo*], escrito por Heinrich Härtle. De acordo com Nova, o trabalho de Härtle foi o único produzido sobre Rosenberg nas décadas próximas ao pós-guerra. Nele, Härtle afirmou que a militância extrema do estoniano não apenas falhou em esclarecer, mas, devido às suas generalizações, na verdade contribuiu para o descrédito e o desentendimento das questões relacionadas à população judaica e a sua influência na política, economia e cultura europeias. É significativo, como aponta Nova, que o único trabalho sobre o estoniano tenha sido publicado pelo ex-secretário da seção de ciências do *Amt Rosenberg* [*Escritório de Rosenberg*], órgão oficial do NSDAP para a vigilância político-cultural. Entre os setores do escritório estavam a *Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg* e o departamento de política externa do NSDAP, do qual Rosenberg era chefe. A crítica feita por Härtle ao posicionamento do estoniano torna-se mais evidente ao considerarmos o seu envolvimento nas atividades do Partido Nazista e a sua proximidade com a atuação política de Rosenberg (NOVA, Fritz. *Alfred Rosenberg: Nazi Theorist of the Holocaust*. Nova York: Hippocrene Books, 1986, p. 109).

<sup>107</sup> EVANS, Richard J. *A Chegada do Terceiro Reich*. São Paulo: Editora Planeta, 2010, p. 188.

tudo, dediquei-me ao estudo da filosofia da Índia e escolas de pensamento relacionadas. Mais tarde, é claro, estudei os proeminentes historiadores europeus da história da civilização; Burckhardt e Rohde, Ranke e Treitschke, Mommsen e Schlieffen. Finalmente, em Munique comecei a estudar a biologia moderna mais de perto<sup>108</sup>.

Outro fato que vale ser mencionado ao refletirmos sobre essa primeira fase da produção intelectual de Rosenberg é a sua posição como redator original do Programa do NSDAP, que atribuiu os problemas da Alemanha ao marxismo judaico-bolchevique<sup>109</sup>. Assim, mesmo antes do *Mythus*, o autor já deixava o seu próprio *rastr*o no espaço público, propagando ideais antissemitas, antibolcheviques e conspiratórias. Desse modo, como escritor, tanto antes quanto após o lançamento do *Mythus*, Rosenberg fez reverberar na cena pública o seu pensamento.

### ***O crítico de arte***

Como mencionamos há pouco, Rosenberg sempre deu uma grande atenção e importância para as artes. No *Mythus*, o autor dedica quatro capítulos para abordar justamente esse assunto e explicar que a arte nada mais é do que produto da criatividade da alma racial<sup>110</sup>. Segundo o autor, “todo trabalho de arte possui um conteúdo espiritual” e, partindo da premissa de que toda alma é, por definição, uma alma racial, conseqüentemente todo trabalho de arte possui um conteúdo, também, racial. Nesse sentido, a pureza racial poderia ser encontrada também nas artes e as raças consideradas como impuras ou inferiores produziram uma arte igualmente degenerada. No *Mythus* e em demais obras, Rosenberg aplica essa percepção às artes plásticas, à literatura, música e aos ideais de beleza mobilizados por um povo. Essa compreensão estava em consonância com a perspectiva nazista geral sobre as artes<sup>111</sup>. Desse modo, a arte degenerada também ameaçaria o *Reich* na sua busca pela pureza e deveria ser eliminada junto com os seus criadores. Como afirma Fritz Nova,

Existia um amplo consenso entre os líderes nazistas de que o governo deveria seguir uma política de recapturar o que era “permanente” na história estética alemã e germânica. [...] Substituir a arte “degenerada”,

<sup>108</sup> *Nuremberg Trials*, Blue Series, vol. 11, p. 446-447.

<sup>109</sup> DAVIDSON, Eugene. *The Trial of the Germans: An account of the twenty-two defendants before the International Military Tribunal at Nuremberg*. Nova York: The Macmillan Company, 1966, p. 125.

<sup>110</sup> O segundo livro do *Mythus* é, talvez, a parte mais centrada na questão estética de toda obra e, por isso, não será analisada mais profundamente ao longo da dissertação. Entretanto, neste momento, ela nos ajuda a entender o posicionamento de Rosenberg com relação às artes e as razões das desavenças entre Rosenberg e Goebbels.

<sup>111</sup> NOVA, Fritz. *Alfred Rosenberg: Nazi Theorist of the Holocaust*. Nova York: Hippocrene Books, 1986, p. 79.

do ponto de vista nazista, significava restaurar a continuidade da arte “não degenerada” do passado<sup>112</sup>.

Novamente, a história aparece como um ponto essencial de legitimação: no passado, os povos germânicos produziram arte esteticamente bela, de acordo com a pureza de sua raça. Entre os exemplos dados por Rosenberg, estão os gregos e os romanos que, segundo a narrativa da origem ariana da civilização, seriam descendentes diretos da raça criadora, cuja queda teria vindo devido à mistura racial. Portanto, no presente, essa criação artística seria igualmente possível, bastava retornar ao passado, compreender quais eram essas obras, e devolvê-las ao *Reich* para que pudessem guiar, novamente, a percepção estética germânica. Em prol desse ideal, Rosenberg atuou desde cedo: ainda em 1929, ele estabeleceu a *Kampfbund für deutsche Kultur* [*Liga de combate pela cultura germânica*], cujo objetivo principal era promover a cultura germânica e combater as ameaças da arte degenerada. A *Kampfbund für deutsche Kultur* buscava promover artistas alemães, especialmente no ramo da música, fornecer aulas sobre a música alemã<sup>113</sup>, espalhar panfletos para propagar a ideia da necessidade de purificar a arte germânica e promover uma “limpeza racial” do conteúdo artístico indesejado em museus e faculdades<sup>114</sup>. Junto com a *Reichskulturkammer* [*Câmara de Cultura do Reich*], coordenada por Goebbels, a Liga determinava o que era arte germânica e o que era arte degenerada. Não por acaso, as artes foram, talvez, o principal motivo das desavenças entre o Ministro da Propaganda e o ideólogo.

A principal controvérsia aconteceu após Goebbels assumir o ministério supracitado e a *Reichskulturkammer* e foi concomitante à designação de Rosenberg como Encarregado do *Führer* para toda formação e educação ideológica do NSDAP. O debate ocorreu devido à simpatia de Joseph Goebbels pelo modernismo<sup>115</sup>, movimento que

<sup>112</sup> NOVA, Fritz. Alfred Rosenberg: Nazi Theorist of the Holocaust. Nova York: Hippocrene Books, 1986, p. 80.

<sup>113</sup> FÜHRER, Karl Christian. German Cultural Life and the Crisis of National Identity during the Depression, 1929-1933. *German Studies Review*, vol. 24, n.º. 3, 2001, pp. 461-486.

<sup>114</sup> KAMPFBUND FÜR DEUTSCHE KULTUR. Disponível em: <https://holocaustmusic.ort.org/politics-and-propaganda/third-reich/kampfbund-fur-deutsch-kultur/>. Acesso em: 27/04/2022.

<sup>115</sup> O modernismo, movimento artístico que englobou uma série de expressões, como o Impressionismo, o Expressionismo, o Cubismo, entre outras, não respeitava o que os nazistas consideravam uma “arte germânica” [*Deutsche Kunst*], cuja estética estava alinhada à greco-romana. A chamada “arte degenerada” [*Entartete Kunst*] supostamente corresponderia a uma expressão das raças inferiores. Segundo a autora Stephanie Barron, “Os nacional-socialistas rejeitaram e censuraram virtualmente tudo o que existia na cena da arte moderna alemã antes de 1933. Seja abstrato ou representativo, as paisagens e retratos inocuamente belos de August Macke, as pinturas impressionistas coloridas dos artistas populares de Bruckner Ernst Ludwig Kirchner, Emil Nolde e Karl Schmidt-Rottluff, a crítica social mordaz de Max Beckmann, Otto Dix e George Grosz, ou os esforços dos artistas da Bauhaus para forjar um novo vínculo entre arte e indústria – todos foram igualmente condenados” (BARRON, Stephanie. *Modern Art and Politics in Prewar Germany*.

apoiou abertamente. A defesa do modernismo lhe rendeu discussões inclusive com Adolf Hitler que, nesse momento, tomou partido do posicionamento defendido por Rosenberg. O estoniano havia publicado no *Völkischer Beobachter* editoriais que defendiam arduamente a definição de uma arte racial que não desse espaço para qualquer exceção, contrariando as simpatias do Ministro da Propaganda. As afirmações de Rosenberg no jornal foram retomadas verbalmente por Hitler em um discurso feito no comício do partido em 1933<sup>116</sup>. As desavenças se aprofundaram quando Goebbels defendeu o Expressionismo alemão e o Futurismo italiano como formas de arte válidas e esteticamente belas. Para Rosenberg, a matriz greco-romana não poderia ser negada, posição manifestada, novamente, no *Beobachter*, cujo editorial protestava contra os movimentos artísticos, considerados como “intervenções estrangeiras” destinadas a desprezar a arte alemã<sup>117</sup>.

As cartas foram lançadas: de um lado, Goebbels advogava por uma arte nazista “não-racial”, agarrando-se apenas à estética como justificativa. Já Rosenberg condenava toda arte considerada como expressão de raças inferiores ou impuras, isto é, condenava justamente a ideia de uma arte “não-racial”, defendendo que só poderiam ser consideradas belas as expressões advindas da raça germânica pura. Quem bateu o martelo foi, claro, Hitler, que declarou, no comício do partido sediado em Nuremberg, em 1934, que era contrário – e todos os alemães o deveriam ser – aos destruidores da arte: “cubistas, futuristas, dadaístas e outros que ameaçavam todo o desenvolvimento político-cultural nazista”<sup>118</sup>. O *Führer* identificou-se, então, com a posição de Rosenberg, mas não deixou de demarcar que o ideólogo deveria estar ciente de que não poderia impor as suas crenças pessoais aos outros membros<sup>119</sup>. Assim, mesmo que sem concordar com as concepções de Goebbels, Hitler parece, nesse momento, defender a pessoa de Goebbels diante dos ataques de Rosenberg. O Ministro da Propaganda não teria a obrigação de compartilhar a opinião do estoniano, que, à época, ainda sequer era ministro. A defesa de Goebbels por Hitler, nesse sentido, serviu também para reafirmar a hierarquia estabelecida entre os dois membros do NSDAP naquele momento.

---

In.: BARRON, Stephanie (orgs). “*Degenerate Art*”: The Fate of the Avant-Garde in Nazi Germany. Nova York: Los Angeles Museum of Art, Harry N. Abrams Inc. Publishers, 1991, p. 9).

<sup>116</sup> NOVA, Fritz. Alfred Rosenberg: Nazi Theorist of the Holocaust. Nova York: Hippocrene Books, 1986, p. 82-83.

<sup>117</sup> Ibid., p. 84.

<sup>118</sup> Ibid., p. 85.

<sup>119</sup> Ibid., p. 85.

Por mais que a vitória teórica tenha sido de Rosenberg, o posicionamento de Hitler nos faz refletir sobre como, nem sempre, eram as ideias que deveriam nortear as ações: por mais que Goebbels tenha perdido a batalha das artes, ele continuou atuando com a Câmara de Cultura do *Reich* e teve uma proeminência indiscutivelmente maior na cena pública ao longo do regime. Muitos autores, como Richard Evans<sup>120</sup> e Hannah Arendt<sup>121</sup>, nos chamam a atenção para como Rosenberg era pouco consultado por Hitler em decisões que necessitavam de pragmatismo – algo que a ideologia nem sempre fornecia. Quando Hitler optou por firmar o Pacto de Não-Agressão Germano-Soviético, por exemplo, Rosenberg ficou extremamente ressentido, pois havia posicionando-se contrariamente ao pacto, e mandou cartas ao *Führer* lamentando-se dos perigos de tal aliança<sup>122</sup>.

Por mais que esse fato seja verdade, não devemos nos enganar e minimizar a importância das ideias de Rosenberg. Elas reverberaram em diversos meios, como já explicitamos: jornais, livros e, agora, discursos do próprio Hitler. Como sugeriu Robert Kempner, conselheiro-chefe dos Estados Unidos nos Julgamentos de Nuremberg, Rosenberg parece ter sido um “porta-voz do que podemos chamar de inconsciente’ do nacional-socialismo”, isto é, seu discurso teve impactos profundos e duradouros na ideologia e nas pessoas que viveram no regime direta e indiretamente. Elas entraram em contato com as ideias do estoniano por meios múltiplos, ainda que não estivessem cientes disso<sup>123</sup>. Tal constatação nos leva a mais uma frente de atuação de Rosenberg, agora com fins didáticos bem claros.

### ***O educador***

Uma das áreas essenciais para a formação do novo *Reich* era, claro, a educação. No *Mythus*, Rosenberg coloca para as escolas a tarefa de disseminar e cultivar uma história pautada pela luta entre as raças. Relembramos que tal preocupação também foi pontuada por Adolf Hitler em *Mein Kampf*. O “Estado nacionalista racista”, afirmou, “deve resumir o ensino intelectual, reduzindo-o ao que é essencial”, ou seja, a análise do passado por meio da chave da raça. Uma vez formada, essa compreensão deveria guiar a conduta dos alemães no presente e em prol da construção do futuro nacional-socialista<sup>124</sup>. Em uma

---

<sup>120</sup> EVANS, Richard. *A chegada do Terceiro Reich*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010, p. 207.

<sup>121</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 449-450.

<sup>122</sup> DAVIDSON, Eugene. *The Trial of the Germans: An account of the twenty-two defendants before the International Military Tribunal at Nuremberg*. Nova York: The Macmillan Company, 1966, p. 135.

<sup>123</sup> NOVA, Fritz. *Alfred Rosenberg: Nazi Theorist of the Holocaust*. Nova York: Hippocrene Books, 1986, p. 6.

<sup>124</sup> HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo: Editora Centauro, 2016, p. 178-179.



linha argumentativa extremamente semelhante àquela de seu *Führer*, Rosenberg defendeu uma educação que guiasse, mais do que as habilidades técnicas de seus estudantes, o seu caráter:

A primeira tarefa da educação não é a transferência de conhecimento técnico, mas a formação do caráter. Deve prover o fortalecimento daqueles valores que jazem adormecidos na parte mais profunda da essência germânica e devem ser cuidadosamente nutridos; compreendendo a totalidade de valores a que pertencem, independentemente de todos os traços individuais<sup>125</sup>.

A compreensão histórica deveria ser, portanto, amplificada. Ela deveria penetrar na vida dos cidadãos para que estes compreendam os valores que devem defender. Novamente, se o objetivo da narrativa histórica é o de criar a ficção totalitária - isto é, de moldar a realidade de acordo com os pressupostos da ideologia -, nada mais eficaz do que a tornar parte do cotidiano das pessoas por meio da sua formação escolar, intelectual e cívica. Para que essa tarefa se realize, porém, o Estado tem um importante papel a desempenhar, qual seja, o de combater o “caos intelectual” instaurado na Alemanha por meio da disputa entre diferentes modelos de ensino. Ao analisar o seu contexto, Rosenberg identifica três propostas que estariam brigando pelo predomínio no sistema educacional alemão:

o humanista sem sangue, que estrangulava o verdadeiro ímpeto da vida através de vislumbres distantes do passado e treinamento esquemático da memória; o realista, que presta homenagem ao *Zeitgeist* da tecnologia liberal; recentemente, as crescentes tentativas da Igreja de retomar o controle das escolas<sup>126</sup>.

Ainda que Rosenberg não se aprofunde nas críticas aos modelos, é possível compreender as suas insatisfações. Com relação ao chamado “modelo humanista”, este seria averso ao que o estoniano consideraria como as particularidades de cada povo racialmente determinado. A crítica ao acúmulo de “vislumbres do passado” e ao treinamento da memória foi partilhada por Hitler que indicou, em *Mein Kampf*, que “o

---

<sup>125</sup> Die allererste Aufgabe der Erziehung ist nicht technische Wissensvermittlung, sondern Charakterbildung. Stärkung jener Werte, wie sie zu tiefst im germanischen Wesen schlummern und sorgfältig hochgezüchtet werden müssen. Hier hat der Nationalstaat ohne jeden Kompromiß die Alleinherrschaft zu beanspruchen, will er bodenverwurzelte Staatsbürger erziehen, die sich einst bewußt sein sollen, wofür sie im Leben kämpfen, zu welcher Ganzheit von Werten sie ungeachtet aller Einzelzüge gehören (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 625).

<sup>126</sup> [...] des blutlos-humanistischen, welches durch Fernblicke in die Vergangenheit und schematische Gedächtnisschulung den echten Auftrieb des Lebens drosselte; des realistischen, das dem Zeitgeist der liberalistischen Technik ihre Tribute zollt; neuerdings die stärker werdenden kirchlichen Versuche, die Schulaufsicht wieder an sich zu reißen (Ibid., p. 625).

cérebro infantil não deve ser sobrecarregado com assuntos, noventa por cento dos quais são desnecessários e cedo esquecidos”<sup>127</sup>. O que era ensinado, portanto, supostamente não seria útil para a vida prática dos alemães em seu futuro, além de exaurir mentalmente os jovens sem qualquer necessidade. A crítica ao modelo liberal também não surge como uma surpresa. O liberalismo foi visto como culpado, não apenas pela crise econômica, que causou pauperização, crises no mercado financeiro e a Grande Depressão, mas também pela desintegração de valores de comunidade, pois foi erigido sobre a predominância do individual<sup>128</sup>. Assim, baseando-se na sensação generalizada de que o liberalismo não havia levado em consideração a interdependência nas sociedades modernas<sup>129</sup>, os nazistas apresentaram uma leitura racial desse processo, afirmando que o indivíduo permaneceu, por culpa do modelo liberal, alheio à relevância da comunidade determinada racialmente e da necessidade de protegê-la e preservá-la<sup>130</sup>. Por fim, a crítica à Igreja é uma reafirmação da postura do autor ao longo da obra: para Rosenberg, a instituição estaria supostamente lançando mão da educação para reafirmar os seus valores judaicos, mantendo os germânicos longe da consciência sobre a sua superioridade racial.

Todos os conteúdos presentes na educação alemã seriam vazios do ponto de vista racial e, tanto Rosenberg, quanto Hitler, afirmam que os métodos educacionais deveriam receber uma “modificação racial”<sup>131</sup>. Afinal, como afirma Hitler, “Poucos povos têm tanta necessidade de aprender história quanto o povo alemão; poucos povos a utilizam tão mal quanto o nosso. A nossa educação histórica deve ser orientada pela nossa experiência política”<sup>132</sup>. Era preciso, identificar nela, “as linhas gerais e claras da evolução”<sup>133</sup>. Apresentar um programa educacional que conseguisse fornecer tais linhas era a missão do Estado. Nesse ponto, Rosenberg não economiza em argumentos. Para ele,

o Estado-nação tem que reivindicar a supremacia absoluta sem qualquer compromisso se quiser educar cidadãos realistas que um dia devem estar cientes do que estão lutando na vida, a qual conjunto de valores

---

<sup>127</sup> HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo: Editora Centauro, 2016, p. 177.

<sup>128</sup> KENNEDY, Duncan. Three Globalizations of Law and Legal Thought: 1850-2000. In.: SANTOS, Alvaro; TRUBEK, David M. (eds). *The New Law and Economic Development: A Critical Appraisal*. Nova York: Cabridge University Press, 2006, p. 38.

<sup>129</sup> *Ibid.*, p. 38.

<sup>130</sup> CHAPOUTOT, Johann. *The Law of the Blood: Thinking and acting like a Nazi*. Trad. Miranda Richmond Mouillot. Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018, p. 189.

<sup>131</sup> *Ibid.*, p. 178.

<sup>132</sup> *Ibid.*, p. 178.

<sup>133</sup> *Ibid.*, p. 178.

eles pertencem, independentemente de todas as características individuais<sup>134</sup>.

Além disso, “na proteção dos grandes alemães reside o direito mais importante do Estado *völkisch* de se intrometer no sistema escolar”<sup>135</sup>, de modo que apenas mediante o cuidadoso exame dos conteúdos ensinados, as futuras gerações poderiam partilhar uma compreensão correta sobre os processos históricos e, por meio do conhecimento fornecido por eles, construir um *Reich* futuro que respeite os valores germânicos, renovando diariamente o seu compromisso com a raça. A “rejeição da liberdade de ensino até então costumeira e irrestrita para todas as profissões em todas as direções”<sup>136</sup> é, portanto, um ponto fundamental para a nova educação. É por meio da obediência aos ensinamentos da história racial que um conhecimento frutífero poderá ser produzido, como de fato foi, para Rosenberg, ao escrever o seu *Mythus*.

Essas alegações ganham um novo peso quando nos atentamos ao fato de que Rosenberg foi nomeado como Encarregado do *Führer* para toda formação e educação ideológica do NSDAP. O cargo munuiu o estoniano de mais meios para propagar a sua visão de mundo e direcionar o discurso que seria repassado para os membros do partido, como exemplifica Johann Chapoutot. O historiador menciona a produção de panfletos educativos produzidos pelo próprio partido e entregues aos soldados da Wehrmacht, que ecoavam, em grande medida, as afirmações feitas por Rosenberg com relação à história germânica. Para além dos panfletos institucionais, outras apropriações foram feitas desse discurso, como é o caso do panfleto “Morte e imortalidade: sabedoria indo-germânica”, de Kurt Schrötter, que reproduzia narrativas históricas acerca da origem germânica da civilização, também presentes no *Mythus*<sup>137</sup>.

Além disso, em 1937, Rosenberg começou a projetar a sua *Hohe Schule* do NSDAP. O objetivo era o de implementar um instituto educacional que estivesse de acordo com as

---

<sup>134</sup> [...] hat der Nationalstaat ohne jeden Kompromiß die Alleinherrschaft zu beanspruchen, will er bodenverwurzelte Staatsbürger erziehen, die sich einst bewußt sein sollen, wofür sie im Leben kämpfen, zu welcher Ganzheit von Werten sie ungeachtet aller Einzelzüge gehören (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch- geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 625)

<sup>135</sup> Hier im Schutz der deutschen Großen liegt das wichtigste Eingriffsrecht des Volksstaats in die Schule. (Ibid., p. 629).

<sup>136</sup> Daraus ergibt sich aber auch die Ablehnung der bisher üblichen, nach jeder Richtung unbeschränkten Lehrfreiheit für alle Berufe (Ibid., p. 629).

<sup>137</sup> CHAPOUTOT, Johann. *Greeks, Romans, Germans: How the Nazis Usurped Europe's Classical Past*. Trad. Richard R. Nybakken. Oakland: University of California Press, 2016, p. 41.

ideias colocas no *Mythus des 20. Jahrhunderts*. Rosenberg, em um memorando que enviou a Hitler, afirmou que, mesmo com a vitória do nacional-socialismo no presente,

para o futuro permanece o perigo de que as velhas ideologias possam reaparecer, a fim de formar novos grupos após esse reaparecimento e através disso transformar a vitória do movimento nacional-socialista em um mero episódio, ainda que importante, da história alemã. Parece, portanto, necessário [...] assegurar as bases para um esforço completo de educação intelectual-cultural e de visão de mundo para que uma atitude unificada possa ser transmitida às gerações futuras<sup>138</sup>.

Aqui, a educação aparece novamente como uma forma de assegurar a perpetuação da visão de mundo nazista, isto é, de manter viva a ficção totalitária criada por meio da narrativa histórica do *Mythus*. Desse modo, o autor procurou colocar em prática as concepções que desenvolveu em sua obra, e a Escola Avançada só não se tornou realidade, pois ela seria estabelecida após o fim da guerra, ainda que as preparações tivessem começado mesmo antes dela. De todo modo, isso nos demonstra a centralidade da educação, não apenas para a visão de mundo construída pelo estoniano, mas também por aquela do Terceiro *Reich* como um todo, uma vez que era um desejo partilhado com Hitler, que sancionou a construção da Escola e a unificação da educação em torno dos preceitos do *Mythus*.

Cabe pontuar, igualmente, que a educação foi, também para o estoniano, palco de disputas, o que endossa, novamente, a sua centralidade. Dessa vez, o embate foi com Henrich Himmler, Comandante militar da SS, Comandante do Exército de Reserva e General Plenipotenciário para toda a administração do *Reich*, que liderava a *Ahnenerbe Forschungs- und Lehrgemeinschaft* [Sociedade para a Investigação e Ensino da Herança Ancestral Alemã], organização dedicada a “explorar a extensão geográfica, o espírito, a conquista e a herança dos indo-alemães da raça do norte”<sup>139</sup>. A *Ahnenerbe* conduziu pesquisas e o ensino “nas ciências sociais e naturais; na história, arqueologia e no folclore”<sup>140</sup>. Ela confiscou livros e manuscritos de estudiosos judeus que pareciam de alguma forma úteis para seus propósitos e rivalizou com a já citada Força-Tarefa

---

<sup>138</sup> ROSENBERG, Alfred. *The Advanced School of the NSDAP and Its Tasks*. Memorandum from Alfred Rosenberg on June 1937 for presentation to Adolf Hitler (Excerpt). In.: LIXFELDP, Hannjost. *Folklore and Fascism: The Reich Institute for German Volkskunde*. Bloomington: Indiana University Press, 1994, p. 172.

<sup>139</sup> DAVIDSON, Eugene. *The Trial of the Germans: An account of the twenty-two defendants before the International Military Tribunal at Nuremberg*. Nova York: The Macmillan Company, 1966, p. 137.

<sup>140</sup> *Ibid.*, p. 137.

Rosenberg em vasculhar a Europa em busca de objetos culturais germânicos<sup>141</sup>, ainda que a organização do estoniano tenha, nesse caso, sido mais bem-sucedida.

### *O ministro*

Na guerra, sem deixar de lado sua face de educador com a preparação da Escola Avançada e, tampouco, abandonar as suas visões ideológicas, Rosenberg foi incumbido de um novo cargo que passou a ser o centro de sua ação: o de Ministro dos Territórios Ocupados do Leste. A nomeação ocorreu em 17 de julho de 1941 e o vasto território ocupado, agora sob o domínio dos nazistas, foi o lugar ideal para pôr em marcha as ideias pregadas no *Mythus*. Essa tarefa, entretanto, mostrou-se um tanto ambígua: se, por um lado, o Leste foi transformado em uma terra sem lei, na qual os perversos e falaciosos ideais raciais nazistas poderiam ser aplicados sem restrições; por outro, a violência utilizada pelos germânicos durante a conquista territorial fugia, justamente, ao ideal racial tal qual imaginado por Rosenberg. Em seu *Mythus*, o estoniano afirmou que os germânicos são exploradores:

Nenhuma raça enviou pesquisadores sobre pesquisadores em todo o mundo dessa maneira, que não eram apenas inventores, mas descobridores no sentido real, como o Ocidente Nórdico. Homens que transformaram o que encontraram em uma imagem do mundo. Os continentes mais escuros, os polos mais frios, as florestas tropicais primitivas e as estepes mais nuas, os mares mais distantes e os rios e lagos mais escondidos foram encontrados e as montanhas mais altas foram conquistadas. O anseio de tantos homens de todos os tempos e povos de voar pelo espaço, foi somente nos europeus que esse anseio se tornou a força que levou à invenção<sup>142</sup>.

A tarefa dos germânicos seria, desse modo, moldar o mundo, transformando o caos racial em ordem. Isso se deve ao fato de que, segundo Rosenberg, eles são dotados de uma capacidade de criação inigualável a aparecem, ao longo da história, por meio dessa capacidade. Estaria aí que a pista para identificar o sangue germânico: onde há criação, haveria germanidade. Entretanto, para manter a sua superioridade racial não basta

---

<sup>141</sup> DAVIDSON, Eugene. *The Trial of the Germans: An account of the twenty-two defendants before the International Military Tribunal at Nuremberg*. Nova York: The Macmillan Company, 1966, p. 137.

<sup>142</sup> Keine Rasse hat in dieser Weise Forscher über Forscher über den Erdball gesandt, welche nicht bloß Erfinder, sondern in wirklichem sinne Entdecker waren, wie das nordische Abendland: d. h. Männer, die das Gefundene in ein Bild der Welt umformten. Die dunkelsten Kontinente, die kältesten Pole, die tropischen Urwälder und die nacktesten Steppen, die fernsten Meere und die verborgensten Flüsse und Seen sind gefunden und die höchsten Berge sind überwunden worden. Die Sehnsucht so vieler Männer aller Zeiten und Völker, den Raum zu durchfliegen, erst im Europäer wurde diese Sehnsucht zur Kraft, die zur Erfindung führte (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 263).

desbravar: é necessário portar-se de modo superior. Se, de acordo com os nazistas, era o nacional-socialismo que elevaria a Alemanha, novamente, à glória, então os germânicos deveriam, igualmente, portar-se de modo glorioso. Para tal, era preciso ser respeitoso com os outros povos, ainda que estes fossem inferiores, pois seria o respeito que diferenciaria os germânicos da inferioridade<sup>143</sup>. A cada passo dado em direção à violência, supostamente eles se aproximariam dos judeus, considerados não apenas parasitas e pertencentes a uma raça inferior, mas uma anti-raça: o judeu seria tudo o que o germânico não é, a sua contradição, a sua ausência<sup>144</sup>.

Tendo isso em vista, não é nenhuma surpresa que Rosenberg tenha se espantado e repreendido o Marechal Wilhelm Keitel e os soldados da *Wermacht* pelo assassinato em massa de prisioneiros soviéticos e pelo tratamento desumano oferecido àqueles que foram feitos prisioneiros. De acordo com Johann Chapoutot, em uma carta enviada diretamente ao *Oberkommando der Wehrmacht* [Alto Comando das Forças Armadas], em 28 fevereiro de 1942, Rosenberg dirige-se a Keitel afirmando que “o *Reich* não estava planejando para o caos e a devastação, pelo contrário, ‘para servir aos seus próprios fins, que são a ocupação e o desenvolvimento econômico’ dos territórios ocupados. O tratamento desumano dos prisioneiros não os tornava “propagandistas pela causa alemã e nacional-socialista”, muito pelo contrário<sup>145</sup>. Com a violência empregada, esses prisioneiros não poderiam “sentir em seus corpos que o nacional-socialismo quer e pode trazer um futuro melhor para eles<sup>146</sup>”. O objetivo era libertá-los para uma vida melhor, e não os tratar do mesmo modo que os bolcheviques o faziam antes da ocupação nazista. Entretanto, os prisioneiros, quando não assassinados, foram “abandonados no clima árduo” para pegar tifo e “morrer por eliminação”<sup>147</sup>.

Não se trata, claro, de pura misericórdia: os germânicos deveriam ser superiores para que o *Reich* pudesse utilizar esses prisioneiros para a sua própria expansão. Essa utilização, entretanto, ainda seria melhor do que aquela dos bolcheviques, que

---

<sup>143</sup> Cf. CHAPOUTOT, Johann. *The Law of the Blood: Thinking and acting like a Nazi*. Trad. Miranda Richmond Mouillot. Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018, p. 272-273.

<sup>144</sup> Em seu livro *O mito nazista*, os filósofos Philippe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy, ao analisarem o *Mythus*, de Rosenberg, definem o judeu não como mera “antípoda” do germânico, mas sim a sua “contradição”, isto é, “não se trata de um *tipo* oposto, mas da ausência mesma do *tipo*” (LACOUÉ-LABARTHE, Phillipe; NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista*. Trad. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002, p. 53).

<sup>145</sup> CHAPOUTOT, 2018, p. 272.

<sup>146</sup> *Ibid.*, p. 272.

<sup>147</sup> *Ibid.*, p. 272-273.

exploravam e feriam os seus subalternos. Era preciso ter pulso firme, mas ser gentil com essas populações<sup>148</sup>. Trata-se de ordenar o mundo racialmente, colocando cada povo em seu devido lugar e fomentando o crescimento do *Reich* germânico. De todo modo, a ação de Rosenberg foi tão ambígua quanto a dos soldados, afinal, como aponta o historiador Eugede Davidson, muitas vezes as suas próprias instruções para esses mesmos soldados foram tão duras e desumanas quanto a de outros nazistas, excetuando, talvez, Himmler, responsável pelo gerenciamento dos campos de concentração<sup>149</sup>. O ideólogo, nesse momento, deixa transparecer que suas ações extrapolaram suas palavras tanto em violência, quanto em contradição. A realidade do *Reich*, nesse sentido, não deixou a desejar com relação à cruel teoria que o embasou. Além disso, ainda de acordo com Davidson, Rosenberg tendia a fazer vista-grossa quando uma violência excessiva era utilizada, desde que ajudasse a pôr em marcha os seus próprios planos expansionistas para o Leste<sup>150</sup>. Não era possível, afinal, pregar genocídio e não aceitar quando ele fosse cometido.

Não por acaso, foi a sua atuação como Ministro dos Territórios Ocupados do Leste que mais rendeu acusações nos Tribunais de Nuremberg. Rosenberg não foi acusado pelo que pensou, mas sim por como agiu<sup>151</sup> e o centro de suas ações diretamente criminosas ocorreram em seu tempo como ministro. Em seu julgamento, o ministro afirmou que estava ciente dos assassinatos em massa e considerava que isso era algo comum da guerra<sup>152</sup>. Crer que tais assassinatos eram algo “comum”, claro, pode ser uma forma de minimizar o acontecimento, uma vez que a vida de Rosenberg estava na balança da justiça. Entretanto, essa fala também endossa a ambiguidade de seus posicionamentos e nos sinaliza que o ideólogo possuía diversas faces – algumas, inclusive, que punham a ideologia de lado para pôr em marcha seus planos para o *Reich*. Com isso, não desejamos minimizar a importância da ideologia, mas sim chamar a atenção para a complexidade desse *homem mitificado* em torno da denominação de ideólogo, e mostrar que, em prol de ideologia, até mesmo o desrespeito a ela era aceitável quando se tratava da sua realização.

---

<sup>148</sup> DAVIDSON, Eugene. *The Trial of the Germans: An account of the twenty-two defendants before the International Military Tribunal at Nuremberg*. Nova York: The Macmillan Company, 1966, p. 130.

<sup>149</sup> *Ibid.*, p. 126.

<sup>150</sup> *Ibid.*, p. 130.

<sup>151</sup> *Nuremberg Trials*, Blue Series, vol. 11, p. 449.

<sup>152</sup> *Ibid.*, p. 563.

Jornalista, escritor, crítico de arte, educador e ministro: essas são apenas algumas das faces do ideólogo Rosenberg. Não pretendemos, aqui, exaurir as possibilidades analíticas em torno da figura do estoniano, mas tentamos, por meio dela, compreender melhor, não só o *homem*, mas o *Mythus*, obra que guiou e desviou a sua conduta. Para colocar a ideologia em movimento, enfim, valia tudo. Também buscamos demonstrar, por meio da análise da atuação do autor, a importância do livro que, em suas originais mais de 700 páginas, abordou inúmeros assuntos de interesse de Rosenberg e do *Reich*. Passaremos, assim, à análise da construção da obra e buscaremos compreender as ambiguidades que a cercam. Diante de tantas incongruências na postura do autor, não é nenhuma surpresa que elas estejam presentes, também, no *Mythus*.

### **1.2 Entre a militância e a ciência: caminhos até *Der Mythus des 20. Jahrhunderts***

*O Mythus abriu hoje sulcos profundos e indelévels na vida emocional do povo alemão. Cada nova edição é uma indicação clara de que uma revolução espiritual e mental decisiva está se transformando em um evento histórico*<sup>153</sup>.

Ao mencionar o trecho supracitado nos Julgamentos de Nuremberg, a acusação conectou as ações de Rosenberg como ministro e a ideologia presente no *Mythus*. O trecho, escrito pelo estoniano para celebrar a venda de 500 mil cópias da obra, nos indica a interpretação que o autor deu ao sucesso de vendas de seu livro: o interesse no *Mythus* significava uma revolução da mentalidade alemã. De fato, o nacional-socialismo trouxe uma verdadeira mudança na percepção da realidade para os alemães, talvez com um dos saldos mais trágicos da história. O *Mythus* foi, nesse sentido, uma pedra fundamental sobre a qual a ideologia foi erigida – tanto por sua difusão direta, por meio do sucesso de vendas, quanto pela indireta, por meio de jornais, panfletos, discursos do próprio Rosenberg e, até mesmo, discursos de Adolf Hitler. O caminho até a sua construção não foi, entretanto, retilíneo. Como acabamos de demonstrar, Rosenberg agiu em diversas frentes ao longo dos, aproximadamente, dez anos entre o início da sua atuação intelectual e o lançamento do *Mythus*. Desse modo, foi ao longo do tempo que o estoniano construiu seus diálogos intelectuais e forjou o pensamento que culminou na obra lançada em 1930.

---

<sup>153</sup> Der “Mythus” hat heute tiefe, nicht mehr auszutilgende Furchen in das Gefühlsleben des deutschen Volkes gezogen. Immer neue Aufgaben sind ein deutliches Zeichen dafür, daß ein entscheidender geistig-seelischer Umbruch zu einem geschichtlichen Ereignis heranwächst (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 18).



Ambígua, como o próprio autor, ela ocupa um lugar propositalmente peculiar, oscilando entre a militância e a ciência.

Da militância, provém o discurso antissemita, racista e misógino presente na própria ideologia nazista, assim como em outros movimentos da época e, até mesmo, da atualidade. Da ciência da época provém a credibilidade dessa mesma ideologia. Em busca de legitimação, o estoniano lançou mão de discursos do racionalismo e da historiografia. Por meio dessa mobilização, Rosenberg objetivava gerar uma sensação de que não eram meros preconceitos e discursos de ódio que embasavam o *Mythus* e o nacional-socialismo, mas sim um conhecimento válido<sup>154</sup>. Com isso no horizonte, tentaremos investigar, na busca por uma melhor compreensão sobre a obra e seu autor, os caminhos de Rosenberg na construção de seu pensamento, começando pelo contraste com a sua primeira obra, *Die Spur des Juden im Wandel der Zeite*, e, depois, passando aos seus diálogos intelectuais.

### **No rastro do Mythus**

Em *Die Spur des Juden im Wandel der Zeite*, Rosenberg qual ele realiza, de modo análogo ao *Mythus*, um trabalho com a história. Esse é um aspecto interessante, pois aponta para a centralidade que o autor deu para a história, não apenas no *Mythus*, mas em seu pensando de modo mais amplo. Em *Die Spur*, não encontramos indicações com relação à criação de um método racial para o estudo da história, que viria a ser um aspecto central do *Mythus*. Porém, em sua análise, o autor parece já aplicar um pouco dessa proposta. O seu objetivo central em *Die Spur* é realizar um estudo histórico acerca da presença judaica na Terra, apontando sempre para a inferioridade dos judeus e para todos os supostos problemas que a sua existência trouxe aos demais povos do mundo, especialmente os germânicos. Esse aspecto diverge em muito de seus objetivos no *Mythus*, quando está preocupado em analisar a história de modo holístico, preocupando-se com todas as raças.

Mobilizando a história, Rosenberg inicia a sua narrativa em ambos os livros em tempos um tanto remotos: em *Die Spur*, seu marco inicial é a diáspora judaica, e, no *Mythus*, a origem da civilização como um todo. A razão para essa diferença é um tanto simples: enquanto na última obra o autor está preocupado em forjar um novo mito

---

<sup>154</sup> BAJOHR, Frank; MATTHÄUS, Jürgen (orgs). *Os diários de Alfred Rosenberg, 1934-1944*. Trad. Cláudia Abeling. São Paulo: Planeta, 2017, p. 23.

fundacional para a humanidade, na primeira ele apenas busca sinalizar o momento de suposta “infiltração” dos judeus nas diferentes sociedades do mundo e aponta para a danosa miscigenação racial que daí decorreria. Assim, em *Die Spur*, ele não forja nenhuma origem nova, mas apenas aponta para os equívocos interpretativos que circundariam a história dos judeus como estava estabelecida naquele momento. Uma estratégia discursiva recorrente ao longo de seu primeiro livro é uma espécie de retórica da realidade invertida, na qual ele coloca os germânicos como vítimas dos judeus e, estes, como algozes que, por meio de um discurso histórico mentiroso, construíram uma imagem de si próprios como vítimas. Um exemplo disso é a utilização que Rosenberg faz da obra do historiador alemão e judeu do século XIX Levi Herzfeld que, de acordo com o estoniano, teria narrado um assentamento voluntário dos judeus fora de Jerusalém. Assim, não haveria expulsão que geraria a diáspora: seriam os próprios judeus que, em sua ânsia por dominar o mundo, teriam, de bom grado, se espalhado pela Terra<sup>155</sup>.

É interessante notar que, nos Julgamentos de Nuremberg, Rosenberg se refere ao estudo que realizou dos historiadores judeus, apontando que foi o contato com as obras deles que fomentou o seu interesse pela história<sup>156</sup>. Sem citar nomes, o estoniano responsabiliza os judeus pelo antissemitismo, pois o desejo de separação e diferenciação supostamente seria dos próprios judeus. Assim, Rosenberg afirma não ter precisado de uma literatura especificamente antissemita para firmar a sua posição favorável à exclusão dos judeus da vida em comunidade na Alemanha<sup>157</sup>. Ele vai além em sua argumentação, utilizando uma retórica muito similar à que encontramos em *Die Spur*, para abordar a questão da deportação dos judeus do território alemão durante o regime nazista, de modo que a realocação da responsabilidade se torna evidente:

Pareceu-me que depois de uma época de emancipação generosa no curso dos movimentos nacionais do século XIX, uma parte importante da nação judaica também encontrou seu retorno à sua própria tradição e natureza, e cada vez mais conscientemente se segregou de outras nações. Foi um problema que foi discutido em muitos congressos internacionais, e Buber em particular, um dos líderes espirituais do judaísmo europeu, declarou que os judeus deveriam retornar ao solo da Ásia, pois somente ali poderiam as raízes do sangue judeu e da nacionalidade judaica ser encontrados<sup>158</sup>.

---

<sup>155</sup> ROSENBERG, Alfred. *Die Spur des Juden im Wandel der Zeiten*. Munique: Zentralverlag der NSDAP, 1937, p. 7.

<sup>156</sup> *Nuremberg Trials*, Blue Series, vol. 11, p. 451.

<sup>157</sup> *Nuremberg Trials*, Blue Series, vol. 11, p. 451.

<sup>158</sup> *Nuremberg Trials*, Blue Series, vol. 11, p. 451-452.

Assim, ele mobiliza um discurso favorável à independência judaica e à criação de um Estado-nacional judaico para defender indiretamente a política genocida do Terceiro *Reich*, uma vez que este estaria apenas levando a cabo um desejo dos próprios judeus, isto é, de ter um território capaz de abrigar a sua população. Novamente, Rosenberg mobiliza uma narrativa inversa ao que de fato ocorreu, isto é, a inicial deportação de judeus da Alemanha para territórios estrangeiros visando à purificação das raças dentro do solo germânico e o posterior extermínio. Desse modo, ainda que a diferença entre os objetivos de *Die Spur* e do *Mythus* e a diluição dos discursos de ódio neste último, que são evidentes no primeiro, possam ser um sinal do amadurecimento intelectual e da mudança de postura do estoniano, alguns traços de seu pensamento e do modo como ele se portava se mantiveram firmes através dos anos, como pudemos perceber no trecho supracitado dos Julgamentos.

De modo similar, ao passo que alguns temas de *Die Spur* foram praticamente abandonados no *Mythus*, como é o caso da maçonaria e da usura, outros voltam com toda a força, como a questão da Revolução Russa, nomeada pelo autor como judaica-russa e a presença judaica na Primeira Guerra Mundial ao lado da Tríplice Entente. Ambos os eventos ganham uma importância específica e cabal na narrativa da história racial do *Mythus*. Além disso, Rosenberg faz, ao final de *Die Spur*, uma sugestão de direcionamento para o futuro um tanto tímida quando comparada ao terceiro livro de seu *Mythus*, integralmente dedicado à construção do *Reich* vindouro. Tal diferença nos parece sintomática com relação ao seu próprio contexto. Se, em 1920, a possibilidade de atuar pragmaticamente sobre a realidade da sociedade alemã parecesse distante ou inviável, em 1930, Rosenberg encontrava-se muito mais próximo a essa intervenção. Sua carreira política no NSDAP se concretizava, não só por sua atividade intelectual, mas também pelo seu envolvimento direto na política alemã que culminou em sua eleição para o Parlamento. É certo que o estoniano não poderia ter previsto sua ascensão a representante do NSDAP enquanto escrevia o *Mythus*, mas esta não foi gratuita: Rosenberg buscou, também, esse lugar público para defender as suas ideias e aquelas do movimento do qual participava.

Além disso, em termos teóricos, é possível refletir sobre a urgência crescente de levar a cabo uma mudança radical na realidade alemã. Como assinala Johann Chapoutot, os nazistas frequentemente empregavam o termo *Not*, que significava, ao mesmo tempo, a “angústia em uma situação objetivamente perigosa, a necessidade urgente de agir para

remediar essa angústia e a necessidade de realizar a ação necessária”. A ameaça era vista como biológica: a Alemanha estaria sangrando e a perda da pureza do sangue alemão seria, na perspectiva nazista, o equivaleria à decadência definitiva dos germânicos. Rosenberg viveu e agiu nesse contexto, o que nos ajuda a compreender a grande diferença entre as tímidas sugestões de encaminhamentos futuros feitas em *Die Spur* e a grande intervenção proposta no *Mythus*. Tendo isso em vista, parece-nos interessante e pertinente analisar, ainda de que modo breve, as indicações finais feitas em *Die Spur*. Refletir sobre as possíveis aproximações e distanciamentos entre sua primeira obra e o *Mythus* nos parece proveitoso para compreender melhor a trajetória de Rosenberg e as mudanças na sua relação com a temporalidade.

Começando pela Revolução Russa, o estoniano a identifica, em *Die Spur*, como a prova cabal do desejo dos judeus de destruírem não só a Alemanha, mas toda a civilização. Segundo ele,

Até mesmo o homem mais atrasado percebe, inconsciente das necessárias conexões históricas, que os líderes não se preocupavam com o seu bem-estar, mas sim com a destruição da civilização. A prova da existência dessa sangrenta realidade é a Revolução Russa, cujo curso foi um silêncio nos jornais liberais e judaicos, e até mesmo os jornais de direita não ousaram publicar para preservar o front doméstico<sup>159</sup>.

O desejo pela destruição, aos seus olhos, não poderia ser de nenhuma outra raça que não a judaica. Assim, Rosenberg constrói um quadro no qual, a partir da sua própria experiência, ele passa a alertar os leitores sobre os perigos do bolchevismo, movimento majoritariamente liderado e controlado pelos judeus. “Que o bolchevismo russo foi, e é, tal [como descrito] não se pode duvidar”<sup>160</sup>, ele afirma, e segue com as reflexões a partir da sua própria experiência, afirmando que esta corresponde inequivocadamente à realidade:

Difícilmente pode haver qualquer dúvida de que o bolchevismo russo foi e é tal coisa. Viajei pela Rússia de 1917 a janeiro de 1918 de São Petersburgo à Crimeia e devo afirmar que (posso excluir algumas coisas

---

<sup>159</sup> Und zwar so nackt zutage, daß auch dem unvoreinge nommensten Menschen, der von den notwendigen geschichtlichen Zusammen hängen keine Ahnung bat, zum Bewußtsein kommen muß, daß er sein Vertrauen schlaun und beredten Führern angedeihen ließ, die nicht sein Wohl, sondern die Zerstörung aller mühselig erworbenen Gesittung im Auge hatten. Den zur blutigen Wahrheit gewordenen Beweis dafür gibt uns die russische Revolution, von deren Hergang liberale bzw. jüdische Blätter ein Stillschweigen bewahren, das zu ihrem sonstigen Getue im merk würdigsten Verhältnis steht; die rechtsstehenden Zeitungen aber unter: drückten während des Krieges die eine solch deutliche Sprache redenden Daten, um die innere Front zu wahr. (ROSENBERG, Alfred. *Die Spur des Juden im Wandel der Zeiten*. Munique: Zentralverlag der NSDAP, 1937, p. 110).

<sup>160</sup> *Ibid.*, p. 138.

como acidentais) onde quer que os bolcheviques apareciam nas universidades, nas reuniões de rua, nos conselhos de trabalhadores, 90 de 100 eram judeus. Além disso, eu os encontrei com o jornal “Pravda” (o órgão bolchevique) debaixo do braço na Crimeia em hospitais de soldados (a Crimeia foi ocupada por eles), e muitos relatórios da frente também revelaram quase nada além de forças judaicas de desintegração. Apesar de tudo, eu não teria o direito de considerar essas experiências pessoais como características do movimento bolchevique se os fatos independentes não dissessem a mesma coisa<sup>161</sup>.

Nesse momento, Rosenberg começa a delinear, talvez, uma ideia que retorna no *Mythus*, qual seja, a de sua posição privilegiada para narrar os acontecimentos – do passado ou do presente. Em sua grande obra, isso ganhou contornos ainda mais coerentes com o seu objetivo de construir uma história racial. Ao reescrever história no *Mythus*, Rosenberg considera que possui um talento especial para realizar essa tarefa. Um talento que a sua raça lhe forneceu: como ele próprio sinaliza, o germânico é o verdadeiro mestre da ciência histórica<sup>162</sup>. Tal percepção já havia sido empiricamente comprovada em seu *Die Spur*, como sinalizamos acima. Desse modo,

os alemães são diferentes de outros povos ou raças por serem um povo com um dom para a história, mas a questão aqui é diferente. Porque o teutão, especialmente o alemão, sentiu ou pelo menos sentiu conscientemente o valor e a dignidade da personalidade em seu ser interior mais profundo; [...] é por isso que, por um sentimento vivo, pela maior atividade da alma, ele foi levado a observar, explorar, sondar seus semelhantes. Por isso ele entendia a história como o desenvolvimento da personalidade de um povo, por isso procurou sob os escombros e escombros de milhares de anos evidências da força humana<sup>163</sup>.

A multiplicidade de narrativas sobre o passado foi, portanto, descartada. Assim, apenas um sujeito – o germânico – pode compreendê-lo e escrever sobre ele de modo

<sup>161</sup> Ich habe Rußland von 1917 bis zum Januar 1918 von Petersburg bis zum Krim bereist und muß feststellen, daß (ich kann dabei manches als zufällig ausschalten), wo an Universitäten, auf Straßenversammlungen, Arbeiterräten Bolschewisten auftraten, 90 von 100 Juden waren. Zudem habe ich sie mit der Zeitung „Prawda“ (dem bolschewistischen Organ) unterm Arm in der Krim in Soldaten lazaretten (die Krim war mit ihnen besetzt) getroffen, und viele Nachrichten von der Front ließen auch kaum andere als jüdische Kräfte der Zersetzung hervortreten. Trotz allem hätte ich nicht das Recht, diese persönlichen Erfahrungen als charakteristisch für die bolschewistische Bewegung anzu sehen, wenn die davon unabhängigen Tatsachen nicht dasselbe aussagen würden. (ROSENBERG, Alfred. *Die Spur des Juden im Wandel der Zeiten*. Munique: Zentralverlag der NSDAP, 1937, p. 112).

<sup>162</sup> Herrn der Geschichtswissenschaft (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch- geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 269).

<sup>163</sup> [...] die Deutschen seien von anderen Völkern oder Rassen dadurch verschieden, daß sie ein Volk mit Begabung für Geschichte wären Vielmehr liegt hier etwas anderes vor. Weil der Germane, besonders der Deutsche, im tiefsten Innern Wert und Würde der Persönlichkeit fühlte oder doch bewußt ahnte; [...] deshalb, aus einem lebendigen Gefühl, aus größter Aktivität der Seele zog es ihn, seinen Mitmenschen zu beobachten, zu erforschen, zu ergründen. Deshalb verstand er Geschichte als die Entwicklung einer Volkspersönlichkeit, deshalb suchte er unter Schutt und Trümmern der Jahrtausende nach Zeugnissen einer Menschenkraft (Ibid., p. 269).

verdadeiro. Negar a possibilidade de narrar o passado parece-nos, também, uma negação da possibilidade de se ter uma história. Afinal, se a caminhada humana no tempo possui apenas um protagonista, qual seria a relevância de narrar a experiência dos demais? A trajetória germânica seria a única que importaria, apagando os outros sujeitos – do passado, do presente, do futuro. A capacidade para a escrita da história seria transmitida, assim, de vencedor a vencedor<sup>164</sup>, bem como o seu conteúdo. O vencedor seria, claro, o germânico, cuja vitória foi pré-determinada pela superioridade da sua raça.

Com relação à Primeira Guerra, de volta ao *Die Spur*, Rosenberg afirma que ela foi o momento em que a oposição dos judeus aos germânicos se tornou mais evidente. Por trás dos governos da França, Inglaterra, Itália e Estados Unidos estariam judeus ricos e influentes. Os judeus não seriam, desse modo, apenas um “Estado dentro de um Estado”, mas sim um “Estado acima dos Estados”, cujo centro político seria Londres<sup>165</sup>. A evidência para tal afirmação estava no fato de que durante a guerra, os objetivos nacionais do judaísmo, liderados internacionalmente, foram coincidentes com os do Império Britânico<sup>166</sup>. Novamente, Rosenberg mobiliza os jornais para comprovar o seu ponto de vista, afirmando que “os insultos mais amargos feitos à Alemanha vieram dos jornais dirigidos por judeus e naturalmente apoiados com prazer pelos Estados da Entente devido ao seu sentimento anti-germânico”<sup>167</sup>. A dominação judaica estaria, supostamente, acontecendo a todo vapor e o que uniria as nações, apesar das suas diferenças, era o desejo de destruir a Alemanha<sup>168</sup>.

No *Mythus*, a Primeira Guerra retorna à narrativa com um lugar mais do que especial: temporalmente, ela se torna uma oportunidade de liberdade para os germânicos, que estariam envolvidos em sucessivas batalhas contra os judeus. A partir de 1918, entretanto, estaria lançada a chance para escapar dessa circularidade. Além disso, a Primeira Guerra teria sido o momento que forjou o novo tipo ideal ariano, a partir da experiência dos soldados que morreram no front pela honra de seu país. Esse foi o

---

<sup>164</sup> BENJAMIN, Walter *apud*. LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 70.

<sup>165</sup> Man fagt, das Judentum bilde einen Staat im Staate. Das ist aber nur eine balbe Mabrbeit; denn viel wichtiger ist es, zu betonen, daß es einen Staat über den Staaten darstellt (ROSENBERG, Alfred. *Die Spur des Juden im Wandel der Zeiten*. Munique: Zentralverlag der NSDAP, 1937, p. 82-83).

<sup>166</sup> *Ibid.*, p. 83.

<sup>167</sup> Die bittersten Beschimpfungen Deutschlands erlangen aus den von Juden geleiteten und ihrer Maren antideutschen Be finnung wegen von den Staaten der Entente natürlic gern unterstützten Blättern (*Ibid.*, p. 83).

<sup>168</sup> *Ibid.*, p. 84.

sacrifício necessário para que os demais germânicos despertassem, em si próprios, o mesmo sentimento de honra com relação ao país; sentimento este que os levaria espiritualmente até o novo *Reich*.

Após longas reflexões históricas sobre os judeus em sua primeira obra, Rosenberg decide realizar uma reflexão sobre o caminho percorrido para finalizar o seu estudo. Segundo ele,

Para avaliar o perigo judaico, tivemos que seguir os rastros do judeu, observar como ele se sentia, pensava e agia e lançava luz sobre o que era necessário e recorrente. Só é possível combater o perigo da judaização se soubermos disso e nutrirmos conscientemente o nosso ser<sup>169</sup>.

Após a construção dessa base de conhecimentos sobre os judeus, ele poderia então dirigir-se aos seus leitores e partilhar, com eles, as suas ideias para o futuro. Rosenberg estipula oito diretrizes de ação e de identificação dos judeus na sociedade alemã, que foram, inclusive, direta ou indiretamente, efetivadas pelo Terceiro *Reich*: em seus dois primeiros pontos, ele estipula que “Os judeus são reconhecidos como uma nação que vive na Alemanha. A fé religiosa ou a falta dela não desempenham nenhum papel” e que “Um judeu é aquele cujos pais, pai ou mãe, são judeus de acordo com esta nacionalidade; um judeu é doravante aquele que tem uma esposa judia”<sup>170</sup>. Há aqui uma definição racial dos judeus, algo que foi empregado no *Mythus* e posteriormente retomado pelo regime nazista, por exemplo, com a promulgação das Leis de Nuremberg<sup>171</sup>. A primeira lei que compôs o pacote foi a Lei de Cidadania do *Reich*, que estabeleceu uma definição racial dos judeus, estipulando que pessoas com três ou mais avós nascidos judeus seriam consideradas judias, a despeito de sua religião, de modo extremamente similar ao que afirmou Rosenberg. A segunda lei denominada Lei de Proteção do Sangue e da Honra Alemã proibiu o matrimônio entre judeus e não-judeus, além de ter criminalizado relações sexuais entre tais pessoas. Caso uma pessoa alemã se relacionasse sexualmente com uma pessoa judia, tal ato seria considerado como poluidor da raça. Ainda que não diretamente relacionada com as diretrizes do estoniano em *Die Spur*, é possível inferir, a partir da

---

<sup>169</sup> Um die jüdische Gefahr einzuschätzen, mußten wir den Spuren des Juden nachgehen, mußten die Art seines Fühlens, Denkens, Handelns beobachten und das Notwendige, immer Wieder kehrende beleuchten. Nur aus dieser Erkenntnis und dem bewußten Pflegen unseres Wesens ist es möglich, der Gefahr der Verjudung entgegenzu treten (ROSENBERG, Alfred. *Die Spur des Juden im Wandel der Zeiten*. Munique: Zentralverlag der NSDAP, 1937, p. 152).

<sup>170</sup> *Ibid.*, p. 152.

<sup>171</sup> UNITED STATES HOLOCAUST MUSEUM. *As Leis de Nuremberg*. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/nuremberg-laws>. Acesso em: 27/04/2022.

afirmação que “um judeu é doravante aquele que tem uma esposa judia”, que, apesar de não ser racialmente um judeu, uma pessoa que relacionasse com alguém judeu seria, conseqüentemente, tão impuro quanto ele. Tal ideia estaria, enfim, no mesmo sentido que a segunda Lei de Nuremberg<sup>172</sup>.

Outros aspectos mencionados pelo autor são o trabalho e a candidatura de judeus a cargos políticos. Nesse sentido, as diretrizes de Rosenberg também estão em consonância com as posteriores atitudes do Terceiro *Reich*. O estoniano estipulou que

3. Os judeus não têm o direito de lidar com a política alemã em palavras, escritos e atos;
4. Os judeus não têm o direito de ocupar cargos estatais e servir no exército como soldados ou oficiais. Para isso, o desempenho no trabalho entra em questão;
5. Os judeus não têm o direito de ser diretores de instituições culturais estaduais e municipais (teatros, galerias, etc.) e de ocupar cargos de professores e professores em escolas e universidades alemãs;
6. Os judeus não têm o direito de participar de comissões estaduais ou municipais de exame, controle, censura, etc. Os judeus não têm o direito de representar o *Reich* alemão em acordos econômicos; eles também não têm o direito de ser representados no conselho de administração de bancos estaduais e instituições de crédito municipais<sup>173</sup>.

Desde 1933, alguns desses pontos foram, efetivamente, transpostos para a prática por meio de leis ou proibições de outras naturezas, como a Lei para o Restabelecimento do Serviço Público Profissional (1933), que demite os judeus de cargos governamentais; a Lei dos Editores (1934), que proíbe judeus de exercerem cargos editoriais; a Lei Militar (1935), que expulsa os oficiais judeus do exército alemão (1935); e a proibição de professores judeus lecionarem em escolas, feita pelo Ministério da Educação (1936)<sup>174</sup>.

<sup>172</sup> UNITED STATES HOLOCAUST MUSEUM. *As Leis de Nuremberg*. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/nuremberg-laws>. Acesso em: 27/04/2022.

<sup>173</sup> 3. Die Juden haben nicht das Recht, sich in Wort, Schrift und Tat mit deutscher Politik zu befassen; 4. Die Juden haben nicht das Recht, Staatsämter zu bekleiden und in der Armee weder als Soldaten noch als Offiziere zu dienen. Dafür kommt Arbeitsleistung in Frage; 5. Die Juden haben nicht das Recht, Leiter in staatlichen und kommunalen Kulturanstalten zu sein (Theater, Galerien usw.) und Professoren und Lehrerstellen an deutschen Schulen und Hochschulen zu bekleiden; 6. Die Juden haben nicht das Recht, in staatlichen oder kommunalen Prüfungs-, Kontroll-, Zensur- usw. Kommissionen mitzuwirken. Die Juden haben nicht das Recht, das Deutsche Reich bei wirtschaftlichen Abkommen zu vertreten; sie haben auch nicht das Recht, im Direktorium der Staatsbanken und der kommunalen Kreditinstitute vertreten zu sein (ROSENBERG, Alfred. *Die Spur des Juden im Wandel der Zeiten*. Munique: Zentralverlag der NSDAP, 1937, p. 152-153).

<sup>174</sup> UNITED STATES HOLOCAUST MUSEUM. *Exemplos de Legislação Anti-Semita: 1933-1939*. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/examples-of-antisemitic-legislation-19331939>. Acesso em: 27/04/2022.



Assim, é possível inferir que as opiniões de Rosenberg eram compartilhadas, desde o início do regime, pelos seus adeptos. De modo análogo, suas ideias tiveram reverberações e impactos na cena pública alemã, especialmente para os judeus que viveram no regime de Hitler.

Além disso, Rosenberg também sugeriu que judeus estrangeiros não tivessem o direito de “se estabelecer permanentemente na Alemanha” e que “O sionismo deve ser ativamente apoiado para transportar um certo número de judeus alemães anualmente para a Palestina ou geralmente através das fronteiras”<sup>175</sup>. Aqui, é possível traçar, novamente, uma relação com a declaração dada por Rosenberg no banco de réus em 1945. Se lá ele afirmou que a deportação de judeus era algo que apenas correspondia ao desejo dessa mesma população, aqui, o sionismo, ainda que do interesse desta, deve ser mobilizado visando a diminuição do contingente populacional judaico na Alemanha. De uma forma, ou de outra, o objetivo era realizar uma limpeza étnica em território alemão.

Ao sobrevoar algumas das temáticas presentes em *Die Spur*, é possível identificar as raízes de diversas ideias que terminaram por conformar, a longo prazo, o trabalho intelectual do estoniano. Essa obra, escrita pelo jovem Alfred Rosenberg, muito antes de este receber o seu título de ideólogo, nos parece mais militante, de fato, porém não menos relevante, tendo em vista as possíveis reverberações das ideias presentes nela no espaço público. Tentamos, com essa análise, também e retrospectivamente, acompanhar o *rastr*o de ideias que nos leva até o *Mythus*, abordando possíveis aproximações entre ambas e procurando compreender os inícios presentes no pensamento do estoniano. Assim, passaremos agora à análise dos diálogos intelectuais de Rosenberg que, sempre indiretos e oblíquos, não tornam o percurso mais fácil. Entretanto, em virtude da relevância de tais intercâmbios, acreditamos que valeria o esforço de tentar mapear, ainda que tortuosamente, o conjunto de autores e ideias que forneceram, a Rosenberg, argumentos para a construção de seu *Mythus*.

### ***Intercâmbios intelectuais: do racionalismo à historiografia***

---

<sup>175</sup> 7. Ausländische Juden haben nicht das Recht, sich dauernd in Deutschland anzusiedeln. Aufnahme in den deutschen Staatsverband ist ihnen unter allen Umständen zu verweigern; 8. Der Zionismus muß tatkräftig unterstützt werden, um jährlich eine zu bestimmende Zahl deutscher Juden nach Palästina oder überhaupt über die Grenze zu befördern (ROSENBERG, Alfred. *Die Spur des Juden im Wandel der Zeiten*. Munique: Zentralverlag der NSDAP, 1937, p. 153).

O comprometimento de Rosenberg, em seu *Mythus*, está claro desde o prefácio: o autor deseja promover a “fundação de um estudo racial para a história”. Tal proposta não é plenamente original, mas se dá, aos olhos do autor, em um momento emblemático para que seja ouvida. A história racial de Alfred Rosenberg remonta principalmente às compreensões descritas pelo inglês Houston S. Chamberlain em *Die Grundlagen des neunzehnten Jahrhunderts* [*Fundações do Século XIX*]. Como afirma Richard Evans, Chamberlain teria sido a grande fonte de inspiração de Rosenberg, inclusive para o título da obra, em que o estoniano alude claramente ao inglês<sup>176</sup>. Chamberlain era visto como o criador da teoria de que, “se o sangue germânico desaparecesse da Europa, toda a cultura ocidental iria com ele”<sup>177</sup>. Admirador da cultura germânica, antidemocrático e antissemita, Chamberlain advogava em prol do nacionalismo e do racismo. Em seu trabalho sobre o século XIX, ele buscava

interpretar a história ocidental em termos de um confronto racial e sustentava a superioridade racial dos arianos, mais especificamente dos germânicos. Ele previa que o Ocidente iria cair, assim como o Império Romano havia caído anteriormente, se fosse permitido às raças “inferiores” continuar o seu trabalho de desintegração em meio à raça superior branca<sup>178</sup>.

Desse modo, reconhecer os germânicos como os fundadores de novas civilizações e culturas mostrava-se como o ponto central para evitar tal decadência<sup>179</sup>, argumento também ferrenhamente defendido por Rosenberg. A ausência desse reconhecimento, para Chamberlain, tinha tido resultados terríveis no passado e no presente. “Era a tragédia histórica da Europa, assim como foi a tragédia da Antiga Índia e Pérsia” ele afirmou, “que a sua cultura e espírito tiveram que evoluir em meio ao atoleiro semítico-sírio”<sup>180</sup>. A mesma batalha, portanto, se repetiria através dos séculos: germânicos uniam-se para combaterem formas degeneradas, sem raça e antinacionais, como ocorrera no Império Romano, que estava, em seus últimos dias, em caos racial<sup>181</sup>. Reconhecer essa eterna luta era essencial para que ela pudesse encontrar o seu fim e a principal ferramenta para alcançar esse objetivo era, como afirma Chamberlain, o nacionalismo. Assim, o “homem moderno deve lutar a batalha dos velhos germânicos em prol de uma forma germânica de

---

<sup>176</sup> EVANS, Richard. *A chegada do Terceiro Reich*. São Paulo: Editora Planeta, 2010, p. 188.

<sup>177</sup> NOVA, Fritz. *Alfred Rosenberg: Nazi Theorist of the Holocaust*. Nova York: Hippocrene Books, 1986, p.11.

<sup>178</sup> *Ibid.*, p. 12.

<sup>179</sup> *Ibid.*, p. 12.

<sup>180</sup> CHAMBERLAIN, Houston S. *apud*. NOVA, op. cit., 12.

<sup>181</sup> NOVA, op.cit., p. 13.

vida racial, espiritual e política”<sup>182</sup>. O autor negava, desse modo, ideias como aquelas de igualdade defendidas pela Revolução Francesa, consideradas como caóticas e desrespeitosas. Elas deveriam ser superadas para dar lugar ao idealismo de Lutero, Kant e Goethe<sup>183</sup>, favoritos também de Rosenberg. O século XIX, portanto, havia-se tornado, para Chamberlain, o século das raças<sup>184</sup>.

Entretanto, o autor não estava certo de que o termo “ariano” poderia ser aplicado aos ancestrais dos gregos helênicos ou aos indianos “originais”, chegando a questionar se as denominações “ariano” e “semita” seriam adequadas para a designação das raças. Ele não demonstrava certeza, igualmente, com relação à pureza racial: haveria existido, no passado, um ariano puro? Não seria possível dizer. Talvez, ele argumentava, a mistura racial pudesse ser desejável, a depender de como fosse feita. Uma coisa, porém, era certa: “a comunidade racial deu ao homem uma sensação de coesão e firmeza interior, em contraste com os povos racialmente mistos que sofriam de uma sensação de desarmonia e insegurança”<sup>185</sup>. Tais desarmonia e insegurança foram detectadas por Rosenberg no início do *Mythus*, no qual é realizada uma contextualização sobre o colapso dos sistemas estatais da sua atualidade, todos sem forma definida, todos mistos racialmente<sup>186</sup>.

Em suas originais 700 páginas, a obra de Rosenberg se apresenta em débito com a de Chamberlain. As discussões raciais e os ataques à Igreja e ao Império Romano remontam às ideias do pensador inglês, por quem o estoniano não escondia sua admiração. De acordo com Geoffrey Field, biógrafo de Chamberlain, o jovem Alfred Rosenberg descobriu *Die Grundlagen des neunzehnten Jahrhunderts* em 1909, em Riga, e alegou que esse teria sido o ponto de partida da sua educação<sup>187</sup>. Em 1927, Rosenberg referiu-se ao trabalho como uma “companhia indispensável na luta que se aproxima pela liberdade germânica”<sup>188</sup>. Se o século XIX havia sido o século *das raças*, poder-se-ia dizer que, para Rosenberg, o século XX seria o século *da raça*, a germânica, da qual toda a civilização dependia. Ao contrário de Chamberlain, o estoniano não demonstra dúvidas sobre o eterno embate entre semitas e arianos – assim referidos – e aponta que, de fato,

---

<sup>182</sup> NOVA, Fritz. *Alfred Rosenberg: Nazi Theorist of the Holocaust*. Nova York: Hippocrene Books, 1986, p. 13.

<sup>183</sup> *Ibid.*, p. 13.

<sup>184</sup> *Ibid.*, p. 15.

<sup>185</sup> *Ibid.* p. 15-16.

<sup>186</sup> ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch- geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p.1.

<sup>187</sup> FIELD, Geoffrey. *apud* NOVA, op. cit., p. 17.

<sup>188</sup> ROSENBERG, Alfred. *apud* NOVA, op. cit., p. 17.

houve misturas, mas, apesar delas, ainda era possível identificar a superioridade e a pureza. Se por um lado algumas culturas e raças se perderam em virtude da miscigenação; por outro, ainda existiria uma na qual a verdadeira capacidade para criar e dominar manteve-se intacta: claro, a raça germânica.

Além de Chamberlain, principal ponto de referência para Rosenberg, sua obra também é devedora de outros teóricos anteriores que buscaram desenvolver interpretações pautadas pela raça para desvendar os mistérios do processo histórico, bem como sugerir propostas para a construção do futuro. Entre eles, pode-se citar Arthur de Gobineau, um diplomata francês que, vivendo na pele as reverberações da Revolução Francesa e as “crescentes reivindicações igualitárias que varreram o século XIX”, escreveu o seu *Essai sur l'inégalité des races humaines* [*Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*], no qual argumentava em prol da diferença inerente entre as raças humanas. Oscilando entre a já estabelecida concepção da raça-linhagem<sup>189</sup> e a incipiente conceituação da raça-espécie, Gobineau busca construir sua argumentação como uma crítica à democracia<sup>190</sup>. Devedor dos debates ocorridos na *Querela das duas raças*<sup>191</sup>, Gobineau se alinha à chamada posição germanista, que buscou, por meio de argumentos que associavam a nobreza francesa a uma origem racial ariana, superior à do chamado Terceiro Estado, manter os privilégios sociais daquele grupo<sup>192</sup>. Na obra de Gobineau, “a incorporação da herança germanista torna a raça a chave explicativa para a incomunicabilidade constitutiva das qualidades da nobreza”<sup>193</sup>. Assim, o autor associava as qualidades da nobreza à sua pureza racial. A ligação entre raça e qualidades inatas será retomada por Rosenberg em seu *Mythus*, ainda que com objetivos diferentes. O estoniano não desejava legitimar a dominação de uma classe, mas sim de todo um povo. Qualidades

---

<sup>189</sup> Helga da Cunha Gahyva cita Michael Banton para explorar a multiplicidade de significados atribuídos ao vocábulo “raça”. De acordo com ambos, “[n]os dicionários do século XVIII, o vocábulo designa, em primeiro lugar, a história das famílias consideradas na sucessão de suas gerações — trata-se de uma concepção de raça-linhagem segundo a qual ‘as diferenças entre as raças derivavam das circunstâncias da sua história e, embora se mantivessem através das gerações, não eram fixas’. A aceção hereditária não estava ausente do vernáculo, mas era atribuída, fundamentalmente, aos animais irracionais” (GAHYVA, Helga da Cunha. A epopeia da decadência: um estudo sobre o *Essai sur L’Inégalité des Races Humaines*, (1853-1855), de Arthur de Gobineau. *MANA: Estudos de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, vol. 17, nº3, 2011, p. 503).

<sup>190</sup> *Ibid.*, p. 503.

<sup>191</sup> *Querela das duas raças* é o nome atribuído ao embate político que opôs germanistas a romanistas em fins do século XVII. Nesse contexto, foram debatidas as “primeiras formulações que versam sobre um princípio de incomunicabilidade entre as gentes, que se transmite geracionalmente”. O protagonista da querela foi Henri de Boulainvilliers, porta-voz dos germanistas (*Ibid.*, p. 503-504).

<sup>192</sup> *Ibid.*, p. 504.

<sup>193</sup> *Ibid.*, p. 506.

como a honra, a liberdade e o dever são descritas como características intrínsecas dos germânicos, que os tornavam superiores às demais raças.

A argumentação dos germanistas, à qual Gobineau se alinhava, perdeu credibilidade durante a Revolução Francesa e, assim, “Sob os escombros da raça-linhagem”, que buscava explicar por meio da família a herança racial da nobreza, “ergueu-se aquela concepção de raça-espécie na qual desaparecia o tema familiar. Burgueses, afinal, não têm linhagem”<sup>194</sup>. Essa constatação também nos auxilia a compreender a argumentação de Rosenberg, uma vez que a concepção de raça-espécie legitima a defesa do autor acerca da superioridade racial do povo germânico. Afinal, todos os seus membros partilhariam o mesmo sangue e, portanto, as mesmas características.

Outro ponto importante presente na argumentação de Gobineau que é retomado por Rosenberg é a questão da mistura sanguínea, à qual é atribuído um fator destrutivo. O francês buscou explicar as agitações que caracterizaram a época moderna por meio dos cruzamentos raciais, vistos como a razão da ruína das civilizações. Uma vez que as raças possuiriam qualidades distintas, “é da contribuição de cada uma delas que advém o desenvolvimento civilizacional”. Sem a mistura, os povos estariam condenados ao isolamento e “limitados aos condicionamentos impostos por sua estreita constituição étnica”. Entretanto, quando ela ocorre, “irrompe o princípio de dissolução inerente ao corpo social: a degeneração”<sup>195</sup>. Ao contrário de Gobineau que faz uma ressalva com relação ao isolamento das raças, Rosenberg argumenta que isso é, na verdade, algo extremamente positivo. Essa defesa é clara quando nos atentamos à proposição do autor para uma reordenação da geopolítica mundial, na qual ele prega a necessidade de definir os Estados por meio das raças, de modo a separá-las e mantê-las puras. Desse modo, as características de cada uma delas poderiam ser preservadas, inclusive aquelas que tornam os germânicos superiores a todas as outras raças.

A tentativa de estabelecer uma lei universal que explicasse a ascensão e a queda das civilizações é mais uma similaridade na argumentação de ambos os autores. Os exemplos históricos presentes na obra de Gobineau, entre eles Grécia e Índia, igualmente mobilizados por Rosenberg, reiteram um modelo de decadência que retoma os

---

<sup>194</sup> GAHYVA, Helga da Cunha. A epopeia da decadência: um estudo sobre o *Essai sur L’Inégalité des Races Humaines*, (1853-1855), de Arthur de Gobineau. *MANA: Estudos de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, vol. 17, nº3, 2011, p. 506-507.

<sup>195</sup> *Ibid.*, p. 507.

argumentos da reação nobiliárquica à Revolução. Em sua argumentação, Gobineau mobiliza a ideia de raça aliada precariamente à biologia para embasar uma leitura de história pautada pela permanência da segregação entre os setores sociais franceses.<sup>196</sup> Menos do que as características físicas, as qualidades morais eram o aspecto central para a sua análise. Em uma metáfora para a realidade francesa, ele parecia aliar as diferentes raças aos diferentes Estados e, desse modo, atribuir características para cada um deles. Tal alinhamento, ainda que em contextos e para fins diversos, foi recuperado por Rosenberg em seu *Mythus*, como já sugerimos. A fusão racial portava os instintos igualitários que poderiam conduzir as civilizações à anarquia<sup>197</sup> e a particularidade do momento de escrita de Gobineau estava colocada justamente na heterogeneidade do sangue na França. Assim como Rosenberg, o francês encontrava-se em um momento emblemático para a escrita da história. “Pela primeira vez na história da humanidade” afirma Gobineau, em virtude da miscigenação, “o sangue ariano revelava-se estéril”<sup>198</sup>. Assim, a era moderna tornou-se um todo homogêneo, no qual as características de cada raça não eram mais discerníveis. Em meio ao caos racial, nem mesmo os arianos poderiam agir de acordo com as suas qualidades superiores. Essa unidade racial marcava o fim da história<sup>199</sup>, ao menos, da história como Gobineau a parecia conhecer. Com o fim da velha ordem social e as mudanças causadas pela emergência da classe operária francesa, ele não conseguia ver possibilidade de regeneração para o corpo nacional, uma vez que ela estava atrelada ao reestabelecimento do Antigo Regime<sup>200</sup>.

Um outro teórico relevante para situarmos e melhor compreendermos os posicionamentos de Rosenberg é Paul de Lagarde. Somando-se a Chamberlain, Lagarde foi um ponto de apoio importante para a construção da dicotomia, que compreendemos como assimétrica e antitética, entre germânicos e judeus<sup>201</sup>. Na obra de Lagarde, é possível detectar um posicionamento que, assim como o de Rosenberg, preza pela originalidade dos ideais utilizados para guiar um povo, que não deve mobilizar ideias outras que não aquelas gestadas em seu próprio seio. O autor era adepto da doutrina

---

<sup>196</sup> GAHYVA, Helga da Cunha. A epopeia da decadência: um estudo sobre o *Essai sur L'Inégalité des Races Humaines*, (1853-1855), de Arthur de Gobineau. *MANA: Estudos de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, vol. 17, nº3, 2011, p. 510.

<sup>197</sup> *Ibid.*, p. 510-512.

<sup>198</sup> *Ibid.*, p. 513.

<sup>199</sup> *Ibid.*, p. 514.

<sup>200</sup> *Ibid.*, p. 514.

<sup>201</sup> BAJOHR, Frank; MATTHÄUS, Jürgen (orgs). *Os diários de Alfred Rosenberg, 1934-1944*. Trad. Cláudia Abeling. São Paulo: Planeta, 2017, p. 16.

*völkisch* que, voltada à nação alemã, poderia indicar um caminho para que ela estivesse integralmente envolvida pelas raízes de seu local de nascimento. A base de sua ideologia era o pensamento do sangue e do solo [*Blut und Boden*]. Permeadas de misticismo, as suas convicções pregavam a necessidade de reavivar um “verdadeiro cristianismo alemão”, dissociado daquele convencional, que estaria supostamente “miscigenado pelo sangue judeu de Cristo”. O cristianismo alemão deveria, assim, descender da raça ariana, recuperando pressupostos e práticas enraizados na cultura e no solo germânicos<sup>202</sup>. Para Lagarde, como aponta Miriam Oelsner,

A nação seria uma essência espiritual, um ideal em torno do qual o povo se manteria unido. “O que estaria faltando era a verdadeira e genuína fé germânica dotada de misticismo, em contraposição ao materialismo e ao racionalismo”, que surgia em meio ao operariado fabril. Estes se filiavam à recém-surgida socialdemocracia, que “representava um empecilho ao florescimento das instituições nacionais, que iriam refletir a pureza dos sentimentos do povo”. “O povo carecia de um meio de ligação autêntico, que realinhasse as forças espirituais do Estado alemão sob a ideologia *völkisch*”<sup>203</sup>.

O aspecto espiritual da nação e a questão da unidade reaparecerão com força no *Mythus*, sendo dois importantes pilares na argumentação de Rosenberg. Para ele, a raça era a figura exterior de uma alma determinada e a unidade aparece como peça-chave para que o povo alemão possa despertar. “Um povo está perdido como povo, morreu completamente como tal”, ele afirma, “se não pode mais encontrar unidade ao rever sua história e examinar sua vontade para o futuro”<sup>204</sup>. Tal unidade seria dada, para Rosenberg de modo similar a Lagarde, por meio do reconhecimento das raízes comuns de seu ser e de seu devir. Outro aspecto compartilhado por Lagarde e Rosenberg é a identificação do judeu como inimigo. Tal rejeição se originava da ideologia *völkisch* e foi expressa por Lagarde por meio da sugestão de expulsar os judeus da Alemanha para Madagascar ou para a Palestina, ideia retomada pelo Terceiro *Reich* em 1940<sup>205</sup>. Segundo Lagarde, “não

<sup>202</sup> OELSNER, Miriam Bettina Paulina Bergel. *A gênese do nacional-socialismo na Alemanha do século XIX e a autodefesa judaica*. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História Social. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017, p. 82-83.

<sup>203</sup> *Ibid.*, p. 83.

<sup>204</sup> Ein Volk ist als Volk verloren, ist als solches überhaupt gestorben, wenn es beim Überschauen seiner Geschichte und bei Prüfung seines Zukunftswillens keine Einheit mehr findet (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 678).

<sup>205</sup> Entre 1938 e 1940, pleiteou-se, na alta cúpula do NSDAP, a possibilidade de envio dos judeus para uma colônia em Madagascar. Além de Rosenberg, Julius Streicher, Hermann Göring, Joachim von Ribbentrop e Hans Frank mencionaram o plano. Em 1940, Hitler cogitou seriamente a ideia, mas ela foi desconsiderada em 1941 (BROWNING, Christopher. *The Origins of the Final Solution: The Evolution of Nazi Jewish Policy, September 1939-March 1942*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2004, p. 81-82;102).

há nada para discutir com bacilos e triquinas, somente esvaçalhá-los”<sup>206</sup>. Por fim, vale pontuar que o autor pertencia ao *Deutschsoziale Partei* [*Partido Social Germânico*], fundado em 1890 e de ideologia antissemita, e é considerado, de modo mais amplo, um pensador influente para a construção da ideologia nacional-socialista<sup>207</sup>.

Somando-se aos pensadores racialistas do século XIX, no lado da historiografia, quem Rosenberg mobiliza para corroborar suas palavras é ninguém menos do que o historiador alemão Leopold von Ranke. Ele foi citado por Rosenberg durante o Julgamento de Nuremberg, como já mencionamos, por ter sido um ponto de ancoragem na construção de seu pensamento. Ranke, cuja obra objetivava estudar “a conexão histórica e da vida histórica comum aos povos particulares”<sup>208</sup> pode parecer, a princípio, uma referência inusitada por parte de Rosenberg. Em seu *Mythus*, o movimento não seria justamente o oposto, ou seja, o de estudar o que há de particular na vida histórica dos povos, negando a possibilidade do comum? Objetivos, decerto, diferentes, mas que se aproximariam no pressuposto: o da existência de povos particulares. O ponto de chegada não seria o mesmo, mas talvez a intenção última de desvendar o “hieróglifo sagrado” da história também unisse ambos os homens<sup>209</sup>. Se Ranke buscava construir uma visão de conjunto pluralista, sem servir ao nacionalismo alemão que pregava a unidade alemã como *telos* do processo histórico<sup>210</sup>; Rosenberg, por outro, aproveitando-se da consagração do historiador e da legitimidade do estudo rankeano do passado, valeu-se de pontos específicos na obra de Ranke para construir o seu próprio discurso.

Um dos aspectos presentes na obra de Ranke mobilizado e apropriado pelo estoniano foi a ideia de superioridade da nação alemã. Ela ganhou força, uma vez que Ranke nunca defendeu uma identidade nacional que não fosse pautada pela ideia de povo, sendo que este não corresponde, necessariamente, ao Estado-nação como unidade política. O seu entendimento sobre a identidade do povo era primordialmente étnico. Ranke também insistiu que o processo histórico poderia ser analisado por meio das

<sup>206</sup> LAGARDE, Paul de. *apud.* OELSNER, Miriam Bettina Paulina Bergel. *A gênese do nacional-socialismo na Alemanha do século XIX e a autodefesa judaica*. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História Social. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017, p. 83.

<sup>207</sup> OELSNER, *op.cit.*, p. 83.

<sup>208</sup> DOVE, Alfred *apud.* MATA, Sérgio da. Ranke reloaded: entre história da historiografia e história multiversal. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 4, n. 6, p. 249, 2011. DOI: 10.15848/hh.v0i6.244. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/244>.

<sup>209</sup> MATA, Sérgio da. Ranke reloaded: entre história da historiografia e história multiversal. *História da historiografia*, Ouro Preto, nº 6, mar. 2011, p. 250.

<sup>210</sup> *Ibid.*, p. 249-250.



rivalidades e interesses nacionais, de modo que as nações com “as energias morais mais fortes saíram vitoriosas dessa competição e, assim, fizeram a história avançar inevitavelmente em direção ao progresso e à moralidade”<sup>211</sup>. Ao efetuar essa vinculação das nações às etnias e das nações às forças morais, Ranke fomentou, ainda que esse não fosse seu objetivo, tendências nacionalistas, de modo que a identificação das forças morais superiores da nação alemã tornou seu povo superior a qualquer outro<sup>212</sup>. Essa concepção reverberou até os dias da Primeira Guerra Mundial e, após a assinatura do Tratado de Versalhes, muitos historiadores posicionaram-se contrariamente à recém-estabelecida república, considerando-a fraca e anuente com a humilhação à qual a “forte nação alemã” foi submetida. A preocupação de muitos historiadores em defender a superioridade do seu povo e em narrar uma história dos grandes homens tornou-os propensos a aceitar o apelo racista e genocida de Adolf Hitler<sup>213</sup>.

Outro aspecto relevante da obra de Ranke é a sua inclinação religiosa, que foi retomada por Rosenberg em seu *Mythus*. Como nos afirma o historiador Stefan Berger, na visão de Ranke, “A ordem divina das coisas estava no cerne de cada época. O que se desenvolveu historicamente foi sancionado pela vontade de Deus”<sup>214</sup>. A ação dos homens no tempo, nesse sentido, poderia ser interpretada por meio de um aspecto transcendental, de modo que o estudo dos processos históricos poderia revelar, ao seu estudioso, a “síntese das forças espirituais”<sup>215</sup> atuantes naquele momento. Seria possível reconhecer, assim, “o infinito em cada coisa viva, algo eterno, vindo de Deus em cada instante, em cada ser”<sup>216</sup>. Esse seria o “princípio vital” da história<sup>217</sup>. Ainda que não apelando para o mesmo Deus mobilizado por Ranke, Rosenberg parece encarar a história como reveladora dos princípios vitais e sínteses espirituais de cada época. O princípio vital, no caso estoniano, seria determinado pela raça e a síntese seria o resultado da ação da raça no mundo. Em um dos raros momentos nos quais Rosenberg faz uma alusão explícita a outro autor, ele cita justamente Ranke e mobiliza um trecho das “Palestras dadas ao rei

---

<sup>211</sup> BERGER, Stefan. *The Search for Normality: National Identity and Historical Consciousness in Germany Since 1800*. Nova York: Berghan Books, 2007, 28.

<sup>212</sup> Ibid., p. 28.

<sup>213</sup> Ibid., p. 38.

<sup>214</sup> Ibid., p. 27.

<sup>215</sup> RANKE, Leopold von. O conceito de história universal. In.: MARTINS, Estevão de Rezende. *A história pensada: teoria e método da historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Editora Contexto, 2015, p. 201.

<sup>216</sup> Ibid., p. 206.

<sup>217</sup> Ibid., p. 206.

Maxmillian II da Baviera no outono de 1854 em Berchtesgaden”<sup>218</sup> para empreender a sua análise. Segundo o estoniano,

Ranke explica em meio a declarações factuais que se um princípio internacional tenta ganhar domínio na Europa novamente (depois de Roma), então um princípio orgânico-nacional irromperá em uma força elementar e se afirmará em outros lugares de uma forma quase paradoxal. “Toda época é imediata a Deus, e seu valor não reside absolutamente no que dela emerge, mas em sua própria existência, em seu próprio eu”<sup>219</sup>.

Nesse trecho, Rosenberg associa duas concepções abordadas na obra de Ranke: por um lado, a percepção de que a história pode ser analisada por meio do embate entre os diferentes povos, sendo que aqueles dotados de uma moral superior se sobressairiam. Por outro, a crença de que a história seria um processo sempre sancionado por Deus, de modo que, se um povo se sobrepõe a outro no curso da história, isso estaria de acordo com a vontade divina. Ranke parece ter percebido, aos olhos de Rosenberg, que, após a queda de Roma, poderes não-nacionais tentaram se impor, isto é, povos que não prezavam por valores nacionais étnicos tentaram afirmar a sua superioridade perante os demais povos. Em reação a essa realidade, princípios nacionais – ou talvez, nacionalistas, poderíamos dizer – surgiriam em resposta, protegendo a identidade do povo.

Para Rosenberg, a questão era clara: a força internacional que tentava minar a individualidade dos povos eram os judeus e, em resposta, o movimento nacional-socialista tentaria proteger os alemães contra essa ameaça: tal era, então, a expressão do “princípio orgânico-nacional”. Assim, aceitando que cada época possuiria uma essência específica, de acordo com uma vontade divina superior, o estoniano relaciona a “vontade de Deus” com as suas próprias crenças na superioridade do sangue germânico, transformando os germânicos, e não os judeus, em povo escolhido. Ele segue afirmando que esta outra corrente de pensamento, “mais verdadeira”, que busca a verdade de forma genuinamente crescente, seria uma experiência de “autodesenvolvimento mais completo” e, na linguagem de seu *Mythus*, isso significaria o “mito experimentado da alma racial

<sup>218</sup> BERDIG, Helmut; SCHIEDER, Theodor (eds). Über die Epochen der neueren Geschichte. Vorträge dem Könige Maxmillian II. von Bayern im Herbst 1854 zu Berchtesgaden gehalten. Vortrag vom 25. September 1854. Historisch-kritische Ausgabe, Munique, 1971, p. 60.

<sup>219</sup> Ranke erklärt mitten in sachlichen Darstellungen, wenn in Europa nochmals (nach Rom) ein internationales Prinzip zur Herrschaft zu gelangen trachte, so werde urgewaltig ein organisch-nationales dagegen hervorbrechen und beteuert an anderer Stelle in fast paradoxer Weise: “Jede Epoche ist unmittelbar zu Gott und ihr Wert beruht gar nicht auf dem, was aus ihr hervorgeht, sondern in ihrer Existenz selbst, in ihrem eigenen selbst.” (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934 p. 691).

nórdica por amor a serviço da honra do povo”<sup>220</sup>. O *mito do sangue* só era, afinal, verdadeiro quando vivido e, por essa razão, a ficção criada pelo nacional-socialismo precisava se tornar realidade na Alemanha. Só assim o povo alemão compreenderia o seu lugar na história.

Desse modo, dialogando com os teóricos supracitados e retomando muitas de suas ideias, Rosenberg buscou reduzir a história do mundo à história do embate entre diferentes raças. Tal interpretação, partilhada por outros nazistas e por Hitler, era essencial, pois compreender corretamente a história era fundamental para que a tarefa do futuro – a construção de um novo *Reich* – pudesse ser alcançada. Era no passado, portanto, que residia a explicação para o presente e a chave para um futuro frutífero.

À ideologia que ajudou a criar, Rosenberg manteve-se leal até o fim. O ideólogo, claro, não abandonaria as suas crenças nem mesmo diante da força. Como ele confidenciou em suas *Letzte Aufzeichnungen [Notas finais]*, escritas na cela em Nuremberg, “O nacional-socialismo foi a satisfação da minha vida. Eu o servi com fé, embora com algum desequilíbrio e insuficiência humana. Eu devo permanecer fiel a ele enquanto ainda viver”. Vale ressaltar que pela falha de tal ideologia, Rosenberg jamais clamou responsabilidade, e nem mesmo a atribuiu ao seu *Führer*. Para o estoniano,

O nacional-socialismo foi a resposta europeia a uma questão centenária. Era a mais nobre das ideias a que um alemão podia dar toda a sua força. Fez da nação alemã um presente de unidade, deu ao *Reich* alemão um novo conteúdo. Era uma filosofia social e um ideal de limpeza cultural condicionada pelo sangue. O nacional-socialismo foi mal utilizado, e no final desmoralizado, por homens a quem seu criador havia confiado de maneira decisiva. O colapso do *Reich* está historicamente ligado a isso. Mas a ideia em si era ação e vida, e isso não pode e não será esquecido. Assim como outras grandes ideias conheceram altos e baixos, o nacional-socialismo também renascerá algum dia em uma nova geração, fortalecida pela tristeza, e criará de uma nova forma um novo *Reich* para os alemães. Historicamente amadurecido, terá então fundido o poder da crença com a cautela política. Em seu solo camponês, ela crescerá de raízes saudáveis para uma árvore forte que dará bons frutos<sup>221</sup>.

Hitler havia, afinal, confiado nos homens errados, mas a ideia – esta sim permanecia forte e correta, pois estava, para Rosenberg, essencialmente ligada ao sangue germânico.

---

<sup>220</sup> Aus dem Erleben des “Mittelpunkts der Glück seligkeit” die vollste Selbstentfaltung, und das heißt in der Sprache dieses Buches: aus dem erlebten Mythos der nordischen Rassenseele heraus in Liebe der Volksehre dienen (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 691).

<sup>221</sup> ROSENBERG, Alfred *apud*. JACOB, Alexander. Introduction. In.: ROSENBERG, Alfred. *The Track of the Jew through the Ages*. San Bernardino: Ostara Publications, 2014, p. III.

Em suas últimas reflexões, o processo histórico seguia ocupando um lugar central. Poderíamos julgar que as afirmações de Rosenberg sobre o ressurgimento da ideologia nacional-socialista são apenas um exercício de futurologia. Esse apontamento, entretanto é muito mais que uma mera premonição: trata-se de uma afirmação condizente e pautada pelo conceito de história mobilizado pelo estoniano em seu *Mythus*. O devir histórico estava, para ele, pré-determinado e só restavam ao futuro duas escolhas: o fim da civilização ou o *Reich* germânico. É em busca da compreensão de tal narrativa que nós nos centraremos, nos demais capítulos desta dissertação, na escrita da história proposta pelo estoniano.

*Capítulo 2**A compreensão*

*Um novo quadro colorido da história humana e da terra, rico em relações, começa a se desvendar hoje, quando reconhecemos com reverência que o confronto [...] entre sangue e sangue é o último fenômeno que podemos alcançar e para além do qual não nos é permitido pesquisar. Esse reconhecimento, no entanto, imediatamente traz consigo a percepção de que a luta do sangue e a suspeita mística dos eventos da vida não são duas coisas diferentes, mas representam uma e a mesma coisa de maneiras diferentes. A raça é o símile de uma alma, todo o bem racial é um valor em si mesmo [...]*

*(Alfred Rosenberg, 1934).*

*Declaro-me inocente no sentido da acusação.*<sup>222</sup>

Em 20 de novembro de 1945, tiveram início os Julgamentos de Nuremberg. Em linhas mais que gerais, o objetivo central do tribunal militar foi levar à justiça 24 líderes proeminentes do Terceiro *Reich* que representavam, além de si mesmos, setores importantes do regime. Como reflete a historiadora Joan Scott, foi a história – ou, um conceito de história – que norteou boa parte da condução dos julgamentos<sup>223</sup>. Mobilizada como juíza e como ré, a história foi um caminho de mão dupla para interpretar e julgar os homens, suas ações e o nazismo. Compreendido de modo teleológico, o devir histórico alcançaria o seu fim e o seu mais alto patamar de evolução com o estabelecimento do Estado-nação como modo de governo. Se a Alemanha, porém, era um Estado-nação, como explicar as atrocidades perpetradas por esse regime? Os Aliados, tomando para si a voz de Clio – como se esta existisse – encontraram duas explicações um tanto tortuosas e até mesmo incongruentes.

A primeira delas afirmava que a Alemanha era sim um Estado-nação, e, portanto, deveria ser respeitada como tal, mas o nacional-socialismo era um exemplo extremo e o seu maior erro foi desrespeitar outros Estados-nação, cometendo, assim atos criminosos. O centro da acusação seria a violação da soberania nacional, por meio da invasão territorial, e não o assassinato massivo de mais de seis milhões de judeus e, ao todo, cerca de 10 milhões de pessoas, fora as vítimas da guerra em si. Já na segunda, o nazismo seria um anacronismo: o poder político na Alemanha teria sido “usurpado” por um grupo de bandidos que desviaram o país do caminho até a modernidade. O peso da responsabilidade não era, então, da Alemanha como Estado-nação, mas sim dos indivíduos que tomaram o poder desse Estado-nação. A forma política organizacional manteve-se assim, intacta em ambas as narrativas, a trajetória alemã foi julgada e a História – aquela entendida como força motriz autônoma – pôde caminhar, novamente, rumo a essa tempestade que chamamos de progresso<sup>224</sup>.

Mas se esta foi a concepção de história mobilizada pelos Aliados, um dos réus parecia recorrer a outra. Se a história se apresentava também de modo teleológico, o seu *telos*, para Alfred Rosenberg, era um tanto diverso. Ele estava entre os 24 réus julgados

---

<sup>222</sup> I declare myself in the sense of the Indictment not guilty (*Nuremberg Trials*, Blue Series, vol. 2, p. 97).

<sup>223</sup> SCOTT, Joan Wallach. *On the Judgement of History*. Nova York: Columbia University Press, 2020.

<sup>224</sup> BENJAMIN, Walter *apud* LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses* "Sobre o conceito de história". São Paulo: Boitempo, 2005, p. 87.

em Nuremberg e, ainda que não tenha manifestado longamente no processo a sua convicção histórica<sup>225</sup>, ele nos fornece uma pista fundamental ao pronunciar-se sobre a sua culpa: ele seria “inocente no sentido da acusação”. Inocente de todo poderia até não ser, mas há, em sua visão, um erro no direcionamento dessa culpa, o que nos leva de volta à reflexão de Hitler apresentada na introdução desta dissertação. Se seria a história a juíza das ações dos homens, é crucial que estes tenham um entendimento comum para que a culpa seja corretamente direcionada. Ao contrário dos Aliados, Rosenberg e outros nazistas pareciam não encarar seus inimigos como o auge da civilização ou o fim do devir histórico. Para eles, havia mais a ser conquistado. Se ele é inocente de seus crimes, é porque interpreta tal devir de forma diversa e suas ações, por mais drásticas que tenham sido, buscaram apenas levar a cabo o desejo da própria história. Neste capítulo, nos centraremos na investigação da concepção de história construída por Rosenberg em seu *Mythus*, tendo no horizonte, por um lado, os seus fundamentos epistemológicos, isto é, a natureza do conhecimento que o estoniano se propõe a forjar; e, por outro, a função social que Rosenberg atribui a esse conhecimento, qual seja, o de guiar a conduta da sociedade alemã.

## 2.1 História racial: o devir histórico sob uma nova luz

*O sangue que morreu começa a viver. Em seu signo místico está ocorrendo uma nova construção celular da alma folclórica alemã. O presente e o passado aparecem de repente sob uma nova luz e há uma nova missão para o futuro. A história e a tarefa do futuro não significam mais a luta de classe contra classe, não mais uma luta entre dogma e dogma da Igreja, mas sim o confronto entre sangue e sangue, raça e raça, povo e povo. E isso: luta do valor da alma contra o valor da alma<sup>226</sup>.*

Já em seu prefácio, Rosenberg apresenta um diagnóstico dos tempos em que vive: os antigos dilemas enfrentados estariam perdendo o seu sentido, pois uma nova realidade surgiria e suplantaria quaisquer divergências de outra natureza. Não se trataria de uma luta de classes, ou entre religiões, mas algo muito mais profundo e inegável: se trataria do embate entre os sangues, ou seja, entre os povos racialmente definidos. Assim, o autor

<sup>225</sup> *Nuremberg Trials*, Blue Series, vol. 11, p. 451-452.

<sup>226</sup> Das Blut, welches starb beginnt lebendig zu werden. In seinem mystischen Zeichen geht ein neuer Zellenbau der deutschen Volksseele vor sich. Gegenwart und Vergangenheit erscheinen plötzlich in einem neuen Licht und für die Zukunft ergibt sich eine neue Sendung. Geschichte und Zukunftsaufgabe bedeuten nicht mehr Kampf von Klasse gegen Klasse nicht mehr Ringen zwischen Kirchendogma und Dogma sondern die Auseinandersetzung zwischen Blut und Blut, Rasse und Rasse, Volk und Volk. Und das: Ringen von Seelenwert gegen Seelenwert (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p.1).

lança o postulado que guiará, em sua obra, a análise do devir histórico, afirmando que é o sangue que dita a leitura correta do presente e do passado. Mas não só: por meio dessa compreensão correta, outro aspecto torna-se possível, qual seja, o entendimento da tarefa do futuro: a criação de um novo *Reich*. Seria a raça, afinal, que daria sentido e significado para a existência e, apenas tendo compreendido isso, é que o futuro, como imaginado por Rosenberg, torna-se possível.

A narrativa construída pelo estoniano não é, assim, apenas *historiográfica*, isto é, preocupada em escrever a história a partir de uma análise do passado. Ela é, também, *mitológica*, no sentido apontado por Raoul Girardet e ao qual nos alinhamos: trata-se, primeiramente, de uma interpretação que deforma a realidade histórica. Sem recorrer a nenhuma forma de verificação, a narrativa mitológica se apresenta como um todo coerente e que, por isso, não demandaria nada além de si própria para confirmar suas afirmações. Ela é, também, teleológica e mobilizadora, fornecendo, aos sujeitos do presente, uma direção de ação rumo ao futuro almejado. Cumprindo os elementos da teorização de Girardet, a obra de Rosenberg divide-se, temporalmente, em três momentos: primeiro, ele fornece uma leitura específica do passado; depois, conecta tal compreensão ao presente, situando seus contemporâneos e os dilemas existentes para, por fim, dar as coordenadas que levariam ao futuro. Para conformar a sua argumentação, o autor utiliza cinco pilares principais: a raça, o mito, a mitologia, a circularidade temporal e o tipo. Esses elementos se relacionam de modo diferente com a proposta teórica formulada pelo estoniano: enquanto os quatro primeiros estão conectados, primordialmente, aos fundamentos epistemológicos da teorização apresentada; o último está diretamente ligado à função social que a história adquire. Assim, analisaremos, na presente seção, a raça, o mito, a mitologia e a circularidade temporal, para, na segunda seção, nos ocuparmos especialmente com o tipo.

### ***Raça: construção de uma nova realidade***

Não é possível compreender a narrativa de Rosenberg sem antes nos atentarmos ao conceito de *raça* que ele constrói. Já nas primeiras páginas de seu prefácio de 1930, o autor define que “alma significa raça vista de dentro. E, inversamente, a raça é o exterior de uma alma”<sup>227</sup>. Desse modo, o estoniano cria uma ligação intrínseca entre essência e

---

<sup>227</sup> Seele aber bedeutet Rasse von innen gesehen. Und umgekehrt ist Rasse die Außenseite einer Seele (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch- geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 2).



aparência e transforma toda alma em uma alma racial. Assim, a raça se torna uma condição pregressa ao nascimento, de modo que a essência de uma pessoa, seja ela de qual raça for, estaria pré-determinada, existindo mesmo de forma pregressa à sua vinda ao mundo das aparências. A raça é, quando interpretada dessa forma, imutável e parte integrante de qualquer um. Os nazistas, assim, resolveram racialmente um impasse filosófico de séculos.

O fato de a raça ser algo essencialmente imutável é um aspecto central para os nazistas: não se pode, afinal, mudar quem se é e, assim, caso essa pessoa seja inferior, não há lugar para ela no regime. Como apontam os filósofos Phillipe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy, no nazismo “a raça, o povo, liga-se ao *sangue* e não à língua”. Hitler, segundo os autores, ilustra a visão dos nazistas de modo um tanto didático: “não se transformará um negro em um alemão ensinando alemão a ele”<sup>228</sup>. Rosenberg partilhava dessa mesma compreensão. A alma do negro jamais será, para ambos, alemã. Em Rosenberg, essa afirmação pode ser expandida para além da língua e poderá ser encontrada em diversos âmbitos da vida. Segundo ele, “Despertar a alma racial significa reconhecer seu valor mais alto e, sob seu domínio, atribuir aos outros valores sua posição orgânica: no Estado, na arte e na religião”<sup>229</sup>. O valor da raça, assim, dita o lugar dos valores subsequentes, advindos dela própria. Cada raça, portanto, possui um conjunto de valores que guia sua conduta moral, de modo que a ação de cada um também está condicionada aos valores que “regem” a sua raça.

Ao afirmar que os valores de cada um são racialmente determinados, Rosenberg alinha-se à argumentação de Gobineau<sup>230</sup>. Tanto o estoniano, quanto o francês atribuíram às raças valores inatos, hierarquizando-as. Desse modo, algumas raças seriam intrinsecamente superiores a outras, afinal, a sua essência seria imutável. Rosenberg se alinha aqui, também, a Ranke, que compreendia que cada nação, isto é, cada etnia, possui uma “energia moral” própria, de modo que algumas seriam superiores a outras<sup>231</sup>. No

<sup>228</sup> LACOUÉ-LABARTHE, Phillipe; NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista*. Trad. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002, p. 55.

<sup>229</sup> Die Rassenseele zum Leben erwecken, heißt ihren Höchstwert erkennen und unter seiner Herrschaft den anderen Werten ihre organische Stellung zuweisen: in Staat, Kunst und Religion (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch- geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 2).

<sup>230</sup> Gobineau discute esses tópicos de modo profundo em seu trabalho *Essai sur l'inégalité des races humaines*, publicado em seis tomos entre 1853 e 1855 (GOBINEAU, Arthur de. *Essai sur l'inégalité des races humaines*, présentation de Hubert Juin. Paris: Éditions Pierre Belfond, 1967).

<sup>231</sup> Cf. BERGER, Stefan. *The Search for Normality: National Identity and Historical Consciousness in Germany Since 1800*. Nova York: Berghan Books, 2007, p. 28.

caso do *Mythus*, o estoniano define valores raciais opostos que parecem funcionar como forças motrizes da história, alternando-se a depender da raça que se impôs: de um lado, temos a honra como valor principal, da qual derivam-se outros, como o senso de dever e liberdade e, do outro, o amor, de onde vieram a compaixão e a piedade, entendidas em um sentido cristão. O primeiro conjunto de valores pertenceria aos germânicos, tidos como superiores, e o segundo, às raças consideradas como inferiores, especialmente aos judeus. Assim, Rosenberg segue, também, a linha de Chamberlain e afirma que foram os germânicos, guiados por tais valores, que criaram o Estado e a cultura<sup>232</sup>. “Se virmos o essencial na atitude heroico-artística, independentemente de se tratar de guerreiros, pensadores ou pesquisadores”, o autor aponta, “também sabemos que todo heroísmo se agrupa em torno de um valor máximo. E essa sempre foi a ideia de honra espiritual e mental”<sup>233</sup>. A expressão máxima deste valor seria a lealdade para com a sua raça<sup>234</sup>.

Os germânicos, entretanto, não caminhariam sozinhos no mundo e o contexto da existência mostra-se, ao longo do tempo, conflituoso e incerto. Rosenberg continua a sua análise acusando essas dificuldades e afirmando que “a honra estava – assim como seus portadores físicos – em uma luta de alma e espírito com os valores das outras raças”<sup>235</sup>. A antípoda da honra, o amor, seria reivindicado pelas raças inferiores numa tentativa de burlar as leis da natureza. Ainda que sem citar diretamente, Rosenberg parece aludir, nesse momento, à obra *Genealogia da Moral*, de Friedrich Nietzsche. O filósofo, descrito em outra passagem como um “profeta”<sup>236</sup>, versa sobre a origem dos valores que guiam a moral ocidental e formula uma crítica à tradição judaico-cristã. A partir do incentivo de amar o próximo, não apenas os homens mais fracos se teriam tornado objeto de compaixão, como também a fraqueza, em si, teria passado a ser vista como um mérito<sup>237</sup>. Talvez referindo-se ao pensamento de Nietzsche, Rosenberg não poupou ataques à

---

<sup>232</sup> Angesichts der entstehenden Frage, welches Motiv vor allen anderen für die nordische Rasse sich als das seelen-, staaten- und kulturbildende erwiesen hat, erscheint es mit Händen greifbar, daß nahezu alles, was den Charakter unserer Rasse, unsere Völker und Staaten erhalten hat, in erster Linie der Begriff der Ehre und die Idee der mit ihr untrennbar verbundenen, aus dem Bewußtsein der inneren Freiheit stammenden Pflicht gewesen ist (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 147).

<sup>233</sup> Erblicken wir in der heldisch-künstlerischen Haltung hier das Wesentliche, gleich ob es sich um Krieger, Denker oder Forscher handelt, dann wissen wir auch, daß alle Heldenhaftigkeit sich um einen Höchstwert gruppiert. Und dies ist immer die Idee der geistig-seelischen Ehre gewesen (Ibid., p. 143-144).

<sup>234</sup> Ehre äußert sich in freier Treue zu sich (Ibid., p. 623).

<sup>235</sup> Die Ehre aber stand — gleich wie ihre Träger im physischen—in einem seelischgeistigen Kampf mit den Werten andersrassischer Träger (Ibid., p.143-144).

<sup>236</sup> Ibid., p. 530.

<sup>237</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 37.

doutrina da Igreja, acusando-a de subverter os verdadeiros ensinamentos de Cristo para dar lugar a valores semitas que pregam a compaixão com os degenerados. Tal aspecto foi analisado por Fritz Nova em sua biografia de Rosenberg, onde o autor aponta:

Em nome da “irmandade cristã de homens”, que Rosenberg rotulou como “universalismo total” ou “humanitarismo degenerado”, todo judeu, negro e mulato adquiriu direitos plenos de cidadania em um Estado europeu, e luxuosos institutos foram erguidos para os incuráveis doentes e loucos<sup>238</sup>.

A degeneração causada pelo emprego sem restrições do amor seria, para Rosenberg, evidente: “quando o amor e a compaixão [...] se tornaram predominantes, as épocas de dissolução racial, nacional e cultural na história de todos os Estados antes determinados como nórdicos começam”<sup>239</sup>. A análise de Johann Chapoutot acerca da visão de mundo nazista parece-nos, novamente, pertinente diante deste posicionamento de Rosenberg. Como afirma o historiador, para os nazistas, valores cristãos como o amor, a compaixão e a piedade haviam alienado os seres humanos sobre a verdade do mundo. É possível retomar, novamente, Nietzsche, que se indagou: “Qual de nós seria livre-pensador, se não houvesse a Igreja?”<sup>240</sup>. Rosenberg parece apropriar-se da visão do filósofo de que a cultura cristã havia desnaturalizado o homem com a sua “moral da piedade”, o que teria levado a uma preferência pelos fracos e à pregação da igualdade entre os homens. Essa moral seria, entretanto, uma inverdade: para Rosenberg, os seres humanos eram parte de uma grande unidade da natureza e, portanto, estavam sujeitos às suas leis. Estas eram nítidas e ditavam que o fraco e o inviável deveria se submeter ao forte. Qualquer um que não atendesse às condições estabelecidas pela natureza seria eliminado. Portanto, proteger aqueles considerados inferiores ou degenerados era apenas, para os nazistas, uma tentativa de driblar o que a natureza já havia proclamado<sup>241</sup>. O mais relevante para nós, e que decorre dessa análise, é que ambos os conjuntos de valores guiam a atitude dos povos no transcorrer da história. Se, por um lado, as raças inferiores tentariam “falsear” um processo no qual elas possam sobreviver, a despeito de sua suposta impureza ou

---

<sup>238</sup> NOVA, Fritz. *Alfred Rosenberg: Nazi Theorist of the Holocaust*. Nova York: Hippocrene Books, 1986, p. 2.

<sup>239</sup> In dem Augenblick aber, in dem Liebe und Mitleid (oder wenn man will: Mitleiden) vor herrschend wurden, beginnen die Epochen der rassistisch-völkischen und kulturellen Auflösung in der Geschichte aller jemals nordisch bestimmten Staaten (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p.147).

<sup>240</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 28.

<sup>241</sup> CHAPOUTOT, Johann. *The Law of the Blood: Thinking and acting like a Nazi*. Trad. Miranda Richmond Mouillot. Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018, p. 159.

inferioridade racial; por outro, os germânicos buscariam persistir, ainda que inconscientemente, preservando a sua raça e o seu conjunto de valores que os permitiria criar uma sociedade justa e correta de acordo com as leis da natureza. Assim, ambos os “polos” se alternariam ao longo da história, de modo que ora seriam as raças inferiores que ditariam quais seriam os valores predominantes, e naquele momento seriam os germânicos. É interessante notar como há uma coexistência entre a concepção de um tempo histórico cíclico e uma visão teleológica do devir histórico. Ambas se complementam de uma forma inusitada: os germânicos estariam “condenados” a viver o tempo ciclicamente até que percebessem a sua própria superioridade e, por meio da ação guiada por seus valores raciais, se libertassem do ciclo milenar. A superação da circularidade e o seu conseqüente ponto de escape só seriam alcançados mediante essas condições. A tarefa da raça germânica seria, assim, domar as rédeas do tempo histórico, direcionando-as corretamente rumo ao futuro, que não estaria localizado dentro da lógica temporal estabelecida até então, mas sim, fora dela. O ponto de escape da circularidade seria, a bem da verdade, também um escape da própria história como ocorrida até então.

Por meio dessa leitura histórica, Rosenberg cria pressupostos que constroem a ficção totalitária, dando à realidade novas vestes. Se a raça é a lente através da qual veremos os processos da humanidade, então acontecimentos e personagens antes ignorados ganharão uma grande importância. Os protagonistas desses processos seriam os germânicos, mas não quaisquer germânicos. Apenas aqueles que melhor expressaram seus valores raciais e, por meio deles, tentaram recolocar a história nos trilhos corretos seriam dignos de nota. Outras evidências também seriam mobilizadas para construir o entendimento sobre o passado e novas relações temporais seriam traçadas a partir dessas mesmas evidências. Assim, ancorando-se em uma série de discursos existentes no espaço público – o historiográfico, o filosófico e o racista –, Rosenberg cria uma narrativa mitológica, a partir da qual desenvolve um suposto método de análise histórica que terá a ideia de mito como seu protagonista. O *mito* será interpretado, pelo autor, como a chave para o fim do tempo cíclico, no qual os germânicos estariam “aprisionados”. Seria a consciência do *mito*, enfim, que permitiria a quebra da barreira circular do tempo. Esses dois aspectos – a análise por meio do *mito* e a circularidade temporal – são fundamentais para compreendermos o direcionamento ao futuro que Rosenberg dará à sua narrativa.

***Mito e mitologia: potência, evidência e método***

Para analisar a história a partir da existência das diferentes raças, Rosenberg lança mão de uma metodologia ancorada no conceito de *mito*, que ele próprio cria na sua obra, e nas múltiplas narrativas *mitológicas* existentes. Como vimos, há uma correspondência entre a raça e a alma, pois na raça transparece, na aparência, a essência da alma. Cada raça possui uma série de valores que guiam a sua ação no mundo. Um judeu jamais poderá agir de modo honroso, do mesmo modo que o germânico é avesso ao amor pelo mais fraco. Tais valores são compartilhados, claro, por todo o povo ao qual o indivíduo pertence. E Rosenberg vai além: pelo fato de a raça definir os valores que guiarão a conduta dos indivíduos e povos, ela define, também as suas possibilidades futuras. Para o estoniano, cada raça porta uma potência, ou seja, a possibilidade de *vir a ser* algo, de *tornar-se* alguém. Essa potência, que só pode ser descoberta coletivamente, é o *mito*. Tal definição aparece apenas no início do último livro que compõe o *Mythus*, talvez por Rosenberg já ter considerado que embasou histórica e suficientemente as suas colocações. Segundo o autor,

Os valores do caráter, as linhas da vida espiritual, as cores dos símbolos correm lado a lado, se entrelaçam e resultam em um ser humano. Mas apenas em plenitude sanguínea quando eles mesmos são consequências, nascidos de um centro que está além do que só pode ser (empiricamente) pesquisado pela experiência. Este resumo incompreensível de todas as tendências do ego, do povo, de uma comunidade em geral, constitui seu mito <sup>242</sup>.

Desse modo, o *mito* de um povo só poderia ser descoberto pela sua união racial, isto é, sanguínea. Quando todas as suas tendências e valores convergem e correspondem, no mundo, à essência interior da alma racial, é que o *mito* se revelaria. O *mito* estaria, assim, condicionado ao povo que o porta, de modo que cada povo, interpretado pelo autor como racialmente determinado, possuiria o seu próprio *mito*. Nesse momento, Rosenberg alinha-se a uma tradição de pensamento mais antiga, aquela do Romantismo do século XIX, cujas bases nacionalistas foram apropriadas e de modo reacionário e terminaram por incentivar tais sentimentos na Alemanha e em outros países da Europa. Em consonância com a corrente de interpretação historicista do passado, que privilegiava as nações em suas particularidades e seus respectivos heróis, o Romantismo estimulou uma

---

<sup>242</sup> Die Werte des Charakters, die Linien des Geisteslebens, die Farbigkeiten der Symbole laufen nebeneinander her, verschlingen sich und ergeben doch einen Menschen. Aber nur dann in ganzer blutvoller Fülle, wenn sie selbst Folgen, Geburten aus einem Zentrum sind, das jenseits des nur erfahrungsmäßig (empirisch) Erforschbaren liegt. Diese nicht faßbare Zusammenfassung aller Richtungen des Ich, des Volkes, überhaupt einer Gemeinschaft, macht seinen Mythus aus (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 459).

produção historiográfica que se atentou ao que seriam as características e virtudes nacionais<sup>243</sup>. O *mito* surge, na argumentação do estoniano, justamente como o elemento que congregaria tais características e virtudes. É importante ressaltar, também, que o *mito*, para Rosenberg, não se trata apenas do que é visto no passado, mas dirige-se, como potência e possibilidade para o futuro. Como explicita o estoniano,

Um povo está perdido como povo, morreu como tal completamente, se não consegue mais encontrar a unidade ao *rever sua história e examinar sua vontade para o futuro*. Quaisquer que sejam as formas do passado, quando uma nação chega a negar genuína e verdadeiramente suas parábolas do primeiro despertar, ela negou as próprias raízes de seu ser e devir e se condenou à esterilidade. Pois a história não é o desenvolvimento de um nada em algo, nem é do insignificante para algo grande, nem é a transformação de um ser em um completamente diferente, mas *o primeiro despertar racial-nacional através de heróis, deuses e poetas é já um clímax para sempre*<sup>244</sup>.

Assim, o passado fornece *exemplos*, pistas e evidências, por meio de seus heróis, deuses e poetas, para que o povo descubra a sua potência e possa, no futuro, vivenciar o seu *mito*. A mais essencial evidência para desvendar o *mito* e descobrir quem é o povo que vivenciou determinado acontecimento – afinal, nem sempre o sangue germânico apareceu na história com esse nome – são as narrativas mitológicas. A partir dos elementos que compõem essas narrativas, é possível determinar qual é o sangue do povo em questão, ou seja, qual a sua raça, ainda que essa esteja nominalmente implícita. O povo a partir do qual Rosenberg baliza as suas afirmações e busca o sangue superior ao longo do tempo é o povo ariano, designado pelo autor como originário.

Vale ressaltar que o arianismo não foi o único mito de origem mobilizado pelos nazistas e, também, que ele não apareceu em apenas uma configuração. Como ressalta o historiador Johann Chapoutot, o primeiro mito de origem racial mobilizado na Alemanha adveio do livro *De origine et situ germanorum* [*Sobre a origem e situação dos germânicos*], escrito por Tácito, um historiador da Roma Antiga. Nessa obra, o romano descreve os germânicos como “indígenas” e afirma que eles “não se misturaram de

<sup>243</sup> WOOLF, Daniel. *Uma História Global da História*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014, p. 380-381.

<sup>244</sup> Ein Volk ist als Volk verloren, ist als solches überhaupt gestorben, wenn es beim Überschauen seiner Geschichte und bei Prüfung seines Zukunftswillens keine Einheit mehr findet. In welchen Formen die Vergangenheit auch verlaufen sein mag: gelangt eine Nation dazu, ihre Gleichnisse des ersten Erwachens echt und wirklich zu verleugnen, dann hat sie damit die Wurzeln ihres Seins und Werdens überhaupt verneint und sich zur Unfruchtbarkeit verdammt. Denn auch Geschichte ist nicht Entwicklung eines Nichts zu einem Etwas, auch nicht von Unbedeutendem zu Großem, auch nicht die Verwandlung eines Wesens in ein ganz anderes, sondern das erste rassisch-volkliche Erwachen durch Helden, Götter und Dichter ist bereits ein Höhepunkt für immer. Grifos nossos (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 459).

nenhuma forma pelas rivalidades ou alianças de outros povos”<sup>245</sup>. Segundo Chapoutot, a combinação de palavras *Germanos indigenas*, utilizada por Tacitus, acabou por criar um mito da autoctonia germânica: indígena, em latim, é “aquele que vem daqui”, de modo que “o termo latino usado por Tácito corresponde precisamente ao significado expresso pelas raízes gregas da palavra autoctonia”, isto é, os germânicos nasceram de si próprios, sem o contato com povos estrangeiros, na sua terra natal<sup>246</sup>. Essa “geração espontânea” dos povos germânicos, sem qualquer mistura com outros povos e que ocorreu apenas na sua terra natal, acabou por dar bases à ideia de pureza racial, essencial para a construção da narrativa nazista sobre o passado e sobre o presente<sup>247</sup>.

Posteriormente, essa narrativa encontrou uma concorrência com aquele que afirmava que a primeira civilização teria vindo da Índia. Negando a gênese judaico-cristã e criando uma nova – que, inclusive, agradou até mesmo aos cristãos, afinal “o Jardim do Éden estava supostamente localizado em algum lugar a leste, e as maravilhas da Índia lembravam fortemente aquele paraíso terrestre tão desesperadamente procurado desde a Idade Média”<sup>248</sup> – a narrativa sobre uma origem indiana endossava a existência de “uma tribo superior de povos brancos, criadores de toda a cultura, que desceram dos cumes de sua pátria um belo dia para vagar e subjugar o mundo e assim criar toda a civilização”<sup>249</sup>. Tal teoria foi criada principalmente baseando-se em estudos de linguística que afirmavam “ter encontrado uma conexão entre o sânscrito – a língua mais antiga do mundo – e as línguas antigas e modernas da Europa: Latim, Grego, Alemão, Inglês e Francês”<sup>250</sup>. A única forma de essa língua ter chegado à Europa era, enfim, se o povo originário tivesse migrado para lá. Essa teoria também correspondia ao interesse crescente na Índia advindo da colonização inglesa. O povo que teria habitado a Índia em tempos remotos teria sido, então, indo-germânico ou ariano<sup>251</sup>.

Apesar do sucesso do mito fundacional indiano, uma nova mudança foi adicionada à narrativa, qual seja, a de que o povo que estava na Índia não seria originalmente de lá, mas sim, de algum lugar ao norte, nos territórios modernos da Alemanha. “Nesta visão,

---

<sup>245</sup> CHAPOUTOT, Johann. *Greeks, Romans, Germans: How the Nazis Usurped Europe’s Classical Past*. Trad. Richard R. Nybakken. Califórnia: University of California Press, 2016, p. 19.

<sup>246</sup> CHAPOUTOT, Johann. *Greeks, Romans, Germans: How the Nazis Usurped Europe’s Classical Past*. Trad. Richard R. Nybakken. Califórnia: University of California Press, 2016, p. 19-20.

<sup>247</sup> *Ibid.*, p. 20.

<sup>248</sup> *Ibid.*, p. 21-22.

<sup>249</sup> *Ibid.*, p. 22.

<sup>250</sup> *Ibid.*, p. 22.

<sup>251</sup> *Ibid.*, p. 22.

os nórdicos ou indo-germânicos eram as únicas pessoas criativas do mundo; toda a cultura ocidental veio dessa prolífica raça guerreira do Norte, que deu origem às grandes civilizações do mundo”<sup>252</sup>. Tal afirmação tornou-se um fundamento essencial para os movimentos nacionalistas alemães e austríacos no século XIX e terminou por, enfim, embasar a visão de mundo nacional-socialista<sup>253</sup> e, mais especificamente, a de Rosenberg. No início de seu primeiro capítulo, o autor começa a sua narrativa histórica remontando-se, justamente, ao Norte do globo e a um tempo tão pregresso que nos soa, de pronto, mitológico:

A visão formadora de história pode agora mergulhar mais fundo no passado do que jamais se ousou pensar antes. [...] Soma-se a isso a geologia capaz de hoje desenhar os mapas de dezenas de milhares de anos anteriores à nossa era. Os exploradores da Terra nos desenham blocos de terra entre a América do Norte e a Europa, cujos restos ainda podemos ver hoje na Groenlândia e na Islândia. Eles nos mostram que, por outro lado, as ilhas do Extremo Norte (Novaya Zemlya) apresentam antigas linhas de água mais de 100 metros acima da atual; eles tornam provável que o Polo Norte tenha migrado, que um clima muito mais ameno tenha prevalecido no que hoje é o Ártico. E tudo isso junto permite que a antiga saga sobre a Atlântida apareça sob uma nova luz hoje. Não parece totalmente impossível que em lugares onde as ondas do Oceano Atlântico rugem hoje e enormes montanhas de gelo varrem, tenha surgido das inundações um continente florescente no qual uma raça criativa criou uma cultura grande e de longo alcance e elevou suas crianças como marinheiros e guerreiros enviados ao mundo; mas mesmo que eles provem esta hipótese de Atlântida insustentável, um centro cultural nórdico pré-histórico terá que ser assumido<sup>254</sup>.

Nesse trecho, dois aspectos da narrativa de Rosenberg tornam-se evidentes: primeiro, a tentativa do autor em encaixar sua narrativa mitológica em um embasamento

---

<sup>252</sup> CHAPOUTOT, Johann. *Greeks, Romans, Germans: How the Nazis Usurped Europe's Classical Past*. Trad. Richard R. Nybakken. Califórnia: University of California Press, 2016, p. 23.

<sup>253</sup> *Ibid.*, p. 23.

<sup>254</sup> Hinzu ist die Geologie gekommen, die imstande ist, heute die Landkarten von Zehntausenden von Jahren vor unserer Zeitrechnung zu zeichnen. Unterseeforschungen haben aus großer Tiefe des Atlantischen Ozeans starre Lavamassen von den Gipfeln einst plötzlich versunkener Gebirge, in deren Tälern einst Kulturen entstanden waren, ehe eine oder viele furchtbare Katastrophen über sie hereinbrachen. Die Erderforscher zeichnen uns Festlandblöcke zwischen Nordamerika und Europa, deren Überreste wir noch heute in Grönland und Island erblicken. Sie weisen uns nach, daß andererseits Inseln des hohen Nordens (Nowaja Semlja) alte Wasserlinien aufzeigen, die mehr als 100 Meter über der jetzigen liegen; sie machen wahrscheinlich, daß der Nordpol eine Wanderung gemacht, daß in der heutigen Arktis ein viel milderes Klima geherrscht hat. Und dies alles zusammen läßt heute die uralte Sage über die Atlantis in einem neuen Licht erscheinen. Es erscheint als nicht ganz ausgeschlossen, daß an Stellen, über die heute die Wellen des Atlantischen Ozeans rauschen und riesige Eisgebirge herziehen, einst ein blühendes Festland aus den Fluten ragte, auf dem eine schöpferische Rasse große, weitausgreifende Kultur erzeugte und ihre Kinder als Seefahrer und Krieger hinaussandte in die Welt; aber selbst wenn sie diese Atlantishypothese als nicht haltbar erweisen sollte, wird ein nordisches vorgeschichtliches Kulturzentrum angenommen werden müssen (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 24).



científico. Na afirmação de que a história e a geologia poderiam fornecer um conhecimento mais profundo sobre o passado, é possível perceber a preocupação de Rosenberg em assinalar, por meio da mobilização de metodologias “sérias” e científicas, a validade do conhecimento que ele está construindo. Em segundo, Rosenberg se posiciona favoravelmente a uma origem nórdica da humanidade, pois o povo que teria enviado ao mundo emissários da cultura e fundado a civilização teriam sido os “arianos-atlânticos”<sup>255</sup>. A seguir, o autor faz uma reflexão sobre a importância das narrativas mitológicas, afirmando que jamais devemos desconsiderá-las, pois elas têm muito a nos ensinar:

Há muito tempo tivemos que desistir de acreditar que mitos, formas de arte e religião se originaram da mesma forma entre todos os povos. Pelo contrário, a prova rigorosamente justificada de muitas lendas migratórias de povo para povo e sua ligação a diferentes grupos de pessoas mostrou que os mitos mais básicos têm um ponto de irradiação muito específico, seu lugar de criação, também apenas em sua forma externa: através todo um certo ambiente parece compreensível, de modo que, mesmo nos tempos mais antigos, grandes migrações de raças e povos tornam-se uma certeza<sup>256</sup>.

Desse modo, por meio da similaridade entre as narrativas mitológicas de diferentes povos, seria possível identificar que, primeiramente, as migrações entre os povos racialmente determinados seriam uma realidade, de maneira que eles estariam conectados sanguineamente; e em segundo lugar, que teria existido um povo originário, de onde todos os povos e suas respectivas narrativas mitológicas adviriam. Rosenberg identifica no mito solar, ou mito do sol, a primeira narrativa mitológica do primeiro povo, o ariano, e afirma a sua especificidade e centralidade para a criação de mitologias posteriores:

Assim, o mito solar (do sol) junto com seus fenômenos que o acompanham não surgiu automaticamente em todos os lugares como um "estágio geral de desenvolvimento, mas nasceu onde o aparecimento do sol deve ter sido uma experiência cósmica da maior intensidade: no extremo norte. Só aí se pode fazer a nítida separação das metades do ano, só aí o sol pode tornar-se uma certeza para o conteúdo primordial criador e renovador da vida do mundo até o mais íntimo da alma. A velha hipótese ridicularizada hoje torna-se uma

<sup>255</sup> O autor usa a expressão *arisch-atlantischen* para se referir ao povo ariano. Outra expressão similar, também mobilizada por Rosenberg, é *atlantisch-nordische*, de modo que há uma união entre o povo racialmente definido, isto é, sanguineamente definido, e o local de origem (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 26).

<sup>256</sup> Schon lange haben wir es aufgeben müssen, an eine gleichartige Entstehung von Mythen, Kunst- und Religionsformen bei allen Völkern zu glauben. Der streng begründete Nachweis vieler Sagenwanderungen von Volk zu Volk und ihre Festsetzung bei verschiedenen Völkergruppen hat, im Gegenteil, gezeigt, daß die meisten Grund-Mythen einen ganz bestimmten Ausstrahlungspunkt, ihren Ort der Schöpfung haben, in ihrer äußeren Form auch nur: durch eine ganz bestimmte Umwelt begreiflich erscheinen, so daß auch für die uraltesten Zeiten große Wanderungen der Rassen und Völker zur Gewißheit werden (Ibid., p. 24).

probabilidade de que, de um centro nórdico de criação, vamos chamá-lo, sem nos estabelecermos na suposição de um continente atlante afundado, a Atlântida, uma vez que enxames de guerreiros emigraram radialmente como as primeiras testemunhas do desejo de viajar nórdico, que encarnado de novo e de novo, a fim de conquistar, para moldar navios-dragão para o Mar Mediterrâneo, para a África; por terra via Ásia Central até Kutscha, talvez até a China; sobre a América do Norte ao sul deste continente<sup>257</sup>.

A horda de guerreiros e descobridores arianos teria sido, então, lançada sobre o mundo, e o povo teria se espalhado criando civilizações e levando, consigo, o seu mito fundacional. Em mitologias posteriores, similaridades com o mito solar poderiam ser encontradas, comprovando, para Rosenberg, a veracidade das suas afirmações. A seguir, o autor começa a exemplificar a sua teoria, recorrendo às grandes civilizações antigas. No caso dos persas, Rosenberg identifica “memórias arianas-atlantes” na sua mitologia:

Quando Ahura Mazda diz a Zaratustra: Só uma vez por ano você vê o pôr e o nascer das estrelas, a lua e o sol; e os habitantes pensam em um dia como um ano”, esta é uma memória distante da pátria nórdica do deus persa da luz, porque apenas na região polar o dia e a noite duravam seis meses cada, mas o ano inteiro é apenas um dia e uma noite aqui<sup>258</sup>.

Tais “memórias” poderiam ser identificadas, também, nas “parábolas culturais, trajes e desenhos que só podem ser compreendidos através da origem nórdica”<sup>259</sup>. Segundo Rosenberg, os persas arianos foram responsáveis pela expansão territorial do Império a partir do século VI. O líder religioso, Spitama, também conhecido como Zaratustra<sup>260</sup>, estava preocupado com o destino da minoria ariana e procurou estabelecer

<sup>257</sup> So ist denn der solare (Sonnen) Mythos nebst seinen Begleiterscheinungen nicht als allgemeine Entwicklungsstufe überall selbsttätig entstanden, sondern dort geboren worden, wo das Erscheinen der Sonne ein kosmisches Erlebnis von größter Eindringlichkeit gewesen sein muß: im hohen Norden. Nur dort konnte die scharfe Scheidung der Jahreshälften vorgenommen werden, nur dort konnte die Sonne bis ins Innerste der Seele Gewißheit für den lebenerneuernden schöpferischen Urgehalt der Welt werden. Und deshalb wird die alte verlachte Hypothese heute Wahrscheinlichkeit, daß von einem nordischen Mittelpunkt der Schöpfung, nennen wir ihn, ohne uns auf die Annahme eines versunkenen atlantischen Erdteils festzulegen, die Atlantis, einst Kriegerschwärme strahlenförmig ausgewandert sind als erste Zeugen des immer wieder sich erneut verkörpernden nordischen Fernwehs, um zu erobern, zu gestalten. Und diese Ströme der atlantischen Menschen zogen zu Wasser auf ihren Schwan- und Drachenschiffen ins Mittelmeer, nach Afrika; zu Land über Zentralasien nach Kutscha, ja vielleicht sogar nach China; über Nordamerika nach dem Süden dieses Erdteils (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 25).

<sup>258</sup> Wenn Ahura Mazda zum Zarathustra sagt: "Einmal nur im Jahr sieht man untergehen und aufgehen Sterne und Mond und Sonne; und die Bewohner halten für einen Tag, was ein Jahr ist", so ist das eine ferne Erinnerung an die nordische Heimat des persischen Lichtgottes, denn nur im Polargebiet dauerten Tag und Nacht je sechs Monate, das ganze Jahr aber ist nur hier ein Tag und eine Nacht (Ibid., p. 25).

<sup>259</sup> Gleich diesen uralten arisch-atlantischen Erinnerungen treten die nur durch nordische Herkunft verständlichen kulturellen Gleichnisse, Trachten, Zeichnungen auf (Ibid., p. 26).

<sup>260</sup> Nessa passagem, Rosenberg não alude diretamente a Nietzsche. Entretanto, em virtude das demais aproximações e menções ao filósofo ao longo do *Mythus*, nos parece plausível que a obra *Also sprach Zarathustra: Ein Buch für Alle und Keinen* [Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém] possa ter motivado o estoniano a utilizar o personagem em sua análise racial.

medidas que visassem à proteção da pureza racial. Uma “ideia que só agora está revivendo no Ocidente nórdico”, tida por Zaratustra, foi a exigência de casamento entre clãs. Assim, o sangue não se misturaria. Além dessa determinação pragmática, espiritualmente Zaratustra se esforçou “por uma comunidade de sentimentos ideologicamente ligada a Ahura Mazda, o eterno deus da luz, cresceu em uma ideia cósmica, no protetor divino do arianismo”<sup>261</sup>. Temos, então, um paralelo com o mito ariano: se lá, é o Sol que representa a capacidade de criação, aqui, a metáfora aparece como luz.

Se este era o deus que representava o arianismo, então o seu inimigo – sempre há um, afinal – representaria tudo aquilo que é oposto ao primeiro – a escuridão, a destruição e a morte. “O sombrio Angromayniu”, narra Rosenberg, “o enfrenta como um inimigo e luta com ele pela dominação do mundo”. Em um paralelo com a mitologia nórdica, o autor afirma que o pensamento de Zaratustra é nórdico-ariano:

[...] nesta luta o homem deve lutar ao lado de Ahura Mazda [bem como o Einherier de Odin em Valhalla contra o lobo Fenris e a serpente de Midgard]. Uma ideia de preservação do mundo, para despertar e fortalecer todos os poderes criativos da alma humana. [...] Mas o mal e a tentação espreitam ao redor das pessoas que lutam. Para poder contra-atacar com sucesso, Zaratustra invoca o sangue ariano: isso obriga toda persa a servir ao Deus luminoso. Após a morte, o bem e o mal se separam para sempre. Em uma luta poderosa Ahura Mazda então derrota o Angromayniu e estabelece seu reino de paz<sup>262</sup>.

Essa narrativa mitológica guiava a conduta dos persas no mundo e era de lá, segundo o autor, que eles extraíam sua força. Desse modo, a narrativa mitológica advém da raça e diz respeito à conduta dos indivíduos de um povo racialmente determinado no mundo. Ela, portanto, possuiria uma função instrutiva e, além disso, nos permitiria identificar a raça de um determinado povo, pois corresponderia aos valores e à potência

<sup>261</sup> [...] erstrebe Zarathustra [...] auch eine weltanschaulich gebundene Gesinnungsgemeinschaft, Ahura Mazda, der ewige Gott des Lichtes, wächst zur kosmischen Idee, zum göttlichen Schützer des Ariertums heran (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 32).

<sup>262</sup> [...] in diesem Ringen soll der Mensch auf seiten des Ahura Mazda kämpfen [ganz wie die Einherier für Odin in Walhall gegen den Fenriswolf und die Midgardschlange]. Er soll sich also nicht in weltabgewandte Beschaulichkeit und Askese verlieren, sondern sich als ringender Träger einer welterhaltenden Idee fühlen, um alle schöpferischen Kräfte der menschlichen Seele zu wecken und zu stählen. [...] Rund um den ringenden Menschen aber lauert das Böse und die Versuchung. Um dem erfolgreich entgegenzutreten zu können, beruft sich Zarathustra auf das arische Blut: dieses verpflichte jeden Perser zum Dienst für den lichten Gott. Nach dem Tode scheidet sich Gutes und Böses auf ewig. In einem gewaltigen Ringen besiegt dann Ahura Mazda den Angromayniu und richtet sein Friedensreich auf. [...] Rund um den ringenden Menschen aber lauert das Böse und die Versuchung. Um dem erfolgreich entgegenzutreten zu können, beruft sich Zarathustra auf das arische Blut: dieses verpflichte jeden Perser zum Dienst für den lichten Gott. Nach dem Tode scheidet sich Gutes und Böses auf ewig. In einem gewaltigen Ringen besiegt dann Ahura Mazda den Angromayniu und richtet sein Friedensreich auf (Ibid., p. 32-33).

da raça que a criou. O *mito*, como potência, e a *mitologia*, como evidência da raça e narrativa instrutiva, transformam-se, assim, na metodologia de análise da história. Uma vez que essa análise será racial, é preciso encontrar, no passado, algo que sinalize a presença da raça. Os *mitos* e as suas *mitologias* correspondentes assumem, na narrativa de Rosenberg, justamente esse papel. Entretanto, se a atribuição primordial das mitologias seria a instrução do povo, elas só poderiam cumpri-la se o povo se mantivesse racialmente intacto. No caso dos persas, apesar da tentativa heroica de Zaratustra, “a fusão do sangue ariano com o sangue asiático não pôde ser evitada e o grande império dos persas afundou”, de modo que essa narrativa não mais poderia guiar as pessoas.

Outro exemplo emblemático para compreendermos a correspondência entre alma racial e narrativa mitológica é o dos gregos. De acordo com Rosenberg, em uma de suas ondas migratórias, os arianos teriam chegado até à região da Grécia e lá prosperado. Como explica o autor, de acordo com a sua percepção racial do processo histórico,

O sonho da humanidade nórdica foi mais lindamente sonhado na Hélade. Onda após onda vem do vale do Danúbio e se sobrepõe à nova população nativa criativa, ex-imigrantes arianos e unários. A antiga cultura micênica dos aqueus é predominantemente nórdica. Mais tarde, tribos dóricas novamente invadiram as rochas dos nativos estrangeiros, escravizaram as raças subjugadas e trouxeram a regência do lendário rei fenício-semita Minos, que até então comandava a terra, que mais tarde se chamava Grécia, com sua frota pirata. Como rudes senhores e guerreiros, as tribos helênicas acabaram com o estilo de vida decadente dos mercadores do Oriente Próximo e com as armas dos subjugados, um espírito criativo sem igual criou lendas de pedra e se obrigou a compor e cantar eternos contos heroicos. Uma verdadeira constituição aristocrática impedia a mistura de sangue. As forças nórdicas, diminuindo pela luta, foram fortalecidas por novas imigrações. Os dórios, depois os macedônios, protegeram o sangue louro criativo<sup>263</sup>.

Desse modo, Rosenberg cria um quadro no qual a cultura Grega Antiga, aquela florescente, teria princípios nórdicos como seus guias, pois teria sido fundada pelos

---

<sup>263</sup> Am schönsten geträumt wurde der Traum des nordischen Menschentums in Hellas. Welle auf Welle kommt aus dem Donautal und überlagert neuschöpferisch Urbevölkerung, frühere arische und unarische Einwanderer. Bereits die altmykenische Kultur der Achäer ist überwiegend nordisch bestimmt. Spätere, dorische Stämme stürmten erneut die Felsen der fremdrassigen Ureinwohner, versklavten die unterjochten Rassen und brachten das Herrschertum des sagenhaften phönizisch-semitischen Königs Minos, der durch seine Piratenflotte bis dahin die später sich Griechenland nennende Erde befehligte. Als rauhe Herren und Krieger räumten die hellenischen Stämme mit der heruntergekommenen Lebensform des vorderasiatischen Händlertums auf und mit den Armen der Unterjochten erschuf ein Schöpfergeist ohnegleichen sich Sagen aus Stein und erzwang sich Muße, ewige Heldenmärchen zu dichten und zu singen. Eine echte aristokratische Verfassung verhinderte die Blutmischung. Die sich durch Kampf verringerten nordischen Kräfte wurden durch neue Einwanderungen gestärkt. Die Dorer, dann die Mazedonier schützten das schöpferische blonde Blut (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 34).

arianos. Eles criaram cantos heroicos e lendas, ou seja, narrativas mitológicas, para inspirar e instruir os seus iguais. A organização social desse momento é descrita pelo autor como “aristocrática”, de modo que os diferentes povos ficavam isolados em seus grupos. Outro aspecto interessante no trecho é a mobilização da figura do rei Minos, que teria sido um semideus nascido na ilha de Creta. Descrito, aqui, como personagem histórico, nos parece proposital e interessante que o estoniano transgrida os limites epistemológicos entre historiografia e mitologia para conformar a sua argumentação. Ao equiparar em valor os conhecimentos produzidos por ambas, eles passam a se complementar, sendo que um fornece ao outro aquilo que faltaria para uma compreensão correta do processo histórico. Por meio da mitologia, seria possível encontrar as evidências que trariam à luz a verdade sobre o processo histórico, qual seja, o do embate entre as diferentes raças do mundo e a superioridade da germânica perante as outras. A história, por sua vez, legitima a narrativa mitológica ao ancorar temporalmente a afirmação sobre a existência da raça desde o início da caminhada humana sobre a Terra. Dois lados da mesma moeda, a mitologia não existe sem o passado e o passado não poderia ser compreendido sem a mitologia. Equiparar ambos os discursos, portanto, é totalmente coerente com a proposta teórica e metodológica de Rosenberg. O autor, assim, prossegue sua análise ligando, ainda mais diretamente, o passado grego, o suposto sangue ariano que teria sido responsável pela criação dessa civilização, e as narrativas mitológicas que foram construídas:

As figuras luminosas de Apolo, Palas Atena, Zeus, o pai do céu, são sinais da mais genuína grande beneficência. O de cabelos dourados [Chrysokomos, Apolo] é o guardião e protetor de tudo o que é nobre e feliz, o guardião da ordem, o professor da harmonia das forças da alma, da medida artística. Apolo é a luz nascente da aurora, ao mesmo tempo o protetor da visão interior e o mediador dos dons visionários. [...] Ao lado de Apolo está Palas Atena, o símbolo do relâmpago vivificante que brotou da cabeça de Zeus, a filha de olhos azuis do trovão, a donzela sábia e sensata, guardiã do povo de Helena e fiel protetora de sua luta. Essas criações de alma grega altamente piedosas mostram a vida interior reta e ainda pura do homem nórdico, são, no mais alto sentido, confissões religiosas e uma expressão de confiança em sua própria espécie e nas divindades engenhosamente ingênuas e amigas do homem<sup>264</sup>.

---

<sup>264</sup> Zeus, Zeichen echtster großer Frömmigkeit. Der Goldhaarige [Chrysokomos, Apollon] ist der Hüter und Schützer alles Edlen und Frohen, Wahrer der Ordnung, Lehrer der Harmonie der Seelenkräfte, des künstlerischen Maßes. Apollon ist das aufsteigende Licht der Morgenröte, zugleich der Schirmer der inneren Schau und Vermittler der seherischen Gabe. [...] Neben Apollon steht die Pallas Athene, das Sinnbild des dem Haupt des Zeus entsprungenen, lebensregenden Blitzes, die blauäugige Tochter des Donnerers, die weise besonnene Jungfrau, Hüterin des Helenenvolkes und treue Schirmerin seines

Aqui, temos alusões evidentes ao mito solar ariano, afinal, os três deuses são descritos com metáforas relacionadas à luz ou ao céu – onde, claro, está o sol. Seja na luz da aurora no alvorecer do dia, do relâmpago ou dos céus, Rosenberg segue, aqui, o mesmo padrão descritivo, assim como o fez com os persas. Esses deuses, “criações da alma grega”, corresponderiam, portanto, à pureza racial daquele momento, afinal, elas são, também memórias distantes da “pátria nórdica”, que os gregos compartilhavam com os persas. Além disso, nesse momento, Rosenberg já nos dá algumas pistas para que compreendamos um pouco melhor a raça ariana, apontando características internas e externas que considera relevantes. Internamente, vemos aqui uma nobreza de espírito construída pela figura de Apolo, sendo esse protetor dos valores morais da raça. Atenas, por sua vez, é sábia, sensata e protetora, o que demonstra a sua fidelidade para com o seu povo. Já em sua forma exterior, eles seriam loiros e de olhos claros, de modo que a sua aparência que permitiria identificar a sua superioridade, pois os arianos eram, também, assim. O autor pontua, vez ou outra, tais feições ao longo do livro, referindo-se a outras pessoas que considera representantes da raça ariana e, posteriormente, germânica.

A sociedade grega, entretanto, ainda que dominada por arianos, não era somente composta por eles. Tal aspecto é corroborado pelas narrativas mitológicas que destoavam daquelas “celestes” criadas pelos arianos. Como Rosenberg interpreta,

Se os deuses gregos eram heróis da luz e do céu, os deuses dos não-arianos do Oriente Próximo tinham todos traços terrenos. Deméter, Hermes e outros são produtos essenciais dessas almas raciais. Se Palas Atena é uma protetora guerreira da luta pela vida, então o Pelasgian Ares é o monstro encharcado de sangue; se Apolo é o deus da lira e da canção, Dionísio também é [...] o deus do êxtase, a luxúria do menadismo desencadeado<sup>265</sup>.

Assim, os arianos estariam lidando constantemente com a ameaça do sangue inferior, com o qual conviveriam diariamente. As diferenças entre as mitologias são, para Rosenberg, uma evidência cabal dessa diferença racial. Aos poucos, o sangue inferior se infiltraria nas camadas mais nobres da sociedade grega, de modo que teria prejudicado a

---

Kampfes. Diese hochfrommen griechischen Seelenschöpfungen zeigen das geradegewachsene innere, noch reine Leben des nordischen Menschen, sie sind im höchsten Sinne religiöse Bekenntnisse und Abdruck eines Vertrauens in die eigene Art und zu den genial-naiv empfundenen, dem Menschen freundlich gesinnten Gottheiten (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 35-36).

<sup>265</sup> Waren die griechischen Götter Heroen des Lichtes und des Himmels, so trugen die Götter der vorderasiatischen Nichtarier alle erdhafte Züge an sich. Demeter, Hermes u. a. sind wesenhafte Erzeugnisse dieser Rassenseelen. Ist Pallas Athene eine kriegerische Schützerin des Lebenskampfes, so der pelasgische Ares das blutbetriehte Ungeheuer; ist Apollon der Gott der Leier und des Gesanges, so Dionysos [...] der Gott der Ekstase, der Wollust des entfesselten Mänadentums (Ibid., p. 36).

capacidade criadora desta. Não é surpreendente que o autor conecte a democracia à degeneração racial, em contraste com a organização aristocrática proposta pelos nórdicos, como já foi sinalizado. Para conformar a sua argumentação nesse momento, Rosenberg cita o historiador Jakob Burckhardt. Tal evocação se assemelha àquela de Ranke, por meio da qual Rosenberg buscou embasar historiograficamente o seu discurso. Uma vez que a temática em questão é a Grécia Antiga, o estoniano lança mão de um estudioso de renome, cujos interesses se centravam no Renascimento e na Antiguidade Clássica. A obra mobilizada é *Griechische Kulturgeschichte* [*História da Cultura Grega*] e, a partir da menção, o estoniano constrói sua interpretação racial do passado. O primeiro trecho é de Burckhardt, no qual o historiador considera que “Desde a penetração da democracia em diante, reina constante perseguição contra todos”<sup>266</sup>. É interessante notar que o estoniano resume a citação de Burckhardt. Rosenberg afirma que a perseguição ocorre contra todos os gregos, compreendendo-os racialmente, ao passo que Burckhardt define quem seriam os gregos perseguidos: “aqueles indivíduos que podem e às vezes devem significar algo como funcionários, estrategistas, etc.”, de modo que “a agitação periódica”, advinda da democracia, seria “contra aqueles que possuem alguma coisa”<sup>267</sup>. A análise do historiador, portanto, não é racial, mas sim, relativa à ocupação ou posição social dos gregos. Rosenberg, portanto, distorce a perspectiva de Burckhardt para, então, prosseguir com sua perspectiva racial. O estoniano afirma que “essa democracia não é o governo popular, mas o governo do Oriente Próximo sobre as tribos gregas que espalham seu povo e suas forças”<sup>268</sup>. Advindos do Oriente Próximo estavam, para Rosenberg, os semitas. Rosenberg continua a sua interpretação do passado explicitando as consequências da suposta mistura entre as diferentes raças:

Depois da mistura de raças entre os gregos e os nativos, nem o elemento cônico nem o celestial emergiram mais tarde em forma pura, mas ambos se aniquilam nos costumes dionisíacos. [...] Tudo o que é dionisíaco entra na vida grega como algo racial e espiritualmente

<sup>266</sup> Vom Eindringen der Demokratie an herrscht in ihrem Innern die beständige Verfolgung gegen alle [...] (BURCKHARDT, Jakob. *Griechische Kulturgeschichte*: Alle vier Bände in einem Buch. Berlin: Holzinger, 2014, p. 576).

<sup>267</sup> [...] diejenigen Individuen, die etwas bedeuten können und zeitweise als Beamte, Strategen usw. bedeuten müssen, ferner die Unerbittlichkeit gegen das Talent, es mag so treu und ergeben dienen, als es will, die periodische Hetze gegen die, welche etwas besitzen, und endlich bei den Verfolgern das durchgebildete Bewußtsein: man habe es den Leuten so gemacht, daß jeder, der etwas sei, notwendig innerlich empört und daher bei gegebenem Anlaß ein Verräter sein müsse (Ibid., p. 576).

<sup>268</sup> Diese Demokratie aber ist nicht Volksherrschaft, sondern Herrschaft Vorderasiens über die ihre Menschen und Kräfte zerstreuenden griechischen Stämme, überall herrscht der hemmungslos gewordene Menschenauswurf über die verweichlichten, nicht durch rassisch-verwandtes Bauerntum gestärkter Hopliten (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 52).

estranho – se talvez também antigo – que mais tarde se tornou o símile mais forte dos puros mentalmente levando com ele a decadência nórdica<sup>269</sup>.

Desse modo, o aspecto superior, ariano e nórdico do sangue grego se teria perdido. Nem mesmo os deuses inferiores puderam manter a sua equivalência às almas raciais que os haviam criado. A criatividade da Grécia, assim, perdeu-se e a cultura a partir de então criada não mais correspondia às almas raciais. Aos perderem a sua pureza, as mitologias não tinham mais nenhuma serventia à sociedade grega, afinal, os povos não poderiam olhar para elas e se inspirar, ser instruídos por seus ensinamentos. Apesar da decadência dos arianos, tanto na Pérsia quanto na Grécia, as narrativas que eles criaram seguiram vivas e chegaram até a atualidade, pois, segundo Rosenberg, a Europa estaria vivendo um momento de despertar mítico, isto é, de descoberta da sua própria potência. “Os sentimentos nórdicos e a criação racial nórdica são os slogans hoje”<sup>270</sup>, afirma o estoniano, e “a mesma alma racial que já esteve viva em Zaratustra está despertando com poder mítico para uma consciência elevada”. Os valores nórdicos estariam acordando, enfim, após um longo sono. Tal era a oportunidade para mudar o curso da história, ou melhor dizendo, para findá-lo.

### ***Circularidade temporal: guerra e alternância***

A história, então, muda completamente sua aparência aos olhos de Rosenberg. Para o estoniano, as ações dos homens seriam condicionadas pelos valores raciais e, por meio das narrativas mitológicas, seria possível detectar a presença do sangue ariano ao longo do tempo. Em alguns poucos momentos, a potência da raça ariana, isto é, o seu *mito* teria sido vivenciado por alguns atores. Como já sinalizamos, entretanto, os arianos e, posteriormente, os germânicos, não andariam sozinhos pelo mundo: raças inferiores sempre estariam à espreita e buscariam, por meio de valores racialmente deturpados, falsear as leis da natureza e garantir a sua sobrevivência. A mais inferior de todas, a contra-raça<sup>271</sup> semita, ou judaica, buscaria alienar, através dos séculos, as raças

<sup>269</sup> [...] nach der Rassenvermischung zwischen Griechen und Ureinwohnern trat später weder das chthonische noch das himmlische Element rein hervor, sondern beide vernichten sich in den dionysischen Gebräuchen. [...] Als etwas rassistisch und seelisch Fremdes — wenn vielleicht auch Uraltes — tritt alles Dionysische in griechisches Leben ein, das später stärkste Gleichnis des rein psychisch mit ihm gehenden nordischen Verfalls (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 44).

<sup>270</sup> Als aber trotz dieses heroischen Versuchs das Aufgehen des arischen Blutes im asiatischen nicht zu vermeiden war und das große Reich der Perser dahinsank, wirkte der Geist des Zarathustra und sein Mythos doch weiter über die ganze Welt. [...] Und heute erwacht im Herzen und im Norden Europas mit mythischer Kraft die gleiche Rassenseele, die einst in Zarathustra lebendig war, zu erhöhtem Bewußtsein (Ibid., p. 33).

<sup>271</sup> Para se referir aos judeus, Rosenberg usa o termo *Gegenrasse*. (Ibid., p. 462).



superiores, enganando-as e impedindo que elas descobrissem a sua verdadeira potência: aquela que os permitiria criar civilizações e dominar outros povos. Para os nazistas, se as leis da natureza fossem integralmente aplicadas, afinal, os judeus jamais seriam capazes de sobreviver. Novamente, o fator que deixa transparecer tal inferioridade é a mitologia judaica, criada, para Rosenberg, a partir da mitologia persa. Segundo o autor, “O judaísmo criou seu Satã a partir de Angromayniu, e da preservação racial natural dos persas todo o seu sistema artificial de criação de uma mistura de raças, combinado com uma lei religiosa obrigatória (embora puramente judaica)”<sup>272</sup>.

Desse modo, Rosenberg interpreta que, ao se apropriarem da mitologia persa, cuja origem é ariana, os judeus falseiam seus ensinamentos, arquitetando planos, tanto para incentivarem a mistura racial, quanto para manterem-se unidos em sua própria degeneração. O fato de que os judeus teriam se inspirado em Angromayniu para criarem seu Satã também é significativo, pois, para o estoniano, eles não conseguem apreender a missão criadora de Ahura Mazda, apenas a destruição causada por seu inimigo. Isso acontece, é claro, em virtude da suposta inferioridade racial judaica e do fato de que eles não possuem sangue ariano e, portanto, não portam a potência criadora. Outro aspecto para o qual chamamos a atenção é a colocação de que os judeus criam um sistema “artificial”, isto é, não-natural. Tal artificialidade ia de suas mitologias até o seu sistema de leis, podendo ser detectada em todos os âmbitos da vida, como explicita Johann Chapoutot:

Os judeus eram seres de abstração, pois odiavam o que era real. Esse ódio os levava a inventar artifícios, a refugiar-se no que não existia, em fantasmagorias confabuladas em suas pobres cabeças doentes. [...] Incapazes de viverem felizes com a natureza e suas leis, eles criaram e formularam leis artificiais que eram uma negação do mundo natural. [...] Incapazes de governar a si mesmos, os judeus se refugiaram em um conjunto de palavras que era sua única pedra de toque e fonte de estabilidade<sup>273</sup>.

Assim, a fim de garantir a sua sobrevivência, os judeus negavam a natureza, que, na visão de mundo nazista, endossada por Rosenberg, já os havia condenado à morte. Desse modo, na obra do estoniano, torna-se perceptível o constante embate entre essas

---

<sup>272</sup> Das Judentum schuf sich aus Angromayniu seinen Satan, aus der natürlichen Rasseerhaltung der Perser sein ganzes künstliches System der Aufzucht eines Rassegemisches, verbunden mit einem verpflichtenden (allerdings rein jüdischen) Religionsgesetz (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 33).

<sup>273</sup> CHAPOUTOT, Johann. *The Law of the Blood: Thinking and acting like a Nazi*. Trad. Miranda Richmond Mouillot. Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018, p. 73.

duas raças: a ariana, posteriormente manifesta nos germânicos, que buscam orientar-se pela natureza, honrando a sua raça; e a semita, presente nos judeus, que buscam alienar os povos, como a si mesmos, das leis da natureza, pregando a compaixão pelo mais fraco e garantindo a sua sobrevivência. Tal constatação possui, para o autor, consequências temporais diretas que impactam na sua percepção sobre o transcorrer da história. Como ele aponta, a compreensão dos “fatos” passados, à luz da história racial, é essencial para que os germânicos entendam o que aconteceu nos últimos 1500 anos e o que ainda está ocorrendo diante de seus olhos no mundo contemporâneo<sup>274</sup>. Além disso, ele sinaliza que o “sentido da história” pode ser desvendado por meio de uma “alternância rítmica” entre momentos de prosperidade, quando as raças superiores, advindas do Oeste, isto é, os arianos e seus descendentes, dominaram os demais povos, e épocas de degeneração e decadência, em que as inferiores, advindas do Leste, os semitas e, posteriormente, os judeus, conseguiram se impor<sup>275</sup>.

A análise histórica empreendida por Rosenberg, portanto, sinaliza aos leitores a alternância entre esses dois “polos” raciais ao longo do tempo causando uma circularidade temporal, que é compreendida, por ele, como o próprio processo histórico. Assim, na narrativa do estoniano, essa circular guerra entre as raças aparece como o “motor da história”. Entretanto, no momento presente, o autor vê uma possibilidade de ruptura nessa lógica temporal. “Hoje”, ele afirma na abertura de seu primeiro capítulo, “está começando uma dessas épocas em que a história do mundo deve ser reescrita”<sup>276</sup>. O “despertar” dos germânicos para os equívocos das interpretações sobre a história está localizado na Primeira Guerra Mundial, quando os líderes da Tríplice Entente, controlados pelos interesses judaicos, teriam cometido “o crime monstruoso de ter mobilizado os negros e os mestiços contra o povo alemão”<sup>277</sup> na tentativa de destruí-lo. O agravamento dessa guerra secular é, então, a condição para o seu próprio fim e, no presente degenerado, um futuro diferente torna-se possível.

---

<sup>274</sup>Diese Worte sollte jeder Deutsche kennen, damit er versteht, was seit 1500 Jahren und heute in der Welt vor sich geht (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 160).

<sup>275</sup>Der “Sinn der Geschichte” ist durchaus nicht von Ost nach West gegangen, sondern hat rhythmisch gewechselt (Ibid., p. 641).

<sup>276</sup>Es beginnt heute eine jener Epochen, in denen die Weltgeschichte neu geschrieben werden muß (Ibid., p. 21).

<sup>277</sup>Auf den Schultern der Leiter der Ententemächte lastet das ungeheuerliche Verbrechen, Schwarze und Mischlinge gegen das deutsche Volk mobilisiert und sie, unterstützt durch jahrelange Beschimpfungen Deutschlands, in den Krieg gegen ein Reich weißer Rasse geführt zu haben (Ibid., p. 646).

Tal percepção é assinalada, pelo autor, como a sua principal motivação para reinterpretar o passado – ele próprio, afinal, sentia que o já citado despertar mítico e a conjuntura do presente seria a condição *sine qua non* para que Rosenberg pudesse realizar a grandiosa tarefa de escrever novamente a história. Essa seria uma demanda de seus contemporâneos que teriam começado a perceber que “as velhas imagens do passado” não mais forneciam respostas que explicassem as suas próprias experiências<sup>278</sup>. Desse modo, a narrativa histórica apresentada por Rosenberg mostra-se, a partir do despertar mítico, teleológica, caminhando para duas possibilidades incontornáveis: a da redenção germânica ou a do caos racial. Como aponta Johann Chapoutot, a narrativa histórica defendida pelos nazistas, nesse sentido, demonstrava-se um tanto escatológica, uma vez que “Se a Alemanha fosse derrotada nesta guerra racial, o resultado seria um apocalipse, uma catástrofe final e irremediável”<sup>279</sup>. Tal interpretação é clara na seguinte passagem do *Mythus*, quando Rosenberg afirma que se tem, então a “terrível consciência de que hoje estamos diante de uma escolha final”<sup>280</sup>:

Ou alcançamos uma conquista de limpeza através de uma nova experiência e educação do sangue antigo, juntamente com uma maior vontade de lutar, ou então os últimos valores germânicos ocidentais de civilidade e disciplina estatal afundam nas enxurradas sujas de pessoas nas metrópoles, paralisam no asfalto brilhante e estéril de uma desumanidade bestializada ou escoam como germes patogênicos na forma de emigrantes bastardos na América do Sul, China, Índias Orientais Holandesas e África<sup>281</sup>.

Assim, para Rosenberg, a perpetuação da raça germânica dependia do fim da guerra entre raças a nível global. A imigração é descrita como um fator fundamental para a degeneração racial, de modo que o combate à presença de estrangeiros na Alemanha seria essencial a fim de preservar a raça. Não apenas de judeus seriam feitos os inimigos do povo alemão: a presença das demais raças tidas como inferiores também precisaria ser combatida. Recorrendo a um discurso patologizante, não muito recorrente ao longo da

<sup>278</sup> Die alten Bilder menschlicher Vergangenheit sind verblaßt (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 22).

<sup>279</sup> CHAPOUTOT, Johann. How the Nazis Viewed History the Time of Nature and the Abolition of History. Trad. Cadenza Academic Translations. *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, nº117, 2013, p. 49.

<sup>280</sup> [...] furchtbare Bewußtsein, daß wir heute vor einer endgültigen Entscheidung stehen (ROSENBERG, 1934, p. 81).

<sup>281</sup> Entweder steigen wir durch Neuerleben und Hochzucht des uralten Blutes, gepaart mit erhöhtem Kampfwillen, zu einer reinigenden Leistung empor, oder aber auch die letzten germanischabendländischen Werte der Gesittung und Staatenzucht versinken in den schmutzigen Menschenfluten der Weltstädte, verkrüppeln auf dem glühenden unfruchtbaren Asphalt einer bestialiserten Unmenschheit oder versickern als krankheitsregender Keim in Gestalt von sich bastardierenden Auswanderern in Südamerika, China, Holländisch-indien, Afrika (Ibid., p. 81).

obra, o estoniano encara os imigrantes como sub-humanos, seres que trariam doenças ao corpo saudável da nação alemã. A extensão nas preocupações de Rosenberg para além do território europeu muito se deveram à expansão colonial do século anterior. Em um momento no qual cultivava-se, nos centros urbanos da Europa, um imaginário de delinquência e criminalidade associado à pobreza, não demorou muito para que essa visão se aliasse ao preconceito racial. Como assinala Dominique Kalifa, “o Velho Mundo logo se mostra pequeno demais” e os preconceitos de classe logo “se tingem de notações racistas”<sup>282</sup>. Era preciso, portanto, impedir a vinda dos supostos elementos nocivos à pureza racial alemã e, para Rosenberg, a redenção buscada por meio de sua nova compreensão histórica colocaria um fim na alternância sucessiva entre raças superiores e inferiores. Findado o conflito racial, a história findaria igualmente:

[...] o “*Reich de mil anos*” não era uma referência insignificante ao milenarismo cristão, porque o nazismo prometia paz para os séculos vindouros, uma paz que essencialmente poria fim à história, que para a raça nórdica consistia até então apenas da luta de sangue entre alemães e judeus. Segundo os nazistas, a história, uma questão de dialética racial, chegaria ao fim com a vitória final e total do *Reich* e o desaparecimento do inimigo racial. Isso abriu um espaço vasto, livre e desimpedido para o projeto nazista: os territórios longínquos do Oriente e do tempo eterno. Foi a esse espaço-tempo aberto e desobstruído criado por uma vitória verdadeiramente escatológica que os planos se aplicaram<sup>283</sup>.

Tal mobilização está inserida em uma corrente anterior de discursos escatológicos, uma vez que, como aponta Sanjay Subrahmanyam, o uso do termo “escatologia” no sentido supracitado data do século XIX e refere-se, primordialmente, às reflexões sistemáticas acerca do fim dos tempos, incluindo ideias como a de um “Dia do Julgamento” da humanidade “tanto no presente quanto no passado”<sup>284</sup>. Ainda que as manifestações variem ao longo do tempo, Subrahmanyam argumenta que a questão da escatologia permanece, inescapavelmente, uma questão política<sup>285</sup>. Desse modo, ao criar uma escatologia racial, na qual o fim da história significa a condenação das raças

---

<sup>282</sup> KALIFA, Dominique. *Os bas-fonds: história de um imaginário*. Trad. Márcia Aguiar. São Paulo: EDUSP, 2017, p. 30.

<sup>283</sup> CHAPOUTOT, Johann. How the Nazis Viewed History the Time of Nature and the Abolition of History. Trad. Cadenza Academic Translations. *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, nº117, 2013, p. 51.

<sup>284</sup> SUBRAHMANYAM, Sanjay. The politics of eschatology: a short reading of the long view. In.: CHAKRABARTY, Dipesh; SUBRAHMANYAM, Sanjay; TRÜPER, Henning (orgs). *Historical Teleologies in the Modern World*. Londres: Bloomsbury Academic, 2015, p. 25.

<sup>285</sup> *Ibid.*, p. 41.

inferiores, Rosenberg julga pessoas inocentes tomando para si a voz e o juízo da história. Afinal, não basta falar em nome de Clio, é imprescindível agir em seu nome.

Com o fim da história, isto é, o fim da guerra das raças, uma nova era poderia ser inaugurada: aquela na qual os germânicos reinariam em paz. Assim como Ahura Mazda, eles teriam, enfim, derrotado o seu Angromayniu e poderiam descansar no *Reich* racialmente purificado.

### ***O devir em três atos: teleologia mitológica***

Raça, *mito*, mitologia e tempo circular: esses quatro elementos permitem a Rosenberg reinterpretar o passado, o presente e o futuro e fornecer, aos alemães, um direcionamento diferente das suas ações, afinal, se eles já foram líderes de impérios, o que os impediria de construir mais um? Em virtude da mobilização de uma narrativa passada que busca refundar a origem dos germânicos, da explicação que esta fornece ao presente e do direcionamento ao futuro, acreditamos que é possível afirmar, como já sinalizado, que a construção histórica de Rosenberg se configura como um mito político. Há aqui, afinal, os três planos apontados por Raoul Girardet<sup>286</sup>: uma narrativa legendária de função explicativa – a dos arianos e do mito solar; a compreensão do presente – que, degenerado, contém a possibilidade de findar a circularidade temporal; e, por fim, o papel de mobilização – a percepção da realidade racial e, partir dela, a construção de um novo *Reich*. Além disso, e nunca é demais ressaltar, a premissa da qual Rosenberg parte, isto é, a da existência de diferentes raças portadores de diferentes mitos, é uma “fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real”<sup>287</sup>.

A construção dessa narrativa, que aqui interpretamos como um mito político, foi essencial para o sucesso do nacional-socialismo, não apenas como ideologia, mas também como regime. Mostrar a grandeza do passado era, afinal, apontar para a possível grandeza do futuro. Mas não só: o retorno racial ao passado também solucionou, para os germânicos, uma questão identitária profunda e incômoda, de modo que conferir um *novo passado* ao povo germânico também era uma tarefa essencial para Rosenberg. Essa nova narrativa que conectava passado e presente de um modo diverso gerava um novo compromisso com a atualidade. Como argumenta Chapoutot,

---

<sup>286</sup> GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 13.

<sup>287</sup> *Ibid.*, p. 13.

O mito heroico da raça, portanto, não apenas desempenhou um papel na criação da identidade, mas também continha uma função mobilizadora. Um apelo ao passado também pode ser uma chamada ao dever no presente; o conduíte flui em ambas as direções. As origens proporcionam conforto, mas também trazem responsabilidades. A nobreza da raça existe em um *continuum* temporal que não é delimitado nem divisível. O passado engendra o presente, que por sua vez dá origem ao futuro, em plena continuidade lógica e ontológica, segundo uma lei maleável, mas inviolável. O sangue nunca mente; enquanto permanecer puro, preserva seu potencial latente<sup>288</sup>.

“O potencial de grandeza” assim, “por necessidade ontológica, sempre surgiria novamente”<sup>289</sup>. A narrativa *afirmativa* construída no mito político nazista, portanto, dava aos germânicos a certeza de seu sucesso e assegurava, em um momento de incertezas e dificuldades, o futuro glorioso. Autônoma, a narrativa mitológica criada pelos nazistas, entre os quais estava, como voz importante, Rosenberg, afirmou ter “recebido na aurora da história humana” uma revelação – aquela da raça – e, então, após um “longo tempo escondida sob o véu de línguas esquecidas” ela pôde ser, enfim, descoberta e exteriorizada<sup>290</sup>. Por essa razão, o *mito* da raça germânica, ou seja, a sua potência, é o *mito do século XX*. O momento do despertar havia, por fim, chegado, e a superioridade racial germânica se revelaria, impondo-se perante as demais:

A pessoa mais sábia é aquela cuja auto-realização pessoal está na mesma linha que o retrato da vida do grande sangue germânico. O maior do nosso tempo será aquele que, a partir do mais poderoso redesenho mítico, também submeterá as almas de milhões de pessoas envenenadas e desencaminhadas a essa velha-nova vontade típica e, assim, lançará as bases para o que nunca foi, mas o que inspirou o desejo de todos os nossos buscadores: um povo alemão e uma cultura folclórica alemã genuína. E tudo isso é a coisa essencialmente nova que compõe o mito de nosso século e está prestes a penetrar subitamente vivificante na mais humilde choupana do camponês, na mais humilde moradia do operário; mesmo nas salas de aula de nossas universidades nunca foi dito tão claramente como aqui. Já é tempo de tirar todas as conclusões<sup>291</sup>.

---

<sup>288</sup> CHAPOUTOT, Johann. *Greeks, Romans, Germans: How the Nazis Usurped Europe's Classical Past*. Trad. Richard R. Nybakken. Califórnia: University of California Press, 2016, p. 9.

<sup>289</sup> *Ibid.*, p. 9.

<sup>290</sup> ECO, Umberto. *Fascismo eterno*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2016, p. 44-45.

<sup>291</sup> Der weiseste Mensch ist der, dessen persönliche Selbstverwirklichung mit der Lebensdarstellung der Großen germanischen Blutes auf der gleichen Linie liegt. Der Größte unserer Zeit wird der sein, welcher aus machtvollster mythischer Neugestaltung auch die Seelen Millionen Vergifteter und Irreführter diesem altneuen typischen Wollen unterstellt und damit den Grundstein legt zu dem, was noch nie war, was aber die Sehnsucht aller unserer Sucher beflügelt hat: ein deutsches Volk und eine echte deutsche Volkskultur. Und dies alles ist das wesentlich Neue, was den Mythos unseres Jahrhunderts ausmacht und plötzlich lebenspendend hineinzudringen sich anschiekt in die geringste Bauernhütte, in die bescheidenste Arbeiterwohnung; sogar schon in die Hörsäle unserer Hochschulen so klar wie hier ist es noch nirgends ausgesprochen worden. Es ist hohe Zeit, sollen einmal alle Folgerungen gezogen werden können (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 685).

Desse modo, a narrativa mitológica poderia voltar a ensinar aos germânicos sobre a sua conduta e o seu lugar no mundo. Ela é, como já apontamos, primordialmente instrutiva e correspondente à potência. Mas ela só pode ensinar quando o sangue volta a ditar as regras da sociedade e a raça desperta para as suas possibilidades. Assim, nos voltaremos, agora, para a análise da função instrutiva da história. Para tal, recorreremos ao último pilar mobilizado pelo autor para forjar a sua nova metodologia: o conceito de *tipo*.

## 2.2 As ruínas vivas da epopeia da raça

*A história da raça é, portanto, história natural e misticismo da alma ao mesmo tempo; mas a história da religião do sangue é, inversamente, a grande narrativa mundial da ascensão e queda dos povos, seus heróis e pensadores, seus inventores e artistas*<sup>292</sup>.

A história racial de Rosenberg foi construída, como buscamos demonstrar, a partir de um discurso historiográfico e mitológico. No trecho supracitado, torna-se claro que, para além da análise propriamente *histórica*, a narrativa do estoniano constrói-se, também, a partir da crença no sangue como realidade transcendente. Como demonstram Lacoue-Labarthe e Nancy, o mito só é real quando vivido, afinal, apenas como potência, ele permanece oculto e não pode efetivar o futuro desejado. Assim, para que essa vivência seja alcançada, é necessário que os germânicos creiam na sua própria potência e movam-se, isto é, ajam em direção a ela. Como os filósofos apontam,

esse ato de fé trata, em cada povo, do seu mito próprio, ou seja, da projeção e de um projeto originais de sua identidade. [...] Mas esse ato de fé é realmente um ato. [...] A relação ‘mística’ com o mito é da ordem da experiência vivida. [...] Existe uma ‘experiência mística’ [...], o que quer dizer que o mito não é verdadeiro senão quando vivido<sup>293</sup>.

Para que o mito possa ser, então, vivido, é necessário que os germânicos reconheçam essa potência e possam, a partir desse reconhecimento, agir. Um outro aspecto que se torna essencial para motivar, além da crença no mito, a sua efetivação, é o caráter instrutivo da própria narrativa. Esta seria amplificada, como já demonstramos, nas escolas e em outros ambientes, como o próprio partido, visando educar os germânicos a respeito do seu verdadeiro lugar no devir histórico. O aspecto instrutivo da construção

<sup>292</sup> Rassengeschichte ist deshalb Naturgeschichte und Seelen-Mystik zugleich; die Geschichte der Religion des Blutes aber ist, umgekehrt, die große Welterzählung vom Aufstieg und Untergang der Völker, ihrer Helden und Denker, ihrer Erfinder und Künstler (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 23).

<sup>293</sup> LACOUÉ-LABARTHE, Phillipe; NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista*. Trad. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002, p. 54-55.

histórica de Rosenberg parece apropriar-se da perspectiva da história mestra da vida, tal qual idealizada por Cícero na Roma Antiga. Assim, a história se torna, também, como o trecho inicial explicita, “a grande narrativa mundial da ascensão e queda dos povos, seus heróis e pensadores, seus inventores e artistas”, isto é, uma narrativa que fornece exemplos, a partir de personagens específicos, que possam guiar a conduta dos alemães do presente. Buscando compreender melhor tais proposições, nos deteremos, agora, a pensar a função instrutiva da narrativa mitológica, efetivada por meio dos *tipos*; analisaremos os exemplos que Rosenberg fornece, visando à instrução dos seus contemporâneos; e, por fim, refletiremos sobre a construção dessa história mestra como, concomitantemente, uma história racial.

### ***O mito e o tipo: a imagem da alma se torna visível***

Ao longo de sua obra, Rosenberg identifica momentos no passado, nos quais considera que germânicos conseguiram dar corpo à potência que carregavam em sua alma, isto é, momentos nos quais o *mito* tornou-se realidade. Quando isso acontece, o autor define que o germânico, ou os germânicos, tornaram-se um *tipo*<sup>294</sup>, isto é, a forma na qual a potência tornou-se real no nosso mundo de aparências. De acordo com os já citados Lacoue-Labarthe e Nancy, isso se deve, em grande medida, ao conceito de *mito* criado por Rosenberg, que foi derivado da definição construída por Platão. O grego teria definido que os *mitos* possuíam uma função de exemplaridade, ou seja, o seu principal papel na sociedade grega seria o de impor modelos ou *tipos* que pudessem ser imitados por indivíduos ou pelo povo, criando um aparelho de identificação<sup>295</sup>. A grande inovação de Rosenberg vem justamente no aspecto futuro da narrativa mitológica, pois os *tipos* do passado tornam-se evidências que apontam para a possibilidade futura da criação de novos *tipos* a serem construídos e imitados. O *tipo* é o *mito* encarnado: é a potência da alma transposta para a nossa realidade visível e física<sup>296</sup>. Assim, os exemplos da narrativa

---

<sup>294</sup> O termo utilizado, por Rosenberg, no alemão é *Typus* e ele aparece, majoritariamente, sem combinações ao longo da obra. As duas principais variações do termo não atreladas a um *tipo* específico são *Grundtypus* [*tipo base*] e *Rassetypus* [*tipo racial*]. O primeiro é utilizado pelo autor para referir-se ao heroísmo, característica que seria a base de todos os *tipos* germânicos que existiram ao longo do tempo. Já o segundo termo é utilizado de maneira mais ampla para assinalar o *tipo* racial ao qual está se referindo, como em *nordischen Rassetypus* [*tipo racial nórdico*] ou *negroid-ostischen Rassetypus* [*tipo racial negróide-oriental*]. Ao referir-se a um *tipo* específico, o autor cria um substantivo composto, como é o caso de *Priestertypus* [*tipo-sacerdote*], mobilizado ao abordar a questão do *mito* romano da representação de Deus pelo Papa, e *Offizierstypus* [*tipo-oficial*], referindo-se ao tipo do oficial prussiano ao analisar a atuação de Helmuth von Moltke e a Primeira Guerra Mundial.

<sup>295</sup> LACOUÉ-LABARTHE, Phillipe; NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista*. Trad. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002, p. 32-33.

<sup>296</sup> *Ibid.*, p. 51-52.



de Rosenberg, que devem instruir e guiar os germânicos do presente, são justamente aqueles que se tornaram um *tipo*.

Ressaltamos, tendo isso em vista, que, historicamente, os *tipos* não teriam aparecido da mesma forma: eles seriam temporalmente determinados a partir das conjunturas históricas nas quais vivem. Assim, se o *mito* indica a potência essencial da raça, isto é, aquilo que se mantém ao longo da existência como possibilidade, condensando o que seriam as principais características e valores da raça; o *tipo* é a expressão terrena desse *mito*, de modo que muda e não se repete, pois é historicamente determinada, ele é a aparência que o *mito* adquire. Rosenberg, assim, concilia permanência e mudança para argumentar sobre a supostamente perene superioridade ariana mesmo diante das inúmeras expressões ou aparências mundanas que essa superioridade poderia ter adquirido. Veremos, adiante, alguns exemplos dessa teorização, mas por ora, é importante que compreendamos que um *tipo* nunca se repete por completo, mas se manifesta a partir das mesmas características raciais. No caso dos alemães, por exemplo, a despeito das especificidades contextuais, aqueles que encarnarem o *tipo* agirão, sempre, a partir da sua capacidade criativa, da honra, do senso de dever e em prol da liberdade.

Vale destacar que o despertar para a realidade da raça e de sua potência não é um fenômeno apenas germânico, mas sim, para Rosenberg, uma resposta às tentativas de falseamento da questão racial. Segundo o autor,

A essência da revolução mundial de hoje está no despertar dos tipos raciais. Não só na Europa, mas em todo o mundo. Este despertar é o contra-movimento orgânico contra as últimas ramificações caóticas do imperialismo mercantil liberal-econômico, cujos objetos explorados, por desespero, foram enredados pelo marxismo bolchevique para completar o que a democracia havia começado: a erradicação da consciência racial e nacional<sup>297</sup>.

Assim, destacamos que tanto para o imperialismo mercantil, quanto para a democracia ou para o marxismo bolchevique, o estoniano encontra apenas um culpado: o judeu. Como veremos adiante, ainda que outras raças sejam vistas como inferiores aos germânicos, Rosenberg considera que elas possuem, sim, um *mito* e, portanto, a capacidade de encarnar um *tipo*. O movimento negro, por exemplo, crescente nos Estados

---

<sup>297</sup> Das Wesen der heutigen Weltrevolution liegt im Erwachen der rassistischen Typen. Nicht in Europa allein, sondern auf dem ganzen Erdenrund. Dieses Erwachen ist die organische Gegenbewegung gegen die letzten chaotischen Ausläufer des liberal-wirtschaftlichen Händlerimperialismus, dessen Ausbeutungsobjekte aus Verzweiflung dem bolschewistischen Marxismus ins Garn gingen, um zu vollenden, was die Demokratie begonnen hatte: die Ausrottung des Rasse- und Volksbewußtseins (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 479).

Unidos, é citado pelo autor como um sinal do despertar racial desse grupo. Entretanto, os judeus não possuiriam essa mesma capacidade: como já mencionamos, eles seriam uma contra-raça e, portanto, representariam o *não-tipo* germânico. Assim, para Rosenberg, eles não possuem, como as outras raças, uma imagem ou forma [*Gestalt*] correspondente à sua alma racial, eles são “sem forma” e, portanto, incapazes de encarnar um *tipo*. Como explicita o estoniano:

Se alguém quiser mergulhar nas profundezas dessa confissão e omissões semelhantes que às vezes aparecem de repente, um resultado aparece por toda parte: o parasitismo. Este termo não deve ser entendido como uma avaliação moral, mas como uma caracterização de um fato (biológico) que rege as leis da vida, assim como falamos de fenômenos parasitários na vida vegetal e animal. Quando o caranguejo-saco penetra no ânus da caranguejola, gradualmente cresce nele e suga sua última vitalidade, esse é o mesmo processo de quando o judeu penetra na sociedade através de feridas abertas e se vale de seu poder racial e criativo - até sua morte. Esta destruição é precisamente aquela “negação ativa do mundo” de que fala Schmitz, aquela “preocupação” de que “nada vai tomar forma” porque o “fariseu”, dizemos parasita, não tem crescimento interior próprio, nenhuma forma de alma orgânica e, portanto, também não tem forma racial<sup>298</sup>.

O trecho acima é um dos poucos momentos em que, em meio ao misticismo típico de sua retórica, Rosenberg lança mão de uma metáfora puramente biológica para desenvolver a sua argumentação. Sem meios-termos, o estoniano traz uma violenta imagem natural para evidenciar o suposto parasitismo judaico na sociedade alemã. A inevitabilidade e a iminência da morte do animal e, por extensão, da Alemanha, denotaria a urgência da ação e do combate ao suposto inimigo. Ao traçar, para o país, o mesmo fim da caranguejola, Rosenberg atribuiu, à natureza, uma leitura teleológica. A razão pela qual o judeu seria o responsável por tamanha destruição seria racial. Ele não possuiria uma forma de raça, de modo que não restaria aos judeus nenhuma potência, nenhuma capacidade de criar, mas sim, unicamente, a capacidade de destruir aquilo a que os outros

---

<sup>298</sup> Will man ganz in der Tiefe dieses Bekenntnisses und ähnlicher manchmal plötzlich auftretender Auslassungen forschen, so zeigt sich überall ein Ergebnis: Schmarotzertum. Dieser Begriff soll hierbei zunächst gar nicht als sittliche Wertung, sondern als Kennzeichnung einer lebensgesetzlichen (biologischen) Tatsache aufgefaßt werden, genau so, wie wir im Pflanzen- und Tierleben von parasitären Erscheinungen sprechen. Wenn der Sackkrebs sich durch den After des Taschenkrebses einbohrt, nach und nach in ihn hineinwächst, ihm die letzte Lebenskraft aussaugt, so ist das der gleiche Vorgang, als wenn der Jude durch offene Volkswunden in die Gesellschaft eindringt, von ihrer Rassen- und Schöpferkraft zehrt – bis zu ihrem Untergang. Dieses Zerstören ist gerade jene "aktive Weltverneinung", von der Schmitz spricht, jene "Sorge" darüber, daß "nichts Gestalt annehme", weil der "Pharisäer", wir sagen Schmarotzer, eben selbst keinen inneren Eigenwuchs, keine organische Seelengestalt und deshalb auch keine Rassengestalt besitzt (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 461).

deram forma. Desse modo, Rosenberg explica que, frente à ameaça cabal de destruição por parte dos judeus, surge uma esperança:

Como defesa natural contra este perigo mundial uma nova experiência está varrendo o globo como um fluido incompreensível, que instintivamente e conscientemente coloca a ideia de nacionalidade e raça no centro do pensamento, combinada com os valores máximos organicamente dados de cada nação em torno da qual giram seus sentimentos, que sempre determinaram seu caráter e o colorido de sua cultura. A tarefa subitamente apreendida por milhões é algo que foi parcialmente esquecido, parcialmente negligenciado: vivenciar um *mito* e criar um *tipo*. *E para construir o Estado e a vida desse tipo*<sup>299</sup>.

Da vivência do *mito* resulta, portanto, um novo *tipo* que permitirá, às raças do mundo, criarem outras formas políticas e uma nova perspectiva de vida. Os germânicos, claro, liderariam esse processo e reordenariam o mundo a partir da raça. Sendo a sua, a superior, apenas eles seriam capazes de guiar esse processo.

*Mito e tipo* são, assim, indissociáveis e a lógica do *mito* é a da sua auto-efetuação, cuja tentativa de realização foi feita, de modo rigoroso, com o nacional-socialismo<sup>300</sup>. Rosenberg acusa essa realização no final do seu livro, afirmando que “a hora sagrada do alemão virá quando o símbolo do despertar, a bandeira com o sinal da vida em ascensão, se tornar o único credo dominante do *Reich*<sup>301</sup>. É no despertar mitológico que o autor aposta as suas fichas com relação à tarefa que estaria diante dele e de seus contemporâneos, a “tarefa do século”: “criar um novo *tipo* humano a partir de um novo *mito* da vida”<sup>302</sup>. É pertinente lembrar que a novidade do “mito nazista” repousa na sua configuração, isto é, na maneira como o *mito* e o *tipo* se manifestam, e não na sua essência. Afinal, as “forças” que ganham vida no presente seriam eternas, pois tratariam da emergência de uma consciência do conflito entre diferentes raças, almas e valores

---

<sup>299</sup> Als natürliche Abwehr gegen diese Weltgefahr geht ein neues Erleben wie ein unfaßbares Fluidum über den Erdball, welches die Idee des Volkstums und der Rasse instinktiv und bewußt ins Zentrum des Denkens stellt, verbunden mit den organisch gegebenen Höchstwerten einer jeden Nation, um welche ihr Fühlen kreist, welche ihren Charakter und die Farbigkeit ihrer Kultur von je bestimmten. Als Aufgabe wird plötzlich von Millionen erfaßt, was zum Teil vergessen, zum Teil vernachlässigt worden war: einen Mythos zu erleben und einen Typus zu schaffen. Und aus diesem Typus heraus Staat und Leben zu bauen. Jetzt fragt es sich aber, wer inmitten eines Gesamtvolkes dazu berufen ist, die typenbildende Architektonik zu entwerfen und durchzusetzen. Grifos nossos (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 480-481)

<sup>300</sup> LACQUE-LABARTHE, Phillipe; NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista*. Trad. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002, p. 61.

<sup>301</sup> [...] die heilige Stunde des Deutschen wird dann eintreten, wenn das Symbol des Erwachens, die Fahne mit dem Zeichen des aufsteigenden Lebens das allein herrschende Bekenntnis des Reiches geworden ist (ROSENBERG, 1934, p. 702).

<sup>302</sup> Das ist die Aufgabe unseres Jahrhunderts: aus einem neuen Lebens-Mythus einen neuen Menschentypus schaffen (Ibid., p. 2).

raciais. As ideias e os valores trabalhados seriam, como coloca o autor, “antigos, porém eternamente jovens”<sup>303</sup> e trariam à luz uma visão de mundo que se apresenta de um modo específico, mas é espiritualmente a mesma no curso da história.

***Do passado, os exemplos: germânicos ao longo do tempo***

Se é a grandeza do passado que garante a grandeza do futuro, olhemos, então, para a primeira, tal qual idealizada pela leitura histórica de Rosenberg. Em seu *Mythus*, o autor identifica os momentos nos quais acredita ter encontrado, por meio de seu método racial, um despertar da alma germânica, encarnada em um *tipo*. Ainda que inconscientemente, alguns homens – e aqui, são, de fato, apenas homens – teriam conseguido encarnar o *tipo* e criar algo magnífico na história. Os exemplos seriam perceptíveis da Antiguidade até o passado recente e aqueles considerados como mais importantes são retomados pelo autor no seu capítulo “Mito e tipo”, o primeiro do terceiro livro que compõe a sua obra. Nesse momento, o autor faz, como indicamos, uma espécie de sistematização conceitual do *mito* e do *tipo*, apontando para como eles afetam a nossa percepção da história. Ele começa a narrar seus exemplos da seguinte forma:

Era uma vez, o espírito nórdico que sonhava estar perto do sol, com o homem sobrevoando o Monte Olimpo no Mar Mediterrâneo na Hélade. Essa saudade criou o drama de Ícaro. E morreu assim, apenas para pulsar pela vida em outro lugar. O homem sonhador enviou o sol e as donzelas de espada pelo ar, viu as valquírias perseguindo-o na tempestade e no tempo, e então se transportou até o Valhalla infinitamente amplo. O antigo anseio tornou-se uma imagem em Wieland, o Ferreiro, morreu mais uma vez, apenas para despertar para uma nova vida no quarto de Leonardo. A imagem do poeta tornou-se agora uma vontade que foi posta em prática. Uma humanidade forte já havia se apoderado da natureza e escutado suas leis com olhar de mestre servidor. Mas ainda era muito cedo. Quatrocentos anos depois, os sonhadores do voo humano tomaram novamente posse do material frágil. A matéria foi conquistada desta vez, propositadamente concentrada em energia domada, a força motora propulsora foi encontrada. E um dia um dirigível prateado brilhante voou pelo ar como um sonho de muitos milênios que se tornou realidade. As formas de realização eram diferentes do que os primeiros sonhadores imaginavam, a tecnologia estava e permaneceu atrelada a um tempo específico, mas o impulso espiritual imperativo era a vontade eterna, inexplicável de estabelecer metas que superou o peso da terra<sup>304</sup>.

<sup>303</sup> [...] uralter und doch ewig junger (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 601).

<sup>304</sup> Einst träumte der nordische Geist am Mittelländischen Meer, in Hellas, von der Sonnennähe, vom Flug des Menschen über den Olymp hinweg. Diese Sehnsucht schuf das Drama des Ikarus. Und starb wie dieser, um doch wieder an anderer stelle das Leben zu durchpulsen. Sonnen- und Schwertjungfrauen entsandte der träumende Mensch durch die Lüfte, erblickte bei Sturm und Wetter die Walküren über sich hinwegjagen

Esse trecho é especialmente sintomático de algo que Rosenberg buscou fazer em toda a sua obra. Ao misturar personagens mitológicos e históricos de modo equivalente e construir uma narrativa única, na qual uns aparecem ao lado de outros sem quaisquer ressalvas, o estoniano tenta implodir intencionalmente as barreiras epistemológicas entre mitologia e história. Em uma retórica similar à dos contos de fadas, ele idealiza propositalmente os *tipos* arianos que considera como mais relevantes. Assim, Rosenberg explicita as supostas continuidades entre passado e presente, acompanhando o espírito nórdico no que seriam suas várias manifestações. Ao fazer isso, porém, ressalta uma suposta essência imutável, que seria perceptível por meio das características exibidas pelos arianos ao longo do tempo, como a capacidade criadora. O sol, elemento central que representa a criação no mito ariano de origem, tal qual explicado por Rosenberg, aparece aqui como motivação para que os arianos e seus descendentes inventem e construam. O desejo do homem nórdico seria estar próximo ao astro celeste e aos deuses e, assim, ele buscou meios para atingir os céus.

O primeiro exemplo dado por Rosenberg é Ícaro, personagem da mitologia grega que, em sua ânsia por voar e estar próximo ao sol, construiu asas de cera e penas de pássaro. Apesar do conselho do pai Dédalo, Ícaro voou muito próximo ao sol e a cera usada nas asas foi derretida em virtude do calor. Assim, ele acabou caindo no mar Egeu e se afogando. Apesar do fim trágico de Ícaro, ele representa, para Rosenberg, a determinação e o desejo de criar e se aproximar daquilo que o homem nórdico via como um milagre: a luz e o calor do sol. Não por acaso, mesmo sendo grego, o jovem teria visto valquírias, deidades femininas que são responsáveis por escolher os mortos com trajetória heroica e conduzi-los à Valhalla, o salão de mortos para onde, na mitologia nórdica, vão os heróis.

---

und versetzte sich dann selbst hinauf ins unendlich weite Walhall. Die uralte Sehnsucht wurde Bild im Wieland dem Schmied, starb noch einmal, um in der Stube des Leonardo abermals zu neuem Leben zu erwachen. Aus dem Bild des Dichters wurde nun sich praktisch umsetzender Wille. Ein starkes Menschentum hatte bereits die Natur ergriffen und lauschte ihr mit dienendem Herrenblick ihre Gesetze ab. Aber es war noch immer zu früh. Vierhundert Jahre später bemächtigten sich die Träumer des Menschenfluges erneut des spröden Stoffes. Die Materie war dieses Mal bezwungen, zweckmäßig zu gebändigter Energie geballt, die vorwärtstreibende motorische Kraft war gefunden. Und eines Tages flog glänzend, schnell und lenkbar ein silbernes Luftschiff als Wirklichkeit gewordener Traum vieler Jahrtausende durch die Lüfte. Die Formen der Verwirklichung waren andere, als die ersten Träumer sie erdacht hatten, die Technik war und blieb zeitlich gebunden, der seelisch-herrische Auftrieb aber war das Ewige, der unerklärliche zielsetzende und die Erdschwere überwindende Wille (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 453-454)

Posteriormente, a mesma vontade de voar seria encontrada em Wieland, ferreiro que, na mitologia germânica, é escravizado por um rei, mas consegue escapar, após assassinar os filhos do monarca em um ato de vingança, construindo para si um manto alado e voando para longe. Depois da menção aos dois personagens que integram narrativas mitológicas, Rosenberg os mistura com homens reais, como Leonardo da Vinci, um inventor completo cujas inúmeras obras de arte dispensam apresentações. Da Vinci se interessava muito pela ideia de voar e produziu estudos que analisavam detalhadamente o voo dos pássaros. Como resultado das pesquisas, o inventor escreveu o seu *Códice sobre o Voo dos Pássaros*, em 1505, e desenhou protótipos de maquinários que tornariam o voo possível. Novamente, o voo aparece como tema central. Por fim, Rosenberg termina seu sobrevoos a alguns dos grandes germânicos da história citando o dirigível, interpretado por ele como um sonho milenar que se tornou realidade: aquele de voar próximo ao sol. Os homens que o construíram, claro, exibiram, assim como Ícaro, o mesmo ímpeto e a mesma força criadora. Todos esses homens, ao criarem, encarnariam um *tipo* que torna visível a sua alma racial: todos eles são *inventores*, e a característica germânica que se torna visível, aqui, é justamente a capacidade de criar. Assim, eles exibem as mesmas características, o mesmo “impulso espiritual”. Rosenberg explicita isso novamente ao afirmar que:

O voo do Ícaro diferia da construção do zepelim em quase tudo; a vontade, porém, que dava direção ao esforço, era semelhante. E uma certa vontade, baseada em uma clara hierarquia de valores, aliada à percepção orgânica, um dia forçará sua realização em todas as áreas, superando todos os obstáculos<sup>305</sup>.

Assim, um dia, a potência germânica, percebida conscientemente, permitiria uma realização plena e holística de suas capacidades, criando, não apenas em algumas áreas da vida, e tampouco produzindo poucos resultados concretos. O mundo percebido racialmente daria aos germânicos a capacidade de recriar *tudo* o que existia – algo que, claro, implicava a destruição de alguns valores e, conseqüentemente, a aniquilação do povo que os defendia. Como nos relembram Lacoue-Labarthe e Nancy, o mundo desejado pelos nazistas não era apenas um “mundo submetido e explorado pelos arianos” – ainda que ele fosse, de fato, submetido e explorado por eles. Tratava-se de um “mundo *tornado*

---

<sup>305</sup> Der Ikarusflug unterschied sich vom Bau des Zeppelin nahezu in allem; der Wille jedoch, der dem streben die Richtung gab, war ein ähnlicher. Und ein bestimmter Wille, begründet auf eine klare Rangordnung der Werte, gepaart mit organischer Anschauungskraft, wird sich auch einst über alle Hindernisse hinweg seine Verwirklichung auf allen Gebieten erzwingen (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 459).

ariano (e é por isso que é necessário eliminar-se o não-tipo por excelência, o Judeu, do mesmo modo que alguns outros tipos degenerados)”<sup>306</sup>. A visão de mundo, isto é, primordialmente, a visão de história criada pelos nazistas e por Rosenberg, deveria “encarnar-se de modo absoluto”, alterando completamente a vida pública de acordo com as suas percepções<sup>307</sup>. Tendo isso em vista, é um tanto perspicaz da parte do estoniano afirmar a necessidade de viver o *mito*: a ficção totalitária precisava, para ser bem-sucedida, tornar-se real.

De volta aos germânicos, para além da sua capacidade de criar, outros valores tornariam a sua presença perceptível, como já abordamos: a liberdade, a honra e o dever. Com relação à liberdade, Rosenberg cita o pioneirismo de Mestre Eckhart, um frade dominicano contestador, que questionou os dogmas da Igreja Católica e buscou uma conexão espiritual transcendente a partir da sua essência interior. Eckhart é retomado em inúmeras passagens do *Mythus*, de modo que a importância atribuída por Rosenberg ao frade nos parece central para a sua argumentação. O estoniano o descreve como um “Cientista natural e *místico* alemão, grande pregador da existência”. Rosenberg também narra o seu modo de estar no mundo, no qual o frade teria buscado “tatear até as estrelas [...] e submeter-se às grandes leis do universo de maneira imperiosa e humilde, cheio de êxtase sobre a pureza de um o som do rouxinol, bem como sobre a fonte inexplicável de um Criador do próprio coração”<sup>308</sup>. Assim, o frade parece se conectar, segundo o estoniano, de modo diverso e especial com o universo, tornando-se um *tipo* de particular importância: ele é quem melhor teria percebido a união entre sangue e transcendência, aspecto muito caro à argumentação do estoniano. Eckhart parece ser o *tipo* mais exemplar, que representaria, em si, de modo mais puro, a essência da liberdade germânica.

Ao abordar a atuação de Eckhart, as ferrenhas críticas que Rosenberg faz à Igreja Católica e, posteriormente, à Luterana, tornam-se evidentes<sup>309</sup>. Segundo o autor, os

---

<sup>306</sup> LACOUÉ-LABARTHE, Phillipe; NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista*. Trad. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002, p. 62.

<sup>307</sup> Ibid., p. 62.

<sup>308</sup> Naturerforscher und deutschen Mystiker, ein großer Prediger des Daseins, um von ihm sich wie Meister Eckehart tastend zu den Gestirnen aufzuschwingen und herrisch-demütig sich einzufügen in die großen Gesetze des Weltalls, voll Seligkeit ebenso über die Reinheit eines Lautes der Nachtigall wie über den unerklärlichen Schöpfersprudel des eigenen Herzens (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 252).

<sup>309</sup> A ferrenha crítica apresentada pelo autor aos valores defendidos pelas instituições religiosas foi motivo de grande discussão no espaço público, com direito a réplica por parte dos cristãos, e tréplica por parte de Rosenberg. Com o lançamento do *Mythus*, ambas as instituições, Igrejas Católica e Protestante, fizeram inúmeras críticas ao livro. Em resposta, Rosenberg lançou dois livros visando reafirmar as suas posições anticristãs expressas no *Mythus*. O primeiro deles foi *An die Dunkelmänner unserer Zeit. Eine Antwort auf*

dogmas de ambas as instituições estariam impregnados de “ideais judaicos”, que seriam a-naturais, e pregariam uma “doutrina da subserviência e servidão”. As igrejas não desejavam, aos olhos do estoniano, que as pessoas fossem verdadeiramente livres, mas se submetessem às vontades deturpadas daqueles tidos como seus “superiores” dentro da hierarquia eclesial. Rosenberg considera que ambas as instituições foram, historicamente, dominadas por judeus e, portanto, seus valores não poderiam ser plenamente aceitos pelos germânicos.

Eckhart, é claro, contestava os dogmas da Igreja Católica, algo central na argumentação de Rosenberg: “Ele convoca a razão livre, elevada e sua alma livre como dons de Deus, aos quais se deve ouvir”. O frade não precisava de uma Bíblia ou um texto sagrado que o mostrasse qual era o caminho certo, bastava que ele ouvisse a sua voz interior e ele saberia como proceder. Esse foi um aspecto “característico de sua liberdade”: “ele não apela para doutrinas eclesiásticas, nem mesmo para a Bíblia (como Lutero fez mais tarde), mas apenas para o conhecimento racional livre”<sup>310</sup>. Ele pertencia, afinal, à raça germânica e, portanto, agiria instintivamente de acordo com seu senso de liberdade. É claro que Eckhart era, para Rosenberg, uma exceção: os contemporâneos do frade, mesmo aqueles que possuíam sangue ariano, estavam sendo enganados pelos bispos, padres e demais membros da hierarquia eclesial. Desse modo, “Eckhart sabia muito bem que só falava com pouquíssimas pessoas” e, por essa razão, ele foi perseguido pela Inquisição como um herege. A instituição não conseguiu prendê-lo, mas tentou, por duas vezes, condená-lo. O destino, entretanto, não reservou aos inquisidores esse prazer, pois Eckhart morreu antes de seu último julgamento. Para Rosenberg, esse fato foi de cabal importância para a história europeia, pois os seus algozes falsearam o seu legado, apagando a crença do frade dominicano no conhecimento livre e racial e “o incluíram como aluno espiritual de Tomás de Aquino”<sup>311</sup>.

---

*die Angriffe gegen den “Mythus des 20. Jahrhunderts”* [Para os obscurantistas de nosso tempo. Uma resposta aos ataques contra o “Mito do Século XX”], lançado em 1935, e o segundo foi *Protestantische Rompilger. Der Verrat an Luther und der “Mythus des 20. Jahrhunderts”* [Os peregrinos protestantes de Roma: A Traição de Lutero e o “Mito do Século XX”], de 1937 (STEIGMANN-GALL, Richard. *The Holy Reich: Nazi Conceptions of Christianity, 1919-1945*. Nova York: Cambridge University Press, 2009, p. 128).

<sup>310</sup> Charakteristisch für seine Freiheit ist, daß er sich nicht auf kirchliche Lehrsätze, ja nicht einmal auf die Bibel beruft (wie später Luther), sondern allein auf die freie Vernunftkenntnis. Nach dieser ersten Fälschung (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 254).

<sup>311</sup> [...] korrigierten die frommen Anhänger Roms den Meister Eckehart und reihten ihn als geistigen Schüler des Thomas von Aquino ein Ibid., p. 254).



A defesa dessa liberdade germânica só surgiria novamente com a mesma intensidade muitos anos depois com Paul de Lagarde, já citado no nosso primeiro capítulo. Esse acadêmico e teólogo alemão foi um importante diálogo intelectual para Rosenberg que, no *Mythus*, pontua a importância de Lagarde para o desenvolvimento de uma nova leitura histórica. Segundo o estoniano, “Ninguém viu os danos do Segundo *Reich* liberalista, danos que o estava levando ao declínio, como ele [Lagarde] viu, e ele lamentou, de forma arrasadora: ‘Nossos dias são muito escuros para não prometer um novo sol. Estou esperando por este sol’”<sup>312</sup>. Descrito por Rosenberg como profeta, Lagarde teria, então, percebido que o erro do Segundo *Reich* foi ceder e se deixar levar por ideias degeneradas, como o liberalismo que seria, para o estoniano, uma invenção judaica que visava ao seu enriquecimento. Assim, Rosenberg lamenta a sua morte e expressa, novamente, a conexão dos valores que moveram Lagarde a Eckhart e aos demais germânicos:

Não faz muito tempo que este grande sonhador alemão nos deixou: Paul de Lagarde morreu em 22 de dezembro de 1891. Depois de Meister Eckhart, ele foi talvez o primeiro a expressar o sonho eterno alemão sem aqueles laços que o grande mestre costumava ter ainda amarrado. O que moveu os cavaleiros alemães há milhares de anos, levou-os às alturas, mas também no erro e na culpa, que se tornou a consciência mais clara aqui pela primeira vez: hoje o povo alemão está começando a sonhar novamente os sonhos de Eckhart e Lagarde. Muitos ainda não têm coragem de sonhar com isso; visões oníricas estrangeiras ainda muitas vezes inibem sua atividade mental, então aqui está a tentativa modesta e presunçosa de estabelecer o que foi apresentado nos dois livros anteriores como mais dissecação de nosso ser, aqui em contraste, como uma meta real do sonho. Como quadro, na medida em que este é permeado pelas eternas ideias nórdico-germânicas, não em detalhes técnicos. E onde estes devem ser desenhados, então com a consciência consciente de que eles podem parecer completamente diferentes quando novos meios de domínio sobre a terra forem encontrados<sup>313</sup>.

---

<sup>312</sup> Keiner sah wie er die zum Verfall führenden Schäden des liberalistischen zweiten Reiches, und erschütternd klagte er: “Unsere Tage sind zu dunkel, um nicht eine neue Sonne zu verheißen. Auf diese sonne warte ich.” (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 561).

<sup>313</sup> Es ist solange nicht her, daß dieser große deutsche Träumer von uns ging: Paul de Lagarde starb am 22. Dezember 1891. Er war nach Meister Eckhart vielleicht der erste, der den deutschen ewigen Traum ausgesprochen hat ohne jene Bindungen, die den großen Lehrer früher noch fesselten. Was deutsche Ritter vor Jahrtausenden bewegte, vorwärts trieb zu Höhen, aber auch in Irrtum und schuld, das wurde hier erstmals hellstes Bewußtsein: heute beginnt das deutsche Volk Eckharts und Lagardes Träume wieder zu träumen. Noch haben viele nicht den Mut zu diesem Traum; noch hemmen fremde Traumgesichte vielfach ihr seelisches Wirken, deshalb sei hier der bescheiden-anmaßende Versuch unternommen, das, was in den zwei vorhergehenden Büchern als unser Wesen mehr zergliedernd dargestellt wurde, hier im Kontrast, als traumhaft-wirkliche Zielsetzung niederzulegen. Als Bild, soweit dieses von den ewigen nordisch-germanischen Ideen durchflutet ist, nicht in technischen Einzelheiten. Und wo diese gezeichnet werden müssen, so doch mit dem wachen Bewußtsein, daß sie auch ganz anders aussehen können, wenn neue Mittel

Na sua atualidade, Rosenberg vê, portanto, a possibilidade do despertar germânico geral: novamente, as pessoas se deixavam ser guiadas pelos valores raciais e, portanto, voltavam a ter os mesmos sonhos e anseios que Eckhart e Lagarde. O sol tão esperado pelo teólogo – metáfora que remete, novamente, ao seu sangue ariano – estava, finalmente, se formando como nacional-socialismo e, assim, os germânicos poderiam reconhecer, em seus antecessores, a grandeza de pensamento e de valores que eles portavam, fornecendo a homens como Eckhart e Lagarde o seu lugar merecido na história.

Por fim, um último *tipo* de enorme importância para Rosenberg – no passado e no presente – é o do *soldado* alemão. Esse é, talvez, para o presente do autor, a mais crucial expressão da alma alemã. A sua primeira aparição dataria ainda do Segundo *Reich* de Otto von Bismarck, mas não teria sido o chanceler que melhor encarnou o *tipo* do soldado: teria sido Helmuth von Moltke. Marechal-de-campo prussiano, Moltke teria sido quem cultivou em si e nos seus subordinados o sentimento de honra e o senso de dever, considerados por Rosenberg como característicos da raça germânica. Os soldados do marechal estariam dispostos a dar a vida pela sua nação e teriam sido treinados em rigorosa disciplina “para pensar com independência e agir de forma decisiva” na Guerra Mundial<sup>314</sup>. Para o estoniano, o *tipo* do soldado alemão era a chave para o despertar das almas raciais e para a condução do povo alemão para um novo *Reich*. Como ele explicita, apesar da curta duração do Segundo *Reich*, apenas 44 anos, Moltke teria sido o principal responsável pelo fato de a Alemanha não ter afundado antes e pelos quatro anos e meio de “luta heroica” na Guerra Mundial.

Para Rosenberg, a honra do soldado alemão, aqui compreendida como a fidelidade ao povo definido racialmente, era uma continuidade e uma extrapolação com relação ao oficial prussiano, posto de Moltke. Como explicita o autor, “Apesar das inevitáveis deficiências humanas, o tipo de soldado alemão em expansão do oficial prussiano de Frederico, o Grande, é uma prova clara de que o método do Conde Moltke por si só pode ser o caminho para a salvação do emergente Terceiro *Reich*”<sup>315</sup>. Desse modo, seria

---

der Herrschaft über die Erde gefunden sein werden (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 457).

<sup>314</sup> [...] zum selbständig denkenden und entschlossen handelnden Menschen und Kämpfer zu erziehen, das war das deutsche Geheimnis der Erfolge im Weltkrieg (Ibid., p. 518).

<sup>315</sup> Trotz der nie zu vermeidenden menschlichen Mängel ist der vom preußischen Offizier Friedrichs des Großen sich ausweitende Typus des deutschen Soldaten der sprechende Beweis dafür, daß auch für das entstehende Dritte Reich einzig und allein die Methode des Grafen Moltke der rettende Weg sein kann (Ibid., p. 518).

necessário que os germânicos olhassem para Moltke e para os combatentes da Guerra Mundial e compreendessem a importância da honra, da fidelidade à sua raça e ao seu povo, e do dever de dar a vida pela pátria para que o Terceiro *Reich* pudesse ser bem-sucedido. Não por acaso, Rosenberg publica o seu *Mythus* “para comemorar os dois milhões de heróis alemães que caíram na guerra mundial por uma vida alemã e um império alemão de honra e liberdade”<sup>316</sup>.

Um grande obstáculo que se interpunha no caminho até essa realização era justamente o fato de que a maior parte desses soldados morreu em combate:

O verdadeiro *Reich* alemão não estava mais na Alemanha de 1914-1918, mas estava no front. No front perto das Ilhas Malvinas e em Tsingtau, na África Oriental Alemã, no Oceano Índico, sobre a Inglaterra. Na Alemanha, o verme estava sentado nas cadeiras ministeriais e não sabia o que fazer com o poderoso estado no campo<sup>317</sup>.

Assim, quando os alemães mais honrosos teriam ido para a batalha, a Alemanha teria sido deixada na mão dos judeus e demais raças inferiores, o que supostamente teria tornado o caminho para a degeneração racial livre. Cada vez mais, a população teria sido afastada de seus soldados, que teriam passado a ser “caluniados pela imprensa judaica”, e, assim, teria sido alienada de seus verdadeiros valores. “A Alemanha burguesa e marxista”, Rosenberg afirma, “tornou-se sem *mito*; não tinha mais um pico em que acreditar, pelo qual lutar”<sup>318</sup>. Supostamente dominada por judeus marxistas e burgueses, com a sua população descrente da vitória e afastada de seu exército, não haveria dúvidas: a Alemanha havia sido apunhalada pelas costas<sup>319</sup>. Uma conspiração interna supostamente minava as forças da nação e, assim, ela teria perdido o seu rumo. Tal era o caos do tempo presente de Rosenberg.

Mas, para o autor, ainda havia esperança, pois, junto com o golpe cabal que findou o Segundo *Reich* e exterminou a maior parte dos *tipos* do soldado alemão, veio o despertar racial. Como já mencionamos, os alemães estavam insatisfeitos com a análise da história como ocorrera até então. Era necessária uma nova percepção que pudesse guiá-los,

<sup>316</sup> Dem gedenken der zwei millionen deutscher helden die im Welt-Krieg fielen für ein deutsches Leben und ein deutsches Reich der Ehre un Freieit (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, s. p.).

<sup>317</sup> Das wirkliche Deutsche Reich war von 1914–1918 nicht in Deutschland mehr, sondern stand an der Front. An der Front bei den Falklandinseln und in Tsingtau, in Deutsch-Ostafrika, im Indischen Ozean, über England. In Deutschland saß auf den Ministersesseln das Gewürm und wußte nicht, was es mit dem gewaltigen Staat im Felde anfangen sollte (Ibid., p. 519).

<sup>318</sup> Das bürgerliche und marxistische Deutschland war mythenlos geworden; es hatte keinen Höchstwert mehr, an den es glaubte, für den es zu kämpfen bereit war (Ibid., p. 520).

<sup>319</sup> EVANS, Richard. *A chegada do Terceiro Reich*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010, p. 84.

novamente, à grandeza. Esse desejo, afinal, seria mais forte do que a alienação, pois corresponderia, para Rosenberg, à essência da alma do povo germânico. Assim, *inventores*, *místicos* e, principalmente, *soldados*: todos seriam a expressão da raça e, assim, poderiam servir de exemplo, guiar e instruir o povo alemão em direção a um futuro que fosse diferente do desenrolar da história até então. A grande diferença entre o passado e o presente era consciência do *mito*, da potência que cada germânico e o povo, como um todo, carregava. Compreendendo isso, a história racial poderia prover, ao povo alemão, os *tipos* que os ensinassem sobre a sua capacidade criadora, a sua honra, o seu senso de dever e a sua liberdade. Despertos, os germânicos poderiam recriar o mundo à sua imagem. “É o *mito* que deve determinar o *tipo* de alemão do futuro. Depois de reconhecer isso, você já começará a moldá-lo no presente”<sup>320</sup>. Aí estava a possibilidade de mudar o curso da história.

### ***Luz da verdade, testemunha dos tempos: a mestra e o Mythos***

Ao encarar a história como uma eterna batalha entre os germânicos e as raças inferiores e buscar, no passado, exemplos de grandes homens que pudessem instruir os seus contemporâneos, Rosenberg transformou o devir histórico em uma espécie de epopeia da raça, na qual os grandes feitos eram narrados e apontados como os momentos-chave que teriam permitido, aos descendentes dos arianos, reconstruir a civilização. Ao evocar tal concepção de história, Rosenberg evoca as “ruínas vivas”<sup>321</sup> desse passado, as evidências dessa suposta grandeza e, também a sua presença, a sua continuidade no presente. Na sua busca racial por exemplos e pela instrução de seus contemporâneos, o estoniano parece alinhar-se à concepção da história como mestra da vida, cuja função primordial é justamente a de instrução. A formulação de Cícero descreveu a história como “a testemunha dos tempos, a luz da verdade, a vida da memória, a mensageira da velhice, por cuja voz nada é recomendado senão a imortalidade do orador”<sup>322</sup>. Assim, a história seria uma “coleção de exemplos”, por meio da qual seria possível se instruir. O uso da história, nesse sentido, apontava para “uma possibilidade ininterrupta de compreensão

<sup>320</sup> Sie ist der Mythos, der den Typus des Deutschen der Zukunft bestimmen muß. Hat man das erkannt, so wird man aber bereits in der Gegenwart beginnen, ihn zu formen (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 521-522).

<sup>321</sup> ARAÚJO, Valde; PEREIRA, Mateus. *Atualismo 1.0*: como a ideia de atualização mudou no século XXI. Vitória: Editora Milfontes, 2019, p. 113.

<sup>322</sup> CÍCERO *apud*. KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira e César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 43.

prévia das possibilidades humanas em um *continuum* histórico de validade geral”. Ela poderia “conduzir ao relativo aperfeiçoamento moral ou intelectual de seus contemporâneos e de seus pósteros, mas somente se e enquanto os pressupostos para tal forem basicamente os mesmos”<sup>323</sup>.

Ao aludir à história como “testemunha-chave” dos acontecimentos, a partir da qual seria possível compreender correta e verdadeiramente os processos da humanidade<sup>324</sup> Rosenberg parece se aproximar da definição de Cícero, ainda que apropriando-se dela de modo específico. Ao construir os seus *tipos* a partir da suposta existência de *mitos*, o estoniano constrói, como buscamos demonstrar, a sua própria coleção de exemplos. Essa aproximação com a história mestra da vida implica, necessariamente, como também já sinalizamos, uma circularidade temporal sugerida pela viabilidade de entender previamente as possibilidades humanas. Desse modo, Rosenberg reinterpreta todo o processo do passado e busca construir uma nova concepção de história – a racial – lançando mão de um uso já recorrente da narrativa histórica: a de mestra da vida.

As motivações de Rosenberg para realizar essa tarefa de reescrita estão diretamente associadas ao momento presente, no qual o autor vê uma possibilidade de ruptura nessa lógica temporal. O despertar dos germânicos para os equívocos das interpretações sobre a história está localizado na Primeira Guerra Mundial, quando os germânicos mais honrosos teriam deixado suas casas para lutar pelo seu povo. Se, por um lado, essa teria sido a oportunidade de as forças degeneradas alienarem a população; por outro, teria sido essa mesma alienação que gerou um incômodo nos alemães e, conseqüentemente, permitiu que a potência mítica da raça se tornasse algo consciente. Da circularidade temporal emerge, então, a possibilidade do seu rompimento: ou o despertar se efetiva na construção de um novo *Reich*, ou o conflito entre as raças se agravaria de tal modo que seria ainda mais difícil – se não impossível – escapar da degeneração racial. O presente de Rosenberg, então, teria se tornado uma oportunidade de ouro para os germânicos se imporem e colocarem um fim na circularidade. Era o momento do seu *mito* ditar o transcorrer do século XX.

---

<sup>323</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira e César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 43.

<sup>324</sup> Verweist man nun auf die Geschichte als auf die Kronzeugin (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 496).

Ao construir uma temporalidade circular que se abre em uma oportunidade única, Rosenberg se mostra como homem de seu tempo, que questionou a sua própria relação com essa dimensão da existência<sup>325</sup> em um momento e um país completamente esfacelados pela Grande Guerra. O abalo causado pela guerra colocou em xeque as crenças em um “progresso linear e contínuo que justificava a civilização ocidental como a última etapa alcançada pela evolução da humanidade”<sup>326</sup>. O incômodo com tal narrativa é perceptível quando o autor afirma que o “sentido da história” não é o deslocamento do Leste para o Oeste, ou seja, não é um progresso linear e contínuo da predominância das raças inferiores para a dominação das raças superiores. Trata-se de uma alternância, ou seja, de uma circularidade na qual ambos os polos raciais se revezam<sup>327</sup>. A verdadeira evolução, para o estoniano, estaria *fora* do processo histórico, afinal, se este é entendido como a guerra entre as raças, ou seja, a alternância dos polos, então seria apenas por meio do seu *fim* que as raças superiores poderiam se impor de uma vez por todas, criando o *Reich* de mil anos. Rosenberg solucionou, de modo racial, os seus próprios incômodos com a noção de progresso vigente. O tempo se tornaria, com o fim da história, estático, e a eternidade da raça poderia ser construída sobre a Terra.

Essa mudança na relação com o tempo sentida por Rosenberg e seus contemporâneos nos remete às análises de Hartog sobre a experiência da Revolução Francesa, “vivenciada por muitos como uma experiência de aceleração do tempo, acarretando uma brutal distensão e até uma ruptura entre o campo da experiência e o horizonte de expectativa”<sup>328</sup>. Rosenberg se aproxima da análise de Hartog na medida em que vivencia uma intensa aceleração temporal, de modo similar, inclusive, a François-René de Chateaubriand, caso analisado pelo historiador francês. Como Chateaubriand, Rosenberg torna o descompasso sentido entre passado e presente “a força”, “a própria razão” da sua escrita. Tornar a história novamente inteligível no presente é uma tarefa de extrema importância e, para isso, ela deve se comunicar com os seus contemporâneos,

---

<sup>325</sup> HARTOG, François. O regime moderno de historicidade posto à prova pelas duas Guerras Mundiais. In: DUTRA, Eliana de Freitas (org.). *O Brasil em dois tempos: história, pensamento social e tempo presente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 20-21.

<sup>326</sup> VALÈRY, Paul *apud*. HARTOG, op. cit., p. 22.

<sup>327</sup> ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 641.

<sup>328</sup> HARTOG, François. *Regimes de historicidade: Presentismo e experiências no tempo*. Trad. Andréa Souza de Menezes, Bruna Belfart, Camila Rocha de Moraes, Maria Cristina de Alencar Silva e Maria Helena Martins. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 103.

responder aos seus anseios. Para retomar mais uma vez Chateaubriand, Rosenberg para crer como o francês que “O passado fala desde que se saiba interrogá-lo”<sup>329</sup>.

Entretanto, o estoniano se afasta de Chateaubriand, que vive a fratura temporal, pois Rosenberg, no momento de escrita do *Mythus*, não a vive, mas *presente* a sua possibilidade: ele fala, afinal, de um momento anterior ao estabelecimento do Terceiro *Reich* e, assim, a fratura ainda não estaria consumada. Ele está ciente de que existem alguns germânicos que compartilham de sua percepção, mas ela não era, ainda, comum a todos. O papel do *Mythus*, nesse sentido, seria justamente o de estimular seus contemporâneos a aderir à sua própria percepção temporal. Rosenberg deseja, com seu discurso, *provocar* a fratura temporal. O próprio *Reich* seria, em si, apenas o começo da nova era, o início da recriação do mundo. A tarefa do autor seria, portanto, a da vanguarda: guiar os germânicos até a brecha para que, juntos, eles possam atravessá-la. Outro ponto de divergência entre o francês e Rosenberg é a despedida da história mestra: ao contrário de Chateaubriand, que se vê incapacitado de mobilizar a história como mestra, para Rosenberg, a história pode seguir ensinando, desde que a compreensão correta do passado seja empregada. O futuro, como apontamos, guardava uma nova relação com o tempo e a história, mas não uma que invalidaria os seus ensinamentos: o amanhã traria o fim do conflito entre as raças, uma vez que este fosse, por meio da história, verdadeiramente compreendido. Construir essa compreensão e estimular a cisão temporal foi a missão de Rosenberg.

Feita mestra a partir do método racial, a história pôde fornecer, a Rosenberg e ao regime nazista, a base de compreensão necessária para, não apenas recriar a origem da humanidade e apresentar uma nova leitura sobre o passado, respondendo a anseios identitários urgentes da nação alemã, como também explicar as razões para a profunda crise que a sociedade vivia. A suposta degeneração racial, advinda a ausência de consciência do *mito* que o povo germânico portava, seria a principal razão para as dificuldades vividas pelo país. Mas nem tudo estava perdido: como foi pontuado, essa mesma degeneração teria provocado o despertar das almas raciais, de modo que, agora, os germânicos teriam começado a compreender o seu verdadeiro lugar no devir histórico. Para salvar a raça, tudo valia, e, por essa razão, talvez, Rosenberg se considerava inocente

---

<sup>329</sup> CHATEAUBRIAND, François-René de. *apud.* HARTOG, François. *Regimes de historicidade: Presentismo e experiências no tempo.* Trad. Andréa Souza de Menezes, Bruna Beffart, Camila Rocha de Moraes, Maria Cristina de Alencar Silva e Maria Helena Martins. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013, p.104.

daquilo que os Aliados o acusaram em Nuremberg. Ele estava apenas, enfim, corrigindo a marcha de Clio de acordo com o que considerava ser a verdade sobre a vida. A história, afinal, possuía, na leitura do estoniano, uma direção, um curso pré-definido e que deveria ser obedecido. Entretanto, “as ações humanas são falíveis” e, na sua perspectiva, poucos haviam compreendido qual era o caminho de Clio<sup>330</sup>. Rosenberg, assim, repudiou uma certa leitura do passado em prol de uma nova – a racial – e, por meio dela, buscou “criar uma abertura para o futuro” e legitimar a sua própria operação de escrita da história<sup>331</sup>. O caminho até o futuro imaginado, entretanto, ainda não estaria livre<sup>332</sup>. O presente reservava, em sua perspectiva, muitos desafios. Assim, devido à centralidade atribuída ao momento presente e ao passado recente que teria agravado a degeneração racial – tanto como motivação para releitura do passado, quanto para a imaginação de um futuro diverso – e, uma vez que compreendemos a base criada por Rosenberg para a leitura racial da história, passaremos à análise mais cuidadosa desse momento, no qual o estoniano acreditava ter despertado racialmente.

---

<sup>330</sup> SCOTT, Joan Wallach. *In the name of history*. Budapeste: Central European University Press, 2020, p. 2.

<sup>331</sup> *Ibid.*, p. 4-5.

<sup>332</sup> *Ibid.*, p. 5-5.



*Capítulo 3**A degeneração*

*“As ideias de democracia são as ideias das raças orientais anteriormente dominadas pela raça nórdica (que inclui os franceses do norte, alemães, eslavos). Eles venceram abertamente em 1789, 1871 na França, 1918 na Alemanha. A luta pela renovação alemã é uma luta pela validade do herói germânico contra a ideia democrática do lojista, uma luta pelo poder racial europeu e sua liberdade. O melhor de cada povo tem todas as razões, apenas por autopreservação, para empreender a mesma luta dentro da estrutura de sua própria nacionalidade”*

*(Alfred Rosenberg, 1934).*

*Hoje, no início do século XX, a revolução mental-espiritual continua. Até a vitória final*<sup>333</sup>.

Ao longo de seu *Mythus*, Alfred Rosenberg utiliza a palavra *heute* [hoje] 419 vezes. Considerando as 701 páginas da obra, o termo aparece, aproximadamente, a cada uma página e meia. A palavra *jetzt* [agora] aparece 56 vezes, aproximadamente uma vez a cada 12 páginas, e o termo *Gegenwart* [presente] aparece 29 vezes, resultando em uma recorrência a cada conjunto de 24 páginas. Esses foram os termos mais utilizados por Rosenberg para se referir ao tempo presente e, a partir dessas simples proporções, já seria possível dizer que o momento atual possui um papel muito importante na narrativa construída pelo estoniano. A razão pela qual o *hoje* ocupa um lugar valioso na narrativa era que o despertar germânico, pensava Rosenberg, estava ocorrendo. Entretanto, para se chegar até esse *hoje* crucial, emblemático e decisivo, o caminho teria sido longo e permeado por inúmeras batalhas raciais. Se o século XX aparece, na narrativa do *Mythus*, como o divisor de águas entre o passado e um novo futuro, em tudo distinto do processo que acontecia até então, foi justamente porque esse processo se agravou em virtude da degeneração racial. O presente surge, assim, como um tempo paradoxal: auge da degeneração, ele é também a porta para a redenção.

A mistura racial, entretanto, não seria algo atual: ela poderia ser mapeada mesmo nos tempos mais remotos, como o Império Persa ou a Grécia Antiga, e a sua cabal evidência seria o abandono dos mitos fundacionais de origem ariana, como vimos no capítulo anterior. A visão circular do tempo histórico foi reafirmada em passagens como a seguinte, na qual o autor analisou o Império Romano:

Em meados do século V, o primeiro passo para o caos foi dado: o casamento entre patrícios e plebeus foi permitido. Em Roma, como na Pérsia e na Hélade, os casamentos mistos raciais tornaram-se uma condição de declínio nacional e estatal. No ano de 336 os primeiros plebeus entraram na assembleia da comunidade romana, cerca de 300 já sabemos de padres plebeus. Em 287, a assembleia plebeia do povo tornou-se até mesmo uma instituição estatal<sup>334</sup>.

<sup>333</sup> Heute, zu Beginn des 20. Jahrhunderts, wird die seelisch-geistige Revolution fortgeführt. Bis zum endlichen siege (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 568).

<sup>334</sup> In der Mitte des 5. Jahrhunderts hatte sich der erste Schritt dem Chaos entgegen vollzogen: die Mischehe zwischen Patriziern und Plebejern wurde gestattet. Die rassische Mischehe war somit auch in Rom wie in Persien und Hellas zu einer Bedingung des völkischen und staatlichen Niedergangs geworden. Im Jahre 336 rücken bereits die ersten Plebejer in die römische Gemeindeversammlung ein, um 300 weiß man schon von plebejischen Priestern zu berichten. 287 wird die plebejische Volksversammlung gar Staatseinrichtung (Ibid., p. 56).

A democracia haveria, assim como na Pérsia e na Grécia, chegado a Roma e se tornado a maior causa da degeneração racial. Originalmente formado pela força criativa de origem ariana, agora, o império estaria condenado. Seus líderes “cederam às inclinações democráticas, talvez também movidos por uma benevolência generosa, mas equivocada”<sup>335</sup>, pois não prezava pela pureza do sangue criador. Assim, minados pela mistura racial, e corrompidos pelos dogmas de Igreja Católica – cuja ascensão, na perspectiva de Rosenberg, coincide com a queda do Império –, os poderes raciais romanos estavam esgotados<sup>336</sup>. Ainda assim, o sangue teria persistido e se manifestado ao longo da história, como os *tipos* analisados no capítulo anterior nos permitiram vislumbrar. A ausência da consciência da própria grandeza teria sido, até então, o principal motivo para que os germânicos não conseguissem tomar as rédeas da história e domar o seu curso. Entretanto, essa circunstância teria cobrado um alto preço dos germânicos, que teriam visto, em diversos momentos, a sua essência ser perdida e a história ser desviada do curso correto em virtude da degeneração. Um momento, entretanto, foi sinalizado, por Rosenberg, como uma espécie de “início do fim”: a Revolução Francesa.

### 3. 1. Revoluções e igualdade: propostas impossíveis

*A Revolução Francesa de 1789 foi apenas um único grande colapso sem pensamentos criativos, estamos testemunhando sua decadência hoje*<sup>337</sup>.

Percebida como a culminância da degeneração secular da raça e da difusão dos ideais de compaixão com o mais fraco, a Revolução haveria iniciado um processo sem volta, com a defesa radical da ideia de igualdade plena entre os diferentes. Tal realidade teria sido agravada pela expansão dos ideais marxistas, por um lado, e pela deflagração da Primeira Guerra Mundial, por outro. Teria sido o descompasso entre degeneração e honra o contexto para o despertar das potências raciais. Afinal, o triunfo das supostas forças degeneradas, marcado pelo sucesso da Revolução Russa, em 1817, e pela tentativa de implementação de um regime socialista na Alemanha, em 1918, contrastaria fortemente com a honra e a doação dos verdadeiros germânicos nos campos de batalha

---

<sup>335</sup> [...] geben demokratischen Neigungen nach, vielleicht auch von großherzigem, aber falsch angebrachtem Wohlwollen getrieben (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 57).

<sup>336</sup> Roms frühere mächtige Rassenmächte sind im Verlauf von 400 Jahren rassenzersetzender Demokratie nahezu erschöpft (Ibid., p. 57).

<sup>337</sup> Die französische Revolution von 1789 war nur ein einziger großer Zusammenbruch ohne schöpferische Gedanken, wir erleben heute ihr Verfaulen (Ibid., p. 562).

da Grande Guerra, que deram a vida pelo seu povo. É esse arco, compreendido entre 1789 e 1918, que marca o acirramento final, para Rosenberg, da guerra entre as raças.

Assim, tendo as decadências de impérios anteriores em mente, todos inicialmente ligados ao sangue criador, Rosenberg se propõe a pensar sobre os momentos finais dessa luta, interpretando o passado a partir do método que havia criado. É justamente no entendimento dos equívocos que nortearam tais movimentações que estaria a chave para a construção de um império bem-sucedido. Com isso em mente, passaremos, agora, para a análise da interpretação feita pelo estoniano da Revolução Francesa e de seus desdobramentos que, entre agitações e a ideia de igualdade, trouxeram à baila propostas que eram, para Rosenberg, impossíveis.

***“Que um sangue impuro banhe o nosso solo”<sup>338</sup>: a Revolução e a suposta inversão de valores***

Supostamente advinda da degeneração e imbuída de ideais inferiores, a Revolução Francesa teria se espalhado e gerado o que, para Rosenberg, era o caos racial. Ela teria negado a desigualdade existente no Antigo Regime e implementado, na França, uma república democrática. Antes de adentrar a análise propriamente racial conduzida pelo estoniano, cabe ressaltar que outros autores já haviam interpretado a Revolução como causadora do caos. Entre eles estava Edmund Burke, filósofo e político britânico que analisou os acontecimentos de 1789 como destruidores das “fundações da civilização europeia”<sup>339</sup>. Para o britânico, mudanças e revoluções poderiam ocorrer, desde que alguns limites da tradição fossem respeitados. Antes de levar a cabo reformas na sociedade, seria preciso utilizar o seu “método da natureza”, a partir do qual seria possível identificar quais seriam características base da comunidade, sem destruí-las<sup>340</sup>. De modo similar ao britânico, o estoniano também procurou o essencial a cada sociedade. Associou, entretanto, tais características básicas à raça. Mantendo o núcleo sólido, seria possível, segundo Burke, modificar o entorno dentro de uma certa constância, melhorando a sociedade em questão, sem questionar as suas bases e sem romper com o passado. Tal era, para o britânico, o problema da Revolução Francesa: radical, ela havia atacado e

---

<sup>338</sup> BBC. Qu'un sang impur abreuve nos sillons. (MARSHALL, Alex. Por que a “Marselhesa” virou o “hino” da resistência ao terrorismo? 2015. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151118\\_vert\\_cul\\_marselhesa\\_ml](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151118_vert_cul_marselhesa_ml). Acesso em: 20 de julho de 2022.

<sup>339</sup> WELSH, Jennifer M. *Edmund Burke and International Relations: The Commonwealth of Europe and the Crusade Against the French Revolution*. Londres: MacMillan Press, 1995, p. 93.

<sup>340</sup> *Ibid.*, p. 94.

destruído “a monarquia, a religião e a propriedade”, elementos que constituíam, não apenas a base da sociedade francesa, como também “os pilares da civilização europeia”. Ela teria, assim, deixado “os seres humanos mais escravizados do que antes”<sup>341</sup>. Em 1789, havia ocorrido uma ruptura brutal com o passado francês, algo que era, para Burke, inaceitável.

Tal perspectiva foi compartilhada pelo já citado François-René Chateaubriand, que percebeu como insuportável a aceleração temporal e a ruptura com o passado causadas pela Revolução. Em sua perspectiva, as forças que operaram na França durante o período revolucionário eram destruidoras e estavam diretamente associadas ao princípio da igualdade. Segundo ele, a igualdade absoluta se acomodaria ao despotismo, seria algo próprio das “almas pequenas”, originando-se do amor-próprio e da inveja, tendendo sempre à desordem<sup>342</sup>. O francês opõe, à igualdade, a ideia de liberdade, que seria o sentimento “das almas elevadas”, criadoras das “grandes pátrias” e instituições<sup>343</sup>. A liberdade, assim, não seria um atributo de todas as pessoas. Assim, a igualdade evoca, em Chateaubriand, um “cortejo de violências, de esmagamento das liberdades antigas” e a ideia de uma “força cega e destruidora”.<sup>344</sup> O francês parece aproximar-se, nessa leitura, ainda que sem o aspecto racial, da interpretação de Rosenberg, que também associou igualdade à destruição e considerou que apenas aqueles superiores, “elevados”, poderiam desfrutar da verdadeira liberdade.

Assim, Rosenberg se alinha a outras leituras conservadoras sobre a Revolução Francesa e adiciona o elemento racial para explicar os acontecimentos e as mudanças acarretadas pela Revolução. A sua origem estaria, segundo o estoniano, na extinção do sangue ariano, antes não apenas existente, como predominante na França. Segundo ele,

Quem olha hoje para a França democratizada, malgovernada por advogados espertos, saqueada por banqueiros judeus, espirituosa e deslumbrante, mas ainda alimentando-se apenas de um passado, mal pode imaginar que este país já foi o foco de lutas heroicas de norte a sul, que por mais de meio milênio produziu figuras do tipo mais ousado e que, inversamente, foram inflamadas repetidamente por homens de convicções heroicas. [...] Quem conhece as grandes famílias nobres desta cidade, que foram destruídas em guerras sangrentas, exterminadas? [...] “O Papa”, explicou um daqueles Condes ousados

<sup>341</sup> WELSH, Jennifer M. *Edmund Burke and International Relations: The Commonwealth of Europe and the Crusade Against the French Revolution*. Londres: MacMillan Press, 1995, p. 95.

<sup>342</sup> COSTA, Wilma Peres. Entre tempos e mundos: Chateaubriand e a outra América. *Almanack Braziliense*. São Paulo, n°11, mai. 2010, p. 22.

<sup>343</sup> *Ibid.*, p. 22.

<sup>344</sup> *Ibid.*, p. 22.

por volta de 1200, “não tem nada a ver com minha religião, porque a fé de todos deve ser livre”. Essa ideia germânica original, que hoje é apenas parcialmente realizada, custou a todo o sul da França. Seu melhor sangue foi sufocado para sempre com seu extermínio nesta área<sup>345</sup>.

Tendo em vista a suposta perda do “melhor sangue” na França, Rosenberg conduz a sua análise buscando as raízes da situação e, de modo coerente com o seu método racial, fez aparecer aspectos, antes desconhecidos ou desvalorizados da história. Ainda que a consumação da degeneração francesa tenha ocorrido em um momento mais próximo, a origem do “problema” racial estava muito antes. Para elaborar uma explicação, o autor retorna ao século XII e busca traços que considera como germânicos no passado francês. A resposta começa a ser traçada a partir de uma personalidade vista, pelo estoniano, como germânica: Pedro Valdo (1140-1205).

Segundo Rosenberg, Valdo, um homem lionês, se sentiu incomodado com o descompasso entre a simplicidade pregada nos evangelhos e a ostentação da Igreja Católica, assim como sentiu o “efeito paralisante” das doutrinas obrigatórias da instituição. Diante disso, ele fez uma peregrinação até Roma, “exigindo simplicidade de maneiras, honestidade nas ações e – liberdade de pensamento sobre o evangelho, liberdade de ensino com base nas palavras de Cristo”<sup>346</sup>. Entretanto, isso não lhe foi concedido. Assim, ainda acreditando firmemente que era “preciso obedecer mais a Deus do que ao homem”<sup>347</sup>, Pedro distribuiu seus bens, abandonou sua esposa e passou a organizar a comunidade dos “Homens pobres de Lyon”, na sua terra natal, pregando o que acreditava<sup>348</sup>. A comunidade tornou-se uma congregação, que foi expulsa da cidade de origem – a causa para isso não é explicitada por Rosenberg –, mas que seguiu pregando em outras localidades.

---

<sup>345</sup> Wer heute auf das demokratisierte, von schlaunen Rechtsanwälten mißregierte, von jüdischen Bankiers ausgeplünderte, geistreich schillernde und doch nur noch von einer Vergangenheit zehrende Frankreich blickt, der vermag sich kaum vorzustellen, daß dieses Land einst vom Norden bis zum tiefsten Süden im Brennpunkt heroischer Kämpfe gestanden hat, die über ein halbes Jahrtausend Gestalten kühnster Art erzeugten und die, umgekehrt, durch Männer heldischer Gesinnung immer wieder neu entfacht wurden. [...] Wer kennt die großen Herrengeschlechter dieser Stadt, die in blutigen Kriegen vernichtet, ausgerottet wurden? [...] “Der Papst”, erklärte um 1200 einer jener kühnen Grafen, “hat mit meiner Religion nichts zu tun, weil der Glaube eines jeden Menschen frei Sein muß.” Dieser auch heute nur teilweise verwirklichte germanische Urgedanke kostete ganz Südfrankreich Sein bestes Blut und wurde mit dessen Ausrottung in diesem Gebiet für immer erstickt (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 88-89).

<sup>346</sup> Und im treuen Glauben, dem geistlichen Oberhaupt zu dienen, pilgerte Peter Waldes nach Rom, forderte dort Einfachheit der Sitten, Ehrbarkeit im Handeln und — Gedankenfreiheit über das Evanngelium, Lehrfreiheit auf Grund der Worte Christi (Ibid., p. 89).

<sup>347</sup> Man muß Gott mehr gehorchen denn den Menschen (Ibid., p. 89).

<sup>348</sup> Ibid., p. 90.

A descrição física do pregador era, como assinala o autor, “puramente nórdica: uma caveira como a dos antigos alemães, uma testa alta e forte, olhos grandes, um nariz poderosamente saliente e ligeiramente curvo e uma boca firme e belamente formada. O queixo cercado por uma barba”<sup>349</sup>. Se Pedro tinha olhos azuis e cabelos loiros, de modo similar à descrição que Rosenberg faz de Apolo, o autor não menciona, talvez pela ausência de fontes – ele se baseia, afinal, em uma estátua de Valdo na cidade alemã de Mainz<sup>350</sup>. É relevante e sintomático que Rosenberg dê tantos detalhes sobre a aparência física de Pedro, afinal, o estoniano atrela suas características ao que seria o caráter do homem nórdico, seus valores e sua suposta superioridade essencialmente racial. Seguindo a corrente de pensamento determinista, originada em meados do século XIX a partir da hipótese de que os seres humanos teriam diferentes origens e, portanto, diferentes raças<sup>351</sup>, Rosenberg atrela o comportamento do germânico à sua aparência. Assim, do mesmo modo que a “natureza biológica” definiria o comportamento criminoso<sup>352</sup>, ela também definiria o comportamento benfeitor e moralmente correto.

A atitude dos valdenses teve, entretanto, consequências, e muitos foram torturados e assassinados pela Inquisição. “Numa época em que as tempestades do renascimento já estavam batendo às portas de Roma por toda a Europa”, afirma o estoniano, “o representante do Vaticano novamente marchou para os vales alpinos com tropas francesas para esmagar a resistência remanescente com a última força militar”<sup>353</sup>. O Papa Inocêncio VII também não teria poupado esforços para “exterminar” os valdenses<sup>354</sup>. Apesar dos esforços, os sobreviventes que escaparam acabaram se aliando ao movimento huguenote,

---

<sup>349</sup> [...] einen rein nordischen Kopf: ein Schädel, wie ihn die alten Germanen aufweisen, eine starke hohe Stirn, große Augen, eine kraftvoll vorspringende, ganz leicht gebogene Nase und einen festen, schön geformten Mund. Das Kinn von einem Bart umwallt (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 90).

<sup>350</sup> Ibid., p. 90.

<sup>351</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 48-49.

<sup>352</sup> A interpretação biológica na análise dos comportamentos humanos, que originou o modelo determinista, possuiu várias ciências derivadas, como a frenologia e a antropometria, que estudavam a capacidade intelectual humana a partir do tamanho e da proporção do cérebro do que seriam as diferentes raças; a craniologia técnica, que buscava medir o índice cefálico e a antropologia criminal, cujo principal expoente, Cesare Lombroso, argumentava que a criminalidade era um “fenômeno físico e hereditário e, como tal, um elemento objetivamente detectável nas diferentes sociedades (Ibid., p. 48-49). Não é preciso ressaltar que tais estudos foram extremamente caros à ideologia nazista, que lançou mão dos argumentos determinantes e de seus estudos decorrentes para justificar a suposta inferioridade racial de judeus, negros e ciganos, por exemplo.

<sup>353</sup> Zur Zeit, als bereits überall in Europa die Stürme einer Wiedergeburt an den Toren Roms rüttelten, zog der Vertreter des Vatikans mit französischen Truppen erneut in die Alpentäler, um mit letzter militärischer Macht die noch gebliebenen Widerstände zu zertreten (ROSENBERG, 1934, p. 92).

<sup>354</sup> Ausgerechnet er lasterhafte Innozenz VIII. war es, der 1487 in einer Bulle zur letzten Ausrottung der Waldenser aufrief (Ibid., p. 92).

de caráter majoritariamente calvinista, no qual puderam preservar a sua crença na liberdade de interpretação dos textos religiosos. Segundo Rosenberg, eles conseguiram preservar, dentro do possível, “a ideia primordial germânica de liberdade interior”<sup>355</sup>. Foram, porém, confrontados pelas autoridades eclesiásticas, de modo que muitos huguenotes acabaram, assim como os valdenses, torturados e mortos. Outra consequência desse enfrentamento teria sido a elaboração de uma resposta dogmática, demandada pela Igreja Católica. A elaboração de tal documento, contrário à natureza do movimento, foi razão de discórdia entre outros huguenotes<sup>356</sup>. Os germânicos, afinal, não precisariam de codificações de seus pensamentos para seguirem, eles tinham a consciência natural do que era correto para a sua raça<sup>357</sup>. Tal perspectiva acabou por endossar o desrespeito aos códigos legislativos alemães e a ausência de formalidades processuais nas decisões jurídicas tomadas pelo regime. É sempre bom lembrar que a constituição de Weimar nunca deixou, formalmente, de vigorar na Alemanha, mas ela foi suspensa e, decerto, veementemente desconsiderada pelos nazistas.

Nos anos que se seguiram, os huguenotes tentaram resistir como puderam. “Apesar de tudo,” relata Rosenberg, “parecia que o velho caráter germânico queria se afirmar”<sup>358</sup>. Eles não abandonaram suas crenças, a despeito da perseguição que sofriam, e muitos escolheram migrar da França para a Prússia, onde teriam supostamente uma maior liberdade religiosa. Tanto as mortes, quanto a saída dos huguenotes de sua terra natal, vieram com consequências cabais para a análise racial empreendida por Rosenberg. O autor afirma:

Mas o fato decisivo dessa perda de sangue é a mudança no caráter da nação francesa. Aquele orgulho genuíno, aquela inflexibilidade e aquela nobreza encarnada nos primeiros líderes huguenotes se foram para sempre. Quando nos séculos XVII e XVIII a filosofia francesa

<sup>355</sup> [...] der germanische Urgedanke der inneren Freiheit (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 98).

<sup>356</sup> Da das Hugenottentum sich aber bestimmten Lebensformen gegenüber sah und die Vertreter Roms von dieser dogmatischen Grundlage aus Antworten forderten, so blieb den Protestanten nichts anderes übrig, als nach und nach gleichfalls ein scharf umrissenes Programm aufzustellen, das "naturgemäß", weil im Wesen unnatürlich, die verschiedenen protestantischen Bewegungen selbst in Konflikt miteinander bringen mußte (Ibid., p. 98).

<sup>357</sup> A crença de que os germânicos não necessitariam de leis escritas para se orientar juridicamente possui profundas raízes históricas e remonta a debates que datam, pelo menos, do início do século XIX. Entre eles, é possível citar a famosa controvérsia ocorrida entre Friedrich Karl von Savigny, fundador da Escola Histórica Alemã e contrário à codificação das leis, e Anton Friedrich Thibaut, jurista alemão adepto do jusnaturalismo e favorável à codificação. O assunto será explorado com mais detalhes no capítulo 4, com especial atenção à proposta da Escola Histórica (HESPANHA, Antonio Manuel. *A Cultura Jurídica Europeia: síntese de um milênio*. Coimbra: Edições Almedina, 2012, p. 341; 381).

<sup>358</sup> Trotz allem aber schien es, als ob sich altgermanischer Charakter durchsetzen wollte (ROSENBERG, 1934, p. 100).



“clássica” novamente minou e derrubou os dogmas eclesiásticos, foi dotada de grande engenhosidade e dotada de grande sagacidade, mas era - veja Rousseau, mesmo Voltaire - estéril de qualquer real grande nobreza de espírito [...]. então 14 de julho de 1789 tornou-se uma parábola de uma impotência de caráter. A Revolução Francesa, genuína e sangrenta [...], foi apenas sanguinária por volta de 1793, interiormente estéril porque lhe faltava grande caráter. É por isso que nenhum gênio se entusiasmou com os girondinos e jacobinos, mas apenas filisteus enlouquecidos, demagogos vaidosos e essas hienas dos campos de batalha políticos que roubam seus pertences daqueles que ficaram encalhados. [...] assim a ralé negra jacobina arrastou para o cadafalso todos os que eram magros e loiros. Em termos de história racial, a queda dos huguenotes no reino franco quebrou o poder das raças nórdicas, se não completamente foi fortemente empurrado para trás<sup>359</sup>.

Assim, o *tipo* huguenote – para usar aqui a categoria analítica do autor –, característico da França desse período e resultado da ação baseada nos valores da alma racial germânica, havia se perdido. A Revolução Francesa teria sido apenas uma consequência dessa perda, já perceptível nas obras de Voltaire e Rousseau. Enquanto o primeiro, ainda que crítico da Igreja Católica, acreditasse na liberdade de expressão, pressupondo a igual validade dos posicionamentos no ambiente público; o segundo defendia, de modo incisivo, a soberania do povo nas decisões políticas, partindo da ideia de igualdade de direitos. De acordo com a teorização de Rosenberg, ambos estavam, claro, equivocados: toda e qualquer opinião não poderia válida na cena política, pois, para ele, os homens eram desiguais por natureza e, portanto, nem todos tinham a capacidade necessária para estar no ambiente público decidindo sobre os rumos da nação, como pregava Voltaire<sup>360</sup>. Tendo isso em vista, o que Rousseau defendia também cai por terra na visão do estoniano: o povo não sabia o que queria, pois não tinha condições raciais de sabê-lo. Por essa razão, cabia aos germânicos guiar a humanidade. Foi a ausência de

---

<sup>359</sup> Die entscheidende Tatsache dieses Blutverlustes aber ist die Änderung des Charakters der französischen Nation. Jener echte Stolz, jene Unbeugsamkeit und jener Edelmut, den die ersten Hugenottenführer verkörperten, war auf immer dahin. Als im 17. und 18. Jahrhundert die "klassische" französische Philosophie die kirchlichen Dogmen erneut aushöhlte und stürzte, da war sie zwar ausgestattet mit vielem Scharfsinn und mit großem Witz begabt, war aber — man sehe sich Rousseau, selbst auch Voltaire an — bar jedes echten großen Adels der Gesinnung [...] so wurde der 14. Juli 1789 zum Gleichnis einer charakterlichen Ohnmacht. Die französische Revolution, die echt und blutvoll war [...], war um 1793 bloß blutgierig, innerlich unfruchtbar, weil von keinem großen Charakter getragen. Deshalb haben sich an den Girondins und Jakobinern auch keine Genien begeistert, sondern nur toll gewordene Spießbürger, eitle Demagogen und jene Hyänen der politischen Schlachtfelder, die die Liegegebliebenen ihres Habes berauben. [...] so schleifte der jakobinische schwarze Pöbel jeden aufs Schafott, der schlank und blond war. Rassengeschichtlich gesprochen: durch den Untergang der Hugenotten war im Reich der Franken die nordische Rassenkraft wenn nicht ganz gebrochen, so doch stark zurückgedrängt worden (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 101-102).

<sup>360</sup> Essa crítica ao pensamento do francês se torna especialmente relevante e sintomática se nos atentamos ao momento vivido por Rosenberg, no qual por meio da Constituição de Weimar, era assegurado o direito ao sufrágio universal (ALEMANHA, Constituição Imperial de Weimar, art. 17, 1919. Disponível em: [verfassungen.de/de19-33/verf19-i.htm](http://verfassungen.de/de19-33/verf19-i.htm). Acesso em: 10 de outubro de 2022).

sangue superior e, conseqüentemente, de *tipos* superiores, que teria permitido a expansão e o sucesso – ainda que transitório – da Revolução.

É igualmente significativo que 1793 seja o marco da suposta degeneração decisiva da França: foi em 1793, afinal, que o rei Luís XVI foi executado; e a República Jacobina, proclamada. A radicalização do movimento acarretou, para Rosenberg, o assassinato daqueles que ainda possuíam algum sangue germânico e, portanto, permitiu que a “ralé negra jacobina”<sup>361</sup>, na opinião do autor, governasse a França. Nessa passagem, Rosenberg atrela três elementos distintos: classe social, raça e posicionamento político. Evocando, novamente, um imaginário que associa raça e pobreza de modo pejorativo, o autor mobiliza o termo “ralé” para indicar, não apenas pauperização, como também delinquência e depravação, associando a raça ao que a civilização “teria de pior”<sup>362</sup>. Em termos políticos, a associação remete aos jacobinos que, inicialmente defensores de uma república constitucional, aderiram ao republicanismo após a tentativa de fuga do rei Luís XVI. Eles reconheciam o peso da ação popular no processo revolucionário, alinhando-se aos desejos democráticos e descentralizadores<sup>363</sup>. Tendo isso no horizonte, não é uma surpresa que Rosenberg atribua um caráter racial a essa posição: apenas o que o autor considerava como uma “raça inferior”, afinal, poderia compartilhar de desejos democráticos. A suposta raça superior, a branca, seria aristocrática, pois não poderia reconhecer, entre os homens, uma igualdade que não existiria.

Assim, o solo francês foi regado com sangue, mas não o sangue impuro, como narra a Marselhesa: o estoniano via o sangue nobre como um resquício ariano, o que havia restado após a morte dos huguenotes. Os impuros seriam os outros, a “ralé” que subiu ao poder utilizando a guilhotina. Nesse sentido, a pregação da igualdade, da fraternidade e da liberdade, nos moldes da Revolução, seria uma falácia e, mais do que isso, contradiria a natureza que afirmava a inata diferença entre as raças. Teria havido, portanto, uma inversão de valores provocada pelos acontecimentos iniciados em 1789. Como sinaliza o historiador Johann Chapoutot, na perspectiva dos nazistas, entre os quais Rosenberg, “a Revolução havia deixado as coisas em uma confusão sem precedentes, misturando

---

<sup>361</sup> [...] Jakobinischer schwarzer Pöbel (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 102).

<sup>362</sup> KALIFA, Dominique. *Os bas-fonds: história de um imaginário*. Trad. Márcia Aguiar. São Paulo: EDUSP, 2017, p. 30; 254.

<sup>363</sup> HOBBSAWM, Eric J. *A revolução francesa*. Trad. Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchell. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 37.

identidades e confundindo sangues”<sup>364</sup>. Teriam sido “as pessoas que trouxeram a Revolução Francesa” as inventoras da “doutrina do meio ambiente, ainda conhecida como a teoria da herança dos traços adquiridos, elaborada pelo zoólogo francês Lamarck”. Assim, “qualquer contradição entre os belos e elevados princípios de 1789” e o suposto “fato teimosamente persistente de que as pessoas não se pareciam e não eram iguais” poderia ser evitada<sup>365</sup>.

Por todos os lados, a Revolução se haveria cercado, portanto, de justificativas para embasar as suas mentiras. A igualdade, intensamente pregada, era o retrato da degeneração do sangue na França, que “mostra apenas espírito sem nobreza, uma decadência de caráter” que permitiu, aos inferiores, se livrarem da nobreza, aqui também entendida, similarmente ao pensamento de Gobineau, de modo racial<sup>366</sup>. A democracia, agora entendida em sentido mais extenso do que aquele da Grécia ou Roma antigas, seria, para Rosenberg, ditada pelos interesses econômicos judeus, afinal, se todos são iguais política e judicialmente, então eles poderiam se infiltrar nos negócios de Estado e manipular o mercado a seu favor. O século XIX mostrou-se, assim, “racialmente sem criatividade”, em virtude da degeneração<sup>367</sup>. Apesar de o autor ligar, como sinalizado na epígrafe do capítulo, a Revolução Francesa e a Comuna de Paris, em 1871, ele só a menciona nesse momento, sem analisar com maior profundidade o segundo acontecimento. De todo modo, Rosenberg volta a mobilizar a sua visão circular do tempo histórico conectando as civilizações da Antiguidade com a França de sua época, ao afirmar que

Ao redor da Notre-Dame, em Paris, uma população cada vez mais em decomposição inundou. Negros e mulatos andam nos braços de mulheres brancas, surge um bairro puramente judeu com novas sinagogas. Ostentação repulsiva e mestiça poluem a raça de mulheres ainda bonitas que são atraídas para Paris de toda a França. Então, no presente, experimentamos algo que já aconteceu em Atenas, Roma e Persépolis<sup>368</sup>.

---

<sup>364</sup> CHAPOUTOT, Johann. *The Law of the Blood: Thinking and acting like a Nazi*. Trad. Miranda Richmond Mouillot. Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018, p. 76.

<sup>365</sup> *Ibid.*, p. 77.

<sup>366</sup> Das klassische Frankreich zeigt nur noch Geist ohne Adel, einen Charakterverfall [...] (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 102).

<sup>367</sup> [...] der Mensch des 19. Jahrhunderts rassistisch doch gleich unschöpferisch war (*Ibid.*, p. 102).

<sup>368</sup> Um die Notre Dame zu Paris flutet eine sich immer mehr zersetzende Bevölkerung. Neger und Mulatten gehen am Arme weißer Frauen, ein rein jüdisches Stadtviertel erstet mit neuen Synagogen. Abstoßende mestizenhafte protzen verpesten die Rasse der noch schönen Weiber, die aus ganz Frankreich nach Paris angelockt werden. So erleben wir in der Gegenwart etwas, was sich bereits in Athen und Rom und Persepolis abspielte (*Ibid.*, p. 103-104).

Degeneração racial e pobreza são aspectos novamente evocados por Rosenberg para desclassificar os negros. Outro elemento central nesse trecho é a sujeira, a poluição. Como assinala Kalifa, ela é mobilizada, não só de modo literal, mas também, e principalmente, de forma social e moral. O objetivo é condenar a presença de raças consideradas como inferiores<sup>369</sup>. Como assinala Kalifa, ela “traz em si os parasitas, a infecção, a lepra e outras doenças cutâneas”, aspecto que compõe o imaginário de pobreza e decadência desde o século XIX. Mas, mais do que isso, a sujeira “é também a da mistura das raças, da impureza étnica”<sup>370</sup>, aspecto plenamente explorado por Rosenberg nesse momento e que, para a nossa análise, é imprescindível. A decadência, para o estoniano, não se restringe à presença de negros, mulatos e brancos em Paris, mas também à mistura racial que promovem ao se relacionarem com mulheres brancas.

A mesma tragédia, portanto, se repetia diante de seus olhos, de modo que a compreensão histórica que ele havia forjado o ajudava a orientar a si mesmo e aos seus contemporâneos. As raças interpretadas como inferiores teriam se infiltrado, de vez, na sociedade francesa. Tal situação, cujas raízes remontavam à repressão aos valdenses e huguenotes, veio à tona em 1789, definindo o destino da França. A atualidade nada mais era que um resultado disso, uma vez que, nela, os judeus haviam se estabelecido e supostamente comandariam o Estado e a economia<sup>371</sup>. Outro agravante para a situação, como assinala Rosenberg, seria a degeneração causada pela entrada no país de outras raças consideradas como inferiores, como era o caso dos negros que, ao se envolverem com mulheres locais ou de raça superior, contribuía para a mistura do sangue.

O suposto domínio dos judeus sobre a França fez com que o autor descrevesse a Revolução – ainda na sua lógica circular de tempo – de maneira similar a uma outra, que ocorreu mais de 120 anos depois: a Revolução Russa. De acordo com ele, “Assim como sob o bolchevismo na Rússia o sub-homem tartarizado assassinou aqueles que pareciam suspeitos como senhores por causa de sua alta estatura e andar ousado”<sup>372</sup>. Os russos teriam terminado por fazer o mesmo que os franceses, favorecendo as raças inferiores. Nas palavras de Hitler, como sinaliza Chapoutot, “A Revolução Francesa formulou

---

<sup>369</sup> KALIFA, Dominique. *Os bas-fonds: história de um imaginário*. Trad. Márcia Aguiar. São Paulo: EDUSP, 2017, p. 40.

<sup>370</sup> *Ibid.*, p. 41.

<sup>371</sup> *Ibid.*, p. 103-104.

<sup>372</sup> Wie während des Bolschewismus in Rußland der tatarisierte Untermensch jene mordete, die durch hohe Gestalt und kühnen Gang als Herren verdächtig erschienen [...] (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 101-102).

teorias prolixas e proclamações grandiloquentes que o intelectualismo judaico de séculos passados, com seu sistematismo minucioso, transformou no dogma sagrado da Internacional Revolucionária<sup>373</sup>. O bolchevismo, visto como fruto da mente judaica, teria sido mais um golpe das raças inferiores. Assim, a igualdade pregada em 1789 teria sido uma condição para a defesa de ideais considerados como tão – ou até mais – nocivos em 1917, na Rússia, e 1918, na Alemanha.

### ***Marxismo, o filho da Revolução***

“Após o colapso do reino absolutista em 1789”, afirma Rosenberg, “os princípios democráticos lutaram com o nacionalismo<sup>374</sup>. A premissa da igualdade havia, para ele, apagado as particularidades inerentes a cada povo, fazendo com que os valores raciais fossem desvalorizados e se perdessem naqueles adeptos das ideias democráticas advindas da Revolução Francesa. Se o povo, isto é, a nação, é definida pela raça, então todas as ideias que puguem a igualdade são consideradas como equivocadas. Abertas as portas do apagamento dessas supostas diferenças, as raças inferiores teriam sido atraídas por ideologias que as protegessem da realidade da natureza, isto é, do fato que pereceriam diante daqueles superiores. Sendo assim, em fins do século XIX, uma nova ideologia ganhou forma e adeptos, tornando-se o que Rosenberg interpretou como mais uma expressão do amor – a primeira havia sido aquela defendida pela Igreja Católica – como piedade e compaixão com o mais fraco: o bolchevismo<sup>375</sup>. Experiência efetiva e vitoriosa do marxismo, o bolchevismo parece adquirir, na obra do estoniano, características similares àquelas do *tipo*: a ideologia era marxista, mas a sua forma no mundo das aparências foi o bolchevismo. Desse modo, o autor utiliza o termo bolchevismo para referir-se quase que exclusivamente à Rússia, e o termo marxismo para a ideologia e outras experiências não vitoriosas, como foi o caso da Alemanha.

Assim, antes de se tornar um regime, o marxismo foi um conjunto de ideias interpretadas pelo autor, junto com a democracia, como “materialistas”. Segundo o estoniano,

---

<sup>373</sup> CHAPOUTOT, Johann. *The Law of the Blood: Thinking and acting like a Nazi*. Trad. Miranda Richmond Mouillot. Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018, p. 76.

<sup>374</sup> Nach dem Zusammenbruch des absolutistischen Königtums 1789 rangen demokratische Grundsätze mit dem Nationalgedanken (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 525).

<sup>375</sup> Zum Ende des 19. Jahrhunderts trat die Liebesidee nun in einer [...] Form auf, die uns den Bolschewismus bescherte (Ibid., p. 206).

O paradoxo da democracia e da doutrina marxista é que ambas, na verdade, sustentam a visão de mundo mais brutal, desonrosa e materialista, e nutrem conscientemente todas as tendências que podem promover a decomposição, mas ao mesmo tempo sua misericórdia, seu amor pelo protesto oprimido e explorado. De maneira inteligente, a capacidade do proletariado de fazer sacrifícios é invocada aqui para torná-lo dependente interiormente de seus líderes. Vemos aqui no marxismo a ideia de sacrifício e “amor” desempenhando o mesmo papel que no sistema romano. Sangue e honra também foram desprezados e ridicularizados pelos líderes do marxismo, mas até que essas ideias inextirpáveis se tornaram conhecidas entre a classe trabalhadora<sup>376</sup>.

Desse modo, tanto a democracia quanto o marxismo seriam as razões pelas quais a realidade do sangue e da honra permanecem ocultas durante muitos anos. Materialistas, elas seriam incapazes de ver a verdade da natureza, isto é, a existência de almas raciais, pois eram apegadas a ideias alienadoras e antinaturais. Não por acaso, o autor conecta ambas aos judeus – previsivelmente. Os judeus, na análise de Rosenberg, como já explicitado no capítulo anterior, teriam negado a natureza para garantir a sua própria sobrevivência e, assim, criado sistemas artificiais para negá-la, falseando o que, seria a realidade, isto é, a inerente diferença entre as raças e a superioridade dos germânicos. Estrategicamente, as lideranças teriam enganado os trabalhadores, apelando à sua disposição para se sacrificar em nome daquilo em que acreditam, e espalharam as suas ideias pelo globo. A Rússia, nesse sentido, foi apontada pelo autor como o lugar ideal para o florescimento de tais ideias de igualdade. O caráter do homem russo, perfeitamente *tipificado* no escritor Fiodor Dostoiévski, mostraria a sua propensão ao sofrimento e à servidão.

Para Rosenberg, “Dostoiévski é a lupa da alma russa; através de sua personalidade pode-se ler toda a Rússia em sua diversidade muitas vezes difícil de interpretar”<sup>377</sup>. Assim, o estoniano afirma ter partido dos diários do escritor russo – evocando, nesse momento, não um historiador, como foi o caso de Ranke e Burckhardt, mas sim uma fonte histórica para legitimar o seu discurso – e passa a analisar cuidadosamente as razões

---

<sup>376</sup> Das Paradoxon sowohl der Demokratie wie der marxistischen Lehre besteht darin, daß sie beide die brutalste, ehrloseste, materialistische Weltanschauung tatsächlich vertreten und bewußt alle Triebe nähren, die eine Zersetzung fördern könnten, zu gleicher Zeit aber ihre Barmherzigkeit, ihre Liebe zu den Unterdrückten und Ausgebeuteten beteuern. In kluger Weise wird hier die seelische Opferfähigkeit des Proletariats angerufen, um dieses seinen Führern gegenüber innerlich abhängig zu machen. Wir sehen hier im Marxismus die Idee des Opfers und der “Liebe” die gleiche Rolle spielen, wie im römischen System. Blut und Ehre wurden gleichfalls von den Führern des Marxismus verhöhnt und verspottet, bis sich aber in der Arbeiterschaft doch diese unausrottbaren Ideen kundtaten (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 204).

<sup>377</sup> Dostojewski ist das Vergrößerungsglas der russischen Seele; durch seine Persönlichkeit kann man ganz Rußland in seiner oft schwer deutbaren Mannigfaltigkeit ablesen (Ibid., p. 207).

raciais que justificariam a expansão dos ideais marxistas e a conseqüente revolução ocorrida em 1917. Dostoiévski teria afirmado, que existia um “‘desejo absolutamente enraizado’ do homem racial” que consistiria “no anseio pelo sofrimento, pelo sofrimento constante; sofrendo em tudo, até na alegria. Seus personagens agem e vivem com base nessa ideia; é por isso que a piedade é o foco da moralidade russa”<sup>378</sup>. Nesse pequeno trecho, há uma sinalização sobre a afinidade entre a ideia de piedade, associada ao longo do *Mythus* à Igreja Católica, e o sofrimento característico do homem russo. A “ideia de sofrimento” estaria “intimamente ligada a um traço do impessoal e subserviente”<sup>379</sup>. A consciência da incapacidade de ação própria e a necessidade de trazer o sofrimento para a vida, como uma forma de dramatizá-la, fazia com que muitos russos acabassem mentindo, mesmo estando em posições de poder. “A verdade”, afinal, seria “muito chata para as raças”<sup>380</sup>. Essa consciência, entretanto, traria uma segunda consequência relacionada à mentira: diante da sua inferioridade, o homem russo teria vergonha de si mesmo, e todos se esforçariam para se mostrarem “como algo diferente do que são”<sup>381</sup>.

Em virtude da sua caracterização racial, Rosenberg afirma que “O russo, sozinho no mundo, não introduziu uma única ideia na multidão de ideias da humanidade” e tudo aquilo que seria superior e, por alguma razão, tivesse chegado até a Rússia, teria sido distorcido pelo russo. Desse modo, “Os russos se movem, mas em uma linha torta que não leva a nenhum objetivo e ele é como uma criança pequena que não consegue pensar direito”<sup>382</sup>. Os líderes bolcheviques teriam se aproveitado, portanto, da suposta incapacidade russa, que os tornaria infantis e suscetíveis aos apelos das lideranças, que teriam convencido os trabalhadores russos com suas palavras “enganosas” e, aproveitando-se da sua predisposição ao sacrifício, feito triunfar a revolução em 1917. A partir de então,

tudo o que estava doente, quebrado ou podre era considerado “humano”. Os humilhados e perseguidos tornaram-se “heróis”, os

---

<sup>378</sup> Dostojewski spricht in seinem "Tagebuch" ganz offen aus, daß ein "absolut wurzelhaftes Verlangen" des russischen Menschen in der Sehnsucht nach dem Leiden bestehe, nach fortwährendem Leiden; Leiden in allem, selbst in der Freude. Auf Grund dieser Idee handeln und leben seine Gestalten; im Mitleiden liegt deshalb auch der Schwerpunkt der russischen Sittlichkeit (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 207).

<sup>379</sup> [...] diese Idee des Leidens mit einem Zug des Unpersönlichen und Unterwürfigen eng verknüpft sei. Der russische Selbstmörder (Ibid., p. 207)

<sup>380</sup> [...] weil dem Rassen die Wahrheit zu langweilig scheine (Ibid., p. 207).

<sup>381</sup> [...] “weil wir uns alle unseres Selbsts schämen und jeder sich bemüht, sich unbedingt als etwas anderes zu Zeigen, als er ist” (Ibid., p. 207).

<sup>382</sup> Der Russe bewege sich zwar, aber auf einer krummen Linie, die zu keinem Ziele führe und er sei wie ein kleines Kind, das nicht richtig denken könne (Ibid., p. 210).

epilépticos, os problemas de uma humanidade profunda, tão intocáveis quanto os mendigos santos e apodrecidos da Idade Média, ou um Simão Estilita. Isso transformou a concepção de humanidade germânica em seu oposto<sup>383</sup>.

A degeneração completa da Rússia já estaria, não apenas anunciada, como supostamente em curso. Assim como a democracia o havia feito em outros momentos e outros lugares, a instalação do governo revolucionário trouxe a queda do homem russo. O sangue da “Mongólia Oriental” se teria se sobreposto ao pouco sangue “nórdico-russo” que ainda existia na região: “Judeus e armênios lotaram a liderança e o calmuco tártaro Lenin tornou-se mestre”<sup>384</sup>. De lá, a revolução teria se espalhado e chegado até a Alemanha. Antes de abordarmos a manifestação marxista no país, gostaríamos de chamar a atenção para a complexidade de raças que Rosenberg aborda nesse trecho. Essa pluralidade não nos parece deslocada, tendo em vista a perspectiva racialista à qual o autor se alinha. O mais relevante, porém, é como ele atrela as raças a determinadas características internas e valores, como, por exemplo, a subserviência. Tal característica da alma racial russa explicaria, para o autor, toda a conduta do povo ao longo do tempo. Essa compreensão é fundamental para que a proposta de ordenação mundial, construída pelo autor mais adiante em sua obra, seja igualmente inteligível. Para Rosenberg, não se trata apenas da eliminação de *todas* as raças inferiores, mas sim da classificação de cada uma delas e da atribuição de funções específicas, de acordo com a sua capacidade racial.

Na perspectiva do autor, a revolução bolchevique teria, em uma Alemanha ainda inconsciente de seu potencial, encontrado frutos, mas não por afinidade racial: “os marxistas naturalmente não tinham nada a ver com o povo alemão”<sup>385</sup>. O que propiciou a difusão de ideais igualitários foi o contexto no qual os trabalhadores da Alemanha se encontravam. Segundo Rosenberg, “O operário industrial do século XIX, traído por seu destino, subitamente desenraizado, desprovido de todos os padrões de julgamento, refugiou-se nos sedutores sermões de uma internacional proletária, acreditando através da luta de classes, poder tornar-se “livre”<sup>386</sup>. Assim, os alemães, “que não estavam

---

<sup>383</sup> Als “menschlich” galt von nun an alles, was krank, gebrochen, angefault war. Die Gedemütigten und Verfolgten wurden zu “Helden”, Epileptiker zu Problemen eines tiefen Menschentums, gleichsam unantastbar wie die heiligen verfaulenden Bettler des Mittelalters, oder ein Simon Stylites. Damit war die Auffassung des germanischen Menschentums in ihr Gegenteil verkehrt (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 211-212).

<sup>384</sup> Juden, Armenier drängten sich an die Führung und der Kalimücko-Tatäre Lenin wurde Her (Ibid., p. 213-214).

<sup>385</sup> [...] die Marxisten natürlich mit dem deutschen Volk erst recht nichts zu tun hatten (Ibid., p. 526).

<sup>386</sup> Der um sein Schicksal betrogene Industriearbeiter des 19. Jahrhunderts, plötzlich entwurzelt, aller Maßstäbe des Urteils beraubt, flüchtete zu den verlockenden Predigten einer Internationale des Proletariats,



vigilantes”<sup>387</sup>, teriam sido atraídos pelos discursos marxistas, que lhes seriam racialmente estranhos. Raças inferiores se haveriam infiltrado na Alemanha e, com elas, as suas ideias.

A partir de então, o jogo teria virado para os germânicos. Para Rosenberg, por um lado o “banqueiro judeu oriental”<sup>388</sup> era considerado como um “preservador do Estado”; e, por outro, “o lutador contra a zombaria do caráter germânico foi preso por ‘insultar a forma de governo’”<sup>389</sup>. Assim, o descompasso racial estaria, para o autor, estabelecido: o judeu, suposto destruidor da nação alemã, era vangloriado, ao passo que o alemão que teria ousado levantar a sua voz contra tal valorização, teria sido condenado por insultar a república. Havia, portanto, argumenta o autor, duas Alemanhas: uma primeira, germânica, fiel à sua raça e aos seus valores; e uma segunda, degenerada, fruto da infiltração de povos e ideias não pertencentes à nação. O sangue dominante havia mudado e o poder, naquele momento, estava nas mãos das raças advindas do Leste, em suma, dos judeus. Desde o império, ambos os polos raciais já coexistiriam, mas, para Rosenberg, após 1914, eles se tornaram irreconciliáveis<sup>390</sup>.

Em 1918, quando a Alemanha viveu a sua própria revolução, esta teria falhado, mas não totalmente, pois o império já havia sido desintegrado e um modelo democrático seria adotado a partir de então. “A democracia ‘alemã’ de novembro de 1918”, explicita o estoniano, “significou a vitória da mais suja e ilícita ideia que o mundo já viu”<sup>391</sup>. O convulsionado contexto da dissolução do Império Alemão e o estabelecimento da República de Weimar foi, assim, um momento crucial para a interpretação de Rosenberg. Ele marcava, para o estoniano, um possível início do fim: a república seria o governo dos judeus, que fariam o que pudessem para minar a suposta superioridade racial germânica. Caso nada fosse feito, a degeneração racial continuaria sem freios e a espiral histórica continuaria até que não restasse sinal do suposto sangue superior. O estabelecimento da república foi, de fato, um período conflituoso, mas certamente não pelas razões apontadas por Rosenberg: simultaneamente, a Alemanha viveu duas revoluções conflitantes. De um

---

glaubte durch Klassenkampf, [...] “frei” werden zu können (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 205).

<sup>387</sup> [...] nicht wachsam gewesen [...] (Ibid., p. 104)

<sup>388</sup> [...] der ostjüdische Bankier (Ibid., p. 106).

<sup>389</sup> [...] der Kämpfer gegen die Verhöhnung des germanischen Wesens aber wurde wegen "Beleidigung der Staatsform" ins Gefängnis gesperrt (Ibid., p. 106).

<sup>390</sup> Aus dieser Sünde gegen das eigene Blut erwuchs die große Volksschuld, entstanden die "zwei Deutschlands", die sich 1870-71 schon zeigten, nach 1914 unversöhnlich gegenüberstanden (Ibid., p. 105).

<sup>391</sup> Die "deutsche" Demokratie vom November 1918 bedeutete den Sieg des schmutzigsten Schiebergedankens, den die Welt bisher gesehen hat (Ibid., p. 575).

lado, sob liderança da *Spartakusbund [Liga Espartaquista]*<sup>392</sup>, especialmente de Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, trabalhadores e soldados favoráveis a um golpe de Estado comunista se organizavam. A movimentação, iniciada em 8 de novembro, começou com a convocação de uma greve geral em Berlim, marcada para o dia seguinte. Na manhã do dia 9, várias manifestações se espalharam pela cidade e, à tarde, “os revolucionários estavam firmemente no controle de Berlim e bandeiras vermelhas tremulavam sobre a capital”<sup>393</sup>.

Enquanto as ruas convulsionavam, o *Sozialdemokratische Partei Deutschlands [Partido Social-Democrata, SPD]* demandava a abdicação do Kaiser Wilhelm II. O líder do SPD, Friedrich Ebert, estava em contato próximo com o príncipe Max von Baden, com quem debatia o futuro da Alemanha. O temor ao bolchevismo e à guerra civil era geral e, diante da hesitação do imperador, von Baden publicou a abdicação do Kaiser mesmo antes de ela, de fato, ocorrer. A chancelaria foi transferida para Ebert; e a república, proclamada de uma sacada do Parlamento<sup>394</sup>. Não havia, porém, consenso: duas horas após a proclamação social-democrata, foi a vez de os espartaquistas, por meio de um discurso de Liebknecht, declararem a República Socialista Livre da Alemanha<sup>395</sup>. A discordância se tornou um conflito armado e foram enviadas unidades paramilitares para conter a resistência dos comunistas. No enfrentamento, Liebknecht e Rosa Luxemburgo foram assassinados. A república, na perspectiva dos social-democratas, deveria manter a administração pública e militar do império, visando minimizar os impactos da mudança do regime, de modo que radicalizações não seriam toleradas. A cautela, entretanto, não terminou por prover o novo regime de legitimidade e consenso: ainda que os militares fossem leais à república, grande parcela da população se tornou oposição ao novo governo, de modo que este dependia cada vez mais da força militar para assegurar a sua autoridade<sup>396</sup>.

---

<sup>392</sup> Grupo marxista e revolucionário fundado em 1916, publicou manifestos contra a guerra, defendeu a uma revolução socialista na Alemanha e coordenou greves no fim e no imediato pós-Primeira Guerra Mundial (JONES, Mark. Liebknecht, Karl Paul August Friedrich. In.: International Encyclopedia of the First World War. 2016, s. p. Disponível em: [https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/liebknecht\\_karl\\_paul\\_august\\_friedrich](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/liebknecht_karl_paul_august_friedrich). Acesso em: 11 de outubro de 2022).

<sup>393</sup> ALTENHÖNER, Florian. Berlin, 9 November 1918. In.: International Encyclopedia of the First World War. 2019, s. p. Disponível em: [https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/berlin\\_9\\_november\\_1918](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/berlin_9_november_1918). Acesso em: 10 de outubro de 2022.

<sup>394</sup> Ibid., s. p.

<sup>395</sup> GALLUS, Alexander. Revolutions (Germany). In.: International Encyclopedia of the First World War. 2019, s. p. Disponível em: [https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/revolutions\\_germany](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/revolutions_germany). Acesso em: 11 de outubro de 2022.

<sup>396</sup> Ibid., s. p.

A assinatura do Tratado de Versalhes, em 28 de junho de 1919, e a aprovação da Constituição de Weimar, em 31 de julho do mesmo ano, foram as condições para assegurar formalmente o desenvolvimento da república democrática alemã. A realidade, entretanto, permaneceu conflituosa e instável. Econômica, política e institucionalmente, o novo regime não respondeu à altura dos problemas enfrentados pela Alemanha e “os fantasmas da esquerda racial continuaram a habitar o país, reforçados pelo medo dos vizinhos bolcheviques”<sup>397</sup>. Além disso, por meio do Tratado, o país perdeu parte de seu território e suas colônias, teve o número de seu exército limitado e foi condenado a pagar indenizações<sup>398</sup>. As condições impostas, que se aproximavam de uma capitulação incondicional, foram posteriormente interpretadas pelos nazistas, incluindo Rosenberg, como uma continuação da guerra travada contra a Alemanha desde 1914. Como assinala Chapoutot, os nazistas interpretavam que a paz estabelecida por meio do tratado era apenas o início da erradicação do povo alemão como raça. “Tudo no Tratado de Versalhes”, afinal, “traía “a vontade de exterminar manifestada pelos inimigos” da Alemanha”<sup>399</sup>. A situação, interpretou o estoniano, de fato não era simples, mas nem tudo estaria perdido: “O regulamento provisório de Versalhes, reconhecido em junho de 1919 por representantes de uma subserviência não alemã como lei obrigatória da República de Weimar, não inibe, mas acelera o fluxo orgânico do mundo recém-formado”<sup>400</sup>. A vitória havia sido – temporariamente – da contra-raça judaica. Esse seria um possível fim, mas, por outro lado, a oportunidade de reação, por parte dos germânicos, estava dada – e aí estaria um possível recomeço.

### ***Da revolução à conspiração***

A presença do judeu na narrativa de Rosenberg como o responsável por tudo aquilo que o autor considera como degenerado possui claros contornos de conspiração. Supostamente infiltrados no povo alemão, os judeus, devido ao seu poder econômico,

<sup>397</sup> LIEBEL, Vinícius. Uma fachada pelas costas: paranoia e Teoria da Conspiração entre conservadores no refluxo das Greves de 1917 na Alemanha. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 37, nº 76, 2017, p. 56.

<sup>398</sup> BRANDT, Susanne. Versailles, The Treaty of. 2021, s. p. In.: International Encyclopedia of the First World War. 2019, s. p. Disponível em: [https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/versailles\\_treaty\\_of](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/versailles_treaty_of). Acesso em: 11 de outubro de 2022.

<sup>399</sup> CHAPOUTOT, Johann. *The Law of the Blood: Thinking and acting like a Nazi*. Trad. Miranda Richmond Mouillot. Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018, p. 305

<sup>400</sup> Die vorläufige Regelung in Versailles, welche im Juni 1919 von Vertretern einer Undeutschen Unterwürfigkeit als bindendes Gesetz der Weimarer Republik anerkannt wurde, hemmt nicht, sondern beschleunigt den organischen Fluß der sich neugestaltenden Welt (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 637).

teriam manipulado a política de acordo com as suas próprias vontades. À época, a recém declarada república poderia garantir, a eles, a salvaguarda da participação na política: democrática, a República de Weimar havia proclamado a igualdade entre os cidadãos. Assim, o judeu surge como responsável pela decadência do modelo imperial alemão, minando a nação com ideias e ações que pregavam a igualdade. Tal mobilização, no *Mythus*, nos remete à teorização proposta por Raoul Girardet, que assinala o complô judeu<sup>401</sup> como uma das expressões que a narrativa conspiratória pode assumir. Ele está plenamente presente na ideologia nazista. Rosenberg foi, como assinala o historiador britânico Richard Evans, uma voz importante para a divulgação dos ideais conspiratórios no partido e junto a Adolf Hitler. Evans afirma que, “em suas frequentes conversas nos cafés de Munique, provavelmente foi Rosenberg, mais do que qualquer outro, que voltou a atenção de Hitler para a ameaça do comunismo e sua suposta criação por uma conspiração judaica”<sup>402</sup>. A partir de então, o “bolchevismo judeu” se tornou “um alvo importante do ódio de Hitler”<sup>403</sup>.

No *Mythus*, a narrativa apresenta justamente aquilo que Evans nos aponta: supostamente controlando a política e a economia, os judeus aparecem como parte de uma “sociedade secreta” que almeja a dominação mundial. Esta é, afinal, a única circunstância na qual eles poderiam sobreviver, pois, de acordo com a visão de mundo nazista, em razão de sua inferioridade, eles pereceriam naturalmente frente aos mais fortes. Lançando mão de subsídios para justificar sua própria existência, os judeus conseguiriam convencer os demais de suas ideias nocivas e acabariam alcançado algum sucesso. A ideia de dominação mundial torna-se clara em algumas passagens do livro, nas quais o estoniano teoriza sobre a suposta conspiração:

O parasitismo judaico como magnitude aglomerada deriva do mito judaico de dominação do mundo prometido pelo Deus Javé aos justos. A criação racial de Esdras e o Talmude dos rabinos criaram uma comunidade de mentalidade e sangue de dureza inacreditável. O caráter dos judeus em suas atividades intermediárias e a decomposição de tipos estrangeiros sempre permaneceu o mesmo, de José no Egito a Rothschild e Rathenau, de Philo a David bem-Selomé a Heine<sup>404</sup>.

---

<sup>401</sup> Entre as expressões mencionadas por Girardet estão o complô judeu, o complô jesuítico e o complô maçônico (GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 32).

<sup>402</sup> EVANS, Richard. *A chegada do Terceiro Reich*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010, p. 188.

<sup>403</sup> *Ibid.*, p. 188.

<sup>404</sup> Das jüdische Schmarotzertum als eine zusammengeballte Größe leitet sich also her vom jüdischen Mythus, der vom Gott Jahwe den Gerechten zugesagten Weltherrschaft. Die Rassenzucht Esras, der Talmud

Ao longo do tempo, portanto, Rosenberg interpreta que seria possível encontrar as mesmas características em todos os judeus. Originalmente uma comunidade fechada, eles seriam responsáveis pela “decomposição de tipos estrangeiros”, isto é, pela mistura sanguínea encarada, pelo autor, como fatal para a pureza da raça. A concepção de uma dominação mundial pelos judeus existiria, de acordo com a citação, desde a própria gênese dos judeus, sendo um pilar fundamental de sua crença. Assim, guiados por essa ideia e por seus livros sagrados que compilam os seus costumes, os judeus teriam seguido firmes na sua missão de dominação, que teria passado despercebida por séculos. Nesse sentido, ressaltamos que a “natureza narrativa do complô”, como é o caso apresentado em Rosenberg, e no nazismo, de modo mais amplo, “permite que os imensos vazios de sua argumentação sejam preenchidos por qualquer elemento que se mostre minimamente apto a fazer parte dessa narrativa”<sup>405</sup>. Por essa razão, não nos parece contraditório ou surpreendente que eles sejam considerados, por Rosenberg e pelo nazismo de modo mais amplo, como marxistas e capitalistas simultaneamente, afinal, o principal é a dominação, e não a ferramenta utilizada para tal.

Em sua análise, o estoniano afirmou que o verdadeiro objetivo dos judeus seria “ajudar a aumentar o capitalismo para que ele concentre em poucas mãos, para então substituir o domínio dos grandes exploradores mundiais pela chamada ditadura do proletariado com o poder de estabelecer o domínio dos grandes exploradores mundiais”<sup>406</sup>. Desse modo, o marxismo se torna apenas um artifício para o controle do capitalismo, o que, na visão de Rosenberg, não “significa nenhuma mudança na situação, mas apenas um capitalismo mundial com um signo diferente. É por isso que o marxismo marcha por toda parte com a plutocracia democrática, que sempre acaba sendo mais forte do que ela”<sup>407</sup>. O marxismo de 1917 encontrou adeptos, mas não tantos quanto as ideias

---

der Rabbiner haben eine Gesinnungs- und Blutgemeinschaft von unglaublicher Zähheit geschaffen. Der Charakter der Juden in ihrer zwischenhändlerischen Tätigkeit und Zersetzung fremder Typen ist sich stets gleich geblieben, von Joseph in Ägypten bis Rothschild und Rathenau, von Philo über David ben Selomo bis Heine (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 463).

<sup>405</sup> LIEBEL, Vinícius. Uma fachada pelas costas: paranoia e Teoria da Conspiração entre conservadores no refluxo das Greves de 1917 na Alemanha. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 37, n° 76, 2017, p. 60.

<sup>406</sup> [...] den Kapitalismus so steigern zu helfen, daß er sich in wenigen Händen zusammenballt, um dann die sog. Diktatur des Proletariats an die stelle der Herrschaft der großen Weltausbeuter zu setzen. (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 535).

<sup>407</sup> Grundsätzlich bedeutet das überhaupt keine Änderung der Verhältnisse, sondern nur einen Weltkapitalismus mit anderem Vorzeichen. Weshalb der Marxismus überall mit der demokratischen Plutokratie marschiert, die sich dann aber stets als stärker als er selbst erweist. Ob eine Maßnahme sozialistisch ist, kann sich also nur aus ihrer Folge ergeben, sei jene nun vorbeugender Art oder bereits

democráticas e igualitárias fundadas em 1789. De todo modo, o autor argumenta que a ameaça da conspiração nunca desaparece, pois o suposto complô segue buscando meios para atingir a dominação completa. Assim, a “inocente população” dormiria, viveria seus dias sem preocupações, pois não saberiam das supostas verdadeiras intenções daqueles considerados como inimigos – o segredo, afinal, é um elemento primordial para a constituição da narrativa conspiratória – enquanto os planos de conspiração seguiriam a todo vapor<sup>408</sup>.

De um lado ou outro, “O trabalhador alemão esqueceu que povo e pátria não devem ser negados, mas conquistados. Agora, sob a liderança judaica, ele destruiu ambos por um longo tempo”<sup>409</sup>. Para Rosenberg, o germânico ainda estaria inconsciente de sua missão e, por isso, não teria conseguido resistir às supostas investidas da contra-raça judaica que, aproveitando-se da pureza do homem alemão, o teria enganado e feito crer que estava seguindo o caminho correto. O aprofundamento da degeneração causado pelas investidas judaicas teria causado uma aceleração temporal, com o acirramento da guerra entre as raças, de modo que um acontecimento sem precedentes foi possível: os países dominados, às escuras, pelos judeus se organizaram em uma frente militar para acabar, de uma vez por todas, com as potencialidades germânicas. Em 1914, antes que a república fosse implementada sob os escombros do antigo *Reich* alemão, a guerra racial tornou-se declarada e pública, iniciando, acidentalmente, o despertar racial.

### 3. 2. A Grande Guerra e o despertar: momento da ação

*A guerra mundial como o início de uma revolução mundial em todas as áreas mostrou o fato trágico de que, embora milhões tenham sacrificado suas vidas, esse sacrifício beneficiou outras forças além das que os exércitos estavam dispostos a morrer. Os mortos da guerra são as vítimas da catástrofe de um sem valor, mas ao mesmo tempo - e na Alemanha um pequeno número de pessoas está começando a entender isso - os mártires de um novo dia, de uma nova fé*<sup>410</sup>.

---

vorliegende Tatsachen ändernd (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 535).

<sup>408</sup> LIEBEL, Vinícius. Uma facada pelas costas: paranoia e Teoria da Conspiração entre conservadores no refluxo das Greves de 1917 na Alemanha. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 37, nº 76, 2017, p. 60.

<sup>409</sup> Der deutsche Arbeiter vergaß, daß man Volk und Vaterland nicht verneinen darf, sondern erobern muß. Jetzt hat er unter jüdischer Führung beides auf lange zerstört (ROSENBERG, 1934, p. 447-448).

<sup>410</sup> Der Weltkrieg als Beginn einer Weltrevolution auf allen Gebieten hat die tragische Tatsache gezeigt, daß zwar Millionn ihr Leben opferten, dies Opfer aber anderen Kräften zugute gekommen ist, als wofür die Heere zu sterben bereit waren Die Toten des Krieges sind die Opfer der Katastrophe einer wertelos gewordenen Epochezugleich aber — und das beginnt in Deutschland eine wenn auch heute noch geringe

Um sentimento de vertigem. Morte, fome, crise econômica, social e política. O motivo? A guerra. Ou, melhor dizendo, uma punhalada. Pelas costas da grande nação alemã. O culpado? O complô, aquele do Grande Sinédrio, de duração milenar. A república, ilegítima desde o princípio aos olhos de parcela da população, não era o suficiente para os liderar. Ela havia concordado, afinal, com a grande humilhação do Tratado de Versalhes. Claro, não era surpreendente que a França estivesse na vanguarda da aliança contra a Alemanha, em virtude da degeneração racial pela qual teria passado. Coube à nação francesa o golpe final. Talvez Erich Ludendorff, condecorado general do exército imperial alemão, percebesse dessa maneira o imediato pós-Primeira Guerra Mundial. Ele, afinal, havia atuado diretamente no conflito e implementado, em 1916, junto com Paul von Hindenburg, proeminente militar e futuro presidente da Alemanha, e outros membros da cúpula do Exército, uma ditadura<sup>411</sup>. Nesse momento, talvez a velocidade das balas das metralhadoras correspondesse ao sentimento de aceleração e desconcerto vivenciado por muitos. A trama do presente se desfazia, ela era ininteligível. Como explicar? Como se havia chegado até ali? Se havia um complô, como ele não foi percebido? Essa parecia ser, para muitos, incluindo Ludendorff, a questão que restava. Em momentos como esse, diante de presentes incompreensíveis e insatisfatórios, o passado se torna, afinal, um refúgio. Urgia, assim, uma necessidade de retorno, de usar a tessitura do passado para moldar, novamente, o presente.

A voz de Clio foi evocada para ordenar a torrente de acontecimentos vivenciados no presente. Do momento mais longínquo, mitológico e menos palpável, em Atlantis, ao mais recente, em 1917, coube ao passado preencher o vazio sentido naquele momento. A motivação para tal, entretanto, encontrava-se muito próxima, logo na esquina, onde ainda era possível ver os brasões do Segundo *Reich* serem derrubados para que um novo futuro começasse, com o estabelecimento da democracia. O vazio era sentido em vidas e em perspectivas para aqueles que não sabiam muito bem o que fazer diante das novas possibilidades apresentadas para a Alemanha. As inúmeras mortes provocadas pela guerra, os abundantes relatos dos horrores<sup>412</sup> e as notícias sobre o *front* não deixam a

---

Zahl von Menschen zu begreifen — die Märtyrer eines neuen Tages, eines neuen Glaubens (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 1).

<sup>411</sup> LIEBEL, Vinícius. Uma fachada pelas costas: paranoia e Teoria da Conspiração entre conservadores no refluxo das Greves de 1917 na Alemanha. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 37, nº 76, 2017, p. 55.

<sup>412</sup> Circularam, na Alemanha do pós-Primeira Guerra, testemunhos como *In Stahlgewittern* [Tempestades de Aço], de Ernst Jünger, lançado 1920, *Im Westen nichts Neues* [Nada de novo no front], lançado em 1929 e *Der Weg zurück* [O caminho de volta], de 1931, ambos escritos por Erich Maria Remarque

desejar em detalhes sobre a carnificina ao redor do mundo<sup>413</sup>. A experiência da guerra abateu soldados e civis, participantes e observadores. A ausência de conexão com o mundo que fora deixado para trás gerou uma enorme pobreza de experiência, como assinala Walter Benjamin: a geração da guerra viveu “uma das mais monstruosas” experiências “da história universal<sup>414</sup>. Seus integrantes, desiludidos e sem ilusões sobre a dureza da existência, “falavam uma língua totalmente nova”<sup>415</sup>. Sem conexão com a cultura existente, surgiram, a partir dessa pobreza de experiência, novas representações de mundo que tinham, nos soldados caídos, os seus heróis e a sua tristeza. Seria preciso, em certa medida, sobreviver à cultura como ela havia sido construída até então<sup>416</sup>. Entre essas representações, agarrando-se à natureza, ao sangue, à biologia e, concomitantemente, à transcendência, encontramos a representação de mundo criada por Rosenberg, na qual a Guerra é apresentada como um possível ponto de virada para a história – ou talvez, um ponto de escape.

A partir da indignação diante das perdas da guerra e da insatisfação com o modelo republicano vigente na Alemanha, o estoniano vislumbrou o que teria sido, para ele, uma possibilidade, não de reparação, mas de reconstrução. Aquele momento disforme guardava uma possibilidade, pois os sacrifícios da guerra não haviam sido em vão, já que teriam trazido consigo um despertar para a inerente superioridade dos germânicos. Os homens que haviam morrido no campo se tornaram, assim, mártires de uma nova fé – aquela do sangue. Os que sobreviveram puderam ver em seus compatriotas a possibilidade de um renascimento de valores e de uma refundação de regime político.

Rosenberg e Ludendorff foram homens de seu tempo. Incomodaram-se diante do fim da guerra, buscaram explicações, refugiaram-se em novos movimentos políticos. É possível que o estoniano e o prussiano – ainda que sem terem se encontrado ou, caso o tenham, sem registros disso – tenham vivido em uma mesma rede de sociabilidades conservadoras naquele pós-Primeira Guerra. Ludendorff, afinal, tomou parte no *Putsch* de Munique, ocorrido em 1923 e, ainda não haja evidências do envolvimento direto de

---

(COMPAGNON, Olivier. *O adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra*. Trad. Carlos Nougué. Rocco Digital, 2014, p. 96). Esses são apenas alguns exemplos, mas que demonstram como houve uma produção contínua sobre os temas ao longo da década de 1920 e do início da década de 1930, o que nos indica como os relatos fomentaram a construção de novas representações de mundo calcadas na experiência da guerra.

<sup>413</sup> Ibid., p. 94-95.

<sup>414</sup> BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Editoria Autêntica, 2012, p. 95-96.

<sup>415</sup> Ibid., p. 98.

<sup>416</sup> Ibid., p. 101.



Rosenberg na falha tentativa de golpe, foi ele quem assumiu o comando do jovem Partido Nazista após a prisão de Hitler, o que nos leva a crer que o estoniano tinha, minimamente, ciência dos planejamentos. Outra evidência que nos impele a pensar em uma sociabilidade comum é a ideia, ferrenhamente defendida por Ludendorff, de que a Alemanha teria levado uma punhalada pelas costas durante a Primeira Guerra e que essa traição teria sido a razão da sua derrota. Rosenberg menciona uma traição pelas costas [*Verrat im Rücken*] que precisaria ser evitada para o sucesso do novo *Reich*<sup>417</sup>. Assim, partindo dessa aproximação, iniciaremos, agora, a análise do momento-chave da narrativa do estoniano que, envolto nessas difíceis e paranoicas circunstâncias, levou a cabo a sua reescrita da história.

**“Hoje, um mundo inteiro está desmoronando”<sup>418</sup>: os abalos da Grande Guerra**

O fim da Primeira Guerra Mundial causou uma conjuntura de crise geral. Como aponta o historiador Vinícius Liebel, as mudanças que esse evento trouxe ao continente europeu estão “certamente [...] entre as mais agudas da história. A ordem da ‘velha Europa’, suas tradições e instituições ruíram a passos largos no decorrer do conflito, mas encontraram no ano de 1917 o ponto de virada para a decaída final”<sup>419</sup>. No caso alemão, a situação parecia ainda mais dramática: “o princípio da Guerra Total e a ditadura implantada pela cúpula do Exército, em particular pelo marechal Hindenburg e pelo general Ludendorff, acabaram cobrando um preço muito alto da população”<sup>420</sup>. Protestos e greves se espalharam pelo império, norteados, em sua maioria, pelos setores da esquerda. Duas greves nacionais ocorreram em 1917 e 1918. As forças armadas foram desmoralizadas, o Estado monárquico caiu e a Alemanha se tornou um regime republicano. Logo após a abdicação do Kaiser, em novembro de 1918, eclodiu, como indicamos, uma revolução, cujas lideranças estavam ligadas ao Partido Comunista e à *Spartakusbund*. A tentativa de estabelecimento de um regime socialista foi duramente reprimida e os principais líderes, Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, foram

---

<sup>417</sup> Em alemão, a teoria da facada pelas costas é comumente referida como *Dolchstoßlegende*. Ainda que Rosenberg não utilize o termo *Dolchstoß* em sua obra, o sentido dado à expressão *Verrat im Rücken* parece ser o mesmo, de modo que o paralelo entre a percepção do estoniano e a do prussiano nos parece, não apenas possível, como provável.

<sup>418</sup> Es bricht also heute eine ganze Welt zusammen (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 216).

<sup>419</sup> LIEBEL, Vinícius. Uma facada pelas costas: paranoia e Teoria da Conspiração entre conservadores no refluxo das Greves de 1917 na Alemanha. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 37, nº 76, 2017, p. 55.

<sup>420</sup> *Ibid.*, p. 55.

assassinados. Finalmente, com a promulgação da constituição da República de Weimar<sup>421</sup>, uma longa tradição havia sido brutalmente encerrada – aquela monárquica – e a incerteza pairava no ar: o que seria da nação, agora sem Kaiser, sem colônias, sem parte de seu território, sem contingente suficiente de forças militares para proteger os seus cidadãos?

Diante de todas essas instabilidades, para além da crise econômica causada pela própria guerra e pelas altas indenizações que deveriam ser pagas às nações da Tríplice Entente, como sinalizado no Tratado de Versalhes, não surpreende que o mundo parecesse estar de pernas para o ar na Alemanha. A vertigem, acima apontada, corresponde justamente a isso: a ordem do mundo vacilava, o passado não mais orientava os alemães naquele momento presente tão distinto, tão incerto, e o futuro – o que esperar dele? Não se poderia saber. Por essa e outras razões, o historiador Daniel Schönplflug aponta que “Poucas vezes a história parecera tão aberta, tão iminente, tão ao alcance das mãos do homem”<sup>422</sup>. A Revolução de Novembro foi, talvez, um sintoma disso: se esta não é mais a terra do Kaiser, então ela pode ser o que se quiser. “Poucas vezes”, prossegue Schönplflug, parecera tão necessário e tão urgente transformar as conclusões derivadas dos erros do passado em conceitos para o futuro. Poucas vezes, diante de um mundo que se encontrava no limiar de uma nova era, parecera tão inevitável engajar-se e lutar pelas próprias visões”<sup>423</sup>. Isso é, para nós, ao olharmos para Rosenberg, absolutamente fundamental. Sua proposta de reescrita da história, afinal, consiste em uma grande reparação com o passado, que teria sido mal interpretado e, por essa razão, teria se tornado fonte de uma série de erros que se repetiam através dos séculos. Sem a perspectiva racial, a história teria ocorrido sem o direcionamento correto, que apenas poderia ser dado pelos germânicos. Mas, para o estoniano, nem tudo estava perdido: os erros cometidos no passado, advindos da suposta ausência de consciência alemã sobre o seu próprio potencial, serviriam de lição para os germânicos do presente e do futuro: seria preciso lutar pelo *Reich* vindouro e, para construí-lo, a visão de mundo correta seria imprescindível.

---

<sup>421</sup> LIEBEL, Vinícius. Uma facada pelas costas: paranoia e Teoria da Conspiração entre conservadores no refluxo das Greves de 1917 na Alemanha. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 37, nº 76, 2017, p. 56.

<sup>422</sup> SCHÖNPFLUG, Daniel. *A era do cometa: o fim da Primeira Guerra e o limiar de um novo mundo*. São Paulo: Todavia, 2018, p. 14.

<sup>423</sup> *Ibid.*, p. 14.

Por mais incômodo que nos pareça, os líderes da Revolução de Novembro e o estoniano têm algo em comum: ambos buscavam alternativas para o mundo que se desfazia diante de seus olhos. Os caminhos encontrados foram distintos, mas a motivação era similar, se não a mesma, e intrinsecamente ligada ao presente: *hoje*, para retomar a reflexão do início deste capítulo, colocava-se a necessidade de *construir* o futuro e, diante da *destruição* que marcava as paisagens no pós-guerra, ele parecia mais aberto do que nunca. Entretanto, não apenas de possibilidades era feito o futuro da nação alemã. As instabilidades do contexto também geraram uma situação propícia ao surgimento de uma crise paranoide coletiva, que foi alimentada por duas narrativas que se combinaram: de um lado, a teoria da facada pelas costas; e, de outro, a conspiração judaica.

Novamente segundo Liebel, a paranoia relaciona-se, frequentemente, “a uma teoria, uma ideia pré-formada, a um engendramento quase lógico que resulta em um evento catastrófico, em um ataque ao *status quo*”<sup>424</sup> – e aqui podemos pensar na Primeira Guerra Mundial e no Tratado de Versalhes, lido como uma grande humilhação para a Alemanha e como o ataque mais direito às suas tradições. A frustração gerada pelo ambiente do pós-guerra<sup>425</sup> abriu caminho para que novas leituras do passado e do presente fossem criadas, visando dar um pouco de ordem ao caos dos acontecimentos, como também gerar alternativas para que um futuro diferente e menos catastrófico se tornasse possível. É, então, que as narrativas supracitadas ganham força, uma vez que elas possuem justamente esses propósitos, sendo, por um lado explicativas e, por outro, mobilizadoras, mostrando “o porquê da crise” e mobilizando “a população contra o inimigo comum”<sup>426</sup>. Ressaltamos que as narrativas que sustentam a paranoia se baseiam “em uma falácia, ou seja, todo o edifício lógico e de causas e consequências acaba se sustentando em areia movediça”<sup>427</sup>.

No caso da teoria da punhalada pelas costas, a narrativa conspiratória explicava que a Alemanha apenas teria perdido a guerra porque sofria com “agitações políticas e militares” no seu próprio interior e que, se não fosse por isso, o desfecho do conflito teria sido diferente. Em pouco tempo, a tal punhalada tornou-se crença difundida no país e passou a integrar o imaginário alemão da época, sendo moldada de acordo com os

---

<sup>424</sup> LIEBEL, Vinícius. Uma facada pelas costas: paranoia e Teoria da Conspiração entre conservadores no refluxo das Greves de 1917 na Alemanha. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 37, nº 76, 2017, p. 47.

<sup>425</sup> *Ibid.*, p. 47.

<sup>426</sup> *Ibid.*, p. 65.

<sup>427</sup> *Ibid.*, p. 47.

interesses de cada grupo que a mobilizasse<sup>428</sup>. Ainda que indiretamente, Rosenberg alude à punhalada em seu *Mythus*, fazendo coro ao legendário diálogo de Ludendorff e Neil Malcom, chefe da Missão Militar britânica, que, supostamente, foi o responsável pelo nome da teoria.<sup>429</sup> No caso do estoniano, os dois aspectos da narrativa – o explicativo e o mobilizar – tornam-se evidentes, pois a traição sofrida pela Alemanha não só mostrava o caos racial, como inspirava novas atitudes com relação ao futuro. Ao refletir sobre a suposta miscigenação racial do país naquele momento, Rosenberg afirma:

Se uma renovação alemã quer realizar os valores de nossa alma na vida, também deve preservar e fortalecer os pré-requisitos físicos desses valores. A proteção das raças, a criação de raças e a higiene das raças são, portanto, as exigências indispensáveis de uma nova era. No sentido de nossa busca mais profunda, no entanto, a criação racial significa acima de tudo a proteção dos componentes raciais nórdicos de nosso povo<sup>430</sup>.

Desse modo, a imigração para a Alemanha deveria ser determinada a partir de “aspectos raciais e higiênicos nórdicos”. Com o controle sobre a raça da população, esta seria mais confiável e os alemães estariam menos sujeitos a possíveis traições. Como já mencionamos, o século XX era, para Rosenberg, *o século da raça* – a germânica – que deveria ser protegida a qualquer custo, aspecto enfatizado por meio das sucessivas repetições do termo. Era imprescindível, para o autor, que a compreensão acerca dessa centralidade se tornasse uma crença indubitável e que ela guiasse, na vida política, as prioridades do Estado. O autor se posiciona de modo favorável a ações políticas que visassem à suposta proteção do sangue e indica medidas pragmáticas que deveriam ser tomadas. Como afirma Rosenberg,

Casamentos entre alemães e judeus devem ser proibidos enquanto os judeus ainda puderem viver em solo alemão. (Não é preciso dizer que

---

<sup>428</sup> LIEBEL, Vinícius. Uma fachada pelas costas: paranoia e Teoria da Conspiração entre conservadores no refluxo das Greves de 1917 na Alemanha. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 37, nº 76, 2017, p. 59.

<sup>429</sup> Nesse suposto diálogo entre, Ludendorff teria sugerido que “o Exército jamais teria perdido a guerra se não fossem as vacilações e a fraqueza de um povo e do Governo alemães que [...] se haviam revelado indignos dos guerreiros seus antepassados”. Diante da fala, Malcom teria questionado: “O senhor está querendo dizer, General, que foi apunhalado pelas costas?” e, então, “Os proeminentes olhos azuis de Ludendorff iluminaram-se com a frase. ‘É isto!’, exclamou triunfante. ‘Apunhalaram-me pelas costas’”. A conversa, segundo Liebel, ganhou uma “áurea lendária nas décadas seguintes ao final da Grande Guerra” e é “ainda hoje objeto de controvérsias entre os historiadores”. Verdade ou não, ela atribuiu um sentido histórico peculiar ao período e se disseminou como explicação para a situação alemã da época, de modo que segue relevante para a compreensão do momento (Ibid., p. 56-57).

<sup>430</sup> Will eine deutsche Erneuerung die Werte unserer Seele im Leben verwirklichen, so muß sie auch die körperlichen Voraussetzungen dieser Werte erhalten und stärken. Rassenschutz, Rassenzucht und Rassenhygiene sind also die unerläßlichen Forderungen einer neuen Zeit. Rassenzucht bedeutet aber im Sinn unseres tiefsten Suchens vor allem den Schutz der nordischen Rassenbestandteile unseres Volkes (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 577).

os judeus perdem seus direitos de cidadania e são colocados sob um novo direito que lhes é devido.) Relações sexuais, estupros, etc. entre alemães e judeus devem ser punidos, dependendo da gravidade do caso, com confisco de propriedade, expulsão, prisão e morte. A cidadania não deve ser um presente de berço, mas deve ser trabalhada. Só o cumprimento do dever e do serviço à honra do povo resulta na concessão deste direito, que tem de ser tão solene como a confirmação de hoje. Somente quando algo foi sacrificado é que alguém está disposto a lutar por isso. Esta última medida trará quase automaticamente à tona aqueles elementos raciais que são organicamente mais qualificados para servir ao mais alto valor de nosso povo. Você só precisa de algumas empresas do nosso *Reichswehr* ou S.A. para passar a ver, essas forças heroicas em ação, que vêm do subconsciente. *Mas para protegê-los de novas traições pelas costas, é preciso ter cuidado para mantê-los limpos*<sup>431</sup>.

A narrativa da punhalada pelas costas, unida à ideia de uma conspiração judaica, não apenas explicam a perda da guerra, mas também apontam que, se um novo *Reich* germânico fosse desejado, seria preciso combater os inimigos internos da Alemanha. Essa narrativa, equivocada e baseada em alegações falsas, foi, no entanto, muito mobilizadora e terminou por se alastrar pela sociedade, desestabilizando a República de Weimar e contribuindo para a ascensão do NSDAP, que também mobilizou essa narrativa para justificar e embasar as suas ações. Se supostamente existia um inimigo interno, o movimento nacional-socialista afirmava, publicamente, que iria combatê-lo, o que certamente contribuiu para o crescimento do apoio popular ao movimento<sup>432</sup>. Assim, não é surpreendente que encontremos referência a essa narrativa conspiratória na obra de Rosenberg. Todas as mudanças desestabilizadoras pelas quais a Alemanha passava poderiam ser explicadas, dentro dessas teorias, com a ação de um grupo específico: os judeus. Rosenberg aponta que outras pessoas consideradas como inferiores também auxiliavam nesse processo, como é o caso de pessoas com doenças hereditárias ou

---

<sup>431</sup> Ehen zwischen Deutschen und Juden sind zu verbieten, solange überhaupt noch Juden auf deutschem Boden leben dürfen. (Daß die Juden die Staatsbürgerrechte verlieren und unter ein ihnen gebührendes neues Recht gestellt werden, versteht sich von selbst.) Geschlechtlicher Verkehr, Notzucht usw. zwischen Deutschen und Juden ist je nach der schwere des Falles mit Vermögensbeschlagnahme, Ausweisung, Zuchthaus und Tod zu bestrafen. Das Staatsbürgerrecht darf kein Wiegengeschenk sein, sondern muß erarbeitet werden. Nur Pflichterfüllung und Dienst für die Volksehre hat Verleihung dieses Rechtes zur Folge, die ebenso feierlich vor sich zu gehen hat, wie die heutige Konfirmation. Nur wenn für etwas geopfert worden ist, ist man auch bereit, dafür zu kämpfen. Diese letzte Maßregel wird fast selbsttätig jene rassistischen Elemente in den Vordergrund rücken, die organisch am meisten befähigt sind, dem Höchstwert unseres Volkes zu dienen. Man braucht auch nur einige Kompagnien unserer Reichswehr oder S.A. an sich vorüberziehen zu lauen, um diese aus dem Unterbewußtsein kommenden Kräfte des Heroischen am Werke zu sehen. Um diese aber vor neuem Verrat im Rücken zu bewahren, ist dafür zu sorgen, daß dieser rein gehalten wird (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 579).

<sup>432</sup> BARTH, Boris. Stab-in-the-back Myth. In.: *International Encyclopedia of the First World War*. 2014, s. p. Disponível em: [https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/stab-in-the-back\\_myth](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/stab-in-the-back_myth). Acesso em: 11 de outubro de 2022.

criminosos reincidentes<sup>433</sup>, aspecto, como já mencionado, ligado ao pensamento determinista originado no século XIX. De qualquer maneira, é fato que o “grande vilão” permanece sendo o judeu e, nesse sentido, a “eleição de um inimigo, a narrativa de um complô” e a “conspiração pelo poder mundial” contribuem para o aumento do medo da mudança<sup>434</sup>.

Tendo isso em vista, não nos parece uma coincidência que o nazismo como fenômeno e ideologia, bem como seus pensadores, como Rosenberg, ancorem tão fortemente o seu discurso na história. O *Reich* de Hitler seria, ao contrário do presente da Grande Guerra, uma continuidade histórica, representando um futuro estável para uma nação abalada pelas transformações advindas do conflito. A ideia já abordada de uma escatologia, na qual um futuro glorioso traria a redenção do povo germânico em um *Reich* de paz milenar traz, também, uma ideia de estabilidade, em um tempo infinito que se desdobra fora do confuso e incongruente curso da história, repleto de tropeços, dando lugar a uma época estável e estática, onde a raça reina sem ameaças externas. Para alcançar esse momento, entretanto, era preciso dar ordem ao caos, e é a serviço dessa nova ordenação que trabalha a história racial do estoniano. Seria o seu método, enfim, que jogaria luz sobre a conspiração, suturaria a ferida aberta com a punhalada e abriria o caminho para o futuro.

Ludendorff e Rosenberg foram homens de seu tempo. Se Rosenberg via o general como vanguarda no movimento que levaria ao nascimento do novo *Reich*, não é possível afirmar. Entretanto, Ludendorff possivelmente concordaria com o estoniano na sua afirmação de que os soldados alemães que lutaram no conflito mundial mereciam mais do que a república lhes poderia oferecer, uma vez que esta estava corrompida pelos planos dos judeus. Como já sinalizado, o *tipo* do soldado alemão era essencial para o despertar germânico, pois, com honra, esses homens haviam servido seu país e corporificado os valores germânicos. Se não fosse pelas raças infiltradas, a guerra teria sido ganha. Ainda assim, nem tudo estava perdido: com o despertar em curso, a chance para a raça superior estava posta. Uma brecha havia sido aberta na circularidade temporal da história.

### ***Do velho Reich, surge o novo homem***

---

<sup>433</sup> ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 579.

<sup>434</sup> LIEBEL, Vinícius. Uma facada pelas costas: paranoia e Teoria da Conspiração entre conservadores no refluxo das Greves de 1917 na Alemanha. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 37, nº 76, 2017, p. 52.

O momento da guerra é compreendido, por Rosenberg, como uma oportunidade. O seu resultado significou, desse modo, uma revolução mundial e “mostrou a verdadeira face do século XIX”:

sobrecarregado com toda a desordem dos milênios. Valores e costumes que pareciam ainda vivos desapareceram e já foram conquistados interiormente; apenas uma massa sem direção ainda reza às ruínas dos velhos ídolos. Mas poderes que pareciam enterrados estão se erguendo dos escombros hoje e estão tomando cada vez mais posse consciente de todos que lutam por um novo sentido de vida e tempo. A alma nórdica começa a trabalhar novamente a partir de seu centro – a consciência da honra. [...] Uma nova era do misticismo alemão surgiu, o mito do sangue e o mito da alma livre estão despertando para uma vida nova e consciente<sup>435</sup>.

A razão para a falha, para o fracasso milenar da batalha germânica chegava ao fim, pois seus poderes raciais estariam se tornando conscientes e isso permitiria à raça lutar contra as ameaças internas e externas, purificando o corpo nacional definido por parâmetros raciais. A guerra tornou-se, assim, uma oportunidade: dos escombros do conflito e do sacrifício dos soldados alemães, o povo parecia, enfim, despertar para o seu potencial. A honra, sentimento que teria guiado os homens no campo de batalha, teria despertado, também nos compatriotas que sobreviveram e na população em geral, a consciência da sua superioridade. Afinal, o martírio seria um sinal da honra, pois os homens que caíram o teriam feito em prol de sua nação e de seu sangue. A Primeira Guerra Mundial, ao assolar, não apenas os povos e territórios, mas também as percepções de mundo e de futuro, deixou um vazio que teria sido sentido, na interpretação do estoniano, pela perda do suposto sangue superior e da destruição territorial do império considerado como superior. Esse sentimento intenso de perda tomou forma na Alemanha por meio dos memoriais, que indicariam, também, o despertar racial. Como aponta o autor:

Se você dirige pelas cidades e vilas alemãs hoje, pode ficar feliz em ver que pedras memoriais e estátuas de heróis foram erguidas em todos os lugares. O soldado de campo alemão com capacete de aço indica o *tipo*. Inscrições nos plintos dão os nomes dos heróis, flores e coroas de flores

---

<sup>435</sup> Das Ergebnis des Weltkrieges bedeutete eine Weltrevolution und zeigte das wahre Gesicht des mit allem Wust der Jahrtausende überladenen 19. Jahrhunderts. Werte und Sitten und Gebräuche, die noch lebendig schienen, sanken dahin, sind auch innerlich schon überwunden, nur eine richtungslos geblichene Masse betet noch zu den Ruinen der alten Götzenhäuser. Aus dem Schutt aber erheben sich heute Mächte, die begraben schienen, und ergreifen immer bewußter Besitz von allen, die um ein neues Lebens- und Zeitgefühl ringen. Die nordische Seele beginnt von ihrem Zentrum – dem Ehrbewußtsein – heraus wieder zu wirken. [...] Eine neue Zeit deutscher Mystik ist angebrochen, der Mythos des Blutes und der Mythos der freien Seele erwachen zu neuem bewußtem Leben (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 216).

testemunham o amor que envolve a memória dos mortos... [...] é dever de uma linhagem alemã vindoura citar apenas com reverência os nomes daqueles que lutaram pela grandeza e honra do povo alemão em tempos de tempestade e honrá-los pelo que são: mártires da fé folclórica<sup>436</sup>.

Assim, a maneira como os soldados da Grande Guerra eram celebrados e rememorados seria o mais importante indício da transformação da visão de mundo na Alemanha. O homem que deu sua vida na Grande Guerra, portanto, seria o guia de uma nova crença para o povo alemão: aquela do sangue. O soldado, que teria encarnado o *tipo* germânico naquele início de século XX, era o herói para onde os germânicos deveriam olhar. “A veneração do soldado que luta pela honra do seu povo”, como afirma Rosenberg, “é a nova atitude perante a vida que acaba de nascer numa nova era<sup>437</sup>”. A rememoração dos soldados e do seu sacrifício era, assim, fundamental para estabelecer o símbolo da nova época que o estoniano desejava construir. Como analisa Silvia Correia, de modo semelhante aos rituais da Antiguidade, o culto “patriótico e fúnebre” dos soldados evocava, aos sobreviventes, o sacrifício perpetrado pelos seus compatriotas<sup>438</sup>. Desse modo, “como uma chama viva que se renova, e se funde num gesto cotidiano”<sup>439</sup>, os vivos se aproximavam dos mortos e construía uma memória da guerra que dava significado ao acontecimento por meio da ideia do sacrifício. Atribuir, aos soldados caídos, o protagonismo da rememoração era fundamental para Rosenberg, afinal, em sua perspectiva, o mito do século se manifestava nos soldados e, com ele, novos parâmetros seriam criados.

A narrativa construída poderia, assim, evocar os soldados como mártires da guerra e do novo tempo que se iniciaria. Mais que mera rememoração, o vazio sentido com o martírio se desdobraria em ação: a percepção de transformações no porvir já era parte da vida de muitos alemães e um sinal, que foi interpretado por Rosenberg, como mais um passo em direção ao despertar. A circularidade temporal seria mobilizada ainda mais uma

---

<sup>436</sup> Führt man heute durch deutsche Städte und Dörfer, so kann man mit Freuden feststellen, daß überall Gedenksteine und Heldenstandbilder errichtet worden sind. Der deutsche Feldsoldat im Stahlhelm zeigt den Typus an. Inschriften auf den Sockeln nennen die Heldennamen, Blumen und Kränze bezeugen die Liebe, welche das Andenken an die Toten umgibt ... [...] Pflicht eines kommenden deutschen Geschlechts ist es aber, die Namen jener, die bei Sturm und Wetter für des deutschen Volkes Größe und Ehre stritten, nur mit Ehrfurcht zu nennen und sie als das zu verehren, was sie sind: Märtyrer des völkischen Glaubens (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 618-618).

<sup>437</sup> Die Verehrung des für die Ehre seines Volkes streitenden Soldaten ist das neue, soeben geborene Lebensgefühl einer neuen Zeit (Ibid., p. 620).

<sup>438</sup> CORREIA, Sílvia. O Soldado Desconhecido. Memorial aos mortos na Grande Guerra, 2014, s. p. Disponível em: <http://www.memorialvirtual.defesa.pt/Paginas/OSoldadoDesconhecido.aspx>. Acesso em 11 de outubro de 2022.

<sup>439</sup> Ibid., s. p.



vez para sinalizar a perenidade dos valores germânicos que, de maneira consciente, poderiam, enfim, fazer emergir um novo futuro: “o alemão deve voltar ao seu maravilhoso misticismo, recuperar a grandeza da alma de um mestre Eckhart”, que expressão de forma especial a liberdade germânica, “e experimentar que este homem e o herói cinza sob o capacete de aço são um e o mesmo”<sup>440</sup>. Assim, o falido Segundo *Reich* dava seu último suspiro por meio dos soldados e, com a sua queda, veio a inspiração para um futuro diferente. Moltke havia feito o que podia e, aos instruir seus homens na honra, terminou, não por salvar o seu império, mas por abrir o caminho para um novo – bastava que os germânicos soubessem aproveitar essa brecha.

Para compreendermos a proposta de Rosenberg, é importante termos no horizonte que, em sua primeira edição, o *Mythus* antecede a subida de Hitler ao poder, de modo que o autor escreve em um momento ainda incerto com relação ao destino do Partido Nazista e de seu movimento. É importante, assim, reiterar que as mudanças que Rosenberg percebe ainda não estão consumadas, ele sente os abalos, mas estes ainda não haviam produzido resultados muito concretos. Por essa razão, Rosenberg está na vanguarda e, também, direciona a sua fala ao futuro dando diretrizes para guiar a fundação de um novo *Reich*, ainda que este, como o autor coloca, ainda não possua forma definida. Essa afirmação nos parece estar conectada tanto ao contexto de escrita do *Mythus* quanto à própria teoria criada por Rosenberg.

Em primeiro lugar, cabe ressaltar o fato de que o pós-Primeira Guerra foi um tempo em aberto, no qual o futuro tornou-se imprevisível e, por essa razão, muitas possibilidades emergiram. Homem de seu tempo, o estoniano forjou a sua teoria justamente nesse momento, de modo que pudesse ser, para ele, difícil afirmar taxativamente o que o futuro seria. Não por acaso, Rosenberg formulou uma teoria na qual se preocupava em indicar, por um lado, o que não poderia acontecer sob qualquer hipótese caso os germânicos desejassem construir um novo *Reich* e, por outro, tentou limitar as possibilidades futuras para os alemães, buscando convencê-los da necessidade de agir em uma direção determinada, ou seja, em prol da suposta raça superior germânica. Assim, no turbilhão de acontecimentos do pós-guerra, a tentativa empreendida por Rosenberg em seu *Mythus* é justamente a de direcionar a leitura histórica de seus contemporâneos, a partir de uma

---

<sup>440</sup> Hier muß der Deutsche nun zu seiner herrlichen Mystik zurückgreifen, sich die Seelengröße eines Meister Eckehart wieder erringen und erleben, daß dieser Mann und der feldgraue Held unterm Stahlhelm ein und derselbe sind (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 621).

concepção racial. O estoniano foi um homem que pensou ativamente sobre a sua própria relação com o tempo e tentou, não apenas divulgar, como também convencer seus compatriotas de que a sua compreensão era a verdadeira acerca do processo histórico. O futuro em aberto permitiu leituras diversas e, em Rosenberg, encontramos uma delas.

Em segundo lugar, há a sua própria teoria. A indeterminação do futuro e o desejo de encaminhá-lo rumo ao *Reich* se tornam perceptíveis por meio do uso de expressões como “Qualquer que seja a forma que as coisas possam tomar”<sup>441</sup> ou “Só o futuro poderá nos dizer como essa tentativa vai acabar”<sup>442</sup>. A partir delas, Rosenberg indica, ao leitor, que o amanhã permanece um tempo em aberto, ainda que guarde a possibilidade de fundação de um novo *Reich* germânico. Tal apontamento nos parece coerente com a sua proposta teórica, afinal, uma vez que o *mito* se manifesta historicamente, adquirindo expressões ou *tipos* específicos a depender do momento temporal, então, efetivamente, o estoniano não poderia afirmar como seria esse novo reino germânico e quem, de fato, o povoaria. O soldado, afinal, foi apenas uma expressão da alma racial, que serviu justamente para guiar, mas não para vivenciar o novo *Reich*. Eles pereceram para que o novo homem do século pudesse prosperar. “O velho nacionalismo”, que guiou os soldados, estava “morto”<sup>443</sup>, afirmou Rosenberg.

Para fundar a nova era, seria preciso fundar, também, um novo tipo de nacionalismo pautado pela consciência da existência das raças, bem como da superioridade racial germânica. O que o autor pensava que poderia fazer – e o tentou fazer em seu *Mythus* – era sinalizar, com base em dados históricos, o que *não* deveria ser feito para fundar o novo *Reich* e preservá-lo frente às ameaças da igualdade, da democracia e do marxismo. Os resultados disso, entretanto, seriam registrados no futuro<sup>444</sup>. Assim, Rosenberg, como outros membros do movimento nacional-socialista, se viram diante da tarefa de difundir a sua visão de mundo e trazer seus compatriotas para a causa da raça.

### ***A missão: um novo Reich***

Ainda que o novo homem estivesse despertando, os tempos seguiam sombrios. Os judeus teriam, com sucesso, conseguido impor os seus parâmetros e valores, que em tudo

---

<sup>441</sup> Wie die Dinge sich auch immer gestalten mögen (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 521).

<sup>442</sup> Die Zukunft allein kann lehren, wie dieser merkwürdige Versuch ausfallen wird (Ibid., p. 639).

<sup>443</sup> Der alte Nationalismus ist tot (Ibid., p. 215).

<sup>444</sup> Die Ergebnisse wird die Zukunft verzeichnen (Ibid., p. 214).

contrastavam com a suposta alma racial germânica, e seguiam alienando a população alemã do seu real potencial. Alguns grupos já começavam a sentir as mudanças, inclusive o proletariado, que era o público-alvo do NSDAP, mas era preciso que elas entrassem de vez na vida do povo mostrando, por um lado, as falácias do marxismo, da igualdade e da democracia e, por outro, a verdade sobre a raça. Como explicita Rosenberg, na sua percepção histórica, o movimento marxista

falsificou o início do protesto trabalhista saudável e tornou todos os partidos social-democratas subservientes ao mercado de ações com a ajuda de dinheiro judeu, líderes judeus e “ideologia” judaica que era em parte individualista e em parte universalista. O traído operário industrial do século XIX, subitamente desenraizado, desprovido de todos os padrões de julgamento, refugiou-se nos sedutores sermões de uma internacional proletária, acreditando através da luta de classes, por exemplo, poder tornar-se “livre” destruindo metade de seu próprio corpo, embriagou-se com o poder de ser alcançado e cobriu tudo com a cal da humanidade<sup>445</sup>.

“Hoje”, o estoniano afirma, “essa ilusão estourou e a liderança marxista do terrível engano foi desmascarada em uma classe de pessoas lutadora, em si mesma poderosa e combativa”<sup>446</sup>. Assim, o operariado começava a se livrar das amarras impostas pelo marxismo e pela igualdade, de modo que o despertar acontecia. Ele segue sua análise, afirmando novamente a importância do momento atual, e talvez mais do que isso: ele era um momento-chave, no qual as forças históricas convergiram de tal modo que a oportunidade que surgia poderia nunca mais aparecer. Era o momento da liberdade germânica:

Hoje finalmente se fala de uma “honra proletária”. Se esse pensamento se espalhar, nem tudo está perdido, porque defendendo o conceito de honra em geral, a classe trabalhadora alemã um dia saberá como se livrar de sua desonrosa liderança marxista para sempre. Se esse conceito de honra de classe se desenvolver na ideia de honra nacional, então o primeiro sino da liberdade alemã será tocado. Mas isso só é possível se todo o povo alemão que realmente trabalha formar uma frente contra todos aqueles que se vendem à economia, ao lucro e à bolsa de valores,

---

<sup>445</sup> [...] welche die Anfänge eines gesunden Protestes der Arbeiterschaft verfälschte und alle sozialdemokratischen Parteien der Börse mit Hilfe des jüdischen Geldes, der jüdischen Führer und der jüdischen, teils individualistischen, teils universalistischen "Ideologie" sich dienstbar machte. Der um sein Schicksal betrogene Industriearbeiter des 19. Jahrhunderts, plötzlich entwurzelt, aller Maßstäbe des Urteils beraubt, flüchtete zu den verlockenden Predigten einer Internationale des Proletariats, glaubte durch Klassenkampf, d. h. durch Zerstörung einer Hälfte seines eigenen Körpers, "frei" werden zu können, berauschte sich an der zu erreichenden Macht und übergieß dies alles mit der Tünche der Humanität (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 203).

<sup>446</sup> Heute ist dieser Wahn zerplatzt und die marxistische Führerschaft des furchtbaren Betrugs an einer schwer ringenden, an sich kraftvollen und kampfkraftigen Menschenschicht entlarvt (Ibid., p. 203).

independentemente de esse fato estar encoberto com o manto da democracia, do cristianismo, do internacionalismo ou humanidade<sup>447</sup>.

Espalhar esse pensamento era, portanto, uma preocupação central que estava no horizonte, não apenas de Rosenberg, mas também de Adolf Hitler. O austríaco descreveu em seu livro *Mein Kampf* a sua preocupação com a expansão do marxismo no proletariado e criou soluções para atrair esse público para as reuniões do NSDAP. Segundo Hitler, o uso da cor vermelha na bandeira do Partido era um chamariz para as classes operárias que estavam acostumadas a ver o tom estampado em reuniões de partidos ou grupos comunistas e de esquerda. Apenas esse elemento fazia com que “eles afluíssem às nossas salas de reunião”<sup>448</sup>. Tal utilização, inclusive, causava uma confusão proposital, de modo que a linha ideológica do Partido Nazista não parecia clara para os recém-chegados, como afirmou Hitler:

A burguesia mostrava-se horrorizada por nós termos também recorrido à cor vermelha dos bolchevistas, suspeitando, atrás disso, alguma atitude ambígua. Os espíritos nacionalistas da Alemanha cochichavam uns aos outros a mesma suspeita, de que, no fundo, não éramos senão uma espécie de marxistas, talvez simplesmente mascarados marxistas ou, melhor, socialistas. A diferença entre marxismo e socialismo até hoje ainda não entrou nessas cabeças. Especialmente, quando se descobriu, que, nas nossas assembleias, tínhamos por princípio não usar os termos “Senhores e Senhoras” mas “Companheiros e Companheiras”, só considerando entre nós o coleguismo de partido, o fantasma marxista surgiu claramente diante de muitos adversários nossos. Quantas boas gargalhadas demos à custa desses idiotas e poltrões burgueses, nas suas tentativas de deciframos o enigma da nossa origem, nossas intenções e nossa finalidade! A cor vermelha de nossos cartazes foi por nós escolhida, após reflexão exata e profunda, com o fito de excitar a Esquerda, de revoltá-la e induzi-la a frequentar nossas assembleias; isso tudo nem que fosse só para nos permitir entrar em contato e falar com essa gente<sup>449</sup>.

A postura adotada, portanto, fazia toda a diferença quando se tratava de atrair os trabalhadores para o movimento nacional-socialista. A proposta dos nazistas de refundar a Alemanha, de modo que os valores raciais se tornassem predominantes na vida do povo

---

<sup>447</sup> Heute spricht man endlich von einer “proletarischen Ehre”. Greift dieser Gedanke um sich, so ist noch nicht alles verloren, denn mit dem Hochhalten des Ehrbegriffes überhaupt wird sich die deutsche Arbeiterschaft einst auch ihrer ehrlosen marxistischen Führerschaft für immer zu entledigen wissen. Gestaltet sich dann dieser Begriff einer Standesehre zur Idee der Nationalehre aus, so ist dadurch der erste Glockenschlag der deutschen Freiheit getan. Es ist dies aber nur dann möglich, wenn alle wirklich Arbeitenden des deutschen Volkes eine Front gegen alle an Wirtschaft, Profit und Börse Verkaufenen bilden, gleich, ob diese Tatsache mit dem Mantel der Demokratie, des Christentums, des Internationalismus, der Humanität verdeckt wird (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 204).

<sup>448</sup> HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo: Editora Centauro, 2016, p. 205.

<sup>449</sup> *Ibid.*, p. 205.

passava por um outro aspecto essencial, qual seja, o da refundação do conceito de socialismo. A preocupação foi novamente partilhada por Rosenberg e Hitler e ambos terminaram por definir conceitualizações similares e afins. Para o estoniano, o socialismo implica a “subordinação do indivíduo à vontade de um coletivo”, entretanto, se esse coletivo pode ser qualquer coletivo, “classe, igreja, Estado ou povo”, tal definição é “completamente sem sentido e dá livre curso a todas as conexões arbitrárias, já que o conteúdo essencial da palavra é completamente posto de lado”<sup>450</sup>. Desse modo, a mera subordinação não dá conta do sentido real da palavra, que apenas poderia ser compreendido verdadeiramente caso o “representante do sistema” seja “capaz de apreender o povo como um organismo”, de ver o Estado como um meio de proteger o povo externamente “e pacificá-lo internamente, para quem a ‘nação’ como todo é o critério para as ações restritivas individuais e coletivas menores”<sup>451</sup>. Hitler resumiu a intenção afirmando que “o mais importante não deve ser a obediência aos superiores indecisos, mas sim a obediência à comunidade do povo. Em uma tal hora, somente deve existir o dever da responsabilidade pessoal perante a nação inteira”<sup>452</sup>. Essa era a concepção nacional-socialista guiada pelo “princípio orgânico da humanidade ariana”<sup>453</sup>, de modo que esse Estado, atrelado à ideia racial de povo, poderia “evoluir organicamente” junto com a nação<sup>454</sup>.

Assim, tais valores deveriam ser difundidos na classe trabalhadora e, claro, em toda a Alemanha, para que uma fundação orgânica, isto é, intrinsecamente ligada à essência do povo, pudesse ser realizada, livrando os germânicos, para sempre, de sua alienação histórica<sup>455</sup>. A oportunidade perfeita havia sido dada pela Grande Guerra que, acirrando

---

<sup>450</sup> Im allgemeinen bezeichnet man mit Sozialismus eine Anschauung, welche die Unterordnung des Einzelnen unter den Willen eines Kollektivs fordert, heiße dies nun Klasse, Kirche, Staat oder Volk. Diese Begriffsbestimmung ist vollkommen inhaltslos und läßt allen willkürlichen Verbindungen freies Spiel, da der wesentliche Inhalt des Wortes vollkommen beiseite geschoben wird (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 534).

<sup>451</sup> Dies kann nur der Vertreter eines Systems, der das Volk als einen Organismus zu erfassen vermag, den Staat – wie ausgeführt – als Mittel zu dessen äußeren Sicherung und inneren Befriedung betrachtet, dem also die Ganzheit "Nation" der Maßstab für das Individuum und kleinere Kollektive einschränkende Handlungen ist (Ibid., p. 536).

<sup>452</sup> HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo: Editora Centauro, 2016, p. 225.

<sup>453</sup> Ibid., p. 190.

<sup>454</sup> Ibid., p. 254.

<sup>455</sup> Cabe ressaltar, tendo por base as considerações de Vinícius Liebel sobre o pós-Primeira Guerra, que a diluição da identidade individual pregada pelo socialismo, tal qual conceituada por Rosenberg e Hitler, por extensão, pelo nazismo como ideologia e movimento, pode agir como potencializador das ansiedades paranoicas, já intensamente presentes no contexto do pós-Primeira Guerra, de modo que o discurso aqui mobilizado se torna ainda mais apelativo e, as pessoas, ainda mais propensas a se envolverem com ele (Cf. LIEBEL, Vinícius. Uma facada pelas costas: paranoia e Teoria da Conspiração entre conservadores no

a batalha secular entre as raças, criou uma brecha temporal. Desse modo, ao cometer o “crime” de ter “mobilizado os negros e os mestiços contra o povo alemão”<sup>456</sup> na tentativa de destruí-lo, a contra-raça judaica teria traçado o seu próprio destino, pois a honra dos soldados no campo de batalha não deixaria passar despercebida a sua superioridade racial. Eles haviam, afinal, apreendido o verdadeiro significado do socialismo e, agora, “O socialismo da frente cinzenta de 1914-1918 quer se tornar vida de Estado”, isto é, o verdadeiro socialismo, descoberto por meio da ação dos soldados da guerra, deveria se tornar, não apenas o guia do Estado, como o Estado em si, que poria em prática os mesmos valores defendidos pelos germânicos na Grande Guerra, instaurando uma nova época para o povo. A missão de Rosenberg, Hitler, e tantos outros que estavam na vanguarda do movimento nacional-socialista era garantir que isso acontecesse. A sua tarefa estava dada:

O novo movimento operário que está despertando hoje – o nacional-socialismo<sup>457</sup> – terá que provar se é capaz de dar ao trabalhador alemão, e com ele ao povo como um todo, não apenas uma ideia política, mas também um ideal de beleza de força viril e vontade, um ideal espiritual que domina tudo o mais. O valor mais alto e, portanto, o pré-requisito para uma arte orgânica que inunda a vida e cria vida<sup>458</sup>.

Uma vez conquistado, o trabalhador alemão, em sua já mencionada capacidade de realizar sacrifícios, seria a força para construir um novo *Reich* alemão, verdadeiramente orgânico e, portanto, verdadeiramente socialista e nacionalista, afinal, “Qualquer um que queira ser nacionalista hoje tem que ser socialista”<sup>459</sup>. Aí estava, então, o novo nacionalismo verdadeiramente germânico. O ciclo histórico, assim, se completava e dava àqueles que acreditavam portar a voz e a direção da história sua oportunidade de ouro para moldar o futuro. A expansão da crença no sangue e na superioridade germânica seria

---

refluxo das Greves de 1917 na Alemanha. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 37, nº 76, 2017, p. 49).

<sup>456</sup> Auf den Schultern der Leiter der Ententemächte lastet das ungeheuerliche Verbrechen, Schwarze und Mischlinge gegen das deutsche Volk mobilisiert und sie, unterstützt durch jahrelange Beschimpfungen Deutschlands, in den Krieg gegen ein Reich weißer Rasse geführt zu haben (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 646).

<sup>457</sup> A afirmação sobre o despertar do movimento nacional-socialista apreço, nesse momento, de modo categórico, o que nos leva a refletir se ela não seria um acréscimo posterior feito por Rosenberg. Em 1930, afinal, o NSDAP ainda não estava no poder e, tampouco, o apoio popular ao movimento estava consolidado. Não é possível afirmar se esse foi, ou não, um acréscimo posterior do estoniano, pois não conseguimos acesso à primeira edição da obra. Entretanto, pareceu-nos pertinente levantar essa possibilidade, que denotaria tanto a preocupação de Rosenberg em conectar a sua obra à realidade do *Reich*, quanto a importância que ele deu à sua ideologia como diretriz das ações do regime.

<sup>458</sup> Die neue heute erwachende Arbeiterbewegung – der Nationalsozialismus – wird erweisen müssen, ob sie dem deutschen Arbeiter und mit ihm dem ganzen Volke nicht nur eine politische Idee, sondern auch ein Schönheitsideal von Männerkraft und -willen zu schenken imstande ist, einen seelischen, alles andere beherrschenden Höchswert und damit die Voraussetzung für eine organische, das Leben durchflutende und Leben erzeugende Kunst (ROSENBERG, 1934, p. 538).

<sup>459</sup> Wer also heute Nationalist sein will, muß Sozialist sein. Und umgekehrt (Ibid., p. 538).

a chave para abrir as portas em direção ao amanhã. O soldado da Primeira Guerra era o exemplo, o *tipo* fundamental que realizara o último sacrifício em nome do povo, antes que esse povo pudesse, enfim, após milênios, conhecer a verdade sobre a sua potência, o seu *mito*. Agora, bastava intervir no presente para agir em prol da construção do novo *Reich*, “compreender as tarefas recém-estabelecidas da nação repetidas vezes, servi-las com reverência e essa vida é, na verdade, bem-aventurança eterna”<sup>460</sup>. A missão não era fácil, mas era, então, possível. Os sinais do despertar seriam abundantes e Rosenberg não tinha dúvidas sobre a importância do *hoje*:

A vestimenta de honra cinza-campo e o solene capacete de aço substituíram o uniforme cerimonial. Os crucifixos terríveis dos períodos barroco e rococó, que mostram membros distorcidos em cada esquina, estão sendo gradualmente substituídos por memoriais de guerra austeros. Estão gravados neles os nomes daqueles homens que morreram em sinal do eterno mito do sangue e do testamento pelo mais alto valor do nosso povo: pela honra do nome alemão. Essa força, sacrificada de 1914 a 1918, agora quer moldá-la. Ela luta contra todos os poderes que não querem que ela conte como o primeiro e mais alto valor. Está lá e não pode mais ser explicada, e já está apontando o caminho que até os adversários alemães desorientados de hoje terão que trilhar. O Deus que adoramos não existiria se não fosse por nossa alma e nosso sangue, tal é a confissão de um Mestre Eckehart para o nosso tempo. Portanto, tudo o que protege, fortalece, purifica, faz valer a honra e a liberdade desta alma e deste sangue é assunto da nossa religião, da nossa lei, do nosso Estado. Portanto, lugares sagrados são todos aqueles onde os heróis alemães morreram por esses pensamentos; santos são aqueles lugares onde as pedras memoriais e os monumentos os comemoram, e os dias santos são aqueles onde eles lutaram com mais paixão por isso. E a hora sagrada do alemão chegará quando o símbolo do despertar, a bandeira com o sinal da vida em ascensão, se tornar o único credo dominante do *Reich*<sup>461</sup>.

---

<sup>460</sup> Pflicht und Aufgabe eines jeden ist es, die neugestellten Aufgaben der Nation immer wieder von neuem zu erfassen, ihnen in Ehrfurcht zu dienen und dieses Leben ist in Wahrheit die ewige Seligkeit (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. München: Hochheim Verlag, 1934, p. 562).

<sup>461</sup> An die Stelle der Prunkuniform ist das feldgraue Ehrenkleid getreten, der ernste Stahlhelm. Die fürchterlichen Kreuzfixe der Barock- und Rokokozeit, welche an allen Straßenecken verzernte Gliedmaßen zeigen, werden auch nach und nach durch herbe Kriegerdenkmäler verdrängt. Auf ihnen stehen eingegraben die Namen jener Männer, die als Zeichen des ewigen Mythos von Blut und Willen für den Höchstwert unseres Volkes starben: für die Ehre des deutschen Namens. Diese Kraft, die von 1914–1918 opferte, sie will jetzt gestalten. Sie kämpft gegen alle Mächte, die sie als ersten und höchsten Wert nicht gelten lassen wollen. Sie ist da und nicht mehr fort zu erklären und sie weist schon Wege, die selbst ihre heutigen irregeleiteten deutschen Gegner einmal werden beschreiten müssen. Der Gott, den wir verehren, wäre nicht, wenn unsere Seele und unser Blut nicht wären, so würde das Bekenntnis eines Meisters Eckehart für unsere Zeit lauten. Deshalb ist Sache unserer Religion, unseres Rechtes, unseres Staates alles, was die Ehre und Freiheit dieser Seele und dieses Blutes schützt, stärkt, läutert, durchsetzt. Deshalb sind heilige Orte alle die, an denen deutsche Helden für diese Gedanken starben; heilig sind jene Orte, wo Denksteine und Denkmäler an sie erinnern, und heilige Tage sind die, an denen sie einst am leidenschaftlichsten dafür kämpften. Und die heilige Stunde des Deutschen wird dann eintreten, wenn das Symbol des Erwachens, die Fahne mit dem Zeichen des aufsteigenden Lebens das allein herrschende Bekenntnis des Reiches geworden ist (Ibid., p. 701).

Feitos mártires de uma nova fé e heróis de um novo tempo, os soldados alemães teriam, com seu sacrifício, começado a abrir a brecha temporal que permitiria o despertar. Essa interpretação de Rosenberg está inserida em um contexto mais amplo, no qual existia uma necessidade generalizada de atribuir significado à guerra<sup>462</sup>. Isso era, entretanto, um desafio, se não uma impossibilidade: como explicar o conflito que ocorrera de forma tão atroz e cujas consequências ainda reverberavam durante no cotidiano das pessoas? Diante da ausência de significados, era preciso rememorar o conflito, comemorá-lo, dar aos soldados caídos importância, atribuir sentido ao seu sacrifício<sup>463</sup>. Rosenberg buscou efetuar essa tarefa ao determinar o sangue como elemento fundamental na escrita da história e, assim, pôde responder aos anseios por significado sentidos naquele momento.

Os memoriais, assim, aparecem como lugares de culto, de transcendência. O sangue, afinal, seria a essência da alma alemã no mundo terreno e seria ele que ligaria os alemães ao que Rosenberg considerava como crença verdadeira: a crença na raça germânica, em seus valores e na sua superioridade. O *mito* havia se expressado por meio dos soldados e, assim, o povo alemão teria redescoberto a sua essência. Sinais inequívocos do despertar. Em um *Reich* futuro, a guerra seria o início de uma nova era e os templos seriam os seus memoriais. Sob o signo da suástica, a “hora sagrada” do povo germânico haveria chegado: seria possível, enfim, saltar para fora do ciclo da história e estabelecer um tempo de paz, no qual a raça não seria ameaçada, pois, consciente, se protegeria. Nos principais âmbitos da vida, seus valores poderiam, a partir de então, criar um novo mundo – aquele tornado ariano – no qual cada raça teria seu devido lugar e a civilização poderia ser novamente erigida pelos braços dos alemães. Para construir, entretanto, era preciso, também, destruir o que já existia e, nisso, o novo *Reich* não deixaria – como, de fato, não deixou – a desejar.

A intervenção no presente deveria ser bem planejada e ter a raça como guia fundamental. Para indicar os caminhos possíveis do “*Reich* vindouro”, o estoniano não economizou e dedicou seu último livro do *Mythus* inteiramente às projeções de futuro. Todo cuidado, afinal, seria pouco: por mais que um possível recomeço estivesse posto, a vitória germânica ainda não estaria, para Rosenberg, assegurada: era preciso provocar, naqueles germânicos que ainda não haviam desertado, o sentimento de consciência racial

---

<sup>462</sup> EKSTEINS, Modris. *A sação da primavera: a Grande Guerra e o nascimento da era moderna*. Trad. Rosaura Eichenberg. Rio de Janeiro: Rocco, 1992, p. 326-327.

<sup>463</sup> *Ibid.*, p. 327.



e expandir a brecha racial iniciada com os soldados. É nesse presente emblemático que o papel de vanguarda assumido por Rosenberg se torna ainda mais crucial: acreditando levar a chama de Prometeu aos demais germânicos, o estoniano detalha suas recomendações para a construção de um mundo ariano que asseguraria a prosperidade da raça. É para elas que nos voltaremos agora.

*Capítulo 4**A intervenção*

*“[...] esse mito do sangue, pelo qual os heróis morreram, é sentido de novo, aprofundado, apreendido e experimentado até as últimas ramificações nas almas curvadas dos enlutados dos guerreiros mortos. [...] Ele exige para o povo alemão que os dois milhões de heróis mortos não caíram em vão, ele exige uma revolução mundial e não tolera mais nenhum outro valor máximo”*

*(Alfred Rosenberg, 1934).*

*Hoje, o Mythus abriu sulcos profundos na vida emocional do povo alemão que não podem mais ser apagados. Tarefas sempre novas são um sinal claro de que uma reviravolta intelectual e espiritual decisiva está se transformando em um evento histórico. Muito do que parecia em meus escritos uma ideia estranha que já se tornou realidade na política do Estado. Muitas outras coisas, espero, encontrarão sua encarnação como um resultado adicional da nova atitude em relação à vida<sup>464</sup>.*

Em 6 de maio de 1937, o zepelim Hindenburg completava, sem que seus passageiros o soubessem, a sua última viagem. O dirigível, que possui até hoje o título de maior nave a voar, era um orgulho para a engenharia alemã e recebeu, do Ministro da Propaganda Joseph Goebbels, a pintura de duas suásticas em sua cauda<sup>465</sup>. A tecnologia de ponta, afinal, deveria ser mobilizada em prol da propaganda pelo regime, e Goebbels não era o único a apreciar o dirigível: como mencionamos no capítulo 2, Rosenberg os interpretou de uma maneira peculiar, vendo no voo dos zepelins a realização do antigo, porém sempre presente, sonho ariano de voar e alcançar os céus, onde os homens estariam mais próximos do sol. Assim como esse sonho se tornou realidade por meio dos dirigíveis, o *Reich* imaginado por Rosenberg também existiu – ainda que, na sua perspectiva, parcial e tortuosamente<sup>466</sup>. Ele não durou mil anos, mas foi cuidadosamente planejado por suas lideranças, entre as quais o estoniano, para ser um projeto a longo prazo. Como assinala Johann Chapoutot, os nazistas encaram a sua ação no presente como uma responsabilidade, não só para reescrever o passado, mas também para modelar o futuro. “Os nazistas estavam”, como aponta o francês,

enfrentando um perigo que durou milênios porque ninguém mais se atreveu a fazê-lo. Seus predecessores nessa luta não tinham a ciência racial nem a consciência do perigo – e, de fato, não tinham nenhuma consciência, pois o judaico-cristianismo o perverteu. Agindo aqui e

---

<sup>464</sup> Der “Mythus” hat heute tiefe, nicht mehr auszutilgende Furchen in das Gefühlsleben des deutschen Volkes gezogen. Immer neue Aufgaben sind ein deutliches Zeichen dafür, daß ein entscheidender geistig-seelischer Umbruch zu einem geschichtlichen Ereignis heranwächst. Vieles, was in meiner Schrift scheinbar absonderliche Idee war, ist bereits staatspolitische Wirklichkeit geworden. Vieles andere wird, so hoffe ich, noch als weiteres Ergebnis des neuen Lebensgefühls seine Verkörperung finden (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 18).

<sup>465</sup> ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *The Hindenburg, before and after the disaster*. Disponível em: <https://www.britannica.com/story/the-hindenburg-before-and-after-disaster>. Acesso em: 06/09/2022.

<sup>466</sup> Rosenberg assinala nas suas *Letzte Aufzeichnungen* que “O nacional-socialismo foi mal utilizado, e no final desmoralizado, por homens em quem seu criador havia confiado de maneira decisiva. O colapso do *Reich* está historicamente ligado a isso” (ROSENBERG, Alfred *apud*. JACOB, Alexander. Introduction. In.: ROSENBERG, Alfred. *The Track of the Jew through the Ages*. San Bernardino: Ostara Publications, 2014, p. III). Ressaltamos novamente que, para Rosenberg, o problema residia na execução e não na ideia em si, à qual ele permaneceu fiel até o fim.

agora, estavam poupando seus filhos e netos da penosa tarefa de um dia ter que realizar esse trabalho desagradável<sup>467</sup>.

Desse modo, era preciso lutar *hoje* – eis a urgência de Rosenberg – para que o futuro da raça pudesse ser salvo. Assim, esses homens acreditavam que era necessário intervir no presente e assegurar a construção do novo *Reich* de modo que os erros cometidos no passado não fossem repetidos, livrando os germânicos, de uma vez por todas, da alienação que supostamente sofreram por meio dos ideais de amor e igualdade pregados pelos mais fracos. Envolto na conflituosa e difícil situação alemã do pós-guerra, Rosenberg se propôs a escrever um plano com recomendações sobre a construção desse novo *Reich*, dedicando um livro inteiro de seu *Mythus* ao “*Reich* vindouro”.

Nesse momento, numa espécie de “limiar entre passado e futuro”, o estoniano foi um entre os muitos que formularam seus desejos para o amanhã. Paul Klee retratou, de modo certo, a sensação que, talvez, essas pessoas sentiram naquele pós-Primeira-Guerra, tão específico e tumultuado. Como assinala Daniel Schönflug, Klee fez um desenho intitulado *O cometa de Paris*, no qual um soldado da Academia Imperial Bávara de Aviação tem sua cabeça rodeada por cometas, enquanto se equilibra sobre uma cordabamba invisível. Os corpos celestes que o maravilham também o tonteiam, de modo que uma queda seria quase inevitável. Para quem acredita em profecias estelares, os cometas podem ser interpretados como sinais do imprevisível, arautos de “grandes acontecimentos, de transformações profundas, até mesmo de catástrofes”<sup>468</sup>. Ainda que o zepelim prateado não seja uma estrela, Rosenberg talvez o tenha visto de modo análogo ao cometa, como um arauto de grandes eventos e transformações. Em nossa perspectiva, porém, a união dos três elementos – o cometa, o zepelim, e o novo *Reich* – é ainda mais intensa em um aspecto: a catástrofe.

O incêndio do Hindenburg consumiu a aeronave em apenas 30 segundos e as acusações de sabotagem feitas pelo regime nazista se mostraram infundadas. Não havia sido, afinal, obra do suposto complô judeu. Assim como um meteoro – aparição celeste aparentada dos cometas –, a máquina que teria realizado o sonho ariano caiu dos céus e atingiu o solo em chamas, ao preço de baixas em sua tripulação. Se a ascensão do dirigível pode ter sido um sinal positivo para Rosenberg, acerca do despertar e da realização de um

---

<sup>467</sup> CHAPOUTOT, Johann. *The Law of the Blood: Thinking and acting like a Nazi*. Trad. Miranda Richmond Mouillot. Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018, p. 385.

<sup>468</sup> SCHÖNFLUG, Daniel. *A era do cometa: O fim da Primeira Guerra e o limiar de um novo mundo*. Trad. Luis S. São Paulo: Todavia, 2018, p. 13-14.

mundo ariano, então também seria possível mobilizar a metáfora na direção oposta: a sua queda teria sido igualmente um prenúncio da queda do Terceiro *Reich*, que cobrou em vidas algo em torno de 80 milhões de pessoas, unindo estimativas da guerra e do genocídio perpetrado nos campos de extermínio<sup>469</sup>. De fato, “a luta encarniçada por um futuro melhor”, como muitos aspiravam naquele pós-guerra, criou “novas ondas de violência, em vez da tão esperada paz” e terminou por exigir novas vítimas<sup>470</sup>. Antes das chamas, porém, o regime nazista foi imaginado para, então, se estabelecer.

No desenho do *Reich* vindouro, seria preciso construir novos parâmetros, mas mais do que isso: destruir aqueles antigos que não serviam à nova tarefa. Tal destruição, prevista desde os primeiros planos, excluía diversos sujeitos e tolhia outros de seus direitos e de sua liberdade. O novo mundo ariano seria, como já indicado, um mundo tornado ariano e, assim, o aniquilamento seria, para os nazistas, um aspecto inevitável de sua nova organização política – é necessário destruir para, então, construir. Tendo os supostos fracassos da história como referência, Rosenberg descreveu a ascensão da nova época, indicando caminhos possíveis de realização, bem como de exclusão. Assim, planejou uma intervenção no tempo presente e redesenhou o mundo a partir da metodologia racial. É sobre essa nova ordem mundial proposta pelo estoniano, a partir da sua leitura história, que nos debruçaremos agora.

#### 4.1. Reconstruções: o princípio racial posto à prova

*O novo mito e a nova força criadora de tipos que hoje lutam para se expressar em nosso país não podem ser “refutados” de forma alguma. Eles vão abrir caminho e criar fatos*<sup>471</sup>.

Quando Rosenberg escreveu o seu *Mythus*, o Terceiro *Reich* era uma expectativa que se aproximava de uma possível realização. A forma do novo regime, portanto, ainda estava sendo definida e, de acordo com os seus preceitos, o autor sugeriu caminhos de construção para áreas que considerava relevantes. Assim, foi taxativo apenas no que

<sup>469</sup> UNITED STATES HOLOCAUST MUSEUM. *World War II: in depth* e *Documenting numbers of victims of the Holocaust and Nazi persecution*. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/world-war-ii-in-depth> e <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/documenting-numbers-of-victims-of-the-holocaust-and-nazi-persecution>. Acesso em: 06/09/2022.

<sup>470</sup> SCHÖNPFLUG, Daniel. *A era do cometa: O fim da Primeira Guerra e o limiar de um novo mundo*. Trad. Luis S. São Paulo: Todavia, 2018, p. 15.

<sup>471</sup> Der neue Mythus und die neue typen schaffende Kraft, die heute bei uns nach Ausdruck ringen, können überhaupt nicht "widerlegt" werden. sie werden sich Bahn brechen und Tatsachen schaffen (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 700).

considerava imprescindível para o sucesso da nova vida pautada pela raça – e o fez, claro, a partir de afirmações baseadas na história. Foi a ela que recorreu, novamente, para mostrar os erros do passado e alienações às quais os germânicos teriam sido submetidos. Era preciso que eles se despissem de velhos valores, inadequados à sua condição racial, para que pudessem dar lugar aos novos parâmetros de existência. O princípio racial seria, assim, posto à prova: na prática, a promessa de Rosenberg era que a raça germânica poderia, em um futuro próximo, repousar, mas era preciso, antes, lutar e construir um mundo organizado racialmente.

Alguns temas ocupam, nesse sentido, um lugar especial na argumentação do autor: o direito, a Igreja e a ordem internacional. Cada um deles exerceria uma função específica para que as tarefas de dar adeus aos velhos costumes e receber os novos preceitos pudessem ser bem-sucedidas. O direito seria a bússola moral dos germânicos e, portanto, os guiaria na fase final da guerra contra as raças inferiores. A Igreja daria lugar a uma nova fé, aquela do sangue que, em sua transcendência, pressuposta desde o início da obra, reordenaria os valores defendidos pelos germânicos. Por fim, a ordem internacional colocaria cada raça em seu devido lugar, criando um mundo no qual todos pudessem agir de acordo com as suas supostas capacidades inerentes. Em diferentes áreas, Rosenberg busca cercar as possibilidades para o tempo futuro a partir da metodologia que criou para interpretar o passado, moldando o *Reich* vindouro a partir da negação do que considerava ser a história.

***“Direito é o que os homens arianos tomam como direito”<sup>472</sup>: novas concepções jurídicas para o novo Reich***

Em sua obra, Rosenberg deu um lugar muito especial ao direito. Segundo o autor, a primeira tarefa do novo *Reich* germânico seria criar leis que dessem conta da vida de seu povo e o protegessem verdadeiramente, algo que, até então, não havia sido feito. A crítica ao direito na Alemanha até o momento se apresenta, na argumentação de Rosenberg, seguindo uma crença comum entre os nazistas: como já sugerido no capítulo 2, a de que os germânicos saberiam instintivamente o que era correto e, portanto, não

---

<sup>472</sup> É interessante notar que, na passagem, Rosenberg faz um jogo de palavras, gerando certa ambiguidade. No original, “Recht ist das, was arische Männer für recht befinden”, o estoniano parece aludir concomitantemente à estrutura jurídica em si e ao que seria o correto, o aceitável (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit*. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 571-572)

precisariam de nenhuma diretriz externa a si próprios para fazer o certo. Como sinaliza Johann Chapoutot,

Livre de toda mistura, a raça nórdica original estava livre de todos os problemas psíquicos e morais. Em sua própria essência, era a raça natural. Sua excelência moral deveu-se ao seu sangue, mas também às condições climáticas e naturais a que os povos germânicos foram submetidos. O ambiente hostil de frio e gelo os levou a desenvolver e manter virtudes físicas e éticas que a impiedosa seleção natural havia transmitido de uma geração para a seguinte<sup>473</sup>.

Assim, ao longo do tempo, teriam restado apenas aqueles germânicos mais aptos à sobrevivência, isto é, não só mais fortes fisicamente, mas também mentalmente. Era necessário, afinal, diante das duras condições às quais esse povo teria sido supostamente submetido, que todos trabalhassem juntos e buscassem o que fosse melhor para a coletividade<sup>474</sup>. Tratava-se de uma cadeia de acontecimentos, de modo que “aquele que não gozava de saúde robusta morreu e não pôde transmitir suas disposições hereditárias a seus descendentes” e aquele que “abandonou seus companheiros, que mentiu para eles e os enganou” foi abandonado e, portanto, não “transmitiu aos seus descendentes sua inclinação hereditária para a desonestidade, mentira e traição”<sup>475</sup>. Desse modo, agir com honra é, para os nazistas, um sinônimo de agir em prol de si mesmo, isto é, de seu próprio povo<sup>476</sup>, sendo fiel para com ele e jamais o traindo por qualquer razão. Teria sido a coletividade, afinal, que permitiu a sobrevivência da raça em seus primórdios.

O sangue superior, assim, supostamente guiaria seus portadores no mundo, de modo que estes saberiam, sem sombra de dúvida, distinguir o certo do errado. Entretanto – como sempre – há aí um percalço: ao longo da história, os germânicos teriam sido alienados desse potencial e, assim como outras áreas, o direito foi deturpado. A problemática em questão remontava ao Império Romano, quando “Os médicos estrangeiros imperiais” – aqui compreendidos como judeus – “enxertaram leis estranhas e ideias desonrosas nas tribos germânicas”<sup>477</sup> e, assim, tais percepções invadiram a vida das tribos que havia sido guiada, até então, pela “mesma alma”<sup>478</sup>. As leis codificadas do Império, interpretadas

<sup>473</sup> CHAPOUTOT, Johann. *The Law of the Blood: Thinking and acting like a Nazi*. Trad. Miranda Richmond Mouillot. Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018, p. 54.

<sup>474</sup> Ibid., p. 54.

<sup>475</sup> Ibid., p. 54.

<sup>476</sup> ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 623.

<sup>477</sup> Die kaiserlichen volksfremden Doktoren pflöpften in den germanischen Stämmen fremdes Recht und ehrlose Gedanken ein (Ibid., p. 567).

<sup>478</sup> [...] der gleiche Ausdruck für die gleiche Seele, wie sie seit Tausenden von Jahren an unserem Leben schuf (Ibid., p. 567).

como rígidas pelos nazistas, nada teriam em comum com a suposta fluidez do espírito germânico. Ao mobilizar essa perspectiva, Rosenberg dialoga com uma corrente de pensamento mais antiga, originada no século XIX: aquela organicista e tradicionalista, que se opunha às codificações jurídicas por as considerar “indiferentes a quaisquer particularidades culturais ou nacionais”<sup>479</sup>. As raízes desse pensamento estão localizadas na privação de identidade política decorrente da tardia unificação alemã, aspecto que levou a consciência nacional a se manifestar de forma mais intensa na área da cultura, e menos em torno da ideia de um Estado unificado. Essa ausência de unidade formal a partir do modelo do Estado-nação gerou uma reação contrária à percepção de que esse modelo de organização política e seu direito legislado “pudessem ser a única forma de manifestar identidade política e jurídica de um povo”<sup>480</sup>. Assim, essa recusa gerou a “valorização de formas tradicionais e espontâneas de organização política” já presentes na tradição nacional, de modo que a história era uma ancoragem fundamental para a sua legitimidade<sup>481</sup>.

Nesse panorama, a ideia de Estado e de um código elaborado por ele para reger a vida comum pareciam, na perspectiva de alguns juristas, estranhas à cultura alemã, pois eram universalistas e “desnacionalizadores”<sup>482</sup>. Desconectado da trajetória histórica alemã até então, que prezava pelas suas raízes nacionalistas e especificidades culturais, o Estado seria, assim, mera abstração. Tal sensibilidade histórica, cultural e político-jurídica origina a Escola História Alemã, que dominou o saber jurídico da metade do século XIX até o início do século XX. A concepção da sociedade como “um todo orgânico, sujeito a uma evolução histórica semelhante à dos seres vivos, em que no presente se leem os traços do passado e em que este condiciona naturalmente o que vem depois”<sup>483</sup> nos parece extremamente cara para compreender a visão de Rosenberg sobre o direito. Assim como acreditavam os juristas da Escola História Alemã, o estoniano percebe que o direito possui “lógica própria”, que corresponderia ao “espírito do povo”<sup>484</sup>. De modo também semelhante à Escola supracitada, a reação contrária de Rosenberg à codificação das leis se articula à visão de que se tratava de uma construção inorgânica,

---

<sup>479</sup> HESPANHA, Antonio Manuel. *A Cultura Jurídica Europeia: síntese de um milênio*. Coimbra: Edições Almedina, 2012, p. 410.

<sup>480</sup> *Ibid.*, p. 409.

<sup>481</sup> *Ibid.*, p. 409.

<sup>482</sup> *Ibid.*, p. 409.

<sup>483</sup> *Ibid.*, p. 413.

<sup>484</sup> *Ibid.*, p. 413.



afastada das conjunturas históricas do povo e que, portanto, não poderia expressar o seu espírito.

Nesse sentido, o estoniano afirma que a “ampla recepção do direito romano desde a Antiguidade Tardia, decadente e judaizado, seguido pela era da monarquia absoluta, depois pela Revolução Francesa e suas consequências” fez com que os germânicos tivessem se tornado “escravos dos parágrafos” da lei<sup>485</sup>. Desse modo, a Revolução não havia apenas trazido à tona um ideal de igualdade inconcebível para Rosenberg, ela também havia corrompido o modelo jurídico natural aos povos germânicos: o da tradição. Afinal, havia sido na França, no período da Revolução, que a codificação em sentido moderno surgiu e mudou “mais radicalmente a face do direito”. A Constituição de 1791 previa a criação de um código de leis civis comuns a todo reino, proposta que se concretizou em 1804 durante o Consulado e “sob a influência direta de Napoleão I”. Foi nesse momento que o código civil francês conheceu sua versão definitiva e foi promulgado. A ele se seguiram o Código de processo civil (1806), o Código comercial (1807), o Código penal (1809) e o Código de processo penal (1810). A partir de então, os códigos passaram a ser considerados como verdadeiros monumentos legislativos “cientificamente fundados, democraticamente legitimados e politicamente convenientes”. A Revolução, nesse sentido, procurou negar o direito tradicional e instituir uma ordem política e jurídica nova, apresentando-se como uma ruptura completa com o passado, de modo que as tradições não poderiam mais conceder sentido às decisões legais da nova era. O Código Napoleão foi decisivo para a construção do *Allgemeines bürgerliches Gesetzbuch* [Código Civil Geral da Áustria], de 1811<sup>486</sup>, e do *Bürgerliches Gesetzbuch* [Código Civil da Alemanha], de 1900<sup>487</sup>.

Tal perspectiva positiva da codificação, decerto, não era compartilhada por Rosenberg. Se, por um lado, o estoniano compreendia que a codificação das leis não correspondia à fluidez da vida, ou seja, não estava conectada com as conjunturas históricas apresentadas na realidade; por outro, ela igualmente congelava a evolução natural do direito, pois confinava suas possibilidades ao supostamente rígido código de leis. Pelo contrário, o direito seria uma “realidade viva”, que permaneceria em

---

<sup>485</sup> CHAPOUTOT, Johann. *The Law of the Blood: Thinking and acting like a Nazi*. Trad. Miranda Richmond Mouillot. Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018, p. 125.

<sup>486</sup> HESPANHA, Antonio Manuel. *A Cultura Jurídica Europeia: síntese de um milênio*. Coimbra: Edições Almedina, 2012, p. 436.

<sup>487</sup> CARONI, Pio. *Lecciones de historia de la codificación*. Madrid: Universidad Carlos III de Madrid, 2013, p. 75.

“permanente transformação espontânea”, assim como povo. Desse modo, o direito, “tal como foi teorizado e praticado na Alemanha antes de 1933”, teria sido “uma catástrofe, um ‘imenso fardo de dívida’ deixado para trás por um passado cheio de mistura e alienação”<sup>488</sup>. Era preciso, então, reinventar o direito de modo que ele correspondesse à vida do povo e o protegesse a qualquer custo das ameaças externas que o cercava.

O que Rosenberg e, de modo mais amplo, os nazistas buscavam era uma compreensão de que o direito, assim como a religião e a arte “é sempre ligado a um certo sangue com o qual aparece e com o qual perece”<sup>489</sup>, sendo organicamente determinado. O novo direito para o novo *Reich* deveria obedecer, portanto, a duas máximas: a primeira seria “Direito é o que os homens arianos tomam como direito”<sup>490</sup>. Ela foi definida, nesses termos, não apenas por Rosenberg em seu *Mythus*, mas também por Roland Freisler<sup>491</sup> e Hans Frank<sup>492</sup>. Já a segunda, seria que “o correto é aquilo que serve ao povo alemão”<sup>493</sup>. Desse modo, seguindo a suposta moral inata aos germânicos e servindo ao povo e às suas preocupações, o direito poderia, enfim, cumprir o seu papel. Ancorando-se nos debates jurídicos do século XIX, Rosenberg adiciona o componente racial em sua análise, conectando o direito ao “espírito do povo” racialmente determinado. Ele afirma que, se o objetivo do novo *Reich* era renovar a alma alemã, protegendo a substância do sangue, então “o primeiro dever de um estado alemão é criar leis que correspondam a esse requisito básico”<sup>494</sup>. E o autor fez algumas sugestões nesse sentido. Já que, na sua percepção, os germânicos haviam sido alienados ao longo do tempo e, por isso, haviam se misturado racialmente com povos inferiores, o que levou à decadência de impérios e regimes antes bem-sucedidos, não é surpreendente que o tema da miscigenação tenha sido um tópico explorado com grande atenção pelo estoniano. Para Rosenberg,

---

<sup>488</sup> CHAPOUTOT, Johann. *The Law of the Blood: Thinking and acting like a Nazi*. Trad. Miranda Richmond Mouillot. Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018, p. 125..

<sup>489</sup> [...] Recht [...] ist, wie Religion und Kunst, [...] für ewig an ein gewisses Blut geknüpft ist, mit dem es erscheint und mit dem es vergeht (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 572).

<sup>490</sup> Recht ist das, was arische Männer für recht befinden (Ibid., p. 571-572).

<sup>491</sup> Roland Freisler foi um jurista alemão, Secretário de Estado do Ministério da Justiça da Prússia e do *Reich* e líder do *Volksgerichtshof* (CLAUSEN, Thomas. *Roland Freisler (1893-1945)*. An Intellectual Biography. Tese de Doutorado (História), Trinity College, University of Cambridge, 2020, p. 8; 12)).

<sup>492</sup> Hans Frank foi comissário de Justiça do *Reich*, chefe da Liga dos Advogados Nazistas e Comandante do Governo Geral da Polônia ocupada pelos nazistas (EVANS, Richard. *O Terceiro Reich em guerra*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010, p. 30; 64).

<sup>493</sup> Recht ist für uns einzig und allein, was der deutschen Ehre dient (ROSENBERG, 1934, p. 591).

<sup>494</sup> Ein deutscher Staat hat als die erste Pflicht Gesetze zu schaffen, die dieser Grundforderung entsprechen (Ibid., p. 577).

Se uma mulher alemã se envolve voluntariamente com negros, amarelos, mestiços ou judeus, ela não tem direito a proteção legal; nem para seus filhos legítimos ou ilegítimos, aos quais não são garantidos os direitos dos cidadãos alemães desde o início. O crime de estupro de uma raça estrangeira é punido com açoitamento, prisão, confisco de propriedade e prisão perpétua do *Reich* alemão<sup>495</sup>.

Além da miscigenação, o autor preocupou-se em determinar a conduta ideal para os cidadãos no novo *Reich*, determinando que “Todo alemão e não-alemão que vive na Alemanha que seja culpado de insultar o povo alemão por palavras, escritos e atos será punido com prisão, penitenciária ou morte, dependendo da gravidade do caso”<sup>496</sup>. Sustentou, além disso, que “Um alemão que comete os crimes mencionados fora das fronteiras do *Reich*, se não se apresentar ao tribunal alemão, é declarado desonroso. Ele perde todos os direitos de cidadania, é expulso do país para sempre e seus bens são confiscados em favor do estado”<sup>497</sup>. A situação, sob o olhar de Rosenberg, não era fácil e, portanto, era preciso que todos os alemães compreendessem que não era o momento para críticas, mas sim, para defender, a qualquer custo, o seu próprio Estado e o seu próprio povo.

Ressaltamos, por fim, que, para além das legislações citadas no primeiro capítulo, que deram uma resposta aos anseios de Rosenberg sobre a miscigenação racial e a proteção do povo, o Terceiro *Reich* se encarregou de criar novas instituições que pudessem fazer com que não apenas a letra, mas também o exercício da lei correspondesse à urgência do combate às ameaças supostamente sofridas pelos alemães e acompanhar a fluidez da vida germânica. A necessidade de agir em prol da proteção da nação e fora dos parâmetros jurídicos pré-estabelecidos nos remete às reflexões de Carl Schmitt, especialmente aquelas sobre o estado de exceção. Ainda que o estoniano não aluda diretamente às reflexões de Schmitt, elas parecem dialogar com as propostas do *Mythus*.

---

<sup>495</sup> Läßt sich eine deutsche Frau freiwillig mit Neger, Gelben, Mischlingen, Juden ein, so steht ihr in keinem Fall ein gesetzlicher Schutz zu; auch nicht für ihre ehelichen oder unehelichen Kinder, die die Rechte des deutschen Staatsbürgers von vornherein gar nicht zugesprochen erhalten. Das Notzuchtverbrechen eines Fremdrassigen wird durch Auspeitschung, Zuchthaus, Vermögensbeschlagnahme und lebenslängliche Ausweisung aus dem Deutschen Reiche geahndet (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 596).

<sup>496</sup> Jeder Deutsche und in Deutschland lebende Nichtdeutsche, der durch Wort, Schrift und Tat sich einer Beschimpfung des deutschen Volkes schuldig macht, wird, je nach der schwere des Falles, mit Gefängnis, Zuchthaus oder mit dem Tode bestraft (Ibid., p. 565).

<sup>497</sup> Ein Deutscher, der außerhalb der Reichsgrenzen genanntes Vergehen begeht, wird, falls er sich nicht dem deutschen Gericht stellt, für ehrlos erklärt. Er verliert alle Staatsbürgerrechte, wird für immer des Landes verwiesen und in die Acht getan sein Vermögen wird zugunsten des Staates beschlagnahmt (Ibid., p. 566).

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que Schmitt nega “aos sistemas jurídicos um conteúdo imanente, que os livraria da contingência que assola a vida política”. Desse modo, “o solo, para a formulação do problema da validade da norma, é o mesmo da construção da vida em comum dos homens”<sup>498</sup>. Tendo isso no horizonte, o autor argumenta que refletir sobre o estado de exceção é fundamental, afinal, de que valeria o direito se ele não permitisse, aos homens, lidar com situações fora do normal, isto é, fora do que já está previsto em lei? A diferença fundamental entre um estado de exceção, cuja soberania seria inerente, e um golpe de Estado, seria “o desejo implícito [...] de se unir por uma razão de ordem política”, isto é, de agir em nome da nação<sup>499</sup>. Se os seus interesses estavam em risco e o governo vigente não conseguia protegê-los, então seria aceitável que a soberania se deslocasse e passasse às mãos daqueles que pudessem, então, corresponder aos anseios da nação.

Diante dessa teorização, não é uma surpresa que “Hitler tenha parecido”, para Schmitt, “uma solução plausível em meio da crise pela qual a Alemanha passava”. Os nazistas teriam, nessa perspectiva, agido em prol da nação, cujos interesses não haveriam sido protegidos pela República de Weimar. Seus dirigentes, portanto, não deteriam mais a soberania, que havia sido deslocada para o *Führer* e o NSDAP. Talvez Schmitt estivesse, portanto, plenamente de acordo com as máximas defendidas por Rosenberg, Freisler e Frank. Visando, portanto, corresponder à urgência da situação, o direito penal foi um ponto central para a realização da visão de mundo, pois permitiu a implementação de um direito que servisse e protegesse a raça, substância biológica do povo alemão, bem como a comunidade do povo, definida de acordo com parâmetros raciais<sup>500</sup>.

A liberdade judicial, a falta de rigor processual na tomada de decisões judiciais e as cláusulas pré-estabelecidas como princípios da lei permitiram que o sistema judicial fosse redesenhado visando à eliminação de elementos considerados nocivos à comunidade do povo<sup>501</sup>. Para os nazistas, o Direito penal significava eliminação<sup>502</sup> e ele seria guiado por parâmetros raciais. Nesse sentido, os nazistas dialogaram intensamente com o pensamento determinista, a partir do qual o comportamento criminoso seria atrelado a e

---

<sup>498</sup> BIGNOTTO, Newton. *Golpe de Estado: história de uma ideia*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021, p. 280.

<sup>499</sup> *Ibid.*, p. 282-283.

<sup>500</sup> CHAPOUTOT, Johann. *The Law of the Blood: Thinking and acting like a Nazi*. Trad. Miranda Richmond Mouillot. Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018, p. 198.

<sup>501</sup> *Ibid.*, p. 198.

<sup>502</sup> *Ibid.*, p. 199.

determinado pela raça. A antropologia criminal argumentava que a criminalidade era, não um fenômeno social, mas sim físico e hereditário, de modo que seria possível detectá-lo por meio da biologia de um indivíduo<sup>503</sup>. Os nazistas levaram essa concepção ao extremo, de modo que um judeu ou cigano, por exemplo, seriam considerados como criminosos por natureza, e não só: a sua existência já era, em si, uma afronta ao novo *Reich*.

Para alcançar essa erradicação, foram criados os *Sondergerichte* [Tribunais Especiais], em 1933, e o *Volksgerichtshof* [Tribunal Popular ou do Povo], em 1934. A partir de 1939 quase todos os crimes da Alemanha Nazista eram julgados pelos *Sondergerichte*, até aqueles considerados menos graves. De acordo com Roland Freisler, os *Sondergerichte* eram as “divisões blindadas ou armadas do direito”, pois deveriam ser tão “rápidos quanto tanques de assalto” e “ter um poder de fogo comparável”<sup>504</sup>. Eles deveriam mostrar a mesma capacidade de rastrear o inimigo e expulsá-lo e possuir “a mesma capacidade de destruí-lo, de aniquilá-lo”. Já o *Volksgerichtshof* era um “braço” mais específico dos *Sondergerichte* e geralmente julgava crimes de alta traição e atentados contra a segurança do Estado, devendo ser, igualmente, ágil. Desse modo, Freisler foi um ator essencial para o que Thomas Clausen denominou como “armamento implacável do direito sob os nazistas”<sup>505</sup>. O juiz, argumenta Clausen, encarou o direito, “não como uma ferramenta para manter a paz, mas como um instrumento de coerção que poderia ser empregado ao lado de toda uma gama de armas”<sup>506</sup>. Do lado de fora do *Reich*, a guerra; do lado de dentro, o direito. Para dar cabo dessa perspectiva, Freisler combinou processos judiciais com performances teatrais e a humilhação dos réus<sup>507</sup>. Além disso, ele ficou conhecido pelas mais de 2600 centenas de sentenças de morte atribuídas aos julgados<sup>508</sup>.

Um exemplo prático, cujo caso foi conduzido pelo próprio Freisler foi o julgamento dos membros do grupo de resistência Rosa Branca. Os três primeiros integrantes, Sophie Schöll, Hans Schöll e Christoph Probst foram presos, interrogados, julgados e condenados

---

<sup>503</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 48-49.

<sup>504</sup> FREISLER, Roland. *apud*. CHAPOUTOT, Johann. *The Law of the Blood: Thinking and acting like a Nazi*. Trad. Miranda Richmond Mouillot. Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018, p. 202.

<sup>505</sup> CLAUSEN, Thomas. *Roland Freisler (1893-1945)*. An Intellectual Biography. Tese de Doutorado (História), Trinity College, University of Cambridge, 2020, p. 9.

<sup>506</sup> *Ibid.*, p. 11.

<sup>507</sup> *Ibid.*, p. 9.

<sup>508</sup> *Ibid.*, p. 10.

à morte na guilhotina em apenas quatro dias<sup>509</sup>. Desse modo, a postura no *Volksgerichtshof* em “nada se assemelhava à de um tribunal comum”. Freisler bombardeou os réus com uma “retórica bestial” e os interrompia agressivamente<sup>510</sup>. É interessante notar que, durante a condução do julgamento de Alex Schmorell, Willi Graf, Falk Harnack e Kurt Huber, demais integrantes da Rosa Branca, Freisler mobiliza a retórica da punhalada pelas costas. De acordo com o depoimento de Harnack, dirigindo-se a Schmorell, Freisler o questiona sobre a sua atuação na Primeira Guerra:

Era um xingamento atrás do outro – aos berros e com tanta raiva que Schmorell sequer conseguia abrir a boca. Toda vez que ele esboçava alguma tentativa de esclarecer, de defender suas ações, Freisler o interrompia aos guinchos. Depois de descarregar toda sua raiva, Freisler perguntou: “o que foi que o senhor fez no front?”. Schmorell respondeu: “cuidei dos feridos, como é meu dever enquanto futuro médico”. Freisler: “sim, e quando os russos se aproximaram, o senhor não atirou neles?” – “Não atiro em russos, assim como não atiro em alemães”. Uma enxurrada de xingamentos lançou-se contra Schmorell: “Vejam só esse traidor! Ainda diz que quer ser um sargento alemão! Apunhalando a pátria pelas costas!”<sup>511</sup>

Assim, o argumento da traição, defendido por Rosenberg e outros nazistas, penetrou de tal forma na condução do regime que foi mobilizado pelos juízes na condução de seus casos – ainda que não houvesse, obviamente, qualquer prova sobre a dita conspiração, afinal, ela não existia. Desse modo, direta ou indiretamente, podemos ver que os argumentos do *Mythus* acabaram de fato, integrando a visão de mundo nazista: junto com outras obras, como a de Carl Schmitt, ela endossou a necessidade de um direito fluido que respondesse às necessidades do regime e até a noção de conspiração que assombrava os seus adeptos. No fim, Schmorell, Graf e Huber tiveram o mesmo destino que os Schöll e Probst. Harnack, por sua vez, foi liberado por falta de provas. De acordo com seu depoimento,

essa liberação parece inacreditável aos olhos de uma pessoa ingênua, mas não passava de uma tática da Gestapo, semelhante à de um gato que solta o rato de suas garras para depois voltar a capturá-lo. O objetivo nada mais era do que descobrir quais contatos eu retomaria depois desse processo<sup>512</sup>.

<sup>509</sup> VISCONTI, Maria “Não nos calaremos, somos a sua consciência pesada; a Rosa Branca não os deixará em paz”: a Rosa Branca e sua resistência ao nazismo (1942-1943). Dissertação de mestrado (História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, 2017, p. , p. 148, nota 43.

<sup>510</sup> Ibid., p. 202.

<sup>511</sup> HARNACK, Falk. *apud.* VISCONTI, Maria “Não nos calaremos, somos a sua consciência pesada; a Rosa Branca não os deixará em paz”: a Rosa Branca e sua resistência ao nazismo (1942-1943). Dissertação de mestrado (História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, 2017, p. 202-203.

<sup>512</sup> HARNACK, Falk. *apud.* VISCONTI, op. cit., p. 201.

***Uma Igreja alemã em nome do mito do povo: a crença no sangue como a nova fé***

Um dos pontos mais polêmicos, talvez o mais polêmico de todos, quando pensamos sobre a recepção da obra de Rosenberg em sua época, é a questão religiosa. As críticas duras apresentadas às instituições religiosas, especialmente à Igreja Católica, não foram bem recebidas, nem pelos seus representantes, nem pelos seus adeptos. A repercussão negativa nesse sentido foi tão intensa que, como aponta Fritz Nova, até mesmo Hitler, apesar de um encorajamento inicial à publicação do *Mythus*, se ressentiu das críticas apresentadas por Rosenberg<sup>513</sup>. A posição do estoniano acabou por impactar negativamente a imagem da sua obra, de modo que seria relevante e interessante analisar se essa recepção negativa acarretou mudanças no conteúdo no *Mythus*. Entretanto, uma vez que não tivemos acesso à primeira edição do livro, não conseguiremos realizar tal estudo. De todo modo, o conteúdo disponível nos fornece dados interessantes para refletirmos sobre o posicionamento de Rosenberg. No prefácio de 1931, posterior à primeira leva de críticas que a obra recebeu, o autor assinala que não deseja fundar uma nova igreja ou uma nova religião. Entretanto, é perceptível que a sua argumentação não vai nesse sentido. Não deixa de ser relevante, de todo modo, que Rosenberg desloque seu foco, no prefácio, para a fundação de uma nova visão racial da história, e não de uma religião. Como ele afirma,

A avaliação negativa deste campo [religioso], no entanto, consistia quase sempre em acusar-me de querer tornar-me “fundador de uma nova religião”, mas que aqui eu havia falhado. No capítulo sobre a igreja nacional, rejeitei essa suposição desde o início; o que está em jogo hoje é, além de justificar a visão racial da história, comparar os valores da alma e o caráter das diversas raças e povos [...]<sup>514</sup>.

A história, de fato, nunca sai do horizonte do autor, mas o desejo de fundar uma nova igreja nos parece evidente. Em sua argumentação, Rosenberg recorre, novamente, ao passado da Igreja Católica. Ela teria sido, como já abordado em outros momentos, a responsável pela introdução de valores como o amor, a piedade e a compaixão com o mais fraco, aspectos que alienaram os germânicos de seus verdadeiros valores e acabaram

---

<sup>513</sup> NOVA, Fritz. *Alfred Rosenberg: Nazi Theorist of the Holocaust*. Nova York: Hippocrene Books, 1986, p. 5-8.

<sup>514</sup> Die ablehnende Beurteilung aus diesem Lager aber bestand fast immer darin, mir unterzuschieben, ich hätte ein "Gründer einer neuen Religion" werden wollen, hier hätte ich aber versagt. Ich habe nun im Kapitel über die Volkskirche von vornherein diese Unterschiebung zurückgewiesen; worum es sich heute handelt, ist neben der Begründung der rassischen Geschichtsbetrachtung die Werte der Seele und des Charakters der verschiedenen Rassen und Völker (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 14-15).

por os afastar de seu potencial. “A Igreja Católica, como outras instituições cristãs”, assinala Chapoutot, teria sido “um instrumento dos judeus usado para envenenar o povo alemão”<sup>515</sup>. Explicita Rosenberg que até mesmo os teólogos protestantes, a quem o estoniano reserva alguns méritos, em virtude das atitudes (ainda que insuficientes) de Lutero, “em todos os lugares, mesmo com a aprovação geral da visão de mundo *völkisch*, repetem o ditado arrogante da Igreja Romana: a avaliação racial dos povos significa ‘idolatria’ não cristã da nacionalidade”<sup>516</sup>, ou seja, na base da crença da Igreja estava uma igualdade que, para Rosenberg, não existia. E esse pensamento estava de tal modo infiltrado na sociedade alemã que o autor afirma a existência de uma “crosta pesada”<sup>517</sup> criada pelo domínio romano que esmagava os valores do povo germânico. Nessa passagem, a sociedade germânica poderia ser interpretada como um organismo, cuja verdadeira e bela natureza não poderia ser vista debaixo da sujeira, da crosta, deixada pelos valores romanos. Um corpo, portanto, empoeirado, quase que sufocado pelo peso de valores que supostamente não lhe pertenciam.

Apesar do tenebroso histórico descrito pelo estoniano, com o despertar racial, a tal “crosta” não mais conseguiria conter “todos aqueles que anseiam por honra e liberdade”<sup>518</sup>. Diante da não-correspondência entre valores germânicos e valores cristãos, visando responder aos desejos daqueles que supostamente despertavam, Rosenberg postulou que “Uma das maiores tarefas do nosso século é dar ao anseio da alma racial nórdica sua forma de igreja alemã em nome do *mito* do povo”<sup>519</sup>. Um aspecto interessante da construção argumentativa do estoniano é a sua pretensão totalizadora: de fato, ele se dirige, primordialmente, aos alemães, até porque são eles os protagonistas, não apenas da sua narrativa, mas também da narrativa histórica como um todo – desde os arianos do passado aos germânicos do presente, eles são construtores da civilização por definição. Entretanto, Rosenberg presume que – com exceção dos judeus – que cada povo possui o seu próprio *mito* e que, portanto, cada um se deveria guiar a partir de seu sangue dentro

---

<sup>515</sup> CHAPOUTOT, Johann. *The Law of the Blood: Thinking and acting like a Nazi*. Trad. Miranda Richmond Mouillot. Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018, p. 70.

<sup>516</sup> Auch die evangelischen Theologen wiederholen überall, selbst bei allgemeiner Zustimmung zur völkischen Weltanschauung, den anmaßenden Spruch der römischen Kirche: die rassische Völkerbewertung bedeute unchristliche "Vergötzung" des Volkstums (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 12).

<sup>517</sup> “die schwere Kruste” (Ibid., p. 615).

<sup>518</sup> [...] alle sich nach Ehre und Freiheit Sehenden erdrücken kann (Ibid., p. 615).

<sup>519</sup> Die Sehnsucht der nordischen Rassenseele im Zeichen des Volksmythos ihre Form als Deutsche Kirche zu geben, das ist mit die größte Aufgabe unseres Jahrhunderts (Ibid., p. 614-615).



das suas capacidades. Tal nuance fica explícita quando o autor afirma que o *mito* do sangue seria capaz de guiar as diversas comunidades religiosas, uma vez que plenamente compreendido:

Assim como o *mito* romano da representação de Deus pelo papa abarcava e ligava povos muito diferentes e tendências divergentes, também o *mito* do sangue - uma vez captado - é como um ímã para todas as personalidades e comunidades religiosas, independentemente de suas diferenças[...]. Os detalhes da implementação esclarecerão e determinarão a vida futura. Ninguém pode prevêê-los hoje<sup>520</sup>.

Desse modo, seria possível refletir que, com a disseminação da realidade do sangue, as pessoas abandonariam paulatinamente outras crenças para se centrarem nas suas próprias capacidades raciais, de modo que o sangue seria o único credo válido no futuro. Outro aspecto relevante do trecho supracitado é a comparação feita por Rosenberg entre o que ele chama *mito* romano e o conceito de *mito* do sangue. Paralelo curioso, pois o chamado *mito* romano aparece em oposição ao *mito* do sangue, o que nos leva a questionar se o primeiro estaria conectado, ou não, a um sangue específico. Refletindo sobre a questão de acordo com a metodologia proposta pelo autor, a oposição aparece como um contrassenso, afinal, todo *mito* seria, necessariamente, condicionado por e conectado a uma raça específica. Uma possível interpretação seria a de que, uma vez que não havia a consciência da diferença entre os múltiplos povos racialmente determinados, o *mito* romano específico acabou por se alastrar e congregar, equivocadamente na perspectiva do autor, diversos povos que inicialmente não se identificavam com esse *mito*, mas acabaram sendo convencidos da sua suposta verdade.

Em uma outra passagem, o estoniano afirma a vitória do *mito* romano sobre a ideia germânica de sangue<sup>521</sup>, ainda que momentaneamente, de modo que a visão correta do mundo – aquela germânica – teria sido substituída por uma ideia falsa, pois advinda de uma raça considerada pelo autor como inferior. Assim, a oposição feita por Rosenberg seria não entre um *mito* ligado ao sangue e um *mito* não ligado ao sangue, mas sim entre a ideia universalista do *mito* romano, na qual qualquer um pode seguir os preceitos da

---

<sup>520</sup> Wie der römische Mythos der Stellvertretung Gottes durch den Papst sehr verschiedene Völker und auseinanderstrebende Richtungen umschloß und band, so wird auch der Mythos des Blutes – einmal ergriffen – wie ein Magnet allen Persönlichkeiten und religiösen Gemeinschaften, ungeachtet ihrer Verschiedenheiten [...]. Die Einzelheiten der Durchführung wird das kommende Leben dann klären und bestimmen. Niemand kann sie heute voraussehen (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 615).

<sup>521</sup> [...] der römische Mythos den altgermanischen Blutsgedanken, so daß er die Führung übernehmen konnte (Ibid., p. 680).

Igreja Católica, e aquela particularista da ideia germânica de sangue, na qual cada raça deve possuir a sua própria crença.

A proposta do estoniano com relação à religião, assim, não é menos modesta do que aquela que ele faz em relação à história: trata-se da refundação, ou melhor, da recuperação dos valores morais que guiariam os germânicos e da disseminação da realidade do sangue para todos os povos. A partir do momento em que os alemães se tornassem conscientes de seu lugar na história e no mundo e se deixassem guiar pelos seus valores raciais, assumindo a sua potência e encarnando um *tipo*, as portas estariam abertas, não apenas para a Alemanha, mas também para a expansão dessa compreensão para as demais raças e para a conseqüente reordenação mundial, tema da próxima seção. A crença na verdade do sangue e a substituição da antiga fé cristã pela nova fé no *mito* racial eram passos essenciais nessa realização, pois a crença no *mito* é imprescindível para que ele seja tomado como verdade. Em outras palavras, “o que faz do *mito* verdade é a adesão do sonhador ao seu sonho”<sup>522</sup>, isto é, a adesão do germânico à sua potência. Ciente dessa necessidade, Rosenberg afirma que o *Reich* deve estar pronto para mostrar essa alternativa de modo convincente para que a crença no sangue possa substituir os inúmeros postulados das igrejas cristãs. Segundo ele, “Se uma religião deve ser derretida, renascida ou substituída por outra, esses valores mais íntimos devem ser derrubados”<sup>523</sup>.

Assim, a nova igreja germânica se definiria em duas direções fundamentais: “Por um lado a rejeição do encantamento materialista, que mostrava o liberalismo tão intimamente ligado à dogmática eclesiástica, por outro lado, a criação de todos os valores de honra, orgulho, liberdade interior, a ‘alma nobre’ e a crença em sua indestrutibilidade”<sup>524</sup>. Desse modo, o novo *Reich* toleraria expressões religiosas múltiplas, desde que elas se dessem dentro da perspectiva racial e respeitassem a honra como valor mais alto, o que excluiria todas as expressões consideradas, por Rosenberg, como de origem judaica. Ele explicita:

Um estadista e pensador verdadeiramente alemão [...] dará espaço livre a todas as convicções religiosas, ele deixará os ensinamentos morais de

<sup>522</sup> LACQUE-LABARTHE, Phillipe; NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista*. Trad. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002, p. 50.

<sup>523</sup> Soll eine Religion umgeschmolzen, neugeboren oder durch eine andere ersetzt werden, so müssen diese innersten Werte gestürzt werden (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 600).

<sup>524</sup> Einerseits Ablehnung des Materialistisch- Zaubenhaften, welches den Liberalismus so eng verbunden mit kirchlicher Dogmatik zeigte, andererseits Hochzucht aller Werte der Ehre, des Stolzes, der inneren Freiheit, der “adeligen Seele” und des Glaubens an ihre Unzerstörbarkeit (Ibid., p. 602).

várias formas pregarem livremente, com a condição de que nenhum deles impeça a afirmação da honra nacional, isto é, que fortaleçam os centros volitivos da alma, mas ele terá que fazer depender o sustento de certas associações de sua atitude em relação ao Estado nacional. [...] Um estado verdadeiramente alemão pode conceder às comunidades eclesiais existentes, apesar da total tolerância para com elas, o direito ao apoio político e monetário do Estado, apenas na medida em que seus ensinamentos e atividades práticas sejam voltados para promover o fortalecimento da alma. [...] O chamado Antigo Testamento como livro de religião deve então ser abolido de uma vez por todas<sup>525</sup>.

De modo análogo, portanto, à proposta de Rosenberg sobre o direito, a religião também poderia se manifestar de maneiras diversas, respeitando a fluidez da vida e a expressão orgânica de cada indivíduo. Entretanto, ao serem condicionadas pelo sangue, tais expressões religiosas se deveriam dar dentro do escopo dos valores defendidos pelos germânicos, que é o caso em questão para o autor. Nesse sentido, é relevante ressaltar que Rosenberg reconhece que nem todos os germânicos estão prontos para abandonar as suas crenças cristãs e, portanto, “isso não se destina à geração atual de crentes na igreja, a fim de impedi-los de seguir o caminho interior da vida que escolheram, mas sim a todos aqueles que já tenham rompido profundamente com a fé da Igreja, porém ainda não encontraram nenhum outro *mito*”<sup>526</sup>.

O despertar ainda não estava plenamente consumado e, por essa razão, era necessário que um líder forte surgisse e disseminasse a crença no sangue para aqueles que ainda não haviam percebido a suposta realidade do sangue. “Assim esperamos pelo poeta da guerra mundial”, reflete o autor, “pelo grande dramaturgo de nossas vidas, pelos grandes arquitetos e escultores. Assim lutamos pelo líder do Novo *Reich* e indicamos as linhas de vontade também para uma vindoura Igreja Popular Alemã, cuja base essencial

---

<sup>525</sup> Ein wirklich deutscher Staatsmann und Denker wird [...] jeder religiösen Überzeugung ungehindert Raum, er wird Sittenlehren verschiedener Form frei Prediger lassen, unter der Bedingung, daß sie alle der Behauptung der Nationlehre nicht hindernd im Wege stehen, d. h., daß sie die willenhaften Seelenzentren stärken, eine Stützung bestimmter Verbände dagegen wird er von ihrer Haltung zum Nationalstaat abhängig machen müssen Aus diesem Gesichtspunkt beantwortet sich die Frage nach dem Verhältnis von Staat, Religion und Kirche von selbst. Ein wirklich deutscher Staat kann den augenblicklich bestehenden kirchlichen Gemeinschaften, ungeachtet der vollkommenen Duldsamkeit ihnen gegenüber, ein Recht auf politische und geldliche staatliche Unterstützung gerade in dem Maße zubilligen, wie ihre Lehren und praktische Betätigung auf die Förderung der Stärkung der Seele eingestellt sind. [...] Abgeschafft werden muß danach ein für allemal das sogen Alte Testament als Religionsbuch (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 603).

<sup>526</sup> [...] richtet diese sich nicht an das heutige kirchengläubige Geschlecht, um es im Durchlaufen seiner eingeschlagenen inneren Lebensbahn zu hindern, um so mehr aber an alle jene, die bereits mit dem Kirchenglauben zu innerst gebrochen, aber noch zu keinem anderen Mythos hingefunden haben (Ibid., p. 601-602).

já parece claramente delineada hoje”<sup>527</sup>. Ainda que Rosenberg não cite Hitler nessa passagem do *Mythus*, seria possível inferir que o “poeta da guerra” acabou sendo personificado na figura do futuro *Führer*. Não seria coerente com a teorização do estoniano, como já mencionamos, “prever” exatamente a forma que o *Reich* teria, o que pode ter levado Rosenberg a não aludir a Hitler diretamente nesse momento. Esse cuidado com a coerência também serve aos propósitos ideológicos do livro, inscrevendo o argumento do estoniano na mitologia, de modo que o essencial é, não dizer como o *Reich* seria, mas sim estimular os demais germânicos a buscarem formar o *tipo* dessa época vindoura.

Ressaltamos, também, a importância conferida à Grande Guerra na construção de uma nova fé e igreja germânicas. Como assinala Daniel Schönflug, a guerra foi um momento crucial de abertura de possibilidades, um momento no qual o futuro parecia plenamente indefinido, em virtude da ausência de referenciais para ordenar o presente. Ela foi um acontecimento, de fato, sem precedentes para os homens de seu tempo<sup>528</sup>. Nesse futuro incerto que poderia tomar uma forma plenamente nova, inexistente no passado, Rosenberg vislumbrou o momento do despertar e, a partir da percepção da suposta realidade racial, seria a guerra que proveria os símbolos e os valores da nova fé. Descreve o autor que “as gerações futuras verão em um memorial de guerra da Guerra Mundial um símbolo sagrado do martírio de uma nova fé”<sup>529</sup>. Nesse momento, Rosenberg retoma as suas afirmações sobre a sacralidade da Primeira Guerra como momento inaugural da fé na realidade da raça e sobre o protagonismo do soldado como *tipo* que permitiu o despertar. O soldado feito herói e símbolo da nova fé se tornaria o mártir do novo *Reich* e, a partir da consciência da potência da raça, Rosenberg descreve a possibilidade da construção do futuro do povo e da fé:

A veneração do soldado que luta pela honra do seu povo é a nova atitude perante a vida que acaba de nascer numa nova era. Em nome desta nova religião de honra popular, essa consciência nórdico-europeia pode despertar [...]. Então o caminho fica claro para uma religião popular

---

<sup>527</sup> So warten wir auf den Dichter des Weltkrieges, auf den großen Dramatiker unseres Lebens, auf die großen Baukünstler und Bildner. so ringen wir für den Führer des Neuen Reiches und deuten die Willensstränge an auch für eine kommende Deutsche Volkskirche, deren wesentliche Grundlage schon heute klar umrissen erscheint (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 602).

<sup>528</sup> SCHÖNPFLUG, Daniel. *A era do cometa: o fim da Primeira Guerra e o limiar de um novo mundo*. São Paulo: Todavia, 2018, p. 14-15.

<sup>529</sup> [...] schon das kommende Geschlecht wird in einem Kriegerdenkmal des Weltkrieges ein heiliges Zeichen für das Märtyrertum eines neuen Glaubens erblicken (Ibid., p. 618)

alemã do futuro, uma igreja alemã genuína e uma cultura popular alemã unificada<sup>530</sup>.

***“Um sistema de Estados organicamente estruturado”<sup>531</sup>: a cada um o que lhe é devido***

No interior do *Reich*, um novo direito e uma nova Igreja conduziriam o povo alemão moralmente, protegendo-o de ameaças externas e levando a cabo a sua suposta recuperação racial. No exterior, também era preciso agir. O mundo deveria, de fato, ser tornado ariano. Cabe ressaltar, entretanto, que, para Rosenberg, o futuro guardava um lugar para algumas outras raças, desde que essas respeitassem o que o estoniano considerava como as suas capacidades raciais e – claro – trabalhassem sempre em prol do *Reich* germânico. O mundo futuro, portanto, seria ordenado racialmente, de maneira que Rosenberg parece ter no horizonte, ainda que sem citar a expressão, o princípio do *Jedem das Seine*, ou, a cada um o que lhe é devido. A expressão ganhou notoriedade no Terceiro *Reich* ao ser estampada nos portões do campo de concentração de Buchenwald<sup>532</sup> e significava, de acordo com a visão racial de mundo pregada pelos nazistas, exatamente o que dizia<sup>533</sup>: que cada um deveria receber exatamente aquilo que lhe era proporcional em termos raciais. O princípio acabou-se tornando um guia para a condução do regime e, ao que nos parece, também para Rosenberg.

Olhando para o contexto de caos racial no qual o globo se encontrava, como interpreta o autor, havia um país que havia sido particularmente responsável pela situação:

O maior e mais imediato culpado aqui é, sem dúvida, a França [...] a política francesa equiparou a raça negra à branca e, assim como a França iniciou a emancipação dos judeus há 140 anos, hoje está na vanguarda do massacre da Europa pelos negros e, se as coisas continuarem assim, dificilmente será considerado como um Estado europeu, mas sim como uma extensão da África, liderada por judeus<sup>534</sup>.

<sup>530</sup> Die Verehrung des für die Ehre seines Volkes streitenden Soldaten ist das neue, soeben geborene Lebensgefühl einer neuen Zeit. Im Namen dieser neuen Religion der Volksehre kann jenes nordisch-europäische Bewußtsein erwachen [...] Dann ist der Weg frei für eine deutsche Volksreligion der Zukunft, eine echte Deutsche Kirche und eine einheitliche deutsche Volkskultur (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 620-621).

<sup>531</sup> Ein organisch gegliedertes Staatensystem (Ibid., p. 671).

<sup>532</sup> CHAPOUTOT, Johann. *The Law of the Blood: Thinking and acting like a Nazi*. Trad. Miranda Richmond Mouillot. Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018, p. 195-196.

<sup>533</sup> ROSENBERG, 1934, p. 196.

<sup>534</sup> Die größte und unmittelbare Schuld trifft hier zweifellos Frankreich, welches selbst nach dem Kriege mit Farbigen die Wiege der Kultur Europas, das Rheinland, besetzte, Frankreich, dessen militärische Bevollmächtigte im französischen Parlament ganz offen erklären, die Franzosen seien ein "Hundertmillionen-Volk" und verfügten nicht etwa über zwei Armeen, eine weiße und eine farbige, sondern über "ein einziges Heer". Mit dieser programmatischen Erklärung hat die französische Politik die schwarze Rasse der weißen gleichgesetzt, und ähnlich wie vor 140 Jahren Frankreich die Emanzipation der Juden einleitete, so steht es heute an der Spitze der Verköterung Europas durch die Schwarzen und wird, wenn das

Desse modo, a França não apenas seria culpada pela propagação dos ideais de liberdade defendidos em 1789, mas também pela “infiltração” de populações negras na Europa. Nesse trecho, Rosenberg parece aludir à ampla mobilização de tropas coloniais africanas empreendida pelo país na Primeira Guerra Mundial. A França foi o país com a que se valeu de forma mais intensa de soldados africanos no teatro da guerra, com cerca de 450 mil recrutas. A presença de soldados africanos em solo europeu gerou uma reação extremamente negativa na Alemanha, onde foram veiculadas propagandas racistas nas quais os soldados eram representados como “bestas” e responsabilizados por atrocidades cometidas na guerra<sup>535</sup>. Além disso, quando tais tropas foram mobilizadas na ocupação francesa da Renânia, essa presença foi interpretada como uma “suprema humilhação, uma espécie de colonialismo às avessas que permitia aos homens de cor (considerados como inferiores) vigiarem os homens brancos (considerados como civilizados)”<sup>536</sup>. Houve protestos contra a presença das tropas africanas e novas propagandas racistas foram criadas, alegando que os negros teriam deixado seus “impulsos sexuais” livres e não teria “hesitado em atacar as jovens alemãs”<sup>537</sup>.

Diante desses supostos “horrores” e da ameaça da degeneração, os germânicos deveriam reconhecer que “enquanto a França governar contra nós em termos de política de poder, o povo alemão não pode florescer. Esta tensão só pode ser resolvida através de uma política europeia perspicaz”<sup>538</sup>. A primeira questão a ser solucionada pela nova política seria o espaço-vital. O Tratado de Versalhes, ferida ainda aberta no orgulho alemão, é citado por Rosenberg como mais um motivador do despertar racial, pois “A redução violenta do espaço de vida alemão está forçando todos os alemães, como uma força do destino, a redobrar seu poder para encontrar uma solução final<sup>539</sup> para seu antigo

---

so weitergeht, kaum noch als ein europäischer Staat zu betrachten sein, sondern schon eher als ein Ausläufer Afrikas, geführt von Juden (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 646-647).

<sup>535</sup> KOLLER, Christian. Colonial Military Participation in Europe (Africa). In.: *International Encyclopedia of the First World War*. 2014, s. p. Disponível em: [https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/colonial\\_military\\_participation\\_in\\_europe\\_africa](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/colonial_military_participation_in_europe_africa). Acesso em: 14 de outubro de 2022.

<sup>536</sup> GODFROID, Anne. Occupation after the War (Belgium and France). In.: *International Encyclopedia of the First World War*. 2015, s. p. Disponível em: [https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/occupation\\_after\\_the\\_war\\_belgium\\_and\\_france](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/occupation_after_the_war_belgium_and_france). Acesso em: 14 de outubro de 2022.

<sup>537</sup> Ibid., s. p.

<sup>538</sup> Das fordert die Erkenntnis, daß, solange Frankreich derartig machtpolitisch gegen uns gebietet, es kein Blühen des deutschen Volkes geben kann. Diese Spannung kann nur durch eine weitsichtige europäische Politik gelöst werden (ROSENBERG, 1934, p. 638).

<sup>539</sup> A expressão utilizada por Rosenberg, *endlichen Lösung auf*, nos remete diretamente a *Endlösung der Judenfrage* [Solução Final para a Questão Judaica]. O sentido das expressões denota, em nossa interpretação, como os nazistas sentiam a necessidade de colocar um fim em todas as supostas questões ou dificuldades pelas quais a raça germânica estaria passando. O vocabulário, nesta passagem, nos parece um

problema”<sup>540</sup>. O espírito nórdico, afinal, supostamente teria, no desejo da expansão de seus domínios, uma de suas principais características: eles eram descobridores. Desse modo, era necessário, para alcançar as suas plenas capacidades, que os alemães tivessem solo para conquistar e trabalhar, tornando esse solo germânico, à sua imagem e semelhança:

É por isso que o apelo ao próprio espaço, ao próprio pão, é também o pré-requisito para a afirmação dos valores espirituais, a formação do caráter alemão. Nesta grande luta pela existência pela honra, liberdade e pão de uma nação tão criativa como a Alemanha, o povo alemão deve esperar aquela consideração que foi concedida às nações menos importantes sem hesitação. O terreno deve ser limpo para arar pelos punhos dos camponeses germânicos. Isso por si só dá ao povo alemão, espremido em um espaço muito pequeno, a oportunidade de respirar aliviado<sup>541</sup>.

O projeto nazista, nesse sentido, era intrinsecamente colonizador e tomava o imperialismo como pressuposto para o sucesso do regime. Retomando o princípio do *Jedem das Seine*, Chapouotot argumenta que a expressão foi a “palavra de ordem alemã” para a colonização do Leste, uma vez que esta era vista como “uma obra de justiça natural que estava apenas fornecendo à raça germânica-nórdica o que ela precisava para sobreviver”<sup>542</sup>. A colonização era a chave para o renascimento da raça que, sob o signo do *Jedem das Seine*, tomava para si, finalmente, o espaço necessário para que pudesse prosperar. O povo poderia, por fim, conquistar o necessário para viver pelos séculos e milênios a seguir<sup>543</sup>.

É interessante notar que Rosenberg prega um outro colonialismo, que não fosse determinado pelo lucro, aspecto associado pelo autor aos judeus. A determinação das

---

tanto sintomático da violência inerente da ideologia nazista, bem como da destruição implicada no estabelecimento das respectivas soluções finais: destruição e desintegração de territórios, destruição e assassinato de pessoas (UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. *A “Solução final”*. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/the-final-solution>. 2022. Acesso em: 28 de outubro de 2022).

<sup>540</sup> Die gewaltsame Verringerung des deutschen Lebensraumes zwingt wie eine Schicksalsmacht allen Deutschen ihr uraltes Lebensproblem mit verdoppelter Kraft zur endlichen Lösung auf (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 637).

<sup>541</sup> Deshalb ist der Ruf nach eigenem Raum, nach eigenem Brot auch die Voraussetzung für die Durchsetzung seelischer Werte, die Formung des deutschen Charakters. In diesem großen Daseinskampf um Ehre, Freiheit und Brot einer solchen schöpferischen Nation wie Deutschland muß das deutsche Volk jene Rücksicht erwarten, die man weniger bedeutenden Nationen ohne weiteres eingeräumt hat. Es muß Boden frei werden zur Beackerung durch germanische Bauernfäuste. Dadurch allein ist die Möglichkeit eines Aufatmens für das auf engstem Raum zusammengepreßte deutsche Volk gegeben (Ibid., p. 676-677).

<sup>542</sup> CHAPOUTOT, Johann. *The Law of the Blood: Thinking and acting like a Nazi*. Trad. Miranda Richmond Mouillot. Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018, p. 324.

<sup>543</sup> Ibid., p. 324.

colônias deveria ocorrer pela raça, de modo que o estoniano decreta que “uma demarcação racial-orgânica no globo significa tão inevitavelmente o fim do padrão ouro internacional, com ele o fim do messianismo judaico”<sup>544</sup>. Não por acaso, o autor condena a colonização da África empreendida pelos britânicos, que visava apenas ao lucro e desrespeitava a ordem racial por ele imaginada, contribuindo para a degeneração da raça. É interessante notar que do novo colonialismo emergiria, também, uma nova ordem econômica, que seria protagonizada, não pelos judeus, mas sim pelos germânicos. Uma vez findada a exploração indevida das colônias consideradas como racialmente inferiores, a ordem econômica seria capitaneada pelos germânicos, que salvaguardariam os interesses do *Reich* e de uma Europa racialmente purificada.

Assim, “Para preservar a Europa”, assinala o estoniano, “as fontes de energia nórdicas da Europa devem, em primeiro lugar, ser vivificadas novamente, fortalecidas: isso significa Alemanha, Escandinávia com Finlândia e Inglaterra”<sup>545</sup>. Aos centros europeus, Rosenberg adiciona os Estados Unidos, que deveriam, igualmente, reconhecer a sua superioridade racial, “exigência de sua própria existência<sup>546</sup> vigorosa”<sup>547</sup>. Formada a aliança entre os Estados nórdicos, Rosenberg afirma que a França, “já completamente mulata no sul”, deveria ser “ajustada de forma a não se tornar mais uma área de implantação para os africanos, o que é cada vez mais o caso nas atuais circunstâncias”<sup>548</sup>.

---

<sup>544</sup> [...] ebenso zwangsläufig das Ende der internationalen Goldwährung, damit das Ende des jüdischen Messianismus (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 670).

<sup>545</sup> Um Europa zu erhalten, sind in erster Linie die nordischen Kraftquellen Europas wieder lebendig zu machen, zu stärken: das heißt also Deutschland, Skandinavien mit Finnland und England (Ibid., p. 640).

<sup>546</sup> O termo original mobilizado por Rosenberg, *Dasein*, nos remete à filosofia de Martin Heidegger, na qual ele interpreta o homem como uma estrutura específica, determinada pelo seu “aí” e pelo “poder-ser”. O aí, ou seja, o “mundo” que cerca o *Dasein*, “significa, mais propriamente, um conjunto de significados e de sentidos sedimentados a partir dos quais o *Dasein* se orienta, e o poder-ser é a própria necessidade de projetar ou mesmo de desejar algo mais do que determinado mundo oferece ao menos de forma evidente”. Assim, é a tensão entre o “aí” e o “poder ser” que temporaliza a História “ou, ainda, diferencia-se e sedimenta-se”. As reflexões de Heidegger nos parecem pertinentes para pensar Rosenberg, pois, ao adicionar o elemento racial em sua análise, o estoniano encara o “aí” como um momento de degeneração. Entretanto, o “poder-ser” compreendido através do *mito*, mostra a potência do homem, a possibilidade de desejar algo mais, no caso, o novo *Reich*. Se é o homem que estrutura a temporalização da História, ele seria a chave para saltar para fora dela (RANGEL, Marcelo de M.; DE ARAUJO, Valdeci Lopes. Apresentação – Teoria e história da historiografia: do giro linguístico ao giro ético-político. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 8, n. 17, 2015, p. 323-324. DOI: 10.15848/hh.v0i17.917. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/917>. Acesso em: 28 de outubro de 2022.).

<sup>547</sup> Es ist notwendig, daß die genannten nordischen Reiche – dazu noch die U.S.A. – diese Voraussetzung ihres eigenen kraftvollen Daseins erkennen (ROSENBERG, 1934, p. 640).

<sup>548</sup> Umgekehrt muß der Einfluß Frankreichs, das im Süden bereits ganz mulattisiert ist, derart eingestellt werden, daß es nicht mehr zum Aufmarschgebiet der Afrikaner wird, was unter heutigen Umständen in steigendem Maße der Fall ist (Ibid., p. 640).



Uma vez que os países nórdicos reconhecessem as suas potencialidades e a França, responsável pela miscigenação, deixasse de ser influente na política europeia, então o caminho estaria livre para o dito reordenamento. Desse modo, o “poder central do continente” europeu seria a Alemanha, estabelecida como um “Estado racial e nacional”, uma “salvaguarda para o sul e o sudeste”, ao passo que os Estados escandinavos, sendo a Finlândia a segunda federação mais importante, protegeria o nordeste, e, por fim, a Grã-Bretanha “para proteger o oeste e além-mar”<sup>549</sup>.

Com a inclusão dos Estados Unidos, fica evidente que o planejamento de Rosenberg ia além do continente Europeu. Mais do que mera inclusão, o autor reserva ao país um papel importante para expandir o seu projeto de organização racial do mundo, dando as diretrizes para a separação entre os supostos estadunidenses de sangue germânico e os demais:

Os Estados Unidos da América do Norte, na opinião unânime de todos os viajantes, um glorioso país do futuro, tem a grande tarefa, depois de descartar suas desgastadas ideias fundadoras [...], com energia jovem para impulsionar a ideia do novo Estado racial, como alguns americanos despertos já estão antecipando [...]: a evacuação e reassentamento de negros e amarelos, [...] a preparação para a colonização negra na África Central, o reassentamento dos judeus para um espaço onde todo este “povo” possa encontrar lugar de acordo com a futura política europeia definida neste sentido<sup>550</sup>.

“Uma América limpa de negros, amarelos e judeus, deliberadamente cultivada para ser nórdica e europeia”, como afirma Rosenberg, “é mil vezes mais forte do que uma dilacerada por esse sangue alienígena, por maiores que sejam suas colônias e bases navais”<sup>551</sup>. É certo que ter os Estados Unidos como aliados no pós-Primeira Guerra seria política e economicamente importante, especialmente para uma Alemanha que ainda buscava meios para se reconstruir, afinal o país americano emergira, após 1918, “na

---

<sup>549</sup> Deutschland als Rasse- und Nationalstaat, als Zentralmacht des Festlandes, als Sicherung des Südens und Südostens; die skandinavischen Staaten mit Finnland als zweiter Bund, Zur Sicherung des Nordostens, und Großbritannien als Sicherung des Westens und der Übersee an den Stellen (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 642).

<sup>550</sup> Die Vereinigten Staaten von Nordamerika, nach übereinstimmender Ansicht aller Reisenden ein herrliches Land der Zukunft, haben die große Aufgabe, nach Abwerfen ihrer verschlissenen Gründungsideen [...] Durchsetzung des neuen Rassestaatsgedankens zu gehen [...]: die Aus- und Ansiedlung der Nigger und Gelben, [...] das Hinwirken auf Vorbereitung einer schwarzen Kolonisation in Zentralafrika, die Aussiedlung der Juden nach einer Gegend, wo dieses gesamte “Volk” Platz finden kann. in Übereinstimmung mit der in dieser Richtung eingestellten zukünftigen europäischen Politik (Ibid. p. 673).

<sup>551</sup> Ein von schwarzen und Gelben und Juden gereinigtes, bewußt nordisch-europäisch gezüchtetes Amerika ist tausendmal stärker als ein von diesem fremden Blut zerfetztes, auch wenn es noch so große Kolonien und Flottenstützpunkte besitzt (Ibid., p. 671).

invejável posição de maior potência industrial e financeira do mundo”<sup>552</sup>. A inclusão não nos parece, entretanto, apenas pragmática por parte de Rosenberg: os fundadores do país seriam de origem britânica, isto é, um povo que ele considerava descendente dos nórdicos<sup>553</sup>. E, além disso, o próprio desempenho dos estadunidenses na guerra poderia ter sido interpretado, por Rosenberg, como um sintoma da sua superioridade. O essencial, para o estoniano, seria colocar os Estados Unidos, que já eram uma potência econômica e política, no caminho supostamente correto para tornar-se uma potência também racial. Os Estados Unidos receberiam, assim, a tarefa de ser o centro nórdico na América e seria formada uma verdadeira aliança nórdica entre os Estados supracitados, de modo que estes pudessem preservar a substância do sangue germânico ainda presente em seus povos.

Em uma hierarquia cujo poder mais alto seria reservado à Alemanha, o mundo tornado ariano de Rosenberg não era um mundo composto *apenas* por arianos, mas sim, desenhado de acordo com a suposta superioridade dos germânicos e pelo princípio racial. Um mundo no qual os alemães e demais descendentes dos arianos pudessem se isolar racialmente, escapando do turbilhão de eventos da história e criando um lugar seguro para a raça, onde não haveria inimigos que a ameaçariam e, portanto, não haveria mais guerra racial<sup>554</sup>. Isolados em um tempo estático, eles poderiam explorar os demais povos à revelia, de acordo com os interesses do *Reich* vindouro. O fim de toda a organização seria a “proteção comum dos interesses vitais brancos” defendidos pela “América do Norte e Europa”<sup>555</sup>, de modo que, até mesmo os Estados criados para os povos que Rosenberg considera como “amarelos” ou “negros” teriam, em seu horizonte, a proteção dos germânicos.

Ainda que o estoniano não cite diretamente a Liga das Nações, estabelecida no fim da Primeira Guerra com o objetivo de ser uma “associação geral de nações” que prezasse pela manutenção da paz internacional<sup>556</sup>, sua proposta de reordenação mundial não deixa de parecer uma contraproposta à Liga. Ela, afinal, havia sido incluída no “infame”

<sup>552</sup> ARTHMAR, Rogério. Os Estados Unidos e a economia no pós-Primeira Guerra Mundial *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, nº29, 2002, p. 98.

<sup>553</sup> Cf. ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 640.

<sup>554</sup> CHAPOUTOT, Johann. How the Nazis Viewed History the Time of Nature and the Abolition of History. Trad. Cadenza Academic Translations. *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, nº117, 2013, p. 9-11.

<sup>555</sup> [...] bei gemeinsamer Wahrung weißer lebenswichtiger Interessen durch Nordamerika und Europa (ROSENBERG, 1934, p. 676).

<sup>556</sup> ZIEGERHOFER, Anita. League of Nations. In.: International Encyclopedia of the First World War. 2019, s. p. Disponível em: [https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/league\\_of\\_nations](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/league_of_nations). Acesso em 14 de outubro de 2022.

Tratado de Versalhes, que determinou o desmembramento do território alemão, a perda das suas colônias e a limitação do número de integrantes do seu exército<sup>557</sup>. Ainda que a renúncia às colônias africanas talvez não tenha sido motivo de insatisfação para Rosenberg, a perda de territórios imperiais certamente o foi. Na perspectiva do estoniano, aqui apresentada, a ordem internacional vigente não seria capaz de manter a paz, pois não era determinada por parâmetros raciais. E mais do que isso: ela supostamente desrespeitaria de modo deliberado a questão racial, afinal, teria relegado, à raça superior germânica uma posição de subalternidade na geopolítica internacional. Tal situação, para Rosenberg, não poderia ser aceita e, portanto, não poderia haver paz enquanto ela não fosse solucionada. A condição para a paz seria que cada raça recebesse o que lhe era devido e se mantivesse sozinha em suas próprias porções de terra. Apenas assim as raças preservariam, enfim, o que o estoniano considerava como suas “qualidades inatas” e, o mais importante, sem prejudicar de qualquer forma a suposta superioridade germânica. As condições estariam postas para que a Alemanha pudesse, enfim, pôr um fim à própria história. Como assinala Johann Chapouotot,

A Alemanha foi vítima durante séculos, como última encarnação de uma potência germânico-nórdica cujos bastiões [...] caíram um a um. Foi essa longa litania de infortúnios dolorosos que o programa nazista procurou parar. Nisto estava a dimensão puramente escatológica do nazismo. Para os nazistas, havia um depois do momento da gênese, das origens, do nascimento. Houve um depois da história, com sua dialética racial, sua luta e contaminação<sup>558</sup>.

Se o fim da dialética pressupunha, por um lado, o isolamento racial; por outro, pressupunha também que os outros sujeitos agissem de modo a servir adequadamente à única finalidade da existência tal qual concebida pelos nazistas: a preservação da raça. Os germânicos, afinal, não eram os únicos a sentir os abalos da Grande Guerra. Como indica Rosenberg,

Podemos afirmar, por exemplo, que os mestiços sul-africanos ou os mestiços das Índias Orientais também fazem revoluções “nacionalistas”, que os negros do Haiti e de São Domingos sentem um despertar “nacionalista”, que sob o lema do direito à autodeterminação dos povos todos os elementos inferiores neste globo também têm liberdade para reivindicar. Nada disso nos interessa, ou apenas na medida em que uma política alemã clarividente promete o

<sup>557</sup> BRANDT, Susanne. Versailles, The Treaty of. 2021, s. p. In.: International Encyclopedia of the First World War. 2019, s. p. Disponível em: [https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/versailles\\_treaty\\_of](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/versailles_treaty_of). Acesso em: 11 de outubro de 2022.

<sup>558</sup> CHAPOUTOT, Johann. *The Law of the Blood: Thinking and acting like a Nazi*. Trad. Miranda Richmond Mouillot. Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018, p. 407.

fortalecimento do germanismo por meio de seu uso e, dentro desse despertar germânico, um fortalecimento do povo alemão<sup>559</sup>.

Assim, mesmo discordando da possibilidade de igualdade, Rosenberg parece ter no horizonte a relevância dessa ideia no espaço público. O debate sobre “igualdade entre as nações” e a possibilidade da autodeterminação<sup>560</sup> no pós-Primeira Guerra ganhou notoriedade por ser um tema de predileção na diplomacia do presidente Woodrow Wilson, ainda que nem sempre de sua prática. Wilson, que, desde antes da Grande Guerra, realizava uma defesa de que nações consideradas como “pequenas e fracas tinham direito ao mesmo tratamento e direitos na sociedade internacional que as grandes potências”<sup>561</sup>, certamente não previu os impactos internacionais de suas afirmações. O seu discurso foi rapidamente apropriado, por exemplo, pelos movimentos nacionalistas coloniais que argumentavam pelo seu direito de autodeterminação e pela libertação negra<sup>562</sup>. O estoniano não nos parece compartilhar dessa perspectiva, mas apenas reconhecer, dos discursos pela reivindicação da autodeterminação, a possibilidade de um despertar racial. Além disso, a mobilização do tema não deixa de ser estratégica em razão da relevância social do debate naquele momento. O *Mythus* foi utilizado, por Rosenberg, para posicionar-se publicamente acerca da autodeterminação. Supostamente inferiores ao despertar germânico, eles não seriam motivo de preocupação desde que não entrassem no caminho dos alemães rumo ao seu futuro *Reich*. Assim, era preciso determinar, com cuidado, o lugar de cada raça, aplicando o princípio do *Jedem das Seine* dentro e fora das fronteiras do novo império com o objetivo último de proteção a raça alemã. Com isso, Rosenberg indicou o caminho da construção do futuro – e o da sua destruição também.

#### 4.2. Outros: negros e mulheres, papéis estabelecidos

*Todo povo ainda se pode recompor da escravidão política, mas não mais da contaminação racial. Se as mulheres de uma nação*

---

<sup>559</sup> Wir können feststellen, daß z. B. die südafrikanischen Mischlinge oder die Mischlinge in Ostindien auch "nationalistische" Revolutionen machen, daß die Neger von Haiti und San Domingo ein "nationalistisches" Erwachen verspüren, daß unter der Losung vom Selbstbestimmungsrecht der Völker ganz schematisch auch alle minderwertigen Elemente auf diesem Erball für sich Freiheit beanspruchen. Das alles interessiert uns entweder nicht oder nur insoweit, als eine weitblickende deutsche Politik die Stärkung des Germanentums sich durch ihre Verwendung verspricht und innerhalb dieses germanischen Erwachens eine Stärkung des deutschen Volkes (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 645).

<sup>560</sup> As abordagens da historiografia recente apontam para as complexidades das apropriações e aplicações da ideia de autodeterminação dos povos, mesmo que só possamos abordar, aqui, a questão de modo limitado, a partir do pensamento de Rosenberg. Ver, por exemplo, MANELA, Erez. *The Wilsonian Moment: Self-determination and the International Origins of Anticolonial Nationalism*. Nova York: Oxford Press, 2007.

<sup>561</sup> Ibid., p. 23.

<sup>562</sup> Ibid., p. 34.

*derem à luz bastardos negros ou judeus, a enxurrada de lama da “arte” negra continuará a fluir livremente pela Europa como acontece hoje*<sup>563</sup>.

Até aqui, vimos como o autor constrói o homem ariano e, posteriormente, germânico, como sujeito por excelência da história. Seu protagonista e principal construtor, o homem de sangue superior, teria sofrido secularmente, enganado pelos inferiores, especialmente pelos judeus, que estariam em busca de sua sobrevivência. No hoje, quase macabro, os sinais da degeneração se fariam presentes até mesmo na arte<sup>564</sup>. Mas o despertar racial estava, para Rosenberg, em curso, e, daquele momento em diante, seria a natureza que ditaria a condução do processo humano. A expectativa do autor não era dar continuidade ao processo histórico, mas sim, pular para fora da história, iniciando um novo capítulo na existência da civilização. O germânico conduziria o processo e, nas áreas mais importantes para essa construção, assumiria seu tão sonhado protagonismo.

Entretanto, nem todos teriam um lugar no *Reich* idealizado pelo autor. Poderiam até ter um lugar no mundo, mas não como parte do povo alemão – esse, afinal, era racialmente determinado e, portanto, abarcaria apenas aqueles que Rosenberg identifica como racialmente iguais. A narrativa do estoniano, portanto, é povoada por inúmeros outros, isto é, seres não plenamente humanos que são caracterizados por alguma ausência em relação ao eu<sup>565</sup> germânico. Se o judeu era, como já apontamos, a ausência de tudo aquilo que o germânico era, isto é, um ser sem forma da alma, seu oposto esvaziado, e, portanto, a contra-raça; os *outros* outros, com perdão da redundância, também representavam alguma ausência ou incapacidade perante os germânicos. É tendo isso no horizonte que nos pareceu pertinente analisar duas categorias desses outros – os negros e as mulheres –, buscando compreender de forma mais ampla e complexa a proposta de Rosenberg, bem como chamar a atenção para outros sujeitos que foram marginalizados, não apenas discursivamente, como efetivamente durante o regime nazista. A nossa

---

<sup>563</sup> Aus politischer Knechtung kann sich noch jedes Volk aufraffen, aus rassischer Verseuchung nicht mehr. Gebären die Frauen einer Nation Neger- oder Judenbastarde, geht die Schlammlut von Nigger "kunst" weiter so ungehindert über Europa hinweg wie heute (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 510).

<sup>564</sup> Como assinala Achille Mbembe, no início do século XX, a arte africana foi recuperada, em especial pelo surrealismo, em virtude do crescente interesse pelas culturas ditas exóticas. Em tal contexto, marcado pela ansiedade associada à guerra e pela “morte de Deus” anunciada na filosofia por Nietzsche, a arte africana surge como a via astral de um possível retorno às origens, graças à qual “as forças adormecidas poderiam ser despertadas, os mitos e os rituais reinventados, a tradição redirecionada ou solapada e a inversão do tempo consumada” (MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: N-1, 2018, p. 83-84).

<sup>565</sup> CARNEIRO, Aparecida Sueli. A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. Tese de doutorado (Educação). Faculdade de Educação, USP, 2005, p. 27.

escolha se dá em função do destaque atribuído pelo autor a ambos os grupos e pelos entrecruzamentos argumentativos criados por ele. Como veremos, a mulher teria, para Rosenberg, um papel fundamental na preservação da raça germânica, o que implicaria o seu isolamento sexual em relação às raças consideradas como inferiores, entre as quais os negros recebem atenção particular. Além disso, pareceu-nos pertinente finalizar a nossa reflexão dando especial atenção às vozes que foram silenciadas, tanto nos planos para o *Reich* vindouro do estoniano, quanto no *Reich* efetivamente construído.

### ***Uma expulsão planejada para a África Central: o lugar do negro***

O despertar racial não estaria sendo sentido apenas pelo povo alemão. Para Rosenberg, a Grande Guerra teria impactado a visão de mundo de todos os povos capazes de portar um *mito* e, assim, “o “forte e fervilhante movimento dentro dos povos de cor” aparece como uma “consequência muito direta da guerra mundial”<sup>566</sup>. Conduzidos pela Entente para uma guerra contra o povo alemão, os negros teriam sido utilizados para minar as forças criadoras dos germânicos e decretar o seu fim. A maior culpada seria a França que, além degenerada desde 1789 e comandada por interesses judaicos, ocupou, depois da guerra, “o berço da cultura europeia, a Renânia, com pessoas de cor”<sup>567</sup>. O erro estaria, nesse sentido, em trazer para dentro do continente europeu um povo que, para Rosenberg, não pertencia àquele solo e, portanto, traria apenas degeneração racial. É importante ressaltar que a ocupação da Renânia por tropas coloniais cujos soldados tinham origem africana foi um acontecimento central para o aumento do racismo contra os negros na Alemanha. Nesse período, foram criadas diversas propagandas de cunho racista contra os soldados negros, que eram retratados como estupradores de mulheres alemãs e portadores de doenças venéreas, além de outras várias enfermidades contagiosas<sup>568</sup>, como já brevemente discutido. Com a ocupação, vários soldados negros se casaram com mulheres alemãs e seus filhos eram pejorativamente denominados como os “Bastardos da Renânia”, devido à crença quase universal de que seriam supostamente resultado de estupros<sup>569</sup>. Inserido nesse contexto, não é uma surpresa que Rosenberg

---

<sup>566</sup> Die starke gärende Bewegung innerhalb der farbigen Völker ist eine ganz unmittelbare Folge des Weltkrieges (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 646).

<sup>567</sup> Die größte und unmittelbare Schuld trifft hier zweifellos Frankreich, welches selbst nach dem Kriege mit Farbigen die Wiege der Kultur Europas, das Rheinland, besetzte (Ibid., p. 646).

<sup>568</sup> UNITED STATES HOLOCAUST MUSEUM. *Os negros durante o período do Holocausto*. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/afro-germans-during-the-holocaust>. Acesso em: 06/09/2022.

<sup>569</sup> EVANS, Richard. *O Terceiro Reich no Poder*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010, p. 681.

refira-se à ocupação como um absurdo e, também, culpe a França pela suposta degeneração racial. A percepção era compartilhada por Hitler que, em *Mein Kampf*, afirmou que “os judeus trouxeram os negros para a Renânia com o claro objetivo de arruinar a raça branca, a qual odeiam, através do resultado obrigatório da bastardização”<sup>570</sup>.

De volta ao *Mythus*, na proposta de reordenação mundial, era preciso segregar racialmente as nações para que estas pudessem alcançar o seu maior potencial e, finalmente, vivenciar o seu *mito*. No horizonte do estoniano está a dominação da Europa e dos Estados Unidos pelos germânicos que poderiam, enfim, construir a civilização de acordo com os parâmetros corretos, isto é, aqueles ditados pela raça superior, recorrendo à sua honra, à sua liberdade e ao seu dever para com o povo. Assim, uma vez derrotada, a França poderia deixar de intervir erroneamente em tais questões e a separação racial poderia começar. A guerra, apesar de trágica, não teria sido, para Rosenberg, em vão, pois, junto com ela e com o despertar racial dos povos negros, teria vindo também uma vontade de diferenciação que deveria ser aproveitada pela Alemanha. Havia um novo nacionalismo e, desde que ele emanasse de “valores internos” entre “aqueles povos dos quais acreditamos que as forças de seu destino não entrarão em oposição hostil às emanações do povo alemão”, o movimento deveria ser apoiado, ou, pelo menos, não combatido<sup>571</sup>, visando à segregação e à conseqüente proteção do sangue germânico.

Os negros, segundo o autor, já se organizavam e, portanto, era preciso estar atento ao desenrolar de seu despertar. Rosenberg afirma, nesse sentido, a necessidade de que o despertar fosse bem conduzido e não subestimado. Rosenberg é enfático quanto a isso, afirmando que “Este despertar ainda é ridicularizado, mas, como sempre, apenas pessoas míopes o fazem”<sup>572</sup>. O estoniano analisa que os negros já estariam se organizando em torno de associações financeiras fortes, especialmente na América, e que o trabalho consciente para a fundação de um “Império Africano” já estaria em curso nas mais

---

<sup>570</sup> HITLER, Adolf. *Mein Kampf*. Munique: Eher-Verlag, 1943, p. 391.

<sup>571</sup> Einen Nationalismus als Aufstieg bestimmter innerer Werte haben wir deshalb nur bei jenen Völkern zu fördern und zu begrüßen, von denen wir glauben, daß die Kräfte ihrer Schicksalslinien mit den Ausstrahlungen des deutschen Volkes nicht in feindlichen Gegensatz gerate (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 644-645).

<sup>572</sup> Über dieses Erwachen wird noch gespottet, jedoch tun das wie immer nur sehr kurzsichtige Leute (Ibid., p. 667).

diversas partes do mundo. Além disso, cita Marcus Garvey<sup>573</sup> e W. E. B. Du Bois<sup>574</sup> como exemplos desse despertar, afirmando que o núcleo ativista em torno de Garvey apresentaria um discurso mais extremo do que aquele de Du Bois. Entretanto, ambos são citados por Rosenberg, ainda que este referencie apenas a fala de Du Bois<sup>575</sup>, para sinalizar aos germânicos a vontade dos negros de lutar contra os brancos em busca da sua liberdade. Assim, o objetivo dos negros, melhor expresso, para Rosenberg, por Garvey, seria o de travar a “mais sangrenta de todas as guerras” contra a Europa, e “então será o momento de o mundo negro empunhar a espada para a libertação final e a reconquista da África”<sup>576</sup>. Ressaltamos que tal movimentação interessa a Rosenberg e aos germânicos apenas na medida em que a “reconquista” signifique o reassentamento dos negros no continente africano e a sua saída permanente de solo europeu. Como afirma o autor, “*mito do sangue despertou*” também para os negros “e depois de 50 anos seu poder terá aumentado enormemente. Até lá, o homem nórdico tem que cuidar para que não haja mais negros, amarelos, mulatos e judeus em seus estados. Essa percepção levanta o problema da América”<sup>577</sup>.

A América, aqui compreendida como os Estados Unidos e não todo o continente americano, seria o epicentro do despertar negro. O relevante papel reservado ao país era, como assinalado na seção anterior, o de ser o centro nórdico do continente. Entretanto, os muitos anos de democracia teriam prejudicado a condução do Estado e dado às raças inferiores direitos que jamais deveriam ter sido concedidos. Rosenberg afirma, nesse sentido, que o fim da escravidão foi um erro e que “hoje, todos os americanos estão xingando essa questão negra”<sup>578</sup>. A importância dos Estados Unidos na geopolítica

---

<sup>573</sup> Marcus Garvey foi um ativista político defensor do nacionalismo negro e do panafricanismo e fundador da Universal Negro Improvement and Conservation Association and African Communities League (Unia), uma organização para lutar a favor dos direitos civis dos negros (DOMINGUES, Petrônio. “O Moisés dos pretos”: Marcus Garvey no Brasil; *Novos estudos*, CEBRAP, São Paulo, v. 36, nº3, p. 129-150).

<sup>574</sup> W. E. B. Du Bois foi um ativista político, historiador e sociólogo panafricanista. Lutou contra a discriminação dos negros nos Estados Unidos e defendeu os direitos desse grupo (MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015, p. 40-41).

<sup>575</sup> Supostamente retirada de “Weiße Fahne”, August 1925, Job. Baum-Verlag, Pfullingen (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 667).

<sup>576</sup> Der blutigste aller Kriege wird kommen [...] dann ist für die schwarze Welt der Augenblick da, für die endgültige Befreiung und Wiedergewinnung Afrikas das Schwert zu ergreifen (Ibid., p. 668).

<sup>577</sup> [...] der Blutmythus ist auch hier erwacht, seine Kraft wird nach 50 Jahren ungeheuer angeschwollen sein. Bis dahin hat der nordische Mensch Vorsorge zu treffen, daß es in seinen Staaten keine Neger mehr gibt, keine Gelben, keine Mulatten und keine Juden. Diese Erkenntnis wirft das Problem Amerikas auf (Ibid., p. 668).

<sup>578</sup> [...] heute verflucht jeder einzelne Amerikaner diese Niggerfrage (Ibid., p. 668).



imaginada pelo estoniano se reafirma quando o autor aborda a suposta “solução” da “questão do negro” no país. Para ele,

A questão do negro está na vanguarda de todas as questões da existência nos EUA. Uma vez que o estúpido princípio de igualdade e direitos iguais para todas as raças e religiões é finalmente abandonado aqui, as conclusões necessárias sobre o povo amarelo e os judeus seguem automaticamente<sup>579</sup>.

Assim, estaria na superação da miscigenação racial dos Estados Unidos um passo importante para a reordenação racial do mundo, pois a expulsão dos negros e o seu reassentamento no continente africano supostamente permitiriam que o país recuperasse a sua identidade racial nórdica e, conseqüentemente, o seu potencial criador e fundador de civilizações. A “purificação racial” americana, nesse sentido, poderia estar na vanguarda da “purificação” em outros lugares, precedendo, inclusive, a expulsão dos judeus da Europa e de outros lugares do mundo. Tal ação seria imprescindível aos olhos do autor, que interpreta, novamente, o momento presente, não só como emblemático, mas também como uma espécie de “última chance” para a recuperação racial do planeta:

É precisamente aqui que a legislação americana teria que intervir e propositalmente iniciar um reassentamento do povo negro na África. Após a privação dos direitos civis políticos, o estabelecimento de uma expulsão planejada de negros para a África Central, aumentando ano a ano, seria até mesmo um empreendimento lucrativo a longo prazo, na medida em que todo negro poderia ser facilmente substituído por um homem branco, e os EUA se tornariam muito mais unificados como um Estado. Se nada disso acontecer, os 12 milhões de negros em breve chegarão a 50 milhões e, como tropas do bolchevismo, infligirão um golpe decisivo na América branca<sup>580</sup>.

O momento parecia, para Rosenberg, assombroso. A urgência expressa na afirmação do estoniano nos remete à urgência biológica pela qual ele acreditava que a Alemanha estava passando, mas não só: nesse momento, ele expande as fronteiras da aceleração temporal sentida no pós-Primeira Guerra e analisa a situação dos Estados

---

<sup>579</sup> Die Niggerfrage steht an der Spitze aller Daseinsfragen in U.S.A. Ist hier endlich einmal der blödsinnige Grundsatz der Gleichheit und Gleichberechtigung aller Rassen und Religionen aufgegeben, so ergeben sich die notwendigen Folgerungen gegenüber den Gelben und Juden von selbst (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 669).

<sup>580</sup> Gerade hier hätte eine amerikanische Gesetzgebung anzufassen und zielbewußt eine Rück siedelung der schwarzen nach Afrika einzuleiten. Nach Aberkennung der politischen Bürgerrechte wäre die Einrichtung einer planmäßigen, sich Jahr für Jahr steigenden Ausweisung der Schwarzen nach Mittelfrika ein auf die Dauer sogar gewinnbringendes Unternehmen, indem jeder Neger durch einen Weißen leicht ersetzt werden könnte, die U.S.A., als Staat viel einheitlicher würden. Geschieht dies alles nicht, so werden die heute 12 Millionen starken Schwarzen in kurzer Zeit 50 Millionen zählen und als Truppen des Bolschewismus dem weißen Amerika einen entscheidenden Schlag zufügen (Ibid., p. 669).

Unidos a partir das mesmas bases raciais. De fato, os abalos da Grande Guerra foram sentidos para além da Europa e chegaram, não apenas aos Estados Unidos, como também à América Latina<sup>581</sup>, ainda que ela não estivesse nos horizontes analíticos de Rosenberg, exceto como local de degeneração racial. Na realidade mais próxima ao estoniano, o sentimento experimentado poderia ser, como assinala Zygmunt Bauman, o da necessidade de criar novas fronteiras “em torno de novas identidades — desta vez, ademais, sob condições de movimento universal e mudança acelerada”<sup>582</sup>. Nesse sentido, a realidade buscada por Rosenberg foi a da raça e, com ela, novas divisões globais ocorreriam. Em decorrência desse “parâmetro” de organização do mundo, a exclusão daquelas raças consideradas como não pertencentes às novas fronteiras – geográficas e identitárias – seria imprescindível.

E ele vai além, afirmando que a crescente “infiltração” de raças inferiores nos países de origem superior, como seria o caso dos Estados Unidos e da Alemanha, geraria uma nova guerra mundial. Conflito inevitável “a menos que os Estados sejam formados com base no *mito* racial”<sup>583</sup>. A pacificação do mundo não se daria, nesse sentido, pelo desarmamento dos países, mas sim “com a destruição completa da democracia desonrosa, o conceito sem raça do Estado do século XIX”<sup>584</sup>. Pacificação e destruição caminhavam lado a lado para Rosenberg. Esse trecho parece condensar a sua experiência temporal de forma especial, demonstrando a modernidade experimentada pelo estoniano naquele momento. Se a modernidade é, como assinala Marshall Berman, uma “experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida”, então ser moderno é ter no horizonte tanto a possibilidade de criação e transformação, quanto a de destruição<sup>585</sup>. Esta última aparece em dois sentidos principais no *Mythus*: a ameaça da destruição de tudo que Rosenberg acreditava que os germânicos eram, por meio da suposta ameaça ao sangue alemão, e a destruição necessária para criar o novo mundo ariano, que derrubaria antigos valores, instituições e visões de mundo para criar novos

---

<sup>581</sup> Ver, por exemplo, COMPAGNON, Olivier. *O adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra*. Trad. Carlos Nougué. Rocco Digital, 2014.

<sup>582</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989, p. 41.

<sup>583</sup> Dieser neue Weltkrieg wird unvermeidlich, wenn nicht auf Grund des rassischen Mythus Staaten gestaltet werden (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythus des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 670).

<sup>584</sup> Nicht mit der Abrüstung der Heere und Flotten hat eine "Weltbefriedung" einzusetzen, sondern mit der vollständigen Vernichtung der ehrlosen Demokratie, des rasselosen Staatsgedankens des 19. Jahrhunderts (Ibid., p. 671).

<sup>585</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Ana Maria L. Ioriatti e Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 15.

com base na raça. A coexistência incômoda de ambas essas perspectivas da destruição, uma negativa e outra positiva para o autor, nos mostra como ela se fazia presente na visão de mundo de Rosenberg. Para um lado ou outro, ela era um elemento fundamental. A experiência da guerra certamente contribuiu para tal centralidade, afinal, ela destruiu, não apenas vidas e lugares, como também as tradições e instituições pré-existentes. Entretanto, tais abalos profundos geraram um contexto no qual o futuro guardava o imprevisível e, portanto, a possibilidade de criar algo novo e sem precedentes. A Primeira Guerra foi, assim, intensamente moderna.

Desse modo, diante do abismo entre passado e futuro criado pelo conflito, era preciso vislumbrar para além do presente e buscar estabelecer, sobre os escombros, algo novo, no qual fosse possível depositar as esperanças de criação típicas da modernidade. Entrever o futuro no presente em ruínas não foi, decerto, uma tarefa simples, mas, talvez por isso, Rosenberg direcionou suas expectativas, não apenas ao tempo futuro, mas também no homem futuro. Assim como Nietzsche, ele “deposita sua fé em uma nova espécie de homem – ‘o homem do amanhã e do dia depois de amanhã’ –que, ‘colocando-se em oposição ao seu hoje’, terá coragem e imaginação para ‘criar novos valores’, de que o homem e a mulher modernos necessitam para abrir seu caminho através dos perigosos infinitos em que vivem”<sup>586</sup>. Essa reflexão de Berman lança luz para a pretensão de Rosenberg de, a partir de sua reescrita da história, saltar para fora dela. O estoniano compreende esse processo como um ciclo infinito de dor e sofrimento para a raça germânica. Em tal interpretação, sintomática do período vivido pelo próprio Rosenberg, ele nos parece propor a superação da modernidade que experimentou: diante de uma vivência de tempo e espaço caracterizada pelo contínuo processo de aceleração e destruição<sup>587</sup>, seria preciso buscar alternativas para que a raça germânica pudesse, enfim, estar em paz.

É nesse sentido que Rosenberg percebe o fim de uma era com a guerra mundial. Em sua perspectiva, “hoje, começa a era da concentração interna, que trará um sistema de estado racial e organicamente estruturado. Todos os filósofos, historiadores e estadistas de todos os povos são chamados a compreender esta ideia conscientemente e a

---

<sup>586</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Ana Maria L. Ioriatti e Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 22.

<sup>587</sup> Sobre aceleração, modernidade e relações temporais, ver: ROSA, Hartmut. *Aceleração. A transformação das estruturas temporais na Modernidade*. Trad. Rafael H. Silveira. São Paulo: EDUSP, 2019.

trabalhar na sua implementação”<sup>588</sup>. Rosenberg conclama, assim, os intelectuais para tomarem parte na reordenação mundial; para serem também, assim como ele acreditava ser, vanguarda. Para evitar uma nova tragédia como aquela de 1914, argumenta o autor, era preciso dar cabo às medidas de segregação, começando, talvez, pela população negra americana, onde o despertar já estava em curso. Era preciso aproveitar-se do desejo de um Império Africano para que o *Reich* germânico pudesse, igualmente, se consolidar. Desse modo, é perceptível como, na argumentação de Rosenberg, segregação e criação andavam juntas: era preciso segregar as populações, como ele sugere em sua proposta para reordenação mundial dos Estados com base na raça, para então criar um mundo tornado ariano. É nesse momento que o *Jedem das Seine*, como princípio de ação, torna-se perceptível.

O reassentamento dos negros não foi levado a cabo nem nos Estados Unidos, nem na Europa. Entretanto, é importante ressaltar que os negros também foram alvo de perseguição por parte do regime nazista. Como assinala Richard Evans, “a convicção sobre a inferioridade racial dos negros africanos era praticamente universal”<sup>589</sup> e, assim, pessoas afro-alemãs, isto é, com ancestrais brancos e negros, não tinham permissão para frequentar as universidades e para buscar certos tipos de trabalho, como o serviço militar. A partir de 1933, “os negros se tornaram objeto de políticas raciais e populacionais discriminatórias” e, a partir de 1937, “a Gestapo já havia secretamente preso e esterilizado vários deles. Muitos outros foram objeto de ‘experiências médicas’ e outros ‘desapareceram’ misteriosamente”<sup>590</sup>. Os negros foram, também, incluídos nas diretrizes das Leis de Nuremberg, perdendo seus direitos como cidadãos da Alemanha, assim como o direito de se casar com pessoas consideradas alemãs<sup>591</sup>. O *Reich* encontrou, desse modo, outras formas de se proteger da suposta “invasão da África”<sup>592</sup> descrita por Rosenberg em

---

<sup>588</sup> [...] heute beginnt das Zeitalter der inneren Sammlung (Konzentration), das ein rassistisch organisch gegliedertes Staatensystem zeitigen wird. Diesen Gedanken bewußt zu fassen und an seiner Durchführung zu arbeiten, dazu sind heute alle Philosophen, Historiker, Staatsmänner aller Völker aufgerufen (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 671).

<sup>589</sup> EVANS, Richard. *O Terceiro Reich no Poder*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010, p. 282.

<sup>590</sup> UNITED STATES HOLOCAUST MUSEUM. *Os negros durante o período do Holocausto*. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/afro-germans-during-the-holocaust>. Acesso em: 06/09/2022.

<sup>591</sup> UNITED STATES HOLOCAUST MUSEUM. *As Leis de Nuremberg*. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/nuremberg-laws>. Acesso em: 06/09/2022.

<sup>592</sup> [...] des eindringenden Afrikas (ROSENBERG, 1934, p. 104).

seu *Mythus*, demonstrando que, de fato, havia um consenso entre os nazistas sobre o lugar do negro: do lado de fora do *Reich*.

### ***A preservação do sangue e a procriação: o lugar da mulher***

Há uma razão para nos termos referido, até este ponto, aos sujeitos da história unicamente no masculino: efetivamente, Rosenberg parece conceber como atores principais apenas os homens. Esse é um traço central na construção argumentativa do autor e ao qual ele dedica um capítulo específico no terceiro livro de seu *Mythus*. O sujeito capaz de portar um *mito*, para o estoniano, é sempre um homem, de modo que toda a teorização apresentada se refere apenas a esse setor da sociedade. É claro que o autor não ignora mais de metade da população em seus argumentos, mas reserva às mulheres um papel particular, que nada tem a ver com o que foi analisado até aqui. Assim, parece-nos pertinente retomar alguns pontos centrais da metodologia racial de Rosenberg antes de prosseguir. Em primeiro lugar, o autor determina que a raça corresponde à figura exterior de uma alma determinada, ou seja, toda alma é, por definição, uma alma racial. Nesse sentido, as características que um corpo exhibe apenas correspondem à alma que está no seu interior. O sangue é, desse modo, aquilo que define essas características externas; é como a alma se manifesta. Em segundo, a alma germânica porta uma capacidade criadora específica, de modo que esse povo pode construir o mundo das aparências de acordo com a sua própria vontade, pois sabe, inerentemente, o que é correto. Assim, o germânico aparece como criador da civilização, seu fundador e responsável. Se, até o presente momento, o mundo ariano não havia ainda se concretizado, tratava-se, apenas, de um acidente de percurso. Mas, se por um lado, a raça condiciona a ação dos homens no tempo, o outro lado dessa moeda é o sexo.

Aqui cabe uma pequena observação terminológica: para se referir à diferença sexual e aos modos como ela determina o exercício dos papéis sociais, Rosenberg utiliza o termo *Geschlecht*, que é extremamente polissêmico. Jacques Derrida afirma que, a depender do contexto, a palavra pode significar sexo, raça, família, geração, linhagem, espécie ou gênero, entre outras variações<sup>593</sup>. Tendo isso em mente, utilizaremos “sexo” como tradução para *Geschlecht*, uma vez que o estoniano não tem em seu horizonte qualquer aspecto social na diferenciação dos gêneros masculino e feminino, afirmando justamente o oposto, isto é, que é uma diferença advinda da biologia e não da cultura e da sociedade.

---

<sup>593</sup> DERRIDA, Jacques. *Geschlecht III*. Sexe, race, nation, humanité. Paris : Seuil, 2018, p. 7.

Assim, Rosenberg argumenta que o sexo seria outro polo definidor das essências humanas. Retomando os seus principais conceitos, o estoniano argumenta sobre as relações entre raça e sexo:

Vimos como os povos racialmente determinados estão por trás de todos os valores religiosos, morais e artísticos, como todos os valores genuínos são finalmente apagados pela mistura desenfreada, as individualidades das pessoas desaparecem em um caos racial, apenas para vegetar como uma mistura não criativa ou, alternativamente, para servir a uma nova e forte vontade racial de tornar-se sujeito espiritual e materialmente. Dentro desses contrastes de raças e almas que abrangem o mundo, no entanto, a vida também gira em torno de dois polos: masculino e feminino. Se as características raciais externas e mentais mais profundas, tendências e estrutura de valores do homem e da mulher de um povo relacionado à espécie são as mesmas, então a natureza também criou a polaridade sexual, além das polaridades de natureza ideológica física, a fim de criar tensões, procriações, descargas, como pré-requisito qualquer criação<sup>594</sup>.

Há aqui duas consequências principais para a formulação teórica do estoniano: a primeira delas é que certas características do homem e da mulher seriam semelhantes, desde que pertençam à mesma raça. Entretanto, a segunda apontaria para a tensão inerente entre os polos masculino e feminino, tensão esta que é condicionada pela diferença entre os dois sexos. Assim, “as tentativas de superar as tensões sexualmente condicionadas devem necessariamente resultar em uma redução dos poderes criativos”<sup>595</sup>. Portanto, não pode haver uma equiparação entre as funções de homens e mulheres, pois a consequência seria, necessariamente, a decadência racial. Desse modo, assim como a raça deve ser mantida isolada para preservar as suas características, também o sexo deve manter-se puro em suas atribuições e funções, pois a igualdade entre ambos os polos resultaria em um desequilíbrio igualmente danoso para o povo racialmente determinado. Postula o autor que “Almas diferentes não devem ser niveladas, ‘equilibradas’, mas devem ser respeitadas como seres orgânicos, nutridos em sua individualidade. [...] Qualquer um que

---

<sup>594</sup> Wir haben gesehen, wie hinter allen religiösen, moralischen und künstlerischen Werten rassistisch bedingte Völker stehen, wie durch hemmungslose Vermischungen schließlich alle echten Werte getilgt werden, die Volksindividualitäten in einem Rassenchaos verschwinden, um als unschöpferisches Gemengsel fortzuvegetieren oder aber, einem neuen, starken Rassenwillen dienstbar, geistig und stofflich Untertan zu werden. Innerhalb dieser weltumspannenden Gegensätze der Rassen und Seelen schwingt das Leben aber noch außerdem um zwei Pole: den männlichen und weiblichen. Sind die äußeren rassistischen und tiefsten seelischen Merkmale, Richtungen und Wertgefüge von Mann und Weib eines artbedingten Volkes auch gleich, so hat die Natur neben den Polaritäten physikalisch weltanschaulicher Art auch die geschlechtliche Polarität geschaffen, um organische Spannungen, Zeugungen, Entladungen zu schaffen, als Vorbedingung einer jeglichen Schöpfung (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 482).

<sup>595</sup> daß Versuche zur Aufhebung der geschlechtlich bedingten Spannungen notwendig eine Verringerung schöpferischer Kräfte im Gefolge haben müssen (Ibid., p. 483).

pretenda minar esta lei deve encontrar seu inimigo decidido no homem real e na mulher real. Se ninguém se defende do caos racial e de sexo, a queda se torna inevitável”<sup>596</sup>.

Assim, seria preciso apreender corretamente as características de cada um dos polos para que o povo pudesse, de fato, prosperar. Nesse sentido, Rosenberg argumenta que “todos os pensadores mais profundos têm sido dessa visão [...] de que o homem é superior à mulher em todas as áreas de pesquisa, invenção e design”<sup>597</sup> e cita Aristóteles assinalando que “A fêmea é fêmea em virtude de uma certa incapacidade”<sup>598</sup>. Tal incapacidade é, para o estoniano, o resultado do “direcionamento” da natureza feminina ao “vegetativo e ao subjetivo”<sup>599</sup>, pois “A mulher de todas as raças e épocas carece do poder de uma síntese intuitiva e espiritual”<sup>600</sup>. Assim, se a diferença racial separa os povos em suas especificidades, a diferença sexual une os polos em similaridades de função: germânicas ou não, Rosenberg caracteriza as mulheres do mesmo modo, como incapazes de qualquer criação, levando-nos à conclusão de que, em todos os supostos despertares raciais, quem age são os homens. Como afirma o autor, “onde quer que uma elaboração de mundo mítico, um grande épico ou drama, uma hipótese científica investigando o cosmos apareça na história do mundo, há um homem atuando como causa criadora”<sup>601</sup>. Assim, se quem forma um mundo mítico é sempre um homem, é sempre ele que porta o *mito* e que, portanto, pode expressar-se como um *tipo*.

A mulher surge, na narrativa de Rosenberg como um ser inerentemente diferente e incapaz em diversos aspectos. Essa “inferioridade relativa” seria, entretanto, compensada por um “valor igualmente importante”: aquele “da preservação do sangue e da

---

<sup>596</sup> Verschiedene Seelen dürfen nicht nivelliert, "ausgeglichen", sondern müssen als organische Wesen geachtet, in ihrer Eigenart gepflegt werden. [...] Wer dieses Gesetz zu unterwühlen sich anmaßt, muß in dem echten Mann und in der echten Frau seine entschiedenen Feinde finden. Wehrt sich niemand mehr gegen das Rassen- und Geschlechtschaos, dann ist der Untergang unvermeidlich geworden. (Ibid., p. 513).

<sup>597</sup> [...] sind alle tieferen Denker dieser Anschauung gewesen, die als selbstverständliche, sich aus dem Leben ergebende Folgerung die Feststellung zeitigt, daß der Mann auf allen Gebieten der Forschung, Erfindung und Gestaltung dem Weibe überlegen ist (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 483).

<sup>598</sup> Das Weibchen ist Weib kraft einer gewissen Fähigkeitslosigkeit (Ibid., p. 483).

<sup>599</sup> Die Fähigkeitslosigkeit ist die Folge des auf das Pflanzenhafte und auf das Subjektive gerichteten Wesens (Ibid., p. 483).

<sup>600</sup> Es fehlt der Frau aller Rassen und Zeiten die Gewalt einer sowohl intuitiven als geistigen Zusammenschau (Ibid., p. 483).

<sup>601</sup> [...] überall da, wo eine mythische Weltgestaltung, ein großes Epos oder Drama, eine dem Kosmos nachforschende wissenschaftliche Hypothese in der Weltgeschichte auftaucht, steht ein Mann als Schöpfer dahinter (Ibid., p. 483-484).

procriação”<sup>602</sup>. Para Rosenberg, a mulher não poderia criar, e tampouco superar os homens nas áreas do intelecto. Cabia a ela, entretanto, o papel de manter pura a substância do sangue que permite aos homens criar. O desvio da mulher de sua verdadeira função, ou seja, a de perpetuar a raça pura, significa, também, o declínio do povo, da nação, da raça, da civilização como um todo. Por essa razão e por esse poder, o lugar da mulher deveria estar muito bem delimitado e suas ações deveriam, também, ser muito bem controladas.

No momento em que vivia, o estoniano interpreta que a ação feminina não estaria indo na direção desejada. “Em tempos de catástrofes externas e desintegração interna”, como ele interpretava o seu presente, “o homem feminista se ergue com a fêmea emancipada como símbolos da decadência cultural e do colapso do Estado”<sup>603</sup>. A desintegração e o movimento de emancipação feminino surgem na narrativa como consequências diretas da Revolução Francesa<sup>604</sup>, que acabou por pregar um ideal de igualdade que teria perturbado a diferença e a tensão entre os polos feminino e masculino, pois as mulheres acreditavam e pregavam que poderiam ocupar posições naturalmente masculinas, assim como abdicar da sua função primordial, qual seja, a de preservar a raça. A preocupação de Rosenberg em delimitar cuidadosamente o lugar da mulher é sintomática, de fato, do seu momento presente. A República de Weimar havia, afinal, estabelecido uma série de direitos civis para as mulheres que, até então, não existiam. Reivindicações do movimento feminista alemão do final do século XIX e início do XX, como direito ao voto e a abertura das universidades para mulheres<sup>605</sup>, haviam sido oficializadas por meio da Constituição de 1919.

O sufrágio universal foi determinado pelo artigo 22 da Constituição de Weimar e o artigo 109 estabeleceu que todos os homens e mulheres eram iguais perante a lei, possuindo os mesmos direitos cívicos<sup>606</sup>. Além disso, as relações de trabalho foram

---

<sup>602</sup> [...] dessen Wert aber auf dem ebenso wichtigen, alles andere voraussetzenden Wert der Bluterhaltung und Rassenvermehrung beruht (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 483).

<sup>603</sup> In Zeiten der äußeren Katastrophen und inneren Zersetzung jedoch erhebt sich der feministische Mann mit dem emanzipierten Weib als Symbole eines kulturellen Verfalls und staatlichen Untergangs (Ibid., p. 483).

<sup>604</sup> Die Forderung auch nach der politischen Gleichberechtigung für die Frauen war die natürliche Folge der Gedanken der französischen Revolution (Ibid., p. 493).

<sup>605</sup> BRINK-FRIEDERICI, Christl M. K. Momentos históricos do “novo” e o “velho” movimento feminista na Alemanha e no Brasil. *Língua e Literatura*, v. 15, nº18, 1990, p. 103-104.

<sup>606</sup> ALEMANHA, Constituição Imperial de Weimar, art. 17, 1919. Disponível em: [verfassungen.de/de19-33/verf19-i.htm](http://verfassungen.de/de19-33/verf19-i.htm). Acesso em: 16 de outubro de 2022.



regulamentadas, por meio do artigo 162<sup>607</sup>, de modo que a jornada de trabalho de oito horas foi estabelecida e a diferença salarial entre homens e mulheres diminuiu<sup>608</sup>. As afirmações incisivas e violentas de Rosenberg com relação ao lugar da mulher ganham nova dimensão à luz das então recentes conquistas de direitos civis femininos. O autor realiza uma análise histórica que mobiliza, para demonstrar que o movimento de emancipação feminina em curso traria apenas caos racial e prejudicaria a regeneração da raça alemã, três pontos que considera fundamentais: a possibilidade de existência de um Estado comandado por mulheres, a opressão histórica e a liberdade sexual.

Sobre o primeiro aspecto, Rosenberg afirma que as mulheres emancipadas reivindicavam a existência de Estados femininos relevantes no passado como uma verdade histórica, para argumentar que novos Estados poderiam ser fundados no presente. Elas estariam tentando provar que o “século da mulher” estaria se aproximando, e que no passado já existiam Estados femininos nos quais os homens desempenhavam o papel de “bichinhos obedientes”<sup>609</sup>. A base para isso seria Johann Jakob Bachofen, antropólogo e jurista suíço que viu, em eras longínquas, a possibilidade da existência de um sistema matriarcal sólido como modo de organização social<sup>610</sup>. A recepção do trabalho de Bachofen foi controversa e, ainda que fosse admitida a possibilidade de algumas organizações matriarcais, a hipótese de que teria existido uma “era matriarcal” caracterizada pelo “aviltamento e servidão masculina” foi descartada por etnólogos, filólogos e historiadores<sup>611</sup>. Para Rosenberg, que certamente partilhava da descrença em uma era matriarcal, a apropriação supostamente feita pelas “mulheres emancipadas” foi inadequada. O estoniano afirmou que seria “errado supor que havia formas estatais dessa ginococracia”<sup>612</sup>. Essa ideia é, para o estoniano, absurda, afinal, dirigir um Estado não era algo do qual as mulheres seriam capazes. Uma vez que elas não possuíam a mesma capacidade criadora dos homens, fundar e guiar um Estado seria algo absolutamente

<sup>607</sup> ALEMANHA, Constituição Imperial de Weimar, art. 17, 1919. Disponível em: [verfassungen.de/de19-33/verf19-i.htm](http://verfassungen.de/de19-33/verf19-i.htm). Acesso em: 16 de outubro de 2022.

<sup>608</sup> BRINK-FRIEDERICI, Christl M. K. Momentos históricos do “novo” e o “velho” movimento feminista na Alemanha e no Brasil. *Língua e Literatura*, v. 15, nº18, 1990, p. 104.

<sup>609</sup> [...] das “Jahrhundert der Frau” heranrücke, daß es bereits in der Vergangenheit Frauenstaaten gegeben habe, in denen die Männer die folgsamen Haustiere gespielt hätten (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 498).

<sup>610</sup> BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012, p. 115-116.

<sup>611</sup> Ibid., p. 115-116.

<sup>612</sup> [...] so unrecht ist es, anzunehmen, als habe es staatliche Formen dieser Gynaekokratie gegeben (ROSENBERG, 1934, p. 484).

impossível. Para Rosenberg, toda organização estatal bem-sucedida havia-se originado de uma associação masculina. Historicamente falando, o estoniano argumenta que

A primeira associação de propósito especial a surgir em qualquer lugar do mundo é a união dos guerreiros de um clã, uma tribo, uma horda com o propósito de segurança comum contra um ambiente hostil e estrangeiro. Quando uma tribo foi subjugada por outra, a associação guerreira derrotada foi incorporada à outra, vitoriosa. Foi assim que surgiu o primeiro germe da associação “Estado”, que estava inconscientemente presente na ideia. Tudo ao que simbolicamente nos referimos como Roma, Esparta, Atenas, Potsdam tem sua origem na liga guerreira dos homens<sup>613</sup>.

Se, posteriormente, esses impérios ruíram, isso se deveu, não a uma falha dos homens, mas sim à “dissolução da ideia de um sistema de reprodução masculino, de uma norma formadora de *tipos masculinos*”<sup>614</sup>. O problema remonta à difusão dos princípios de igualdade defendidos pela Igreja Católica, que teria supostamente desvirtuado os lugares antes bem determinados dos homens e mulheres, assim como das raças consideradas inferiores. “O cristianismo entrou na história mundial”, afirma Rosenberg, “como um movimento de massa sem raça, inicialmente movido apenas por sentimentos (emocionalmente) e dissolvendo o Estado”<sup>615</sup>. Não fosse por isso, na perspectiva do autor, os impérios teriam se mantido como empreitadas masculinas bem-sucedidas. “As mulheres eram e ainda são hoje”, em sua perspectiva, “apenas elementos de serviço”. Por essa razão, Rosenberg analisa que

uma influência estatal duradoura e fundamentalmente concedida das mulheres marcou o início da aparente decadência. O que importa aqui não é a boa vontade de “cooperação positiva”, nem uma ou outra mulher capaz, ou de uma grande personalidade feminina, mas da natureza da mulher, que em última análise responde a todas as questões liricamente ou intelectualmente, não arquitetonicamente, abordagens, portanto, considerando apenas o individual, atomístico e não olhando em conjunto<sup>616</sup>.

---

<sup>613</sup> Der erste, überall in der Welt entstehende Zweckverband ist der Zusammenschluß der Krieger einer Sippe, eines Stammes, einer Horde zwecks gemeinsamer Sicherung gegen eine fremde feindliche Umwelt. Beim Unterjochen des einen Stammes durch einen anderen wurde auch der eine besiegte kriegerische Zweckverband dem anderen, siegenden eingegliedert. So entstand der erste Keim des unbewußt in der Idee vorhandenen Zweckverbandes "Staat". Alles, was wir gleichnishaft mit Rom, Sparta, Athen, Potsdam bezeichnen, nimmt vom kriegerischen Männerbunde seinen Ausgang (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 486).

<sup>614</sup> Den Untergang aber bedeutete die Auflösung des Gedankens eines männlichen Zuchtssystems, einer männlichen tipenbildenden Norm (Ibid., p. 486).

<sup>615</sup> Das Christentum trat in die Weltgeschichte ein [...] als rasselose Massenbewegung zunächst nur gefühlsmäßig (emotionell) getrieben und staatsauflösend (Ibid., p. 491).

<sup>616</sup> [...] ein grundsätzlich zugestanderener, dauernder staatlicher Einfluß der Frau den Beginn des offenkundigen Verfalls darstellen muß. Es kommt hier gar nicht auf den guten Willen zur “positiven

Assim, ainda que a “natureza do Estado” pudesse variar em termos de conteúdo, este emanaria sempre de um *tipo* criador masculino<sup>617</sup>. Por essa razão, a demanda das mulheres era considerada, pelo autor, como absurda. Rosenberg ridiculariza a possibilidade de um Estado comandado por mulheres afirmando que tal pedido por domínio político exigiria, também, “exército de mulheres para ser considerado igualdade de direitos”. Para ele, “Não há necessidade de entrar nesse ridículo e na impossibilidade orgânica dessa demanda. As doenças venéreas aumentariam rapidamente no exército, a deterioração racial seria inevitável. Mesmo um exército misto de homens e mulheres não passaria de um grande bordel”<sup>618</sup>.

Sobre a opressão histórica, o estoniano afirma que se trata de uma falácia. Segundo o autor, a afirmação de que as mulheres teriam sofrido uma opressão por parte dos homens nada mais seria do que uma desculpa pelo que considerava a natural incapacidade de criar e justificaria a ausência de contribuição feminina nas diversas áreas do conhecimento, como a ciência, a filosofia ou as artes. Para Rosenberg, bastava recorrer à história, interpretando-a corretamente, para que essa verdade se revelasse:

Se agora nos referimos à história como testemunha-chave da falta de poder formador de *tipos* da mulher, ela se queixa da opressão violenta que a inibiu, sem perceber que essa admissão por si só é decisiva. Porque os maiores gênios masculinos eram muitas vezes filhos da pobreza e da opressão, ainda assim eles se tornaram governantes e modeladores. Mas há também uma óbvia falsificação da história na afirmação da opressão. Mesmo na Idade das Trevas, as mulheres nobres desfrutavam de uma educação melhor do que os rudes cavaleiros que iam para a batalha e aventura. Elas teriam tempo suficiente para estudar anatomia e astronomia em casa. No entanto, nenhum Walther von der Vogelweide, nenhum Wolfram, nenhum Roger Bacon emergiu do meio dessas mulheres [...] <sup>619</sup>.

---

Mitarbeit”, auch nicht auf die eine oder andere tüchtige, ja große weibliche Persönlichkeit, sondern auf das Wesen des Weibes an, das letzten Endes an alle Fragen lyrisch oder intellektuell, nicht architektonisch, herangeht, deshalb, nur das einzelne betrachtend, atomistisch und nicht zusammenschauend (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 251).

<sup>617</sup> Das Wesen des Staates kann inhaltlich verschieden sein, formal betrachtet ist er stets Macht (Ibid., p. 502).

<sup>618</sup> Die Forderung nach politischer Herrschaft der Frau bedingt, um als Gleichberechtigung gelten zu können, auch eine Frauenarmee. Auf diese Lächerlichkeit und die organische Unmöglichkeit dieser Forderung braucht man nicht näher einzugehen. Die Frauenkrankheiten würden in der Armee schnell zunehmen, der Rassenverfall wäre unausbleiblich. Gar eine gemischte männlich-weibliche Armee wäre nichts als ein großes Bordell (Ibid., p. 502).

<sup>619</sup> Verweist man nun auf die Geschichte als auf die Kronzeugin für den Mangel der Frau an typenbildender Kraft, so klagt diese über die gewaltsame Unterdrückung, die sie gehemmt habe, ohne zu merken, daß dies Zugeben allein schon entscheidend ist. Denn gerade die größten männlichen Genies sind oft Kinder der Armut und der Unterdrückung gewesen, trotzdem sind sie Herrscher und Menschenformer geworden. Nun liegt aber außerdem in der Behauptung der Unterdrückung eine offensichtliche Geschichtsfälschung vor.

Desse modo, mesmo quando as mulheres tinham todas as condições para criar, elas não o teriam feito, pois sua natureza simplesmente não o permitiria. A disputa pela hegemonia do discurso histórico aparece, nesse momento, de modo evidente: trata-se, não apenas de delimitar o lugar da mulher no *Reich* vindouro, mas também de desconstruir o discurso histórico que servia como base para defender os direitos das mulheres e da possibilidade de ação pública feminina.

Tal postura pode ser compreendida em duas frentes. A primeira é teórica e foi construída pelo próprio autor. Segundo a sua perspectiva, apenas o homem germânico seria capaz de narrar, de modo verdadeiro, a experiência histórica. Não apenas sujeito e protagonista, ele é o narrador da verdade sobre o passado, como indicado no capítulo 1. Se é o homem germânico que narra, não é surpreendente que as mulheres sejam interpretadas, pelo estoniano, como incapazes de repetir o feito. Elas não teriam, supostamente, a mesma capacidade para tal. Diante disso, cabe ressaltar, como assinala Bonnie Smith, que o estudo profissional da história e o consequente nascimento de uma historiografia tida como legítima inserida, principalmente, no âmbito universitário esteve “intimamente ligado a definições evolutivas de masculinidade e feminilidade”, de modo que as mulheres foram historicamente consideradas como “incapazes de alcançar a profundidade necessária para a história”<sup>620</sup>. Assim, as afirmações de Rosenberg parecem aludir a um cenário mais amplo de produção de estudos históricos e historiográficos, nos quais a verdade universal considerada como objetiva seria a masculina. Em oposição, estariam os estudos “amadores”, isto é, aqueles produzidos por mulheres e que aludiriam a uma “verdade feminina” e subjetiva<sup>621</sup>. A diferença, talvez, entre esse panorama e a proposta de Rosenberg é a ênfase em uma verdade histórica masculina, mas não universal, afinal, apenas o homem *germânico* seria capaz de expressá-la.

---

Selbst im dunklen Mittelalter genossen die Edelfrauen eine bessere Erziehung, als die rauhen Ritter, die auf Kampf und Abenteuer zogen. Sie hätten auch Muße genug gehabt, am häuslichen Herd Anatomie und Sternenkunde zu studieren. Trotzdem ist aus der Mitte dieser Frauen kein Walther von der Vogelweide, kein Wolfram, kein Roger Bacon erstanden [...] (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 497).

<sup>620</sup> SMITH, Bonnie. *Gênero e história: homens, mulheres e a prática histórica*. Trad. Flávia Beatriz Rossier. Bauru: EDUSC, 2003, p. 13;17. Sobre esse assunto, ver também: OLIVEIRA, Maria da Glória de. Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à História da historiografia. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 11, n. 28, 2018. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1414>. Acesso em: 16 out. 2022.

<sup>621</sup> Ibid. p. 18.

Já a segunda frente é contextual e aqui retomamos a República de Weimar, na qual as mulheres tinham conquistado direitos inéditos na história alemã<sup>622</sup>. Sobre esse tema, Rosenberg assinala que a “‘Associação pelo Sufrágio Feminino’ fundada em 1902 anunciou as seguintes reivindicações em 1905: admissão de mulheres em todos os cargos de responsabilidade na comunidade e no Estado; envolvimento das mulheres na administração da justiça; sufrágio municipal e político”<sup>623</sup>. A “generosidade” em atender a essas demandas era, para o autor, nada mais do que um sinal da “fraqueza do poder formador de *tipos* masculinos”<sup>624</sup>.

Não é qualquer surpresa, também, que no início do regime nazistas as mulheres tenham perdido uma série de direitos. A entrada no ensino universitário, por exemplo, era extremamente restrita, pois o dever da mulher era procriar, e não criar conhecimento. Como aponta Richard Evans, foi determinado por Wilhem Frick, Ministro do Interior, em 12 de janeiro de 1934, com base na Lei contra Superlotação das Instituições e Escolas Alemãs de Ensino Superior, de 25 de abril de 1933, que “a proporção de moças formadas no ginásio e liberadas para seguir para a universidade não poderia ser maior que 10% dos rapazes”. Na Páscoa daquele ano, “cerca de dez mil alunas do ginásio passaram no exame de admissão da universidade; como resultado da diretiva, apenas 1,5 mil tiveram permissão para entrar na universidade, e em 1936 o número de mulheres universitárias foi cortado pela metade como consequência”<sup>625</sup>. Além disso,

a reorganização das escolas secundárias alemãs determinada em 1937 aboliu de vez o ginásio para as meninas. As meninas foram proibidas de aprender latim, um requisito para entrar na universidade, e o Ministério da Educação fez de tudo para guiá-las para a educação doméstica, para a qual existia um conjunto de escolas de moças; a única educação secundária disponível às meninas era uma escola de moças baseada no ensino de letras, na qual a ciência doméstica agora também era compulsória. A partir de abril de 1938, todas as garotas que ainda conseguiam aprovação para o exame de admissão na universidade apesar de todos esses obstáculos eram obrigadas a cumprir um “ano doméstico”; só depois disso receberiam o certificado de conclusão da escola e a permissão para entrar na universidade, desde que a cota não estivesse excedida<sup>626</sup>.

<sup>622</sup> EVANS, Richard. *O Terceiro Reich no poder*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010, p. 21.

<sup>623</sup> Der 1902 ins Leben gerufene “Verband für Frauenstimmrecht” verkündete 1905 folgende Forderungen: Zulassung der Frau zu allen verantwortlichen Ämtern in Gemeinde und Staat; Zuziehung der Frauen bei der Rechtspflege; kommunales und politisches Wahlrecht (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 494).

<sup>624</sup> [...] Schwäche der männlichen typenbildenden Kraft (Ibid., p. 496).

<sup>625</sup> EVANS, Richard. *O Terceiro Reich no poder*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010, p. 398.

<sup>626</sup> Ibid., p. 398.

Outro aspecto que vale mencionar foi a queda no número de admissões para cursos da área das humanidades, a escolha mais popular entre as mulheres, que foi uma consequência direta das restrições impostas pelo regime à sua entrada na universidade. Os cursos de humanidades e de direito eram objetos de crítica contínua, o que desestimulava os homens a entrarem. Em função das críticas, o veto à entrada de mulheres foi uma mudança bem recebida, pois acarretou um esvaziamento ainda maior nos cursos<sup>627</sup>.

Além das restrições universitárias, mulheres que trabalhavam no serviço público alemão e cujos maridos também trabalhavam foram despedidas. A ideia era dar emprego aos homens retirando as mulheres do mercado de trabalho – se o marido já trabalhava, não havia motivos para que elas não estivessem no ambiente doméstico cuidando da família e da casa<sup>628</sup>. Houve também uma restrição destinada à atuação feminina na área do direito, por meio de uma intervenção pessoal de Adolf Hitler. Em uma conferência no Ministério da Justiça, Martin Bormann perguntou ao seu *Führer* se as mulheres poderiam praticar advocacia e, em resposta, Hitler afirmou que “as mulheres não poderiam tornar-se juízas ou advogadas” e, caso elas tivessem a qualificação acadêmica para tal, deveriam ser empregadas no serviço público em outras funções<sup>629</sup>. Tal proibição é plenamente coerente com as propostas de Rosenberg, pois, se *o ariano* sabe instintivamente o que é certo, *a ariana* não teria as mesmas capacidades, ainda que, compartilhasse, com os homens, algumas características de superioridade racial que as permitiam, na reprodução, manter a raça pura. Assim, o regime nazista levou a cabo a ideologia do estoniano, destinando, às mulheres, o seu devido lugar: o ambiente doméstico racialmente purificado.

Por fim, com relação à liberdade sexual, Rosenberg afirma que a mulher emancipada “reivindica o direito à ‘liberdade erótica’ [...] para todo o sexo feminino”<sup>630</sup>. Desse modo, as barreiras raciais seriam necessariamente abolidas em decorrência “do direito à liberdade pessoal absoluta”<sup>631</sup>. Assim, reivindica-se o direito de “ter relações com negros, judeus, chineses, e a mulher, como preservadora designada da raça, teria se

---

<sup>627</sup> EVANS, Richard. *O Terceiro Reich no poder*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010, p. 396-397.

<sup>628</sup> *Ibid.*, p. 411.

<sup>629</sup> *Ibid.*, p. 487-488.

<sup>630</sup> [...] sie fordert das Recht auf "erotische Freiheit" [...] für das ganze weibliche Geschlecht (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 504).

<sup>631</sup> [...] Recht auf absolute persönliche Freiheit (*Ibid.*, p. 506).

tornado, graças à emancipação, a destruidora de todos os fundamentos da nacionalidade”<sup>632</sup>. Assim, as mulheres dariam luz a “bastardos negros ou judeus”, de modo que a Europa jamais se poderia recuperar racialmente. Rosenberg também condena a defesa do aborto<sup>633</sup>, afinal, a mulher deveria usar “todas as suas forças para proteger a si mesma, seus filhos, das consequências da dissolução”<sup>634</sup>, entretanto, a “emancipada” não o faz, provando-se individualista ao extremo e sem qualquer compromisso com a comunidade do povo. Tais “mulheres que enlouqueceram abrem mão da última proteção de seu sexo, destruindo a única forma que oferece a elas e a seus filhos segurança na vida”<sup>635</sup>. Assim, a mulher poderia “destruir a vida em germinação”<sup>636</sup>, algo inconcebível para Rosenberg. Privar o *Reich* de uma nova vida germânica era, claro, um crime sem precedentes. Desse modo, o aborto deveria ser proibido, assim como a “liberdade sexual irrestrita” compreendida, por Rosenberg, em termos raciais, isto é, pessoas com raças diferentes não poderiam se relacionar.

Preservadoras da raça por definição, as mulheres parecem, no quadro apresentado por Rosenberg, deter um poder que mal podiam controlar, em virtude das suas próprias ausências e incapacidades raciais. Ao condicionar a pureza racial à expressão de sexo, o autor culpa as mulheres pela degeneração racial de seu povo e reafirma a importância de manter ambos os polos da existência separados, característicos e, enfim, intocados. Qualquer desvio dessa matriz, qualquer aproximação das mulheres àquilo que Rosenberg considera masculino configura um “distúrbio espiritual, uma re-magnetização da natureza

---

<sup>632</sup> Die “Emanzipierte” darf für sich das Recht auf Verkehr mit Niggern, Juden, Chinesen in Anspruch nehmen, und aus der Frau, als der berufenen Erhalterin der Rasse, wäre dank der Emanzipation die Vernichterin aller Grundlagen des Volkstums geworden (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 506).

<sup>633</sup> O posicionamento contrário ao aborto, como sustentado por Rosenberg, pode ter no horizonte o debate público ocorrido no pós-Primeira Guerra Mundial sobre a defesa, ou não, do aborto em caso de mulheres que haviam sido estupradas durante o conflito. Especialmente nos países que enfrentaram uma queda no número populacional, como foi o caso da França, tendeu-se a proibir o aborto. Na Alemanha, o aborto foi considerado como uma ofensa criminal no *Strafgesetzbuch* [Código Penal] de 1871. A pena para o crime seria de até 5 anos de prisão. Tal legislação só foi alterada em 1926, quando uma emenda à lei foi aprovada e, apesar da “manutenção irrestrita da proibição do aborto”, a pena foi reduzida e houve um rebaixamento de crime a contravenção. A partir de 1933, entretanto, as leis que criminalizavam o aborto foram, não apenas reinstituídas, como recrudescidas. A penalidade para a mulher e para os responsáveis médicos pela realização do procedimento do aborto seria a pena de morte (WOLFF, Kerstin. “Gegen den Klassen-Paragrafen”: den Klassen-Paragrafen. Digitales Deutsches Frauenarchiv, s. p., 2021. Disponível em: <https://www.digitales-deutsches-frauenarchiv.de/themen/gegen-den-klassen-paragrafen-die-abtreibungsdebatte-zwischen-1900-und-1933>. Acesso em: 16 de outubro de 2022).

<sup>634</sup> [...] die Frau würde alle ihre Kräfte in Tätigkeit treten lassen, um sich, ihre Kinder, vor den Folgen der Auflösung zu schützen (ROSENBERG, 1934, p. 504).

<sup>635</sup> [...] geben wahnwitzig gewordene Weiber den letzten Schutz ihres Geschlechtes preis, zerstören die einzige Form, die ihnen und ihren Kindern eine Lebenssicherheit bietet (Ibid., p. 504).

<sup>636</sup> [...] Mittel zur Vernichtung des keimenden Lebens aufzufinden (Ibid., p. 505).

feminina, que hoje vive de forma desgarrada”<sup>637</sup>. Significa a perda da essência mais íntima da mulher que, apesar de seus esforços, jamais conseguiria atingir a masculinidade. Era preciso, portanto, recuperar a sua verdadeira função racial e social e recolocar a mulher em seu devido lugar. Como explicita o autor,

A mulher deve, portanto, ter todas as oportunidades abertas para desenvolver seus poderes; mas uma coisa deve ficar clara: o homem deve ser e permanecer juiz, soldado e líder do Estado. Hoje, mais do que nunca, essas profissões exigem uma atitude pouco lírica, até áspera, reconhecendo apenas o que é *típico* e popular. Seria um abandono do dever agir sobre nosso passado e futuro se os homens aqui quisessem ceder. O homem mais durão ainda não é durão o suficiente para o futuro de ferro. Se a zombaria racial e nacional, se a corrupção racial, for punida com prisão e pena de morte, então serão precisos nervos de aço e os mais robustos poderes formativos até que o “monstruoso” se torne uma coisa natural<sup>638</sup>.

Considerando o lugar que Rosenberg atribui à mulher, é importante pontuar um aspecto sobre a trajetória do próprio autor, que se casou por duas vezes, sendo a primeira com uma colega de universidade. Hilda Leesmann, que parecia ter “uma disposição intelectual viva”, foi um importante diálogo intelectual para o autor. Como assinala Eugene Davidson, por meio dela, “Rosenberg foi apresentado às obras de Nietzsche, e juntos eles leram Balzac, Tolstói e Dostoiévski enquanto o resto da população se preocupava com a guerra”<sup>639</sup>. Se o autor já faz poucas menções diretas e refere-se obliquamente a muitos de seus diálogos intelectuais, não é um espanto que Hilda não conste em nenhum de seus escritos, ainda que tenha estado ao lado de Rosenberg até 1923, quando se divorciaram<sup>640</sup>.

Diante disso, somos levados a refletir sobre como o estoniano transpôs, de fato, para a prática as suas constatações sobre a possibilidade de narração da história. Homem

---

<sup>637</sup> [...] eine seelische Störung, ein Ummagnetisieren der weiblichen Natur, die denn auch heute irrlichternd dahinlebt, ähnlich wie umgekehrt die "moderne" männliche (ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934, p. 509).

<sup>638</sup> Der Frau sollen also alle Möglichkeiten zur Entfaltung ihrer Kräfte offenstehen; aber über eines muß Klarheit bestehen: Richter, Soldat und Staatslenker muß der Mann sein und bleiben. Diese Berufe fordern heute mehr als je eine unlyrische, ja rauhe, nur das Typische und Allgemeinvolkliche anerkennende Einstellung. Es hieße pflichtvergessen an unserer Vergangenheit und Zukunft handeln, wollten die Männer hier nachgeben. Der härteste Mann ist für die eiserne Zukunft gerade noch hart genug. Wenn auf Rassen- und Volksverhöhnung, wenn auf Rassenschande einmal Zuchthaus und Todesstrafe stehen werden, dann wird es stählerner Nerven und schroffster Formkräfte bedürfen, bis das "Ungeheuerliche" einmal zur Selbstverständlichkeit geworden ist (Ibid., p. 512).

<sup>639</sup> DAVIDSON, Eugene. *The Trial of the Germans*. An account of the twenty-two defendants before the International Military Tribunal at Nuremberg. Nova York: The Macmillan Company, 1966, p. 128.

<sup>640</sup> Ibid., p. 129.



e germânico, Rosenberg apagou as contribuições da esposa, o que nos remete novamente às reflexões de Bonnie Smith. Segundo a autora, o “trabalho do profissional masculino como o mais verossímil narrador do passado e a concomitante omissão das contribuições de suas parentas e das amadoras são um outro aspecto da determinação do gênero da ciência histórica”<sup>641</sup> – o masculino. O apagamento das contribuições de Leesmann se deu, também, na própria historiografia, onde encontrei apenas uma referência sobre o relacionamento entre ela e Rosenberg e sobre a sua participação na formação intelectual do autor. Apesar da ausência de menções ao diálogo entre os dois, ele certamente reverberou na escrita do *Mythus*, uma vez que diversos dos autores que Leesmann teria apresentado a Rosenberg são mencionados ao longo da obra.

Assim, em suas palavras e em sua ação, Rosenberg atribuiu aos múltiplos sujeitos seu lugar ideal na reconstrução racial proposta. A “reconfiguração geoétnica da Europa”, assim como sua reordenação sexual interna, traria, como analisa Johann Chapoutot, um espaço-tempo “pacificado pela repressão do inimigo, levaria a um tempo pós-histórico, um tempo suave e pacífico, desprovido de tudo o que constitui a história: diferença, oposição (dialética racial), acontecimentos e também, muito simplesmente, impermanência e morte”<sup>642</sup>. Paradoxo teórico e tragédia efetiva, dentro e fora do *Reich*, os múltiplos sujeitos que viveram sob o signo da suástica tiveram suas liberdades tolhidas, seus direitos suprimidos e, em última instância, sua vida ameaçada e tirada pelo regime que, ironicamente, pregava o fim de uma suposta guerra milenar. Criação e destruição andavam, de fato, lado a lado na proposta de Rosenberg, que, ao buscar “soluções” internas e externas ao *Reich* – no direito, na fé, na ordem global – para assegurar o futuro da raça germânica e criar o mundo ariano, assinalou, também, a exclusão e destruição de outras raças e outras formas de viver.

Em sua obra, o estoniano buscou aproveitar-se da suposta brecha temporal que vislumbrava no pós-guerra. Tentando alargá-la, ele descreveu os passos que acreditava serem corretos para colocar a caminhada humana na Terra na direção correta. O protagonista do devir seria, enfim, o homem germânico que, em sua suposta superioridade, saberia ouvir Clio e criaria uma época de paz entre as raças. Cada uma delas teria o seu próprio lugar e, sem a guerra entre as raças inferiores e os germânicos,

---

<sup>641</sup> SMITH, Bonnie. *Gênero e história: homens, mulheres e a prática histórica*. Trad. Flávia Beatriz Rossier. Bauru: EDUSC, 2003, p. 32.

<sup>642</sup> CHAPOUTOT, Johann. How the Nazis Viewed History the Time of Nature and the Abolition of History. Trad. Cadenza Academic Translations. *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, nº117, 2013, p. 8.

estes poderiam supostamente descansar. Fora da história, em um tempo estático e plano, assim como as terras colonizadas ao leste da Europa, a prosperidade da raça superior estaria assegurada. Ou ao menos foi isso que Rosenberg enunciou ao reescrever a história e sinalizar, no presente, os passos para a construção do futuro. Talvez o que ele não tenha percebido foi que, ao propor o salto para fora da história, ele não ouviu Clio, mas assassinou-a. Morte teórica, ela foi apenas o prenúncio das inúmeras mortes que seriam provocadas pela aplicação da visão de mundo genocida do Terceiro *Reich*, visão esta que Rosenberg buscou construir e embasar. Ironicamente, tentando fugir da modernidade, os assassinatos perpetrados pelo regime foram eminentemente modernos: cada vez mais acelerados e burocráticos, em busca da maior eficiência no menor tempo possível<sup>643</sup>. Assim como o voo do Hindenburg, a proposta de escrita da história no *Mythus* e o regime que ela buscou legitimar terminaram em catástrofe.

---

<sup>643</sup> Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

# *Conclusão*

*Não é o medo ou a promessa do julgamento  
final da história que nos move, mas a  
sensação de que – diante do que consideramos  
injustiça – não temos outra escolha*

*(Joan Scott, 2020).*

*Réu Alfred Rosenberg, sobre as acusações do indiciamento pelo qual você foi condenado, o Tribunal o condena à morte por enforcamento*<sup>644</sup>.

Se a história fosse, de fato, uma força autônoma, cuja culminação inevitavelmente progressiva seria a realização de um futuro melhor, a condenação de Rosenberg e outros nazistas nos Tribunais Militares de Nuremberg nos pareceria uma grande ironia de Clio. Eles, afinal, acreditavam estar falando em nome da história ao criarem o Terceiro *Reich* e perpetrado todos os seus horrores. Ao contrário do que ocorrera em 1923, Hitler não terminou no banco de réus. Entretanto, diversos membros do alto escalão do NSDAP responderam por seus crimes, ainda que insuficientemente. A ideologia, afinal, não sumiu, e ainda testemunhamos diariamente muitas mobilizações de seu discurso. Se Clio ronda a ideologia nazista como um fantasma ronda uma casa mal-assombrada, como sugerido na introdução desta dissertação, é possível dizer que a ideologia nazista ronda a atualidade de forma semelhante. Somos, ainda, assombrados e interpelados por suas ideias e discursos de ódio, pelo genocídio, pela guerra e outros conflitos que essas ideias provocaram e ainda provocam. Foi tendo isso em vista que realizamos, no presente trabalho, um esforço de compreensão, pois acreditamos que ele é um primeiro passo para a resistência aos discursos genocidas propagados pela ideologia e pelo movimento nacional-socialista e que ainda encontram reverberações profundas em nossas sociedades.

A tentativa empreendida, nesta dissertação, foi a de analisar a trajetória intelectual de Rosenberg e a sua proposta de reescrita da história, com seus consequentes encaminhamentos futuros. Quanto à primeira tarefa, encontramos uma série de percalços, afinal, a vida do estoniano não foi detalhadamente documentada e pouco sabemos sobre ela antes da entrada de Rosenberg no NSDAP. Entretanto, com os meios que tivemos, buscamos elucidar alguns aspectos de sua trajetória intelectual chamando a atenção para as inúmeras frentes de atuação do autor e para os diálogos com outros sujeitos, cujas obras terminaram por impactar a escrita da história efetuada no *Mythus*. É certo que muitos aspectos da vida e das sociabilidades intelectuais de Rosenberg permanecem ocultos. Tentamos, contudo, trazer novos níveis de interpretação para a trajetória do autor e seus diálogos. Nosso intuito foi, também, evidenciar as aproximações e afastamentos entre

---

<sup>644</sup> *Nuremberg Trials*, Blue Series, vol. 1, p. 365.

pensamento e ação, refletindo sobre a centralidade da proposta teórica de Rosenberg, ainda que esta não tenha sido plenamente aplicada, nem mesmo pelo próprio estoniano.

Com relação à reescrita da história, motivo central da existência do *Mythus*, buscamos compreendê-la com seus trânsitos complexos – e, por vezes, confusos – entre historiografia e mitologia. A proposta central de sua obra, afinal, foi reescrever a história sob o que o estoniano acredita ser a perspectiva correta: a racial. Sua escrita, entretanto, não permaneceu focada no passado e adquiriu um formato mitológico, isto é, de um mito político: iniciando sua escrita pelo passado remoto sob a perspectiva da raça, remontando aos primeiros arianos, supostos criadores da civilização, a narrativa de Rosenberg tornou-se uma deformação do real, uma narrativa objetivamente recusável. Apesar disso, o estoniano buscou fornecer aos seus contemporâneos, por meio dela, novas lentes de compreensão sobre o mundo e sobre a realidade extremamente adversa do pós-Primeira Guerra Mundial. Sua narrativa assumiu, assim, um caráter explicativo do presente. Por fim, construída a nova perspectiva e ordenado o caos desconcertante do momento presente, o autor buscou dar encaminhamentos futuros para o que seria o novo *Reich*, um império que, afastando-se dos erros do passado, poderia, enfim, conduzir os germânicos para o seu devido lugar na história: aquele de protagonistas.

Na formulação de seu mito político, encontramos cinco elementos principais: a raça, o *mito*, a mitologia, a circularidade temporal e o *tipo*. A raça foi considerada como realidade palpável, de modo que se tornou a medida da história: seria por meio dela que o devir deveria ser compreendido; seria ela a chave necessária para interpretar os processos humanos do modo correto. Ela também determinaria o *mito*, isto é, a potência de cada povo, as suas possibilidades intrínsecas e capacidades supostamente inatas. No caso dos germânicos, o *mito* indicaria a sua superioridade e condensaria a sua suposta capacidade de criação, assim como os valores raciais tidos como superiores, como a liberdade, a honra e o senso de dever. Ele, entretanto, seria oculto em nosso mundo de aparências, pois pertenceria à essência racial de cada sujeito e povo. Poderia, de toda maneira, transparecer por meio das narrativas mitológicas – que, dotadas de uma função explicativa, serviriam ao propósito de guiar o povo racialmente determinado em sua existência, cultivando os valores raciais e indicando qual seria o caminho de ação apropriado. Seriam essas narrativas que permitiriam, no “método” criado por Rosenberg, desvendar qual a raça de cada povo e, assim, compreender corretamente o curso da história.

Ainda que a raça tenha se manifestado através dos séculos, a sua realidade efetiva ainda não haveria sido plenamente descoberta, de modo que os germânicos teriam se visto presos em uma circularidade temporal definida por meio da guerra entre as raças. Teriam existido, assim, momentos nos quais eles conseguiram se impor e preservar os seus valores e a sua superioridade racial, mas, em outros, teriam terminado enganados por raças inferiores, especialmente pelos judeus, e enfrentado momentos de degeneração racial. Nas situações de predominância, seria possível, segundo Rosenberg, encontrar *tipos*, ou seja, germânicos que corporificaram o *mito* de modo exemplar e conseguiram viver de acordo com a sua suposta superioridade racial, cultivando o que seriam os valores da raça. O exemplo mais recorrente em sua obra é de Mestre Eckhart, que, resistindo ao que seria a dominação da Igreja Católica, teria podido cultivar a liberdade germânica de modo especial. Essa liberdade deveria ser retomada, mas não surgiria da mesma forma, afinal, os *tipos* estão condicionados temporalmente e surgem a partir das circunstâncias históricas enfrentadas.

Em seu momento presente, Rosenberg acreditava estar vivendo o que seriam as mais tenebrosas circunstâncias: na Grande Guerra, os soldados alemães mais honrosos teriam dado sua vida pela pátria, o que teria acarretado uma grande perda do sangue supostamente superior. Entretanto, diante desse sacrifício, o estoniano acreditou que o povo germânico teria começado a despertar racialmente, isto é, a perceber a sua própria superioridade e o que seriam as artimanhas das raças inferiores para mascararem tal realidade. Era preciso olhar para o *tipo* do soldado e, assim, buscar cultivar, no presente e rumo ao futuro, os mesmos valores e práticas. Leitura sintomática do momento em que viveu: Rosenberg foi um homem que experienciou a vertigem e a perda de referências no pós-Primeira Guerra e, diante do seu presente em pedaços e de uma Alemanha em crise, buscou soluções para ressignificar o passado, o presente e o futuro. Nesse momento, o futuro aberto experienciado por Rosenberg parecia guardar possibilidades ainda não imaginadas e, diante das incertezas, o estoniano se agarrou ao passado e promoveu uma leitura que negava a modernidade de seu presente e fornecia, a ele próprio e aos seus contemporâneos, uma certeza: a da possibilidade de um futuro melhor. Esse futuro, é claro, não seria melhor *para todos*, mas apenas para os alemães, detentores da suposta superioridade. Ironicamente, buscando fugir da destruição e indicando aos germânicos a sua capacidade de criação, Rosenberg desenvolveu uma narrativa que caminhava a um futuro fechado e tinha na destruição a sua base fundamental. Para construir o mundo

ariano, afinal, seria preciso destruir o mundo pré-existente – mas essa é uma guerra que o estoniano não anuncia explicitamente. Nesse sentido, Walter Benjamin foi um contemporâneo que leu o seu contexto com lucidez e afirmou que à “porta temos a crise econômica, atrás dela uma sombra, a próxima guerra”<sup>645</sup>.

Em seu *Mythus*, Rosenberg indicou caminhos para o que considerava ser a paz: um novo direito para proteger os germânicos, uma nova Igreja para concentrar a sua crença no sangue e uma nova ordem internacional para isolar racialmente os povos e assegurar a pureza da substância biológica e supostamente superior da raça alemã. Entretanto, como sugerimos, essa criação indicava uma destruição ainda maior: seria preciso, dentro e fora do novo império, estabelecer o lugar de cada sujeito. Os negros seriam enviados de volta para a África, de modo a não mais se misturarem com os germânicos, e as mulheres alemãs teriam sua ação cuidadosamente limitada, pois deveriam assegurar a pureza da raça por meio da reprodução. De um lado ou de outro, as liberdades seriam tolhidas e, para isso, o Terceiro *Reich*, de fato, não poupou esforços.

Cabe ressaltar que, na prática, nem todos tiveram um lugar na nova ordem internacional imaginada por Rosenberg e pelos nazistas. Foi justamente no auge da Segunda Guerra que as medidas de extermínio se aceleraram. Dessa forma, a guerra, que Rosenberg tanto buscou findar, terminou por ser um parâmetro fundamental em seu pensamento e sua ação. A violência foi, para ele, assim como para a ideologia e o regime nazistas de modo mais amplo, um ponto central. É impossível, como já assinalamos no primeiro capítulo, falar em genocídio sem perpetrá-lo de alguma forma. Desse modo, a busca por um futuro melhor, ao contrário da “tão esperada paz”, terminou por gerar mais violência e fez todo um conjunto de novas vítimas<sup>646</sup>. O tempo buscado pelo autor – um tempo ahistórico, no qual os germânicos estavam isolados em seu espaço-vital, sem a presença de outras supostas raças e o que seriam as suas tentativas de degenerar o sangue alemão – jamais chegou. O que chegou, de fato, foi uma nova guerra, na qual os nazistas buscaram implementar as suas reflexões teóricas, entre as quais estava a de Rosenberg.

Por fim, gostaríamos de ressaltar, novamente, que a premissa da qual o autor parte – a existência de diferentes raças determinadas pelo sangue – é uma deformação do real e, por essa razão, tudo que se segue é uma falácia. Entretanto, não podemos subestimar o

---

<sup>645</sup> BENJAMIN, Walter. O anjo da história. Belo Horizonte: Editoria Autêntica, 2012, p. 101.

<sup>646</sup> SCHÖNPFLUG, Daniel. *A era do cometa: o fim da Primeira Guerra e o limiar de um novo mundo*. São Paulo: Todavia, 2018, p. 15.

poder de suas ideias, afinal, elas se ancoram em discursos existentes e mobilizadores e são, assim, passíveis de explicação histórica, aspecto que buscamos demonstrar ao longo desta dissertação. A interpretação racial da história foi condicionada e permitida tanto pelos diálogos intelectuais do autor com um discurso racialista e historiográfico progressivo, quanto pelo momento no qual escreveu, quando sentiu a necessidade de definir um futuro mais promissor à raça germânica do que aquele anunciado no Tratado de Versalhes. Rosenberg utilizou um discurso mitológico, no qual pôde, não apenas reavaliar o passado, mas também explicar o seu presente e mobilizar os alemães em direção ao que considerava como futuro desejado.

O estoniano, assim, pressupôs que a história possuía uma direção pré-definida ditada pela raça e pela dominação germânica, de modo que seu erro de análise não se limitou à premissa da raça. Seu equívoco diz respeito, também, à postulação de que existia um *telos* para os processos históricos, afinal, essa é uma premissa questionável do ponto de vista teórico e cujo embasamento empírico é um tanto duvidoso<sup>647</sup>. O que há, de fato, como assinala Joan Scott, são evidências “no arquivo do esforço humano de que as ações tomadas podem trazer mudanças, que houve coisas pelas quais vale a pena lutar se o sucesso não foi garantido”<sup>648</sup>. São as nossas ações no tempo que definem o curso da história, e não qualquer força autônoma, qualquer engendramento superior a nós mesmos. Não há, assim, “um roteiro confiável para o futuro”<sup>649</sup>. Clio não fala conosco, mas, ao contrário, somos nós quem falamos com ela. Isso foi algo que Rosenberg, decerto, não compreendeu.

Resta-nos, todavia, uma questão: se não há garantia de um futuro melhor, com que visão da história podemos trabalhar? E mais do que isso: qual é a visão de história que podemos mobilizar contra narrativas como a de Rosenberg? Mais que uma resposta, tal tarefa parece nos demandar um caminho, uma prática historiográfica e, assim, retomamos Scott em sua afirmação de que é precisamente a inexistência de garantias que deve nos

---

<sup>647</sup> Uma emblemática crítica às visões teleológicas da história pode ser encontrada nos questionamentos de Walter Benjamin ao progresso. Muitas de suas obras, contemporâneas à escrita do *Mythus* e aos principais momentos de atuação pública de Rosenberg, estão também conectadas, de modo mais amplo, com a ascensão do nazismo. Este é o caso das teses “Sobre o conceito de história”, nas quais Benjamin critica a existência do fascismo em conexão com a ideia vigente de progresso (BENJAMIN, Walter *apud*. LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 83;87).

<sup>648</sup> SCOTT, Joan Wallach. *On the Judgement of History*. Nova York: Columbia University Press, 2020, p. 87.

<sup>649</sup> *Ibid.*, p. 87.



mover. É ela que nos leva à ação inspirada em princípios éticos e que nos direciona à resistência à dominação; à busca por justiça e por esperança. É a partir da evidência histórica de recusas “em aceitar o governo dos poderosos, evidência de atores humanos propondo caminhos alternativos para viajar” que devemos construir a nossas práticas históricas e historiográficas. Por meio desses outros trajetos, seria possível, então, “pensar a história de forma diferente”, plural e como processo desencadeado pelas ações humanas. Não é, portanto, um devir pré-definido que deve nos mover, mas sim “a sensação de que – diante do que consideramos injustiça – não temos outra escolha”<sup>650</sup>.

Com isso no horizonte, do mesmo modo que a persistência do fascismo não é, para nós, um “espanto filosófico”<sup>651</sup>, a busca por meios de resistência também não. Aos nos termos deparado com a narrativa histórica de Rosenberg, nos sentimos impelidos a agir – no caso, a escrever. Não poderíamos, afinal, ignorar as injustiças: não tínhamos outra escolha. A raça foi o ponto de partida do estoniano em sua narrativa histórica e ela é, como assinala Hannah Arendt, “não o começo da humanidade, mas o seu fim, não a origem dos povos, mas o seu declínio, não o nascimento natural do homem, mas a sua morte antinatural”<sup>652</sup>. Analisar criticamente a proposta histórica de Rosenberg, apontando suas incongruências e objetivos, arcabouços teóricos e contextos, pareceu-nos essencial para pensar a história de outra forma, buscar outros caminhos e sinalizar a dominação, a subalternização e, em última instância, o extermínio intrínsecos à proposta escrita da história no *Mythus* e no nazismo. Tal ação pareceu-nos ainda mais pertinente diante da nova tradução para o português da obra. Sintomática, como sinalizamos, dos tempos em que vivemos, a tradução denota a relevância social do tema estudado nesta dissertação.

Rosenberg foi condenado à morte, mas a sua narrativa histórica permaneceu viva. Com isso no horizonte, retomamos os apontamentos feitos no início deste trabalho: que ele seja resistência a uma narrativa histórica que, permeada por discursos de ódio, terminou, sem surpresas, em catástrofe – e talvez não haja metáfora melhor sobre a tempestade que chamamos de progresso que o Hindenburg em chamas, que consumiam não apenas o dirigível, mas também as suásticas pintadas em sua fuselagem. Infelizmente, ainda termina. Ressaltamos, de toda forma, que, se a história não possui um fim definido,

---

<sup>650</sup> SCOTT, Joan Wallach. *On the Judgement of History*. Nova York: Columbia University Press, 2020, p. 88.

<sup>651</sup> BENJAMIN, Walter *apud*. LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 83.

<sup>652</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 232.

e se não há nada que assegure um amanhã melhor que não a ação humana, então a história não possui um *fim*, mas tem, sim, começos. Aqui, retomamos Arendt: “o homem foi criado para que houvesse um começo”, disse Agostinho. Cada novo nascimento garante esse começo; ele é, na verdade, cada um de nós”<sup>653</sup>.

Esta dissertação é, para nós, em vários sentidos, um começo. O começo é uma ação, uma forma de estar no mundo que nos parece alinhada à proposta teórica de Scott. Começar é reconhecer a nossa tarefa de agir e buscar outros caminhos, seja para narrar o passado, estar no presente ou almejar o futuro. É reconhecer que, para se ter esperança, é preciso buscar a justiça – que, parafraseando a famosa indagação do historiador judeu Yosef Yerushalmi, talvez seja o antônimo de esquecimento<sup>654</sup>. Na presente dissertação, tentamos agir e resistir à proposta de escrita da história presente na obra de Rosenberg. Buscamos compreendê-la para, em nosso presente, combatê-la. O passado, afinal, nos é inalcançável e os seus horrores são irreparáveis. O que nos é possível, por outro lado, é começar, no presente, uma outra história que seja emancipatória, ética e comprometida com a busca pela justiça. É ela que desejamos fomentar e é para ela que, esperamos, esta dissertação tenha sido uma contribuição. Sejamos, assim, contra o fascismo ainda existente, um começo.

---

<sup>653</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 639.

<sup>654</sup> YERUSHALMI, Yosef Hayim. *Zakhor: Jewish history and Jewish memory*. Seattle: University of Washington Press, 1996.

## FONTES

ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1934.

ROSENBERG, Alfred. *Der Mythos des 20. Jahrhunderts*. Eine Wertung der seelisch-geistigen Gestaltenkämpfe unserer Zeit. Munique: Hochheim Verlag, 1939.

ROSENBERG, Alfred. *Die Spur des Juden im Wandel der Zeiten*. Munique: Zentralverlag der NSDAP, 1937.

ROSENBERG, Alfred. *The Myth of the Twentieth Century*. An Evaluation of the Spiritual-Intellectual Confrontations of Our Age. [S.L.]: Ostara Publications, 2018.

ROSENBERG, Alfred. *The Track of the Jew through the Ages*. San Bernardino: Ostara Publications, 2014.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABOUT. Ostara Publications. Disponível em: <https://ostarapublications.com/about/>.

ALEMANHA, Constituição Imperial de Weimar, art. 17, 1919. Disponível em: [verfassungen.de/de19-33/verf19-i.htm](http://verfassungen.de/de19-33/verf19-i.htm).

ALTENHÖNER, Florian. Berlin, 9 November 1918. In.: *International Encyclopedia of the First World War*. 2019, s. p. Disponível em: [https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/berlin\\_9\\_november\\_1918](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/berlin_9_november_1918).

ARAÚJO, Valdei Lopes de. História da historiografia como analítica da historicidade. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 6, n. 12, p. 34–44, 2013. DOI: 10.15848/hh.v0i12.620. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/620>.

ARAÚJO, Valdei; PEREIRA, Mateus. *Atualismo 1.0: como a ideia de atualização mudou no século XXI*. Vitória: Editora Milfontes, 2019.

ARENDRT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARTHMAR, Rogério. Os Estados Unidos e a economia no pós-Primeira Guerra Mundial *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, nº29, 2002.

BAJOHR, Frank; MATTHÄUS, Jürgen (orgs). *Os Diários de Alfred Rosenberg (1934-1944)*. São Paulo: Planeta, 2017.

BÄRSCH, Claus-Ekkehard. Alfred Rosenberg's Mythos des 20. Jahrhunderts as political religion: The 'kingdom of heaven within us' as a foundation of German national racial identity. In.: MAIER, Hans, SCHÄFER, Michael. *Totalitarianism and political religions*, volume II. Taylor & Francis e-Library, 2007.

BAUER, Caroline; NICOLAZZI, Fernando. O historiador e o falsário. Usos públicos do passado e alguns marcos da cultura histórica contemporânea. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 32, n. 60, p. 807-835, set/dez 2016.

BARRON, Stephanie. Modern Art and Politics in Prewar Germany. In.: BARRON, Stephanie (orgs). *"Degenerate Art": The Fate of the Avant-Garde in Nazi Germany*. Nova York: Los Angeles Museum of Art, Harry N. Abrams Inc. Publishers, 1991.

BARTH, Boris. Stab-in-the-back Myth. In.: *International Encyclopedia of the First World War*. 2014, s. p. Disponível em: [https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/stab-in-the-back\\_myth](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/stab-in-the-back_myth).

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

BBC. O que é o 8chan, fórum de extrema-direita que saiu do ar após ser vinculado a massacres nos EUA. 5 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49243535>. Acesso em: 17 de outubro de 2022.

BBC. Qu'un sang impur abreuve nos sillons. (MARSHALL, Alex. Por que a 'Marselhesa' virou o 'hino' da resistência ao terrorismo? 2015. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151118\\_vert\\_cul\\_marselhesa\\_ml](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151118_vert_cul_marselhesa_ml). Acesso em: 20 de julho de 2022.

BELL, Andrew; HILL, Ray. *The Other Face of Terror*. Londres: Grafton, 1988.

BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Editoria Autêntica, 2012.

BERDIG, Helmut; SCHIEDER, Theodor (eds). Über die Epochen der neueren Geschichte. Vorträge dem Könige Maximilian II. von Bayern im Herbst 1854 zu Berchtesgaden gehalten. Vortrag vom 25. September 1854. Historisch-kritische Ausgabe, Munique, 1971.

BERGER, Stefan. *The Search for Normality: National Identity and Historical Consciousness in Germany Since 1800*. Nova York: Berghan Books, 2007.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Ana Maria L. Ioriatti e Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BIGNOTTO, Newton. *Golpe de Estado: história de uma ideia*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

BRANDT, Susanne. Versailles, The Treaty of. 2021, s. p. In.: *International Encyclopedia of the First World War*. 2019, s. p. Disponível em: [https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/versailles\\_treaty\\_of](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/versailles_treaty_of).

BRINK-FRIEDERICI, Christl M. K. Momentos históricos do “novo” e o “velho” movimento feminista na Alemanha e no Brasil. *Língua e Literatura*, v. 15, nº18, 1990.

BROWNING, Christopher. *The Origins of the Final Solution: The Evolution of Nazi Jewish Policy, September 1939-March 1942*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2004.

BURCKHARDT, Jakob. *Griechische Kulturgeschichte: Alle vier Bände in einem Buch*. Berlin: Holzinger, 2014.

BURLIKOVA, Nadiya (eds); MCLAUGHLIN, Mike Walsh. *The Rise of the Sun Wheel*. Kindle Edition, 2017.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*. Tese de doutorado (Educação). Faculdade de Educação, USP, 2005.

CARONI, Pio. *Lecciones de historia de la codificación*. Madrid: Universidad Carlos III de Madrid, 2013.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHAPOUTOT, Johann. *Greeks, Romans, Germans: How the Nazis Usurped Europe's Classical Past*. Trad. Richard R. Nybakken. Oakland: University of California Press, 2016.

CHAPOUTOT, Johann. How the Nazis Viewed History the Time of Nature and the Abolition of History. Trad. Cadenza Academic Translations. *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, nº117, 2013.

CHAPOUTOT, Johann. *The Law of the Blood: Thinking and acting like a Nazi*. Trad. Miranda Richmond Mouillot. Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018.

COMPAGNON, Olivier. *O adeus à Europa: A América Latina e a Grande Guerra*. Trad. Carlos Nougué. Rocco Digital, 2014.

CLAUSEN, Thomas. *Roland Freisler (1893-1945). An Intellectual Biography*. Tese de Doutorado (História), Trinity College, University of Cambridge, 2020.

CORREIA, Sílvia. O Soldado Desconhecido. Memorial aos mortos na Grande Guerra, 2014, s. p. Disponível em: <http://www.memorialvirtual.defesa.pt/Paginas/OSoldadoDesconhecido.aspx>.

COSTA, Wilma Peres. Entre tempos e mundos: Chateaubriand e a outra América. *Almanack Braziliense*. São Paulo, nº11, mai. 2010.

DAVIDSON, Eugene. *The Trial of the Germans: An account of the twenty-two defendants before the International Military Tribunal at Nuremberg*. Nova York: The Macmillan Company, 1966.

DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. *As correntes históricas na França: séculos XIX e XX*. Trad. Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2021.

DERRIDA, Jacques. *Geschlecht III. Sexe, race, nation, humanité*. Paris : Seuil, 2018.

DOMINGUES, Petrônio. “O Moisés dos pretos”: Marcus Garvey no Brasil. *Novos estudos*, CEBRAP, São Paulo, v. 36, nº3, p. 129-150.

ECO, Umberto. *Fascismo eterno*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2016.

EKSTEINS, Modris. *A sagração da primavera: a Grande Guerra e o nascimento da era moderna*. Trad. Rosaura Eichenberg. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ENCINA, Adalberto, DEL PRADO, Walter. Prefácio. In.: ROSENBERG, Alfred. *O Mito do Século XX: uma valoração das lutas anímicoespirituais das formas em nosso tempo*. São Paulo: Episch Verlag, 2021.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. The Hindenburg, before and after the disaster. Disponível em: <https://www.britannica.com/story/the-hindenburg-before-and-after-disaster>.

EVANS, Richard J. *A Chegada do Terceiro Reich*. São Paulo: Editora Planeta, 2010.

EVANS, Richard. *O Terceiro Reich em guerra*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

EVANS, Richard. *O Terceiro Reich no Poder*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

FÜHRER, Karl Christian. German Cultural Life and the Crisis of National Identity during the Depression, 1929-1933. *German Studies Review*, vol. 24, n°. 3, 2001, pp. 461-486.

G1. Ameaça de massacre em escola no litoral de SP provoca pânico entre pais e professores: 'Estejam preparados'. G1. Santos. 16 de agosto de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2022/08/16/ameaca-de-massacre-em-escola-no-litoral-de-sp-provoca-panico-entre-pais-e-professores-estejam-preparados.ghtml>.

GAHYVA, Helga da Cunha. A epopeia da decadência: um estudo sobre o Essai sur L'Inégalité des Races Humaines, (1853-1855), de Arthur de Gobineau. *MANA: Estudos de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, vol. 17, nº3, 2011.

GALLUS, Alexander. Revolutions (Germany). In.: *International Encyclopedia of the First World War*. 2019, s. p. Disponível em: [https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/revolutions\\_germany](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/revolutions_germany).

GELLATELY, Robert. *Apoiando Hitler: consentimento e coerção na Alemanha Nazista*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

GOBINEAU, Arthur de. *Essai sur l'inégalité des races humaines*, présentation de Hubert Juin. Paris: Éditions Pierre Belfond, 1967.

GOEBBELS, Joseph. The Veil Falls. *Völkischer Beobachter*, Munique, 1941. Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/goeb15.htm>.

GOEBBELS, Joseph. Was will eigentlich Amerika? *Völkischer Beobachter*, Munique, 1939. Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/goeb28.htm>.

GODFROID, Anne. Occupation after the War (Belgium and France). In.: *International Encyclopedia of the First World War*. 2015, s. p. Disponível em: [https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/occupation\\_after\\_the\\_war\\_belgium\\_and\\_france](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/occupation_after_the_war_belgium_and_france).

GROS, Otto. *850 Worte Mythos des 20. Jahrhunderts*. Munique: Hoheneichen Verlag, 1938.

HARTOG, François. O regime moderno de historicidade posto à prova pelas duas Guerras Mundiais. In: DUTRA, Eliana de Freitas (org.). *O Brasil em dois tempos: história, pensamento social e tempo presente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: Presentismo e experiências no tempo*. Trad. Andréa Souza de Menezes, Bruna Beffart, Camila Rocha de Moraes, Maria Cristina de Alencar Silva e Maria Helena Martins. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

HARTOG, François; REVEL, Jacques. *Les usages politiques du passé*. Paris: Éditions de l'École des hautes études en sciences sociales, 2020.

HESPANHA, Antonio Manuel. *A Cultura Jurídica Europeia: síntese de um milênio*. Coimbra: Edições Almedina, 2012.

HITLER, Adolf. *Mein Kampf*. Munique: Eher-Verlag, 1943.

HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo: Editora Centauro, 2016.

HOBSBAWM, Eric J. *A revolução francesa*. Trad. Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchell. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

INGRAO, Christian. *Crer e destruir: os intelectuais na máquina de guerra da SS nazista*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.



JONES, Mark. Liebknecht, Karl Paul August Friedrich. In.: *International Encyclopedia of the First World War*. 2016, s. p. Disponível em: [https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/liebknecht\\_karl\\_paul\\_august\\_friedrich](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/liebknecht_karl_paul_august_friedrich).

JORNAL DO COMÉRCIO. Planos para a primavera, Rio de Janeiro, ed.139, 1942.

KALIFA, Dominique. *Os bas-fonds: história de um imaginário*. Trad. Márcia Aguiar. São Paulo: EDUSP, 2017.

KAMPFBUND FÜR DEUTSCHE KULTUR. Disponível em: <https://holocaustmusic.ort.org/politics-and-propaganda/third-reich/kampfbund-fur-deutsch-kultur/>.

KENNEDY, Duncan. *Three Globalizations of Law and Legal Thought: 1850-2000*. In.: SANTOS, Alvaro; TRUBEK, David M. (eds). *The New Law and Economic Development: A Critical Appraisal*. Nova York: Cabridge University Press, 2006.

KOLLER, Christian. Colonial Military Participation in Europe (Africa). In.: *International Encyclopedia of the First World War*. 2014, s. p. Disponível em: [https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/colonial\\_military\\_participation\\_in\\_europe\\_africa](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/colonial_military_participation_in_europe_africa).

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira e César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-Rio, 2006.

LACOUÉ-LABARTHE, Phillipe; NANCY, Jean-Luc. *O mito nazista*. Trad. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas e as impunidades*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

LIEBEL, Vinícius. Uma facada pelas costas: paranoia e Teoria da Conspiração entre conservadores no refluxo das Greves de 1917 na Alemanha. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 37, nº 76, 2017.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MANELA, Erez. *The Wilsonian Moment: Self-determination and the International Origins of Anticolonial Nationalism*. Nova York: Oxford Press, 2007.

MATA, Sérgio da. Ranke reloaded: entre história da historiografia e história multiversal. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 4, n. 6, p. 247–251, 2011. DOI: 10.15848/hh.v0i6.244. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/244>.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: N-1, 2018.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

NEPAT. Brasileiro pode ser nazista? 2022. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CQRpz\\_tNP-D/](https://www.instagram.com/p/CQRpz_tNP-D/). Acesso em: 30 de setembro de 2022.

NEPAT. “Deus, pátria e família”: Jair Bolsonaro utiliza (mais uma vez) um lema fascista no debate da Band. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ch2Yk8LMlpH/>. Acesso em: 30 de setembro de 2022.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIMMERGUT, Jörg. *Deutsche Orden und Ehrenzeichen bis 1945. Band 4: Württemberg II – Deutsches Reich*. Munique: Zentralstelle für wissenschaftliche Ordenskunde, 1997.

NOVA, Fritz. *Alfred Rosenberg: Nazi Theorist of the Holocaust*. Nova York: Hippocrene Books, 1986.

*Nuremberg Trials*, Blue Series, vol. 1.

*Nuremberg Trials*, Blue Series, vol. 2.

*Nuremberg Trials*, Blue Series, vol. 11.

OELSNER, Miriam Bettina Paulina Bergel. *A gênese do nacional-socialismo na Alemanha do século XIX e a autodefesa judaica*. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História Social. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à História da historiografia. *História da Historiografia: International Journal of Theory*

and History of Historiography, Ouro Preto, v. 11, n. 28, 2018. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1414>.

OSTARA PUBLICATIONS. The war Against Whites: The Racial Psychology Behind the Anti-White Hatred Sweeping the West. Disponível em: <https://ostarapublications.com/product/the-war-against-whites-the-racial-psychology-behind-the-anti-white-hatred-sweeping-the-west-today/>.

RANGEL, Marcelo de Mello; DE ARAUJO, Valdeci. Lopes. Apresentação - Teoria e história da historiografia: do giro linguístico ao giro ético-político. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 8, n. 17, 2015, p. 323-324. DOI: 10.15848/hh.v0i17.917. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/917>.

RANKE, Leopold von. O conceito de história universal. In.: MARTINS, Estevão de Rezende. *A história pensada: teoria e método da historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

ROSA, Hartmut. *Aceleração. A transformação das estruturas temporais na Modernidade*. Trad. Rafael H. Silveira. São Paulo: EDUSP, 2019.

ROSENBERG, Alfred. The Advanced School of the NSDAP and Its Tasks. Memorandum from Alfred Rosenberg on June 1937 for presentation to Adolf Hitler (Excerpt). In.: LIXFELDP, Hannjost. *Folklore and Fascism: The Reich Institute for German Volkskunde*. Bloomington: Indiana University Press, 1994.

SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994.

SCHÖNPFLUG, Daniel. *A era do cometa: o fim da Primeira Guerra e o limiar de um novo mundo*. São Paulo: Todavia, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCOTT, Joan Wallach. *In the name of history*. Budapeste: Central European University Press, 2020.

SCOTT, Joan Wallach. *On the Judgement of History*. Nova York: Columbia University Press, 2020.

SMITH, Bonnie. *Gênero e história: homens, mulheres e a prática histórica*. Trad. Flávia Beatriz Rossier. Bauru: EDUSC, 2003.

STEIGMANN-GALL, Richard. *The Holy Reich: Nazi Conceptions of Christianity, 1919-1945*. Nova York: Cambridge University Press, 2009.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. The politics of eschatology: a short reading of the long view. In.: CHAKRABARTY, Dipesh; SUBRAHMANYAM, Sanjay; TRÜPER, Henning (org). *Historical Teleologies in the Modern World*. Londres: Bloomsbury Academic, 2015.

UNITED STATES HOLOCAUST MUSEUM. *As Leis de Nuremberg*. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/nuremberg-laws>.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. A “Solução final”. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/the-final-solution>.

UNITED STATES HOLOCAUST MUSEUM. *Exemplos de Legislação Anti-Semita: 1933-1939*. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/examples-of-antisemitic-legislation-19331939>.

UNITED STATES HOLOCAUST MUSEUM. *Os negros durante o período do Holocausto*. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/afro-germans-during-the-holocaust>.

UNITED STATES HOLOCAUST MUSEUM. *World War II: in depth e Documenting numbers of victims of the Holocaust and Nazi persecution*. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/world-war-ii-in-depth> e <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/documenting-numbers-of-victims-of-the-holocaust-and-nazi-persecution>.

UNITED STATES HOLOCAUST MUSEUM. *Writing the News*. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/writing-the-news>.

VEJA. Nova Zelândia: atirador que matou 51 pessoas é condenado a prisão perpétua. 27 de agosto de 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/nova-zelandia-terrorista-que-matou-51-pessoas-condenado-a-prisao-perpetua/>. Acesso em: 17 de outubro de 2020.

VISCONTI, Maria. “*Não nos calaremos, somos a sua consciência pesada; a Rosa Branca não os deixará em paz*”: a Rosa Branca e sua resistência ao nazismo (1942-1943). Dissertação de mestrado (História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, 2017.

WELSH, Jennifer M. *Edmund Burke and International Relations: The Commonwealth of Europe and the Crusade Against the French Revolution*. Londres: MacMillan Press, 1995.

WHISKER, James B. *The Philosophy of Alfred Rosenberg: Origins of the National Socialist Myth*. Costa Mesa: The Noontide Press, 1990.

WOLFF, Kerstin. “Gegen den Klassen-Paragrafen”: den Klassen-Paragrafen. *Digitales Deutsches Frauenarchiv*, s. p., 2021. Disponível em: <https://www.digitales-deutsches-frauenarchiv.de/themen/gegen-den-klassen-paragrafen-die-abtreibungsdebatte-zwischen-1900-und-1933>.

WOOLF, Daniel. *Uma História Global da História*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

YERUSHALMI, Yosef Hayim. *Zakhor: Jewish history and Jewish memory*. Seattle: University of Washington Press, 1996.

ZIEGERHOFER, Anita. League of Nations. In.: *International Encyclopedia of the First World War*. 2019, s. p. Disponível em: [https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/league\\_of\\_nations](https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/league_of_nations).